

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE  
O FENÓMENO INTERNACIONAL



AUTORA  
VENCEDORA DO  
GOODREADS  
CHOICE AWARDS

# NUNCA MINTAS

Que segredos escondem as gravações  
de uma psiquiatra com os seus pacientes?

**FREIDA McFADDEN**

AUTORA DO BESTSELLER MUNDIAL *A CRIADA*

alma  
dos  
livros

FREIDA McFADDEN

# NUNCA MINTAS

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt  
tiktok.com/@almadoslivros  
twitter.com/almados\_livros  
linkedin.com/company/alma-dos-livros/

© 2024 Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Never Lie © 2022 Freida McFadden

Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC.,  
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.

Título: *Nunca Mentas*

Título original: *Never Lie*

Autora: Freida McFadden

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Mariana Cunha

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagem de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Caflesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 529448/24

1.ª edição: Abril de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos  
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,  
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

FREIDA McFADDEN

# NUNCA MINTAS

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

Para a minha família.

# Prólogo

## ADRIENNE

**T**oda a gente mente.  
Há alguns anos, foi concebida uma experiência psicológica para avaliar a prevalência do comportamento falso, envolvendo uma máquina de venda automática avariada.

Os participantes foram informados de que a máquina de venda automática estava a funcionar mal. Se introduzissem um dólar, a máquina avariada deixaria cair um doce, mas devolver-lhes-ia também o dinheiro. Os participantes que utilizaram a máquina constataram que isto era, de facto, verdade. Tiraram um, dois, três ou até quatro doces gratuitos, ao mesmo tempo que recuperaram o dinheiro.

Havia um cartaz disposto na máquina de venda automática. Dizia: «Para comunicar qualquer avaria nesta máquina, é favor ligar para este número.» Sem que os participantes soubessem, o número indicado pertencia a um dos investigadores do estudo.

Adivinhem quantos dos participantes ligaram para esse número para avisar que a máquina estava avariada.

Zero.

Isso mesmo. Nem um de entre as dezenas de participantes foi suficientemente honesto para ligar para o número e dar conhecimento da avaria da máquina. Pegaram todos nos seus doces gratuitos e seguiram caminho.

Como disse, toda a gente mente.

Existem muitos sinais fáceis de identificar que alguém está a mentir, sobretudo se se tratar de um mentiroso pouco competente. Enquanto psiquiatra experiente, estou intimamente familiarizada com esses sinais. É quase demasiado fácil detetá-los.

Os mentirosos não conseguem parar quietos.

O tom da sua voz ou os seus padrões de discurso alteram-se.

Os mentirosos oferecem demasiada informação, tagarelando com excesso de

pormenores, para se convencerem ou aos outros daquilo que estão a dizer.

Foram desenvolvidas máquinas para reconhecer e identificar estes padrões. No entanto, até o melhor detetor de mentiras tem uma margem de erro de 25 por cento. Sou muito mais precisa do que isso.

Se apenas se ouvir as gravações dos encontros com os meus pacientes, nem sempre dá para perceber. Nelas, perdem-se as importantes pistas visuais. Evitar o contacto visual, por exemplo, ou cobrir a boca ou os olhos. Mas, se forem um dos meus pacientes, sentado no meu gabinete a falar comigo, posso ver-vos o rosto e os gestos e ouvir o timbre da vossa voz.

Saberei a verdade. Sei sempre.

Nunca me mintam.

## PRESENTE

**E**stamos irremediavelmente perdidos, e o meu marido recusa-se a admiti-lo.

Não posso dizer que seja um comportamento atípico do Ethan. Casámos há seis meses – ainda somos praticamente recém-casados –, e, 90 por cento do tempo, ele é o marido perfeito. Conhece os restaurantes mais românticos da cidade, ainda me surpreende com flores e, quando me pergunta pelo meu dia, ouve realmente a minha resposta e faz perguntas de seguimento apropriadas.

Nos outros 10 por cento, porém, é tão teimoso, que me dá vontade de gritar.

– Falhaste a saída para Cedar Lane – digo-lhe. – Passámo-la, tipo, há uns oitocentos metros.

– *Não*. – Uma veia assustadora projeta-se do pescoço do Ethan. – É mais à frente. Não a passámos.

Solto um bufar de frustração, enquanto aperto as indicações impressas para a casa em Westchester, cortesia da nossa agente imobiliária, a Judy. Sim, temos GPS, mas ficámos sem rede há cerca de dez minutos. Agora, a única coisa que nos pode guiar são estas indicações escritas. É como viver na Idade da Pedra.

Bem, o Ethan queria algo remoto. Vai ter aquilo que desejou.

A pior parte é que está a *nevar*. Começou há algumas horas, quando íamos a sair de Manhattan. Nessa altura, eram floquinhos brancos adoráveis, que se evaporavam ao tocar no solo. Ao longo da última hora, quadruplicaram de tamanho. Já não são adoráveis.

Agora que saímos da autoestrada, esta via mais deserta e estreita está coberta de neve. E não é como se o Ethan conduzisse uma carrinha. O *BMW* tem uns bancos de cabedal cosidos à mão maravilhosos, mas só tem tração dianteira, e

ele também não é assim tão incrivelmente competente a conduzir na neve. Se derrapássemos, provavelmente nem saberia se devia virar para o lado *da* derrapagem ou para o lado *contrário*. (Para o lado da derrapagem, certo?)

Como que seguindo a deixa, o *BMW* derrapa numa mancha de gelo lamacento. Os dedos do Ethan ficam brancos no volante. Conseguo endireitar o veículo, mas sinto o meu coração a palpitar. A neve está a ficar muito má. Encosta à beira da estrada e estende-me a mão.

– Deixa-me ver as indicações.

Obedientemente, estendo-lhe o papel ligeiramente amarrotado. Quem me dera que ele me tivesse deixado conduzir. O Ethan jamais admitiria que sou melhor a orientar-me do que ele.

– Acho que passámos a saída, Ethan.

Olha para a folha com as indicações digitadas e, em seguida, semicerra os olhos ao para-brisas. Mesmo com os limpa-para-brisas a toda a velocidade e os máximos ligados, a visibilidade é horrível. Agora que o sol se pôs, só conseguimos ver uns três metros à frente. Para lá disso, vê-se apenas branco puro.

– Não. Sei como lá chegar.

– Tens a certeza?

– Devias ter visto o tempo antes de nos fazermos à estrada – resmunga ele, em vez de responder à minha pergunta.

– Talvez devêssemos voltar para trás? – Enfio as mãos entre os joelhos. – Podemos ver a casa noutra altura.

Como quando não houver uma maldita tempestade de neve a alastrar-se do lado de fora do carro.

O meu marido vira a cabeça e fulmina-me com o olhar, como se eu tivesse perdido o juízo.

– Trícia, estamos no carro há quase *duas horas* para chegar aqui. Agora que estamos a uns dez minutos de distância é que queres *dar meia-volta e ir para casa*?

Essa é outra coisa que aprendi sobre o Ethan nos seis meses desde que casámos. Quando mete na cabeça a ideia de fazer algo, não desiste até estar feito. Suponho que possa ver isso como algo bom. Não quereria estar casada com um homem que deixasse um monte de projetos inacabados espalhados pela casa.

Ainda estou a conhecer o Ethan. Todas as minhas amigas me repreenderam por casar com ele tão depressa. Conhecemo-nos num café um dia – eu tropecei e

entornei a minha bebida mesmo ao lado da sua mesa, e ele insistiu em pagar-me uma nova.

Foi uma daquelas situações de amor à primeira vista. Ao vê-lo, apaixonei-me profundamente pelo cabelo louro raiado por madeixas ainda mais louras. Os olhos azuis eram da cor do céu num dia límpido e margeados por pestanas claras. O nariz romano forte impedia-o de ser demasiado bonito. Quando me sorriu, fiquei perdida. Passámos as seis horas seguintes juntos, a partilhar um café; depois, nessa mesma noite, levou-me a jantar fora. Nessa noite, acabei tudo com o meu namorado de há mais de um ano, explicando e desculpando-me que tinha conhecido o homem com quem ia casar.

Nove meses depois, casei-me com o meu Romeu do café. Agora, seis meses passados, vamos mudar-nos para os subúrbios. Toda a nossa relação tem avançado de forma rápida.

Mas, até agora, sem arrependimentos. Quanto mais sei sobre o Ethan, mais me apaixono por ele. E ele sente o mesmo em relação a mim. É tão incrível partilhar a minha vida com ele.

Exceto o único e grande segredo que ainda não lhe contei.

– Tudo bem – digo. – Vamos procurar a casa.

O Ethan passa-me a folha com as indicações e volta a pôr o *BMW* em marcha.

– Sei exatamente para onde ir. É já ali à frente.

Estou para ver.

Desta vez, conduz mais devagar, tanto por causa da neve como para evitar falhar a saída, que tenho a certeza de que já falhou há uns oitocentos metros. Mantenho também os olhos na estrada, apesar de o para-brisas estar agora coberto de neve. Tento evocar pensamentos quentes e secos.

– Ali! – exclama o Ethan. – Estou a vê-la!

Inclino-me para a frente no banco, retesando o cinto de segurança. Está a *vê-la*? A ver *o quê*, ao certo? Estará a usar uns óculos de neve ou de visão noturna invisíveis? Porque tudo o que eu vejo é neve, seguida de mais neve, e, para lá *dessa* neve, escuridão. Mas então ele abranda, e vejo, de facto, um pequeno caminho que dá para uma zona arborizada. Os máximos do carro iluminam uma placa quase obscurecida pela neve. Mal consigo distinguir as palavras, quando ele vira com um pouco de velocidade a mais.

*Cedar Lane.*

Quem diria? O Ethan tinha razão desde o início. Tinha a certeza de que já tinha passado a saída para Cedar, mas ele não. É aqui mesmo. Agora que estamos na estrada pequena e estreita para a casa, temo que o *BMW* não vá

conseguir lá chegar. Ao olhar para o rosto do meu marido, consigo perceber que tem a mesma preocupação. O caminho até à casa mal está pavimentado e encontra-se coberto de neve.

– Devíamos dizer à Judy para ser rápida a mostrar-nos a casa – digo. – Não queremos ficar aqui presos.

O Ethan acena com a cabeça em concordância.

– Tenho de ser sincero. Queria algo remoto, mas isto é de loucos. Quer dizer, é como se estivéssemos no meio de...

Interrompe-se a meio da frase. Imagino que fosse salientar que estamos no meio de nenhures. Mas, antes que possa dizer as palavras, fica boquiaberto. A casa tornou-se finalmente visível.

E é inacreditável.

A listagem no *site* da Judy referia que tinha dois andares, além de um sótão, mas essa descrição não faz justiça a esta propriedade vasta. Os tetos devem ser extremamente altos, pois o telhado empinado de duas águas parece arranhar o céu, carregado de neve. Os flancos da casa estão repletos de janelas em ogiva, que lhe dão um aspeto mais de catedral do que de lugar onde vive gente. O Ethan estava completamente boquiaberto.

– Uau – murmura ele. – Consegues imaginar *viver* num sítio assim?

Posso só conhecer o meu marido há pouco mais de um ano, mas reconheço a expressão que lhe vejo no rosto. Não é uma pergunta retórica. *Quer* viver nesta casa. Arrastámos a coitada da Judy por metade da região de Westchester e de Long Island, porque nenhuma das casas que vimos correspondia totalmente à imagem que o Ethan tinha em mente. Mas agora...

– Gostas? – pergunto.

– Não achas que é fantástica? Quer dizer, olha só para isto.

Abro a boca para concordar com ele. Não posso negar que esta casa é linda. É enorme, elegante e remota – tudo aquilo que procurávamos. É um lar perfeito para encher de filhos, que é o nosso objetivo final. Quero dizer ao Ethan que adoro a casa tanto como ele. Que, quando a Judy chegar, devíamos fazer uma oferta imediata.

Mas não posso.

Ao olhar para esta propriedade extensa, apodera-se de mim uma sensação de náusea tão forte, que me faz tapar a boca e respirar fundo, para me impedir de vomitar o almoço em cima dos estofos caros do *BMW*. Nunca antes me senti assim. Em nenhuma das dezenas de casas vazias que visitámos ao longo dos últimos meses. Nunca tive um pressentimento tão forte.

*Algo terrível aconteceu nesta casa.*

– Oh, merda – diz o Ethan.

Volto a expirar com esforço, repelindo outra vaga de náuseas. É então que me apercebo de que parámos de circular. As rodas da frente giram com determinação, mas não adianta. O carro está encachado.

– As estradas estão demasiado escorregadias – diz ele. – Não temos tração.

Abraço-me a mim mesma e estremeço, apesar de o aquecimento estar no máximo.

– O que fazemos?

– Bem... – Estende o braço para limpar alguma da condensação no para-brisas. – Estamos bastante perto da casa. Podemos ir a pé.

Para ele, é fácil de dizer isso. Não está a usar umas botas *Manolo Blabnik*.

– Além disso, parece que a Judy já chegou – acrescenta o Ethan.

– A sério? Não vejo o carro dela.

– Sim, mas as luzes estão acesas. Deve ter estacionado na garagem.

Semicerro os olhos, olhando para a casa através do para-brisas embaciado. Ao olhar com mais atenção, consigo ver uma única luz a brilhar numa das janelas do piso de cima. Que estranho. Se uma agente imobiliária estivesse a mostrar uma casa, não acenderia as luzes de *baixo*? O primeiro andar da casa está completamente às escuras. Só está acesa aquela luz no piso superior.

Mais uma vez, estremeço.

– Anda – diz o Ethan. – Ficamos melhor lá dentro. Não é como se pudéssemos passar a noite no carro. Ficávamos sem gasolina e morríamos congelados.

Não é um pensamento apelativo. Começo a arrepender-me de toda esta viagem. Em que estava eu a pensar ao vir aqui? Mas o Ethan adora a casa. Talvez tudo isto acabe por resultar.

– Está bem – digo. – Vamos lá.

O h, meu Deus, está tanto frio. Mal abro a porta do lado do passageiro do *BMW*, arrependo-me profundamente de ter aceitado ir a pé até à casa. Trago o meu casaco de lã *Ralph Lauren* que me chega aos joelhos, mas bem podia ter vestido uma folha de papel, pois o vento parece atravessar-me, mesmo depois de puxar o capuz para cima.

Mas o pior são os meus pés. Trago umas botas de cabedal, mas não são botas de *neve*, se é que me entendem. Somam uns muito apreciados oito centímetros à minha altura, e ficam lindamente com umas calças de ganga azuis justas, mas não fazem absolutamente nada para proteger os meus pés dos trinta centímetros de neve que agora os rodeiam.

Porque comprei eu um par de botas elegantes que não têm a mínima capacidade de servir realmente como botas? Começo a arrepender-me profundamente de todas as minhas opções de vida neste momento. A minha mãe sempre me disse para não sair de casa com uns sapatos nos quais não conseguisse andar um quilómetro.

– Estás bem, Trícia? – pergunta o Ethan. – Não estás com frio, pois não?

Franze a testa, perplexo com o bater dos meus dentes e o tom azul que os meus lábios começam gradualmente a adquirir. Veste o blusão de esqui preto que comprou no mês passado, e, apesar de não lhe conseguir ver os pés, estou bastante certa de que calça umas botas grandes e quentes. Quero apertar-lhe o pescoço por me obrigar a fazer isto, mas isso implicaria tirar as mãos dos meus bolsos fundos e resultaria provavelmente em queimaduras de gelo, porque, ao contrário dele, não tenho luvas. Tenho de admitir – o homem veio mais preparado do que eu.

– Tenho algum frio – respondo. – As minhas botas não são à prova de neve.

O Ethan olha para o seu calçado e depois de novo para mim. Após um instante de ponderação, contorna o carro e agacha-se ao meu lado.

– Muito bem, salta para as minhas costas.

Esqueçam tudo o que eu disse. Amo o meu marido. Deveras.

Leva-me o resto do caminho às cavalitas, passando pelo cartaz que diz VENDE-SE no relvado coberto de neve, até à porta da frente. Quando chegamos ao alpendre maioritariamente protegido da neve, ele deposita-me cuidadosamente no chão. Sacode flocos de neve do seu agora húmido cabelo louro e pestaneja, sacudindo gotas de água das pestanas.

– Obrigada. – Sorrio-lhe, ébria de afeição pelo meu marido forte e atraente. – És o meu herói.

– O prazer foi todo meu. – Faz uma vénia. É de desfalecer. Estou a adorar a fase de lua de mel do nosso casamento.

Descalçando as luvas de lã, o Ethan encosta o polegar à campainha. Ouvimos os tinidos a ecoar por toda a casa, mas, após vários momentos de espera, nenhuns passos se dirigem à porta para nos deixar entrar.

O outro aspeto estranho é que o andar de baixo da casa está completamente às escuras. Ambos vimos aquela luz no andar de cima, por isso partimos do princípio de que estaria alguém na casa. Presumimos que fosse a Judy. Mas, se a Judy estivesse aqui, estaria no piso de baixo, não é verdade? Não estaria num quarto qualquer do primeiro andar. O andar de baixo da casa está num silêncio sepulcral.

– Talvez os proprietários estejam em casa – diz o Ethan, esticando o pescoço para olhar para a casa imponente.

– Talvez...

Mas há outro aspeto estranho em tudo isto. Não está mais nenhum carro na propriedade. Ou, pelo menos, não que eu consiga ver. Claro que, numa tempestade de neve, o carro do proprietário estaria provavelmente guardado na garagem. Mas é improvável que a Judy fosse estacionar na garagem, pelo que o seu carro não estar à vista só pode provar que ela ainda não chegou.

O Ethan volta a tocar à campainha, enquanto eu tiro o telemóvel da mala.

– Não tenho mensagens da Judy – informo. – Mas acho que fiquei sem rede há pelo menos vinte minutos, pelo que é possível que nos esteja a tentar contactar.

Ele tira o telemóvel do bolso e franze o sobrolho ao ecrã.

– Também não tenho rede.

Continuamos a ouvir apenas silêncio vindo da casa. O Ethan dirige-se à janela ao lado da porta e espreita para o interior. Abana a cabeça.

– De certeza que não está ninguém no rés-do-chão. Estou convencido de que não está aqui ninguém de todo. – Encolhe os ombros. – Talvez a Judy tenha

deixado a luz acesa lá em cima da última vez que cá esteve.

Não parece nada típico da Judy. A Judy Teitelbaum é a profissional perfeita. Já vende casas desde antes de eu ter nascido, e todas as que nos mostrou anteriormente estavam imaculadas. Deve limpá-las ela mesma. Até tenho medo de tocar em seja o que for, quando estou a ver alguma casa. Não quero correr o risco de lhe causar um ataque cardíaco, se pousar uma bebida nalguma superfície sem uma base para copos. Portanto, não, não creio que a Judy se fosse embora da casa com uma luz acesa no andar de cima. Mas custa-me a encontrar outra explicação.

O Ethan puxa a gola do blusão acolchoado, enquanto eu aperto os braços à minha volta, para me aquecer.

– Bem, não sei o que fazer. É óbvio que ela não está aqui.

Solto um suspiro frustrado.

– Fantástico. O que vamos fazer, então?

– Espera. – Os seus olhos descem para o tapete sob os nossos pés, com a palavra «Bem-vindos» escrita numa letra elaborada, parcialmente escondida pela neve. – Talvez haja uma chave de reserva algures por aqui.

Não está nenhuma chave debaixo do tapete da entrada – isso seria demasiado óbvio –, mas uma busca meticulosa revela uma escondida debaixo do vaso de uma planta junto à porta. A chave está gelada e ligeiramente húmida na minha mão.

– Então... – Arqueio as sobrancelhas ao Ethan. – Entramos sem ela? Achas que não há problema?

– É melhor entrarmos. Sabe-se lá quanto tempo vai demorar, e está um gelo aqui fora. – Passa um braço protetor sobre os meus ombros. – Não quero que apanhes uma pneumonia.

Tem razão. Sem rede nos telemóveis e com o carro a ficar cada vez mais enterrado na neve, precisamos de um abrigo. Na casa, estaremos seguros, pelo menos.

Introduzo a chave na fechadura e oiço-a rodar. Levo a mão ao puxador, que está gelado sob a minha palma. Tento rodá-lo, mas a porta não cede. Raios. Olho para a chave, ainda enfiada na fechadura.

– Achas que está trancada por dentro?

– Deixa-me experimentar.

Chego-me para trás, para deixar o Ethan tentar. Abana um pouco a chave e tenta o puxador. Nada. Recua por um momento e volta a agarrar no puxador, projetando todo o seu peso contra a porta pesada de madeira. Com um forte

rangido, ela abre-se.

– Conseguiu! – *O meu herói. Uau.*

O interior da casa está completamente às escuras. O Ethan carrega num interruptor na parede, e cai-me o coração aos pés quando nada acontece. Mas, passado um pouco, as luzes do teto tremulam e ganham vida. Temos eletricidade, graças a Deus. A luz é ténue – várias lâmpadas devem estar fundidas –, mas é quanto basta para iluminar o espaço amplo.

Fico de queixo caído.

Em primeiro lugar, a sala de estar é enorme, e a disposição em plano aberto fá-la parecer ainda maior. Após termos passado os últimos anos a viver num apartamento em Manhattan, quase todas as casas nos parecem enormes. Mas esta é grande ao nível de um *museu*. Ao nível de um *aeroporto*. E, por maior que seja o espaço, parece ainda maior devido aos tetos altos.

– Uau – murmura o Ethan. – Este sítio é incrível. É como uma catedral.

– Sim.

– E o preço que pedem é tão *baixo*. Dá a ideia de que esta casa devia valer o quádruplo.

No momento em que aceno com a cabeça em concordância, sinto outra vaga da mesma sensação de náusea. *Algo terrível aconteceu nesta casa.*

– Pode ter bolor – diz ele, pensativo. – Ou se calhar os alicerces não prestam. Devíamos contratar alguém muito bom para inspecionar o local, antes de assinarmos seja o que for.

Não respondo a isso. Não lhe digo que tenho uma esperança secreta de que esta casa esteja infestada de bolor ou a desmoronar pela base, ou de que haja qualquer outra razão para poder recusar viver aqui, sem parecer uma mulher irracional que se recusa a comprar a casa que o marido adora, só porque tem *um mau pressentimento* sobre ela.

Há outra coisa estranha nesta casa.

Está completamente mobilada. A sala de estar tem um sofá modular, uma poltrona de dois lugares, uma mesa de centro e estantes a transbordar de livros. Dirijo-me ao belo sofá modular em cabedal castanho e passo o dedo por uma das almofadas.

O material parece rígido, como se ninguém se sentasse no sofá há séculos, e o meu dedo fica sujo de preto. Pó – anos de pó.

É verdade que vimos algumas casas mobiladas, porque os proprietários ainda lá viviam, mas pareciam estar ainda habitadas. Esta não. Há uma camada espessa de pó sobre todos os móveis da sala de estar. Não é o tipo de mobília

que alguém deixaria para trás ao mudar-se. O sofá de cabedal deve ter custado qualquer coisa na ordem dos cinco dígitos. E quem deixa para trás todos os seus livros?

O chão também parece empoeirado, como se há muito não fosse pisado por ninguém. Ao erguer o olhar, vejo teias de aranha espessas em cada canto da sala de estar. Quase consigo imaginar as aranhas a rastejar pelas teias, à espera para me cravarem as presas.

É também mais uma prova de que a Judy não esteve aqui. Nem pensar que a Judy deixaria uma casa assim tão suja. E teias de aranha? Impossível. É contra todos os seus princípios.

Viro-me para o Ethan, prestes a salientar isto, mas vejo que está distraído com outra coisa: um retrato gigantesco de uma mulher, pendurado acima da lareira. O Ethan olha-o fixamente, com uma expressão estranhamente sombria no rosto.

– Ei – digo. – O que se passa?

As suas pestanas claras tremulam. Parece surpreendido por eu estar subitamente ao seu lado, como se se tivesse esquecido de que eu estava aqui.

– Oh! Hã, nada. É só que... Quem achas que é?

Sigo-lhe o olhar para o retrato. É gigantesco – grandioso. A mulher representada é impressionante. Não há outra palavra para a descrever – é o tipo de mulher que nos faria parar e olhar duas vezes, se a víssemos na rua. Parece rondar os trinta e poucos anos. O cabelo perfeitamente liso cai-lhe logo abaixo dos ombros. À primeira vista, descrevê-lo-ia como acobreado, mas, ao inclinar a cabeça para o lado, vejo o tom transformar-se num vermelho-vivo. A pele é pálida e perfeita, mas suponho que qualquer pessoa pode ter uma pele bonita num quadro. Um dos traços mais impressionantes são os olhos verdes vívidos. Muitas pessoas têm olhos verdes com manchas castanhas ou azuis, mas os seus são de um verde tão intenso, que parecem poder saltar da tela.

– Talvez vivesse aqui? – sugiro.

Os lábios do Ethan torcem-se num sorriso escarninho.

– Que tipo de pessoa arrogante e narcisista penduraria um retrato gigantesco de si mesma por cima da lareira?

– Isso quer dizer que não posso pôr um retrato meu gigante na parede da nossa casa nova? – brinco.

O Ethan lança-me um sorriso que não lhe chega aos olhos. Algo no quadro o perturbou e não parece querer falar sobre isso.

Vagueio até à estante junto à lareira, ainda com o meu casaco de lã vestido, pois está demasiado frio para o tirar. Quem quer que aqui vivesse devia adorar

ler, pois há múltiplas estantes espalhadas pela divisão, todas quase a transbordar de livros. Olho para alguns dos títulos nas estantes, para o caso de ficarmos aqui presos algum tempo, e de eu precisar de algo para me entreter. Uma das prateleiras está cheia de livros com o mesmo título.

*Anatomia do Medo.*

Desce-me um ligeiro arrepio pela espinha e aperto o meu casaco contra o peito. Tiro um dos muitos exemplares de capa dura da prateleira, que tem uma camada de pó a cobri-la, como tudo nesta casa. *Anatomia do Medo*, de Adrienne Hale, médica doutorada. Na capa, está uma imagem de uma faca a escorrer sangue. Fantástico. Era exatamente o que queria ver neste momento.

Viro o livro. Tem uma seleção de citações de autores e profissionais reconhecidos a elogiar a obra. E, no canto inferior esquerdo, está uma fotografia da autora. É a mesma mulher cujo retrato se encontra em cima da lareira.

– Ethan – digo. – Olha para isto.

Arrancando os olhos do retrato, ele aproxima-se de mim junto à estante. Espreita por cima do meu ombro para a fotografia na parte de trás do livro.

– Adrienne Hale – lê na contracapa. – Não é aquela psiquiatra que foi assassinada?

É verdade. Há três anos, o desaparecimento da doutora Adrienne Hale foi uma das maiores histórias nas notícias. Sobre-tudo porque aconteceu pouco após o lançamento do seu estrondoso livro de psicologia popular. Teve tanto sucesso, que se manteve na lista de livros mais vendidos do *New York Times* durante quase um ano, monopolizando o primeiro lugar durante meses. Toda a gente no país o leu, incluindo eu própria. Claro que o sucesso enorme do livro se deveu em grande medida ao facto de o seu desaparecimento ter sido uma notícia tão bombástica.

– Desapareceu – corrijo. – Não creio que tenham chegado a encontrar o corpo. Ele puxa o livro de capa dura das minhas mãos e folheia-o.

– Aposto que acabaram por encontrá-la. Deve ter dado à costa algures.

– Talvez. – A doutora Adrienne Hale desapareceu do radar das notícias há pelo menos dois anos, e o seu livro acabou por descer também nas tabelas. – Leste-o, certo?

Os seus olhos continuam nas páginas à sua frente, enquanto abana a cabeça.

– Odeio essas tretas da psicologia popular.

– Por acaso, achei-o muito bom. – Espeto um dedo nas páginas abertas na sua mão. – É sobre os pacientes dela, sabias? Sobre as experiências horríveis que viveram e como lidaram com elas.

– Pois, não me interessa. – Pousa o livro numa prateleira ao acaso, subitamente aborrecido. O Ethan não é grande leitor. – Foi o namorado que a matou, não foi? Lembro-me dessa parte. Era um tipo das tecnologias ou assim.

– Acusaram-no, mas acho que não foi preso.

– Mas provavelmente foi ele.

– Provavelmente – assinto. – Há muitos homens perigosos por aí.

Ele pega-me na mão e puxa-me para si, tão perto que sinto o seu hálito quente na minha face.

– Não estás feliz por eu te ter salvado de todos esses idiotas?

Reviro os olhos, mas sei que não está inteiramente errado. Namorei com uns quantos idiotas no passado. Não namorei com nenhum assassino, como o namorado da doutora Adrienne Hale, mas um dos meus ex, uma vez, traiu-me com a minha melhor amiga.

Que clichê. O Ethan, por outro lado, tem sido incrivelmente fiel desde que estamos juntos. Nunca olha sequer para outras mulheres, apesar de elas passarem a vida a olhar para ele.

– Achas que é a casa dela, então? – pergunto. – Da doutora Adrienne Hale?

– Provavelmente. – Olha outra vez para o retrato. – Ou isso ou de alguém que era perigosamente obcecado por ela.

Apesar de ter o meu casaco vestido, continuo gelada. Esfrego os braços para me aquecer. Se tivermos de ficar aqui muito mais tempo, talvez possamos descobrir como ligar o aquecimento. O Ethan é bom nesse tipo de coisas.

– Não te incomodaria viver na casa de uma mulher morta?

– Nem por isso. – Encolhe os ombros. – Quer dizer, toda a gente morre um dia, não é? Por isso, a menos que compremos uma casa novinha em folha, é mais ou menos garantido que já lá viveu alguém que já está morto. E então?

Estou há seis meses a apender factos novos e divertidos sobre o meu marido: aparentemente, *não* tem um lado espiritual.

Passo os olhos pelo conteúdo da estante, parando no livro que o Ethan depositou casualmente em cima da prateleira. Não sei porquê, mas parece-me que a doutora Adrienne Hale não gostaria que ele mexesse na sua estante – como se isso perturbasse a energia da casa. Pego no livro e devolvo-o à prateleira em que estava antes. Com sorte, isso acalmará temporariamente o seu fantasma, ainda que o seu assassino continue algures, à solta.

O meu estômago solta um rosnido embaraçoso.

– Quando achas que a Judy vai chegar? Estou esfomeada.

– Não faço ideia – diz ele, olhando para o seu *Rolex*. – Deixa-me ir confirmar

se o carro dela está na garagem.

Enquanto o Ethan vai em busca da porta da garagem, baixo os olhos para o chão. A madeira está tão imunda, que não conseguiria andar descalça por aqui – quase de certeza que as solas dos meus pés ficariam pretas. Mas, ao olhar para o chão à luz tremulante das lâmpadas do teto, noto uma mudança no padrão do pó junto à estante. Quase parece...

Uma pegada.

Chego-me mais perto para ver melhor, semicerrando os olhos à luz ténue. Parece, sem dúvida, uma pegada. Ponho a minha bota ao lado da marca – quem quer que tenha deixado a pegada tinha uns pés muito maiores do que os meus. Poderá ser do Ethan? Parece ter mais ou menos o tamanho certo, mas acho que não esteve nesta zona.

– A garagem está vazia – diz o Ethan, emergindo de uma porta junto à cozinha e sacudindo o que parece ser uma teia de aranha do ombro. – A Judy não está aqui.

Estremeço, mesmo com o casaco ainda vestido.

– Olha, vem aqui ver isto.

O Ethan aproxima-se de mim, e apercebo-me de que estamos os dois a criar novas pegadas para cada sítio onde vamos.

– O que foi? O que se passa?

– Isto é uma pegada?

Semicerra os olhos ao padrão no pó do chão.

– Talvez?

– Quem a deixou, então?

– Não sei. A Judy?

Arqueio as sobrancelhas.

– Achas que a Judy calça o quarenta e três e usa sapatos de homem?

Quando o Ethan solta um suspiro, juro que consigo ver a baforada de ar na sala de estar gelada.

– Talvez tenha sido outra pessoa que veio ver a casa.

Só que é impensável que a Judy mostrasse uma casa tão poeirenta a alguém. Os meus olhos perscrutam o chão, mas não vejo mais nenhuma pegada tão visível como esta.

– Quando achas que a Judy vai chegar?

Ele franze o sobrolho.

– Não sei se a Judy vai conseguir vir, Trícia.

– Ela não nos ia deixar pendurados.

– Sim, mas está um nevão enorme. Mal conseguimos cá chegar, e só está a piorar. Sinceramente, foi irresponsável da parte dela marcar sequer uma visita para esta noite.

– Então... – Mordo a ponta da unha do polegar. – Achas que é possível que estejamos aqui presos? Esta noite?

Em simultâneo, viramo-nos para olhar por uma das janelas fixas. A neve cai mais intensamente do que nunca. É como se uma muralha branca estivesse a ser despejada do céu. O nosso carro já deve estar enterrado – não que se estivesse a dar muito bem com a neve anteriormente.

– Acho que é possível, sim – diz ele. – Mas não te preocupes. Quer dizer, olha para este lugar. Aposto que a cozinha está abastecida de comida. E, mesmo que não esteja, temos aquela mala de provisões de emergência que me obrigas a trazer na bagageira. Não tem umas quantas barras energéticas lá dentro?

– Eu... acho que sim...

– Vamos procurar qualquer coisa para comer, então.

Com determinação, o Ethan marcha em direção à cozinha. Não posso acreditar que não esteja minimamente preocupado, apesar de estarmos presos nesta casa desconhecida, cheia de teias de aranha e pegadas assustadoras. O Ethan é assim. É sempre tão confiante. Adoro isso nele.

Por isso, sigo o meu novo marido em direção à cozinha. Mas, durante todo o trajeto, não consigo afugentar a sensação horrível de que aqueles olhos verdes no retrato por cima da lareira me estão a observar.

## ANTES

A Paige pragueja para si mesma ao tropeçar num tijolo solto no caminho de acesso à minha porta da frente. Vejo-a pela janela, perguntando-me se devia chamar alguém para arranjar o passeio esta semana. Não quero que ninguém caia e parta o tornozelo e que eu seja a responsável – legalmente, quero eu dizer. Se a Paige caísse, seria por sua própria culpa. Teria muito mais estabilidade se não estivesse a segurar um envelope na mão direita, ao mesmo tempo que mexe no telemóvel com a esquerda e tenta caminhar nos tacões de oito centímetros.

Há cinco anos que a Paige é a minha agente literária e nunca a vi sem o telemóvel na mão. É possível que se tenha fundido com a sua palma. No passado, cheguei a falar com ela e juro que ouvi o duche a correr em pano de fundo. Uma vez, ouvi o som do autoclismo. Quando falamos, ergue o olhar do ecrã para me ver, mas apenas fugazmente.

A Paige enfia o envelope debaixo do braço, para poder tocar à campainha. É desnecessário, visto que tenho estado a monitorizar a trajetória do seu *Audi* pelo caminho de acesso à minha entrada, mas ela não sabe disso. Ecoam tinidos pela casa, e demoro a dirigir-me à porta da frente. A Paige pode estar com pressa, mas eu não estou. Tenho a manhã livre antes de o meu primeiro paciente chegar.

Quando abro a porta, a Paige está de olhos cravados no ecrã do telemóvel. O cabelo, geralmente com madeixas perfeitas, está ligeiramente despenteado da viagem, mas, fora isso, parece impecável, com um vestido de seda preto e uns sapatos de salto alto com tachas.

– Adrienne! – Um sorriso alastra pelo rosto da minha agente ao ver-me,

apesar de nem assim guardar o telemóvel. – Como está?

*Como está?* As duas palavras mais inúteis no universo da comunicação. Quem faz essa pergunta nunca quer saber a resposta. E quem responde nunca diz a verdade.

– Estou bem, Paige.

Faz uma curta pausa, à espera que eu retribua a cortesia. Quando se torna evidente que não o vou fazer, abana ligeiramente o telemóvel na mão esquerda.

– Desculpe o atraso. O GPS do meu telemóvel deixou de funcionar. A rede por aqui é terrível.

– Sim – digo, compreensivamente. – É mesmo.

Vivo tão longe da rua principal, que a maioria das pessoas não tem rede aqui. Dentro de minha casa, tenho uma antena amplificadora de sinal e *Wi-Fi*. Mas, em antecipação da chegada da Paige, desliguei-a. Quero que esteja completamente focada em mim, enquanto está aqui. Nunca prestaria mais atenção ao meu telemóvel do que a um paciente, e não me agrada competir pela atenção da Paige.

Dou um passo atrás, para a deixar entrar em casa. Só cá estive uma vez antes. Oiço-a inspirar fundo ao ver a dimensão da minha casa – o espaço é impressionante. A Paige vive em Manhattan, provavelmente num apartamento minúsculo, do tamanho de uma caixa de sapatos, que lhe deve custar uma pequena fortuna.

– Esta casa é incrível – murmura ela. Está tão espantada, que baixa o telemóvel por completo, deixando-o pender ao longo do corpo. – Tanto espaço.

– Obrigada.

Olha em redor, do sofá modular em cabedal para as estantes antigas e para a escadaria em espiral que sobe para o primeiro andar. Podia simplesmente deixar o elogio como está, mas esse não é o estilo da Paige. Em vez disso, não resiste a acrescentar:

– Vive sozinha neste casarão?

Sabe que não sou casada. Nem tenho filhos. Os meus pais morreram há muito.

– Sim. Sou só eu.

– Caramba... – Coça a bochecha. – Eu teria medo de viver aqui. Quer dizer, fica no meio de *nenbures*. Nem sequer tem uma boa cobertura de rede móvel. Qualquer pessoa podia entrar aqui e...

Não é como se a Paige fosse a primeira a sugerir tal coisa. Se tivesse familiares ou amigos chegados, de certeza que se preocupariam comigo. Mas não estou preocupada.

– Tem algum sistema de segurança? – pergunta ela.

Encolho um ombro.

– Tenho fechaduras nas portas.

Fita-me como se eu tivesse perdido o juízo. A verdade é que me sinto segura aqui. O isolamento não tem de ser necessariamente perigoso. A curva para entrar na pequena estrada de terra batida para a minha casa é tão apertada, que muitas pessoas passam por ela sem sequer reparar. Além disso, preciso do espaço extra, porque esta casa também me serve de escritório. É aqui que trato da minha escrita, e também tenho uma sala onde recebo pacientes.

Estou decepcionada com a Paige pelo julgamento, ainda que não esteja surpreendida. Estou certa de que muitas pessoas a poderiam julgar pelas suas próprias escolhas. Por exemplo, ela podia muito bem ter chegado mais longe na carreira, se não tivesse perdido tempo a dar à luz dois fedelhos. Possivelmente, se não o tivesse feito, não tinha de andar a dar graxa a pessoas como eu.

E, além disso, usa demasiada maquilhagem. Não confio em mulheres que põem camadas de base, como se fosse uma máscara que lhes adere diretamente à pele.

– Sabe... – diz a Paige, com um inclinar de cabeça solidário. – Podia ver se o Alex conhece alguém para lhe apresentar. De certeza que um dos colegas dele do trabalho teria todo o gosto em sair consigo.

– Não é necessário – respondo, entre dentes.

– De certeza? Porque...

– De certeza.

Encolhe os ombros, como se achasse que cometi um erro trágico de discernimento ao não aceitar um encontro por pena providenciado pelo marido. Não é a primeira vez que o sugere. Ao fim de algumas vezes, seria de esperar que compreendesse que não estou interessada, mas infelizmente não compreendeu.

– Enfim. – A Paige estende-me o envelope, e o vermelho intenso das suas unhas brilha à luz do teto. – Aqui estão as provas do novo livro.

Retiro o envelope da sua mão. Sinto-me tentada a rasgá-lo. Este livro é o culminar de dois anos de pesquisa e noites longas, passadas a rever as minhas notas e a martelar no teclado. Mas não quero vê-lo à frente da Paige. Fá-lo-ei depois de ela se ir embora.

– Obrigada – respondo.

– É bastante sinistro – comenta ela, franzindo o nariz. Sempre me disse que achava que eu devia «suavizar» algumas das cenas violentas descritas no livro,

mas fui inflexível e insisti que deviam ficar como estavam. – Será difícil de ler, para algumas pessoas.

– É tudo verídico.

A Paige olha para o envelope na minha mão. Tinha esperança de que eu o abrisse à sua frente. Afinal, fez a viagem até aqui, e não é uma viagem curta, de Manhattan a Westchester. O meu primeiro livro, *Conheça-se a Si Mesmo*, passou vinte e sete semanas na lista dos livros mais vendidos do *New York Times*. Este próximo livro altamente aguardado pode valer-lhe uma fortuna. Quer manter-me feliz.

Por um momento, fica ali parada, à espera de que eu lhe ofereça uma visita guiada ou talvez uma chávena de café. Quer ser minha amiga, ou, pelo menos, uma amizade falsa em que mexericamos, almoçamos num café e agimos como se não nos odiássemos.

Eu não tenho amigos. Nunca tive.

– Posso... – Lambe os lábios. – Posso pedir-lhe um copo de água?

Lanço um olhar na direção da cozinha.

– Claro. Mas a água é um pouco turva, devo avisar. Eu habituei-me ao gosto metálico, mas incomoda algumas pessoas.

Volta a torcer o nariz. Vejo que tem pequenas sardas subtis, sem dúvida cobertas por várias camadas de maquilhagem.

– Água turva? Adrienne, devia pedir a alguém para dar uma olhadela a isso.

– Oh, não me importo. Sabe bem. Deixe-me ir buscar-lhe um copo.

– Pensando melhor, não é preciso.

– De certeza?

– Sim, estou bem. – Não parece muito satisfeita face à ideia de engolir um copo da minha água turva inventada. Quer ser minha amiga, mas não assim tanto. – Devia ir andando. É uma longa viagem até à cidade.

Assinto.

– Conduza com segurança.

Lança um último olhar demorado à minha casa. Provavelmente, deve estar a interrogar-se sobre quanto me custou. Noutra vida, a Paige podia ter sido agente imobiliária. Tem a personalidade certa, é insistente como o raio.

– Sinceramente – diz ela –, devia pensar em arranjar algum tipo de sistema de segurança. Não quero chegar aqui um dia e encontrá-la assassinada na sala de estar.

Estatisticamente, o risco de tal acontecer é baixo. Menos de um quarto das vítimas de homicídio são do sexo feminino. A maioria dessas mulheres são

jovens de baixos rendimentos.

– Ou então pense em arranjar um namorado – acrescenta a Paige, com um risinho. – Como disse, teria todo o gosto em ajudar.

Cerca de 70 por cento das mulheres assassinadas foram mortas por um parceiro íntimo. Portanto, na realidade, além de ser altamente preconceituosa e ofensiva, a sugestão de «arranjar um namorado» só *aumentaria* o risco de me acontecer uma tragédia. Mas não vou debater com esta mulher.

– Estou bem, a sério – volto a dizer. – Não preciso de nenhum sistema de segurança.

Ela fica a pensar por um momento. Em seguida, resfolega.

– Pois, é verdade. Vêm muitos malucos a sua casa, não é?

Nesse momento, apercebo-me de algo. Não sei como nunca o tinha visto. A Paige não respeita o meu trabalho. Foi a minha maior apoiante durante duas publicações, e, em sua defesa, é muito boa a fazê-lo. Mas não acredita em nada do que eu faço. Para ela, as pessoas que ajudo são um bando de «malucos».

Nos cinco anos desde que a conheço, a Paige insultou a minha casa e o meu estilo de vida e foi a crítica mais dura dos meus manuscritos. Aceitei todos os insultos por saber que ela é boa no que faz. Mas hoje passou um limite.

Ninguém fala assim dos meus pacientes.

– Paige. – Levo um dedo ao canto do meu olho direito. – Tem um pouco de rímel empastado.

– Oh! – As suas pestanas negras esvoaçam, enquanto ergue a mão para os olhos, envergonhada. Automaticamente, leva a mão à mala para procurar o pó compacto, mas, quando o faz, o telemóvel escorrega-lhe da mão esquerda e bate com estrondo no soalho de madeira. – Merda...

Apanha o aparelho, que ficou com uma teia de rachas gravada no ecrã. A Paige parece estar prestes a chorar.

– Oh, céus! – digo. – Parece que partiu o telemóvel.

– Merda. – Passa o indicador pelo ecrã, como se o pudesse reparar magicamente com o toque. Volta a praguejar e afasta bruscamente o dedo. O vidro fez-lhe um corte na ponta. – Que sorte a minha.

– Talvez seja um sinal – observo. – Talvez devesse passar menos tempo ao telemóvel.

A Paige ri-se, como se eu tivesse dito uma piada. Não me conhece o suficiente para saber que não faço piadas.

O seu sorriso é tenso quando a acompanho à porta, e, uma vez no exterior, apaga-se-lhe por completo do rosto. Pela janela, fico a vê-la regressar ao carro,

desta vez evitando o tijolo solto traiçoeiro. Mal entra para o lugar do condutor, torce o corpo para ver o reflexo no espelho retrovisor. Toca no canto do olho, franzindo o sobrolho, enquanto procura o rímel que lhe garanti que estava acumulado.

Está a ter um dia mau. Mas vai ficar muito pior quando receber o meu *e-mail* a despedi-la do cargo de minha agente.

Viro costas à janela e olho para o envelope que a Paige me deixou. O meu livro. Dois anos de sangue, suor e lágrimas.

Cuidadosamente, ergo a aba e abro o envelope. Tiro as provas do meu livro. Os cantos dos meus lábios curvam-se. Está exatamente como imaginava. O meu nome, Adrienne Hale, em letras maiúsculas grandes, seguido dos meus títulos de médica e de doutorada. A editora hesitou quando sugeri colocarem uma faca a escorrer sangue na capa, mas, após o sucesso do meu último livro, era eu que mandava. Já devem ter percebido que foi uma decisão brilhante – o quanto a imagem impressiona. Percorro as letras do título, enquanto leio as palavras em voz alta:

*Anatomia do Medo.*

## PRESENTE

**N**ão tenho grandes esperanças em relação à cozinha. Se esta casa não esteve habitada durante os três anos que a doutora Adrienne Hale esteve desaparecida, como pode haver comida no frigorífico? O melhor que podemos esperar é encontrarmos alguma comida enlatada para aquecer.

O frigorífico tem, no mínimo, o dobro do tamanho do eletrodoméstico minúsculo que temos enfiado na nossa cozinha, em casa. Tudo aqui parece ser de uma ordem de grandeza superior ao que temos na nossa casa na cidade. Caberiam cerca de dez cozinhas nossas dentro desta. Pergunto-me se a doutora Adrienne Hale era uma cozinheira talentosa. Parece o tipo de mulher capaz de se sair com uma refeição *gourmet*.

O Ethan abre o frigorífico e espreita para o interior.

– Bem, podemos fazer sanduíches.

– A sério? – Olho para o frigorífico por cima do seu ombro. Vejo um pão e vários pacotes de carnes frias. Até há um frasco de maionese. O meu estômago revolve-se, e quase vomito ao pensar há quanto tempo devia estar ali a comida.

– Não vou comer isso. Provavelmente, já passou da validade há anos.

Ele pega num pacote de mortadela.

– Não. Só acaba daqui a uma semana. Deve ter sido a Judy a comprá-la.

Tento imaginar a Judy a comprar um pacote de mortadela para uma das visitas à casa. Não consigo. É mais do tipo caviar e salmão fumado.

– Tens a certeza? Viste bem o *ano*?

– *Sim*. Toma, vê.

Passa-me a mortadela. De facto, a data é deste ano, daqui a uma semana. Abro-a e cheiro-a e não me cheira a estragado. A cor também parece a certa.

– Vou fazer sanduíches – diz ele.

O Ethan alinha o pão, a mortadela e o frasco de maionese na bancada e começa a preparar as sanduíches. Gosta de cozinhar para mim. É querido. Não que eu não saiba fazer uma simples sanduíche sozinha, mas acho romântico que ele goste de me mimar. Mais uma coisa que rapidamente aprendi a adorar nele.

Só espero que sinta o mesmo por mim depois de saber o meu segredo. Sinto-me doente de cada vez que penso nisso. Mas não lho posso esconder por muito mais tempo.

– Posso ajudar em alguma coisa? – pergunto.

– Porque não vais buscar algo para bebermos?

Posso fazer isso. Dirijo-me ao outro lado da cozinha, para procurar dois copos. Vou enchê-los com água da torneira simplesmente – de certeza que não há problema. Mas, ao aproximar-me do lava-loiça, algo me faz parar bruscamente.

Está um copo na bancada. Meio cheio de água. Com gotas a escorrer na parte de fora, devido à condensação.

– Ethan? – A minha voz sai-me trémula.

– Sim?

– Eu... – Engulo em seco, mantendo os olhos fixos no copo. – Acho que está mais alguém nesta casa.

Ele ergue a cabeça da preparação da sanduíche. Tem uma fatia de mortadela na mão direita.

– Estás a falar de quê?

– Está aqui um copo. – Recuo por um minuto, como se o copo se pudesse atirar a mim e estrangular-me. – Alguém o encheu e bebeu dele recentemente.

– Deve ter sido a Judy.

Se volta a falar na Judy, vou dar-lhe um murro na cara.

– Não foi a Judy, está bem? A Judy jamais deixaria meio copo de água na bancada da cozinha desta maneira. E, se deixasse, teria uma marca de batom no rebordo.

Não pode negá-lo. A imagem de marca da Judy é o batom vermelho-vivo. Seria impossível beber de um copo sem deixar a sua marca.

– E também vi aquela pegada no chão – lembro-lhe eu.

– Devia ser da Judy – diz ele, apesar de isso ser absurdo. – Ou minha.

– Além disso – acrescento –, vimos aquela luz acesa no andar de cima quando vínhamos a pé para cá. Está alguém lá em cima.

O Ethan franze os lábios. Olha para o copo de água do outro lado da cozinha e depois para a escadaria em espiral que dá para o primeiro andar.

– Não sei, Trícia. Se estivesse cá mais alguém, não teria descido para nos mandar sair de sua casa?

É uma boa constatação.

– Talvez não seja suposto estar aqui.

Ele não descarta a possibilidade, e os seus olhos fixam-se na escadaria.

– Muito bem. Suponhamos que isso é verdade. O que fazemos?

Ainda tenho a mala pendurada ao ombro. Levo a mão ao interior e tiro o telemóvel. Continuo sem rede.

– Acho que devíamos verificar o andar de cima. – O Ethan parece estar prestes a protestar, por isso continuo rapidamente. – Estamos aqui presos por agora. Vais conseguir dormir se souberes que está um estranho à espreita dentro da casa?

– Tens razão – acaba o Ethan por dizer. – Devia ir verificar. Fica aqui.

– Nem pensar. – Abano vigorosamente a cabeça. – Vou contigo. *Não* me vais deixar sozinha aqui em baixo.

Mais uma vez, parece estar prestes a protestar, mas então pensa melhor. Por um instante, esfrega o queixo com o polegar; em seguida, estende o braço para algo na bancada da cozinha. Demoro um momento a perceber que é um bloco de facas. A longa lâmina serrilhada que o Ethan extrai brilha à luz das lâmpadas da cozinha.

– É melhor estar preparado, certo?

Não tenho objeções a que leve uma faca. Sinto-me tentada a pegar numa para mim.

Juntos, atravessamos a sala de estar, passando pelo retrato da doutora Adrienne Hale. Começo rapidamente a detestar o quadro. Esta casa já é arrepiante o suficiente sem aqueles olhos verdes a seguirem-me para todo o lado. É um alívio quando chegamos à escadaria, longe do seu olhar.

Pelo menos, é um alívio até começarmos a subir. As escadas serpenteiam pelo que parece ser uma eternidade, e a escadaria é muito escura. Os degraus são íngremes e rangem, quando os nossos pés fazem peso sobre eles, e o som ecoa por toda a escadaria. Agarro-me ao corrimão ornamentado de madeira com uma mão, enquanto, com a outra, procuro o meu marido. Ao encontrar-lhe o braço, agarro-o com força. Não posso acreditar que ele quer *viver* aqui. Parece uma daquelas casas assombradas em que somos obrigados a passar a noite para receber uma herança ou algo assim.

A situação piora ao chegarmos ao patamar do primeiro andar. É evidente que está completamente às escuras.

– Vimos uma luz acesa aqui em cima, não vimos? – Os meus olhos passam freneticamente de porta em porta, cada uma mais escura do que a anterior. – Tenho a certeza de que vimos.

– Talvez fosse o reflexo do luar no vidro.

Fulmino-o com o olhar à luz ténue da janela.

– Então, achas que o luar se refletiu na janela de apenas *um* dos quartos?

– Não sei o que te dizer, Trícia. Não vejo ninguém cá em cima. E as luzes estão todas apagadas.

– Não será melhor verificarmos os quartos?

Fica calado por um momento. Não consigo perceber se está irritado ou com medo.

– Está bem. Vamos verificar os quartos.

O Ethan acende as luzes do corredor, que estão fundidas, com exceção de uma única lâmpada. Mas é quanto basta para tornar o primeiro andar bem menos assustador. Mantém a faca ao seu lado, enquanto abrimos e acendemos a luz de cada quarto. Segundo a descrição no *site* da Judy, há seis quartos no andar de cima, por isso não vou sair daqui até os termos verificado a todos.

Primeiro quarto: vazio.

O mesmo se aplica ao segundo, ao terceiro e ao quarto. Os quartos estão todos completamente silenciosos e às escuras. Quando o Ethan acende as luzes, não vemos ninguém escondido nas sombras. Cada um dos quartos está completamente vazio.

– Não creio que esteja aqui ninguém, Trícia – diz ele, ao fechar a porta.

– Continua a ver – respondo, entre dentes.

Quinto quarto: vazio.

Agora, resta o último quarto. Até agora, os quartos eram todos sensivelmente do mesmo tamanho e estavam decorados de forma bastante impessoal, o que me leva a suspeitar que o último seja o quarto principal. O local onde a doutora Adrienne Hale dormiu, nos meses e anos anteriores ao seu desaparecimento.

Ao dirigirmo-nos à última porta, agarro-me ao braço do Ethan. O meu coração palpita com tanta força, que me faz doer o peito.

– Trícia, as tuas unhas...

Afrouxo ligeiramente o meu aperto no seu braço.

– Desculpa.

Ainda devo estar a cravar-lhe as unhas, mas ele deixa-me fazê-lo. O Ethan

baixa a mão que não segura a faca para o puxador. Silenciosamente, roda-o.

**N**ão está aqui ninguém – anuncia o Ethan.

Prime o interruptor dentro do último quarto, iluminando o espaço. Este quarto é significativamente maior do que os outros e parece ser o quarto principal. Há uma cama *king size* no meio da divisão, com uma cabeceira ornamentada em madeira. A cama está feita, mas, ao estender um dedo para tocar na colcha creme com rebordo vermelho, vejo que também está coberta por uma camada espessa de pó.

– Ninguém. – Abre a porta da casa de banho e espreita para o interior. – Nem escondido na casa de banho.

– Estou a ver.

O Ethan brinca com o cabo da faca.

– Estás satisfeita, então? Ou queres que verifique debaixo da cama?

Não preciso que veja debaixo da cama, mas não seria má ideia verificar o roupeiro. Agarro no puxador dourado reluzente de uma porta junto à casa de banho e abro-a. É, como suspeitava, um quarto de vestir – outro luxo que não temos no nosso apartamento em Manhattan.

O amplo roupeiro está cheio de filas de roupa de aspeto caro – vejo etiquetas da *Gucci*, da *Louis Vuitton* e da *Versace*. Sinto o ligeiro resquício de um perfume doce pairar no quarto de vestir, fechado como um túmulo – *Chanel*, creio eu. Passo os dedos pelo tecido de uma camisola branca que está pendurada – é de caxemira.

Mais do que qualquer outra coisa, esta é a prova de que a doutora Adrienne Hale está morta. Nenhuma mulher deixaria voluntariamente a sua casa sem levar consigo esta camisola deslumbrante.

– Satisfeita, Tricia?

Afasto os dedos da camisola de caxemira.

– Não percebo. Porque estava a luz acesa?

– Talvez fosse uma lâmpada que se fundiu...

Abano a cabeça.

– Não é possível. Ligámos as luzes de cima e vimos que estão todas a funcionar na perfeição.

– Talvez fosse algum candeeiro.

Lanço-lhe um olhar.

O Ethan ergue as mãos.

– Não sei o que queres que te diga. Verificámos todos os quartos. Procurámos no roupeiro. *Não está aqui ninguém.*

Não posso contestar. É verdade que verificámos todos os quartos e fomos o mais meticolosos possível. Se estiver aqui alguém, não quer que o encontremos. Talvez seja melhor que não o façamos.

– Está bem – digo. – Vamos jantar.

Ainda assim, se dormirmos num dos quartos esta noite, vou trancar a porta, com toda a certeza. Talvez tenha de a barricar.

Descemos novamente as escadas em espiral até ao rés-do-chão, mas ainda não me sinto muito segura em relação a nada. Na verdade, sinto-me até mais ansiosa. Tenho a certeza de que vi uma luz acesa do exterior da casa. É profundamente inquietante que nenhuma das luzes do andar de cima esteja acesa. Não sei como é que o Ethan não está mais perturbado com isso. Talvez apenas disfarce bem.

Depois de regressarmos ao piso de baixo, reparo numa sala lateral mesmo junto à escadaria, com a porta entreaberta. Bato na porta, abrindo-a totalmente, e solto um ligeiro arquejo. O Ethan para bruscamente.

– O que se passa? – pergunta.

Espreito para a nova divisão. Como muitos dos espaços da casa, é enorme. E, tal como na sala de estar, as paredes estão repletas de estantes, todas a abarrotar de livros. Acho que nunca vi tantos livros na minha vida. Junto à janela ao canto, está uma grande secretária de mogno, com um computador de secretária poeirento por cima, e uma cadeira de cabedal. A última peça de mobiliário da divisão é um grande sofá de cabedal. É evidente que a doutora Adrienne Hale adorava móveis de cabedal.

– Devia ser o escritório dela – murmuro.

O Ethan olha em volta, com uma expressão apreciativa no rosto.

– Quando vivermos aqui, posso fazer desta divisão o *meu* escritório.

– Hã... – Não quero estragar-lhe as ilusões ao dizer-lhe que, neste momento, não estou minimamente disposta a pensar viver nesta casa. Quando mais não seja porque terei sempre pavor de que esteja um estranho escondido num dos recantos escuros do primeiro andar. – Claro.

– Não teria de mudar quase nada. – Com uma mão, faz força sobre o sofá, testando a qualidade. – Bem, teria de me livrar de todos os livros. Mas, tirando isso, é perfeito.

– Sim. Perfeito. – Nem morta vivia aqui.

O Ethan inclina-se e dá-me um beijo na face.

– Vou acabar de fazer as sanduíches. Podes ficar a explorar a biblioteca.

Antes que eu tenha oportunidade de protestar, já ele saiu de volta à cozinha. Quero segui-lo, mas sinto as pernas paralisadas. Este escritório. Dá-me ainda mais arrepios do que o resto da casa.

Era aqui que ela trabalhava. Quase de certeza que estive nesta divisão no dia em que desapareceu. Este espaço parece ainda mais assombrado pela sua presença do que o quarto principal.

Dirijo-me à secretária de mogno. Está bastante pó nesta divisão, mas menos do que na sala de estar. A secretária e as teclas do computador têm apenas uma fina camada. Tiro um lenço de papel de uma caixa em cima da secretária e passo-o pelo monitor desligado do computador. Em seguida, limpo o pó da cadeira de cabedal.

Sento-me, e a cadeira range de forma ameaçadora com o meu peso. Terá sido aqui que a doutora Hale escreveu *Anatomia do Medo*? Durante uns tempos, pareceu que toda a gente no país o tinha lido. Era o livro da moda. Mas a psiquiatra nunca teve a oportunidade de desfrutar do sucesso, pois desapareceu misteriosamente pouco após o lançamento.

Estudo o conteúdo da secretária. Tem um estojo em forma de um cérebro humano, carregado de esferográficas. O teclado é um daqueles ergonómicos, curvado de forma a pousar as mãos numa posição mais natural. Um outro objeto em cima da secretária chama-me a atenção.

É um gravador de cassetes.

Há muitos anos que não via um aparelho destes. Lembro-me vagamente de os meus pais terem um quando eu era pequena, mas mais nada. É uma tecnologia que caiu em desuso. Sopro o pó do gravador e pego-lhe, curiosa por saber o que estava a doutora Hale a ouvir antes do seu desaparecimento.

Mas está vazio. Claro. A polícia deverá ter levado qualquer cassette que aqui estivesse, como prova.

– Trícia! As sanduíches estão prontas!

A voz do Ethan soa pelo corredor até ao escritório. Pouso o gravador de cassetes na secretária e deixo a divisão para me juntar a ele.

## ANTES

É extremamente raro um profissional de saúde mental ser assassinado por um dos pacientes.

Acontece cerca de uma vez por ano neste país. Na maioria dos casos, as vítimas são assistentes sociais jovens do sexo feminino. A maior parte dos homicídios dá-se enquanto as vítimas estão de visita a centros residenciais de tratamento. Os autores mais prováveis dos crimes são homens com esquizofrenia.

A maioria das vítimas é morta a tiro.

Um psiquiatra que raramente visita pacientes em regime de internamento não está imune a um ataque desse género. A qualquer momento, durante uma sessão, um dos meus pacientes podia levantar-se, agarrar num abre-cartas em cima da minha secretária e espetar-mo no olho. Mas o risco é relativamente baixo. Ainda que receba pacientes em minha casa – algo que várias pessoas me dizem ser um erro –, sinto-me segura.

Além disso, não tenho nenhum abre-cartas na minha secretária. Isso seria demasiado arriscado.

Tomo também uma outra precaução: aprovo pessoalmente cada paciente que aceito para tratamento. Recuso-me a aceitar pacientes com os quais não me sinta confortável.

Existe apenas uma exceção. Mas resolver-se-á em breve.

Neste momento, enquanto estou sentada ao meu computador, a responder a *e-mails*, a minha mente não está nos meus pacientes. Estou a compor uma resposta à mensagem que recebi ontem da minha antiga agente, a Paige.

Querida Adrienne,

Fiquei chocada e triste ao saber que queria trabalhar com outro agente da

empresa no próximo projeto. Além de ser uma escritora incrível, tinha-a como uma das minhas amigas mais próximas. Trabalhei imenso para potencializar o seu talento ao longo destes últimos anos. Pode dizer-me, por favor, o que fiz para a ofender? Farei tudo o que puder para o corrigir.

A sua amiga,

Paige

Preciso de me esforçar bastante para não revirar os olhos ao *e-mail* da Paige. Não somos amigas – longe disso. Sou uma psiquiatra e psicoterapeuta experiente. Acreditará ela sinceramente que as lisonjas falsas e o excesso de familiaridade a farão cair nas minhas boas graças? E de que forma *potencializou* ela o meu talento, fora a parte de ficar com 15 por cento de todos os meus lucros?

A melhor parte de ser uma autora *bestseller* é que não tenho de dar explicações a pessoas como a Paige. Sou eu quem dita as regras – e o meu contrato é com a editora, não com a Paige. Por isso, a resposta que escrevo à minha antiga agente é extremamente concisa.

Paige,

Temo que simplesmente já não me pareça ser uma boa opção para mim.

Desejo-lhe a melhor das sortes.

Com os melhores cumprimentos,

Adrienne Hale, médica doutorada

Ao enviar o *e-mail*, pergunto-me como irá a Paige reagir. Aceitará que já não a quero como minha agente e saberá lidar com a rejeição de bom grado? Ou terei de me preocupar que apareça com o *Audi* em Westchester para me implorar de joelhos que a aceite de volta? Suspeito que será a última opção.

Os seres humanos não lidam bem com a rejeição. Quando os nossos antepassados eram caçadores-coletores, ser ostracizado de uma tribo equivalia a uma sentença de morte. Por essa razão, a rejeição é experienciada pelos seres humanos como incrivelmente dolorosa. Segundo estudos realizados com recurso a ressonâncias magnéticas funcionais, a rejeição ativa as mesmas áreas do cérebro que uma dor física concreta.

Algumas pessoas lidam melhor com a rejeição do que outras. A Paige não vai lidar bem. Já consigo ver a situação a desenrolar-se. Mas não importa. Quando tomo uma decisão, nunca volto atrás.

Surge uma nova mensagem na minha caixa de entrada. A remetente é uma

mulher chamada Susan Jamison – um nome que me é muito familiar. Clico na mensagem, já ciente do que é provável que diga.

Doutora Hale,

Agradeço o trabalho que tentou fazer com o meu filho, mas sinto que ele não está a fazer quaisquer progressos. Como lhe disse há dois meses, não lhe vou pagar mais sessões. Lamento que ele não a tenha indemnizado com a mesada, mas devo insistir que não vou financiar mais nenhuma das sessões de terapia. Lamento se presumiu o contrário.

Cumprimentos,

Susan

Desvio o olhar do ecrã do computador para o gravador de cassetes em cima da minha secretária. Desde que comecei a fazer sessões de terapia em minha casa, tenho vindo a gravá-las todas. Peço autorização a todos os pacientes antes das sessões, mas gravo-as mesmo quando me dizem que não.

Acho as gravações das sessões de terapia extremamente úteis. Sim, podia tomar notas, como fazem muitos médicos, mas corria o risco de serem imprecisas. As gravações não mentem.

Atualmente, uso as gravações para refrescar a memória, mas imagino que um dia, no final da minha carreira, poderei ouvir as cassetes e utilizá-las para escrever um livro de memórias sobre as minhas experiências.

Mas não neste momento. Nem nas próximas décadas. Ainda me restam muitos, muitos anos de carreira.

Nas caixas das cassetes de cada paciente, escrevo as suas iniciais, o número da sessão e a data. A caixa que tenho de momento ao lado do gravador diz «EJ n.º 136» e tem a data de ontem.

O EJ é o filho da Susan. Pediu-me para trabalhar com ele há cerca de dois anos, afirmando que ele perdera o «rumo na vida». Ao fim de uma sessão, tinha diagnosticado o EJ com perturbação de personalidade narcisista. As características deste diagnóstico incluem um padrão a longo prazo de arrogância exacerbada, ânsia de admiração e deficiências de empatia.

Primo o botão de reprodução do gravador e oiço uma vez mais a sessão de ontem:

*«Como correu a entrevista de emprego?»*

*Oh, correu lindamente. Adoraram-me. De certeza que me vão implorar que vá trabalhar para lá. Mas, sinceramente, não creio que consiga. Todos os funcionários pareceram tão estúpidos. Não creio que consiga ir trabalhar numa empresa em que estarei*

*o dia inteiro rodeado por estupidez.»*

Mal conheci este homem, senti uma aversão imediata por ele. Mas já tinha estado com a Susan e tinha aceitado fazer uma consulta ao seu filho. Ponderei dizer-lhe que não, mas tinha-lhe dado a minha palavra. E acreditava realmente que o podia ajudar.

Infelizmente, já não acredito nisso. Não posso ajudar este homem. Não tem a menor perceção dos seus defeitos, e nunca terá. Não tem qualquer desejo de mudar. Agora que a mãe já não me está a pagar, tenho pretextos de sobra para pôr termo às nossas sessões.

Nunca mais terei de o voltar a ver.

## PRESENTE

**U**ma sanduíche de mortadela com maionese em pão branco não é propriamente o melhor jantar que já comi na vida, mas tira-me a fome e fico apenas ligeiramente enjoada. Apesar de o Ethan ser bastante elitista no que toca à comida e tentar sempre reservar mesa apenas nos restaurantes mais novos e populares, despacha a sanduíche de mortadela sem se queixar.

– Sentes-te melhor agora que comeste? – pergunta-me ele.

– Sim – minto. Comer uma sanduíche de mortadela fria não me fez esquecer que pode haver um desconhecido à espreita no andar de cima da casa.

– Ótimo. – Pega-me na mão por cima da mesa. A minha está gelada, mas a sua está surpreendentemente quente. – Credo, Tricia. Pareces uma pedra de gelo!

Não sei do que estava ele à espera. A temperatura lá fora está muito abaixo de zero e não há aquecimento nesta casa. Conti-nuamos os dois de casaco.

– Pois...

– Fazemos assim. – Levanta-se da cadeira e, automaticamente, recolhe os nossos pratos da mesa para a limpar. A mãe ensinou-o bem.

Pena nunca ter tido oportunidade de a conhecer. – Deixa-me tratar do aquecimento. Se temos eletricidade, aposto que o conseguimos ligar.

– Isso seria ótimo. – Recolho os dois copos de água da mesa e sigo-o até à cozinha, fazendo também a minha parte. – És o melhor marido de sempre.

O rosto do Ethan ilumina-se. Larga os pratos na bancada da cozinha e estende os braços para mim. É desconfortável, visto que estamos os dois de casaco, mas adoro o calor do seu hálito quando me beija.

– É fácil ser o melhor marido de sempre quando tenho a melhor mulher de sempre.

Apesar de ser tão atraente, o Ethan nunca foi muito mulherengo. No dia em que nos conhecemos, na cafetaria, fui eu a dar o primeiro passo. Não teve muitas namoradas antes de mim nem tem muitos amigos. Algumas das minhas amigas avisaram-me de que podia ser um sinal de alerta, mas fico tão feliz por ele não ter tido um monte de namoradas antes de mim nem ter um melhor amigo com quem competir pela sua atenção. Sempre sonhei ser a melhor amiga do meu marido.

Espero que ele continue a sentir o mesmo depois do que eu tenho para lhe contar este fim de semana. Tenho um pressentimento horrível de que a conversa não vai correr bem.

Como tudo o resto na casa, a casa de banho do rés-do-chão parece estar escondida e é difícil de encontrar. Localizo-a finalmente debaixo da escadaria em espiral. Dada a localização, não consigo evitar pensar que, se estivesse alguém nas escadas, poderia cair pelo teto da casa de banho. Resta-me esperar que a casa tenha sido bem construída.

A casa de banho é grande, mas pitoresca. A banheira é de estilo antigo, com pés, e tem manípulos diferentes para a água quente e a fria. Passo um pedaço de papel higiénico molhado pelo espelho por cima do lavatório, limpando o pó, para poder ver o meu reflexo claramente pela primeira vez desde que chegámos a esta casa.

Uau. Não pareço nada bem.

O meu cabelo é louro, com madeixas cor de mel, e costumo ondulá-lo com um ferro de encaracolar. Neste momento, no entanto, ainda está húmido e escuro da neve, e todas as ondas foram destruídas. Tenho madeixas coladas à testa e à face. Os meus lábios estão pálidos, quase azuis, e o meu rosto está branco como a cal. Tiro um batom da minha mala e aplico um pouco. Pronto, assim está um pouco melhor. Tento beliscar as faces, para devolver um pouco de cor ao meu rosto, mas só me deixa a pele às manchas, por isso paro.

Seja como for, só aqui estamos eu e o Ethan. Sim, quero estar no meu melhor para o meu marido, mas já estamos casados há seis meses. Ele compreende que não posso estar absolutamente perfeita o tempo todo. Quer dizer, de certeza que compreende isso. Apesar de ele estar sempre perfeito, sendo até frustrante.

Ao sair da casa de banho, avisto mais uma estante escondida atrás da escadaria. Caramba, a doutora Adrienne Hale gostava realmente de livros. A maioria das estantes na casa parece conter material relacionado com psiquiatria

ou psicologia. Tudo coisas sobre a mente humana. Mas esta estante é diferente. Está cheia de romances de bolso – prazeres secretos.

Perscruto as filas de livros, procurando algum com que me possa entreter, para o caso de ficarmos aqui presos durante muito mais tempo. Tento imaginar a psiquiatra dos olhos verdes intensos enroscada a ler um romance de Danielle Steel. Não consigo. Também não sou lá muito fã de livros românticos. Vejo alguns livros de Stephen King que fazem mais o meu género nas estantes. São livros longos e envolventes.

Já li todos os livros de Stephen King que encontro nas suas estantes, mas não me importaria de reler alguns clássicos. De qualquer forma, não vou ficar aqui tempo suficiente para chegar ao fim de nenhum livro, por isso não adianta começar um novo. Primeiro, pego no exemplar de *A Coisa*, mas quase torço o pulso ao tirá-lo da estante – é capaz de ser grande demais, se só passarmos aqui uma noite. Finalmente, opto por *A Luz* – um dos meus favoritos – e tento puxar o livro para fora, para o tirar da prateleira.

O problema é que não sai.

Puxo mais pelo livro, mas só a parte de cima se solta. A parte de baixo parece estar presa. Ao mover a parte superior do livro, oiço um estalido forte. A estante move-se ligeiramente.

Que raio...?

Espreito por cima do ombro. Não vejo o Ethan em lado nenhum. Ainda deve estar a mexer no aquecimento. Espreito pela lateral da estante – está afastada da parede. Quando a puxo, afastando-a da parede, uma porta oculta abre-se para fora, na minha direção. Pestanejo algumas vezes, sem conseguir acreditar no que vejo.

É uma sala secreta.

O interior da sala está completamente às escuras. Parece uma divisão pequena, mais ou menos do tamanho do quarto de vestir no andar de cima. Semicerro os olhos no espaço escuro, tentando fazer com que a minha visão se ajuste.

Dou mais um passo, mas sinto algo a atingir-me no rosto. Inicialmente, penso que deve ser uma teia de aranha, mas depois apercebo-me de que é um cordão. Por um momento, tateio em redor, tentando agarrá-lo. Nesse instante, o meu dedo estabelece contacto com o objeto. Puxo o cordão e oiço outro estalido, acendendo uma única lâmpada que ilumina a divisão.

Os meus olhos esbugalham-se ao assimilar o conteúdo da sala.

Estava certa quanto à dimensão do espaço. Parte de mim tinha medo de encontrar um cadáver escondido aqui dentro, mas não. A sala está cheia de mais estantes – enfiadas em todos os espaços disponíveis. Só que estas estantes não contêm livros.

Estão repletas de cassetes.

Devem ser – meu Deus, nem sei – *milhares*. Estão todas catalogadas da mesma forma: um conjunto de iniciais seguido por um número e depois por uma data. As datas parecem recuar quase dez anos, e há dezenas de iniciais diferentes. A fila à minha frente está identificada com as iniciais PL. São as mesmas iniciais da figura principal do estrondoso êxito de vendas da doutora Hale, *Anatomia do Medo*. Poderá tratar-se da mesma pessoa? Serão cassetes das sessões privadas de PL?

Uma das cassetes está rotulada de forma diferente das restantes. Está encaixada ao fundo de uma das filas e tem apenas uma palavra em letras maiúsculas:

LUKE

O nome puxa-me vagamente pela memória. *Luke*. Seria o nome do namorado que julgavam ter assassinado a doutora Adrienne Hale? Já se passaram anos desde que o caso esteve plasmado na primeira página de todos os jornais e canais

de notícias. *O desaparecimento da doutora Adrienne Hale.*

Pergunto-me se a polícia sabia desta sala secreta.

Oiço o Ethan chamar o meu nome vagamente. Já deve ter posto o aquecimento a funcionar. De certeza que se está a interrogar sobre porque estou há tanto tempo na casa de banho. Não tenho fama de ser *rápida* na casa de banho, mas isto é lento até mesmo para mim.

– Só um minuto! – grito.

Num impulso, tiro uma das muitas cassetes com as iniciais PL de uma das prateleiras e enfió-a no bolso do casaco. Em seguida, puxo o cordão suspenso do teto, deixando a sala mergulhada novamente na escuridão. Quando saio da divisão, ao empurrar a estante de volta para o lugar, oiço um estalido tranquilizador. Ao recuar, nem me parece que a sala secreta existe.

Apresso-me a regressar à sala de estar, onde vejo o Ethan de pé, diante do sofá. Tem um sorriso de orelha a orelha e uma garrafa de vinho na mão direita.

– Consegui pôr o aquecimento a funcionar!

Estremeço.

– Continua um gelo aqui dentro.

– Pois, vai demorar algum tempo a aquecer um espaço tão gigantesco. – Aponta para a enorme sala de estar com um aceno de cabeça notório. Gostaria de lhe salientar que, se nos mudarmos para aqui, as contas do aquecimento serão astronómicas, mas o Ethan tem dinheiro que chegue da família para não se preocupar com esse tipo de coisas. – Encontraste a casa de banho?

– Sim.

Enfió a mão direita no bolso fundo do meu casaco e sinto a forma retangular da cassete. Este seria o momento certo para lhe falar da minha descoberta. Não há razão para não lhe dizer.

Mas ele não deve querer que eu oiça estas cassetes. Dir-me-á que não são da minha conta – queixa-se sempre de que sou muito cusca. Mas eu não sou cusca – tenho apenas uma *curiosidade* natural. Será isso assim tão estranho?

– Olha! – O Ethan ergue a garrafa de vinho cor de sangue. – Encontrei isto para nos aquecermos entretanto.

– Oh!

Baixa a garrafa para ler o rótulo.

– É um *cabernet sauvignon*. É de... Stellenbosch, na África do Sul.

– Um vinho da África do Sul?

– Oh, sim. Há muitos bons *cabernets* na África do Sul.

O Ethan deve saber do que fala, pois percebe um pouco de vinhos. Sabe

sempre dizer que regiões são melhores para que tipos de vinho, que notas doces ou ácidas procurar e que comida combina melhor com cada um. A maioria das vezes, limito-me a acenar e a fingir que sei do que está a falar.

– Então... – digo. – Roubaste uma garrafa de vinho?

– Não é nenhum vinho *incrível* – responde ele, à defesa. Não sei se é verdade, mas sei que o Ethan não está disposto a beber nenhum vinho rasca, pelo que deve ser, no mínimo, decente. O seu vinho favorito é o *Cheval Blanc*. – E, seja como for, a culpa é da Judy, por nos convidar para vir aqui no meio de uma tempestade de neve e nem sequer aparecer. Precisamos de algo com que nos entreter.

– De certeza que a Judy não se apercebeu de que ia haver uma tempestade de neve – digo. É demasiado tarde para o contrariar. O Ethan já está a servir o vinho em dois copos que pôs na mesa de centro em frente à lareira.

Sento-me ao seu lado, no sofá modular. O Ethan pega num dos copos, cheio quase até à borda de líquido vermelho-escuro, e eu faço o mesmo, relutantemente. Ele inclina o copo para o meu.

– Ao nosso novo lar – brinda.

Oh, meu Deus!

O Ethan bebe um longo gole do seu copo de vinho, enquanto eu contemplo o que fazer com o meu. Não posso beber isto. Talvez possa beber apenas um gole ou dois, mas não este copo de vinho inteiro. Mas não posso dizer a razão ao Ethan, porque ele não sabe que estou grávida.

É verdade. Estou à espera de bebé.

Passaram duas semanas desde que o meu período não veio, e pouco mais de uma desde que fiz chichi num pauzinho, no qual apareceram duas linhas rosa que iriam mudar toda a nossa vida.

Apavora-me contar-lhe o meu pequeno segredo. Antes de casarmos, decidimos que queríamos ter filhos. Eu tenho uma irmã, mas o Ethan é filho único, e os seus pais já morreram, pelo que estávamos ambos de acordo com a ideia de criar a nossa própria família. Mas tínhamos combinado que não teríamos filhos no futuro próximo. Somos relativamente jovens e queríamos a oportunidade de viajar juntos, de desfrutar um do outro por alguns anos, antes de juntarmos um bebé à mistura. Dois anos, no mínimo, antes de *começarmos* sequer a tentar – foi isso que decidimos.

Agora, aqui estou eu, seis curtos meses após o nosso casamento, com um bebé a caminho.

A culpa não foi minha. Tomo a pílula anticoncepcional religiosamente. Até

tenho um alarme programado no meu telemóvel para não me esquecer de a tomar. Mas tive uma infeção respiratória no mês passado e precisei de tomar antibióticos, que me deram quando fui às Urgências. Ao que parece, isso fez com que a minha pílula deixasse de funcionar. Quem diria?

Estou absolutamente aterrorizada com a ideia de dizer ao Ethan. Esperar para termos filhos era algo importante para ele. Queria que tivéssemos este tempo para nós. Sinto que arruinei todos os seus planos, e não tenho a certeza de como ele o irá encarar. Nada bem, calculo.

O Ethan tem um temperamento difícil. Nunca descarregou em mim, mas já o vi em ação. É o diretor-executivo de uma pequena empresa que começou a conquistar terreno recentemente. Uma vez, ouvi-o ao telefone depois de um dos seus funcionários ter feito uma asneira qualquer. Fiquei boquiaberta com a forma como ele gritava com o pobre homem ao telefone. Não fazia ideia de que fosse capaz de tal coisa. Foi a lembrança preocupante de que só conheço o meu marido há pouco mais de um ano. Ainda não sei como é exatamente.

É por isso que tenho vindo a guardar este segredo durante a última semana e meia. Sei que tenho de lhe dizer em breve, mas temo fazê-lo com cada fibra do meu ser. Não quero que ele grite comigo como fez com aquele homem ao telefone. Será o fim oficial da nossa fase de lua de mel.

Pergunto-me se este será o momento certo. O Ethan acabou de conseguir pôr o aquecimento a trabalhar, está empolgado com a perspectiva de comprar esta casa (ainda que não haja qualquer hipótese de vivermos realmente aqui, no que me diz respeito) e tem um copo de vinho na mão. Está a olhar para mim, expectante, para saber o que acho do vinho.

Devia dizer-lhe neste momento. Faz sentido.

Mas não digo.

Em vez disso, inclino o copo de *cabernet* na boca e deixo-o humedecer-me ligeiramente a língua. Em seguida, lambo os lábios.

– Mmm. Delicioso.

– Consegues sentir a nota de mentol?

– Eu... sim.

O Ethan bebe outro longo gole do seu copo de vinho, enquanto eu finjo beber outro do meu. Deixo que ele me pegue na mão.

– É agradável isto – suspira.

– Mmm.

– Consigo imaginar-nos a viver aqui. – Aperta-me a mão, enquanto os seus olhos azuis se tornam distantes. – A saborear uma garrafa de vinho juntos, de

um *bom* vinho, com a lareira a crepitar e a manter-nos quentes.

– Talvez alguns miúdos à nossa volta – acrescento, observando a sua reação.

Ele ri-se.

– Talvez daqui a alguns anos.

Bem, pelo menos não se passou *por completo* com a ideia. Suponho que seria esperar demasiado se ele dissesse imediatamente *Sim! Mudei completamente de ideias! Vamos engravidar agora mesmo!*, ao ouvir-me falar em crianças.

Chega-se mais para junto de mim e passa-me um braço pelos ombros, puxando-me mais para si, e dando-me uma desculpa para pousar o copo de vinho na mesa de centro. É muito agradável e aconchegante estar aqui aninhada com ele no sofá. Talvez esta casa não seja assim tão má. Ele parece adorá-la. Se decidir viver aqui, poderá suavizar o golpe da minha gravidez surpresa.

Mas nesse momento olho para a lareira. Para o retrato da doutora Adrienne Hale. Parece que está a olhar para nós com aqueles penetrantes olhos verdes, o seu cabelo um fogo intenso a rodear-lhe o rosto. Estremeço.

– Ainda tens frio? – murmura o Ethan contra os meus cabelos.

– Não...

Segue-me o olhar até ao retrato pendurado na parede. Os seus olhos ensombram-se como da primeira vez que o viu.

Sorrio timidamente.

– Desculpa. É só que me dá arrepios.

– Sim, também o odeio. – Um músculo contrai-se no seu maxilar. – Vou tratar disso.

– O quê?

Antes que lhe possa perguntar o que vai fazer, o Ethan salta do sofá e dirige-se, determinado, à lareira. Agarra na moldura de madeira pesada do retrato e solta-a da parede. Baixa o quadro para o chão e, após um momento de hesitação, encosta-o à parede, de costas para nós.

– Ethan. – Junto as mãos, subitamente suadas. – Não podes fazer isso.

– Porque não? Ponho-o no sítio antes de partirmos. Não é como se *ela* se fosse importar.

Olho para o espaço por cima da lareira, incapaz de expressar a apreensão que sinto no estômago. Aqui estamos nós, a passar a noite em casa da doutora Adrienne Hale, a beber o seu vinho e agora também mexemos no seu retrato na parede. Para não falar que surripiei uma das cassetes da sua sala secreta. Não acredito em fantasmas, mas, se acreditasse, penso que o da doutora Adrienne

Hale estaria *furioso* neste momento.

Mas o Ethan não parece incomodado, agora que tirou o retrato da parede e o pôs de costas para nós. Volta a sentar-se ao meu lado no sofá e puxa o botão de cima do meu casaco de lã.

– Achas que está calor que chegue para tirares isto?

A divisão aqueceu bastante na última meia hora. Deixo-o desapertar os botões do meu casaco. Depois de o fazer, beija-me o pescoço. Geralmente, é o meu ponto fraco – fico desvairada. Mas neste momento não sinto nada.

– Devíamos estrear a nossa nova casa – murmura ele, no meu pescoço.

Beijo-o, tentando invocar algum entusiasmo, enquanto ele se atrapalha com o botão das minhas calças de ganga. Mas não consigo aproveitar o momento como habitualmente. Mesmo com o retrato virado ao contrário, continuo a sentir os olhos verdes da doutora Hale a trespassar-me.

**B**em, estreámos a casa. Esta pode não ser a *nossa* casa nova, mas estreámos a casa de *alguém*.

Previsivelmente, o Ethan está bem-disposto quando terminamos. Por mais vezes que façamos sexo, continua a agir como se fosse a melhor coisa do mundo e não pudesse acreditar que teve a sorte de estar comigo. É querido. Ele é um homem querido. As minhas amigas estavam completamente erradas em relação aos sinais de alerta. Não é perfeito, claro, mas quem é?

Talvez este seja o momento certo para lhe dizer do bebé. Está de excelente humor, está empolgado com a casa – como pode haver melhor altura?

– Estás muito calada – observa ele, apertando o fecho das calças caqui.

– Estou?

– Sim. Pareces pensativa.

Os meus lábios curvam-se.

– Pensativa?

– Como se tivesses alguma coisa a incomodar-te.

É este o momento. Podia dizer-lhe. Talvez não se importe. Afinal, ele quer filhos *um dia*. Não, não é propriamente o calendário que planeámos. Mas estas coisas acontecem. Não podemos controlar.

Abro a boca, pronta para dizer as palavras. *Estou grávida, Ethan*. Mas não saem. E eu não sei bem porquê.

Talvez esteja relutante em dar-lhe uma notícia surpreendente e possivelmente perturbadora, enquanto estamos presos numa casa isolada, só os dois, onde ninguém nos pode ouvir e não há forma de sair.

Pestanejo, sobressaltada pelos meus pensamentos. Não têm qualquer sentido – deve ser algum tipo de paranoia causada pelas hormonas da gravidez. Sim, preocupa-me que o Ethan não vá ficar completamente radiante com a minha notícia, e sim, ele tem mau feitio. Mas *nunca* me magoaria. Disso tenho a certeza.

– Não está nada a incomodar-me – acabo por dizer. – Estou só um pouco

cansada. – Sorrio-lhe. – Deixaste-me exausta.

O Ethan sorri, orgulhoso de si mesmo. Espreguiça-se, deixando à vista alguns pelos dourados na barriga. O meu marido é tão bonito. Da primeira vez que o vi, achei que era o homem mais perfeito que alguma vez tinha visto. Calculei que, depois de o conhecer e de namorar com ele por algum tempo, notaria cada vez mais as suas imperfeições. É verdade que identifiquei algumas: tem os olhos demasiado juntos; é um pouco baixo, para um homem; e não tem apenas pelos dourados no peito, mas também nas costas.

Mas, estranhamente, essas imperfeições tornam-no ainda mais bonito. Não consigo explicar.

– Importavas-te que eu fosse tomar um duche? – pergunta ele.

– Um duche?

– Sim. A água quente parece estar a funcionar. – Pisca-me o olho. – E fartei-me de transpirar.

– Sim, mas... – Não quero articular o quanto a ideia de ele tomar duche aqui me deixa desconfortável. – Não tens nenhuma muda de roupa.

– Não deixaria de ser bom lavar-me.

Dou voltas ao cérebro, tentando pensar numa boa razão para o convencer a não tomar duche. Não me consigo lembrar de nada lógico.

– Vais usar a casa de banho principal?

– Era esse o plano.

– Mas não te deixa desconfortável? Quer dizer, a última pessoa a usar essa casa de banho foi uma mulher morta.

Encolhe os ombros.

– Suponho que não me importo assim tanto. Já lá vão para aí três anos desde que essa psiquiatra desapareceu. Não é como se tivesse usado a casa de banho ontem.

Devem ser as hormonas da gravidez. De certeza que é isso que me está a fazer sentir tão desconfortável com isto. Não há nenhuma razão para o Ethan não tomar um duche na casa de banho principal.

– Está bem. Eu fico aqui em baixo.

– Claro. Acaba o teu vinho.

Certo. Tenho é de despejar o resto do meu vinho no lava-loiça para ele pensar que o bebi.

Só me lembro da cassete que escondi no bolso do meu casaco ao ver o Ethan desaparecer pela escadaria em espiral. Tinha encontrado o gravador, quando estava no escritório, mas não tinha visto nenhuma cassete para reproduzir. Mas

agora encontrei a mina de ouro. Seguramente, o Ethan não queria que eu ouvisse as cassetes, mas, se vai estar ocupado no duche, posso fazer o que quiser.

Mal o duche começa a correr no andar de cima, retiro a cassette do bolso do meu casaco e regresso ao escritório da doutora Adrienne Hale. O gravador de cassetes está exatamente onde o deixei – na bela secretária de mogno. Sento-me na cadeira de cabedal e examino os botões do gravador poeirento: Gravar, Reproduzir, Rebobinar, Acelerar, Parar/Ejetar e Pausa.

Hesitantemente, primo o botão Parar/Ejetar. O compartimento da cassette abre-se.

Sopro algum do pó do gravador e pego na cassette que encontrei na sala secreta. Ao lado das iniciais PL, está escrito n.º 2, e a data é de há cerca de seis anos. Retiro a cassette da caixa e sacudo-a, introduzindo-a em seguida no compartimento do gravador. Com um movimento rápido, fecho-o.

Não sei se as pilhas do gravador estão a funcionar. É possível que a função de ejetar seja ativada por uma mola ou algo do género. Quanto tempo duram as pilhas se não forem utilizadas? O Ethan deve saber a resposta, mas não queria que estivesse a ouvir estas cassetes, por isso não lhe posso perguntar.

Com o indicador, primo o botão de rebobinar. De imediato, oiço um zunido, enquanto a fita volta ao início. Parece que as pilhas ainda funcionam.

Após cerca de um minuto, ouve-se um estalido, e o processo de rebobinagem para. A cassette está no início. Pronta para eu a ouvir.

O meu dedo fica a pairar sobre o botão de reprodução. Vou realmente fazer isto? Vou mesmo ouvir as sessões privadas que a doutora Adrienne Hale gravou e escondeu num armário secreto?

Sim. Parece que vou.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E**sta é a sessão n.º 2 com PL, uma mulher de vinte e cinco anos com um quadro de stress pós-traumático, na sequência de um incidente extremamente traumatizante a que sobreviveu.

PL: Olá, doutora Hale.

DH: Parece pálida. Por favor... sente-se.

PL: Estou bem. Só... não tenho dormido bem.

DH: Referiu que tem pesadelos durante a sua primeira visita.

PL: Sim. É como se estivesse a reviver tudo. Como se estivesse a acontecer tudo outra vez.

DH: Sei que teve muita dificuldade em falar sobre o assunto na primeira sessão, mas, se se sentir mais confortável comigo desta vez, ajudar-me-ia muito ouvir o que aconteceu nessa noite por palavras suas.

PL: É tão difícil falar sobre isso. É mais fácil falar... de outras coisas.

DH: Mas eu estou aqui para a ajudar. Não a posso ajudar se não souber o que lhe aconteceu.

PL: Sim. Sim, compreendo, mas...

DH: Por favor, tente. Demore o tempo que precisar. Temos a sessão inteira pela frente.

PL: Foi simplesmente... foi a pior noite da minha vida, doutora Hale. Perdi tudo.

DH: Comece só pelo início.

PL: Bem, eu... quer dizer, *nós*... tínhamos arrendado a cabana durante um fim de semana e estávamos tão entusiasmados. Estávamos a divertir-nos tanto, apesar de ter acabado por chover o fim de semana inteiro. Convivemos, assámos *marshmallows* na lareira...

DH: E depois?

PL: Aconteceu depois de eu e o Cody termos ido para a cama. A Megan e a Alexis tinham ido para os seus quartos. Eu dormia profundamente... o ar fresco deixa-me sempre tão cansada e tínhamos bebido uns copos... Mas depois acordei com os gritos.

DH: Sim?

PL: Era o Cody. Estava a gritar ao meu lado na cama e... e tinha o peito coberto de sangue. Acordei e estava um homem por cima dele, com uma faca. Era difícil de ver, porque estava a chover e o céu

estava tão escuro. Não lhe consegui ver a cara, mas vi o cabelo húmido colado à cabeça. E senti-lhe o *cheiro*. Cheirava a cão molhado, mas também algo mais – algo podre.

DH: Parece horrível.

PL: Às vezes, acordo durante a noite e ainda sinto esse cheiro. Sinto-o em todo o lado no meu quarto. Esse cheiro horrível a podre... Oh, meu Deus... [*desata a chorar*]

DH: Está tudo bem. Não faz mal chorar. Está num espaço seguro.

PL: É só que eu... não consigo...

DH: Por favor, tire um lenço.

PL: Não é justo! O Cody e eu íamos casar na semana seguinte. Íamos em lua de mel para as Bermudas. Era suposto passar o resto da minha vida com ele, e agora... agora está enterrado num caixão debaixo da terra. Sempre que penso nisso...

DH: Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

PL: Como? *Como* é que vai ficar tudo bem, doutora Hale?

O homem com quem ia casar está *morto*. As minhas duas melhores amigas estão *mortas*. A minha mãe costumava sempre dizer que, se andasse por aí um maluco num raio de oitenta quilómetros, ele acabaria por me encontrar. Nessa noite, encontrou-me.

Tenho uma cicatriz na barriga que não me permite esquecer-me dele para sempre.

DH: A culpa não foi sua.

PL: Não é justo que eles tenham morrido e eu ainda esteja aqui. Também devia estar morta.

DH: Não diga isso.

PL: É verdade, doutora Hale. Foi o que o médico me disse no hospital. Que podia ter morrido.

DH: Mas não morreu. Sobreviveu. É uma sobrevivente. Podia ter-se esvaído em sangue naquela cabana, mas conseguiu fugir por entre a chuva e a lama e fez sinal a um carro para a ajudar. É por isso que está viva.

PL: Não me sinto uma sobrevivente. Sinto-me um... um caos. Não consigo dormir. Nem consigo manter um emprego.

DH: É por isso que está aqui, para ficar melhor. Isto é apenas o início.

PL: Se o tivessem apanhado, podia seguir em frente. Mas, sempre que fecho os olhos, imagino que ele está à minha janela. A ver-me dormir.

DH: A palavra-chave é «imagino». Ele não está realmente lá.

PL: Não sabe! Sou a única que o consegue identificar. De certeza que me quer matar.

DH: Não pode pensar assim. Está em segurança agora. Se ele a fosse procurar, já o teria feito. Trata-se de um homem impulsivo.

PL: Vou enlouquecer, doutora Hale. Não consigo pensar em mais nada. De cada vez que entro no meu carro, sinto que me está a seguir. Quando vinha para cá, tinha a certeza de que estava no carro atrás de mim.

DH: Mas sabe que isso está tudo na sua cabeça.

PL: Não sei. Nem a doutora. Tanto quanto sabe, ele seguiu-me *mesmo* até aqui. Talvez esteja à espera lá fora neste preciso momento. Talvez nos mate às duas, assim que eu abrir a porta de sua casa.

DH: Sabe quão improvável é?

PL: Eu...

DH: Escute. Não pode deixar que esse psicopata controle a sua vida. Está aqui para ficar melhor. A sua família está preocupada consigo e foi por isso que recomendaram que viesse cá.

PL: Mas não estou a ficar melhor.

DH: Isto é apenas o início. Vai ficar melhor.

PL: Doutora Hale...

DH: Prometo. Vai ficar melhor.

## PRESENTE

**V**ou nos quarenta minutos da cassette, quando me apercebo de que estou aqui em baixo há demasiado tempo. Tal como eu, o Ethan é notoriamente lento na casa de banho, mas até ele já deve ter acabado de tomar duche e de se vestir por esta altura. A qualquer instante, descerá à minha procura.

Perdi a noção do tempo. A voz da doutora Adrienne Hale era simultaneamente hipnótica e poderosa, enquanto aconselhava a jovem paciente cuja história foi incluída em *Anatomia do Medo*, cujos amigos e noivo foram assassinados por um louco numa cabana nos bosques. Quando ela diz *Vai ficar melhor*, é como se fosse a voz de Deus a dizê-lo. Não é de admirar que fosse uma psiquiatra tão respeitada. Não é de admirar que tantas pessoas que se debatiam com traumas graves procurassem a sua ajuda.

De facto, oiço passos cada vez mais altos nas escadas. Ejetto a cassette rapidamente e guardo-a na caixa. Depois, enfio-a numa das gavetas da secretária, segundos antes de o Ethan espreitar com a cabeça para dentro do escritório.

– Aí estás tu!

Forço um sorriso.

– Aqui estou eu.

Inclina a cabeça para o lado.

– Não estavas a bisbilhotar nas gavetas da secretária dela, pois não, Tricia?

– Não, não estava – respondo, dizendo a verdade.

Apresso-me a sair do escritório antes que ele possa tentar perceber o que

estava a fazer. Está mesmo à porta e ainda tem o cabelo molhado do duche. Noto imediatamente que não está a usar a camisa nem as calças que tinha quando saímos do apartamento. Veste umas calças de ganga azuis, enrugadas nos tornozelos, e uma *T-shirt* dos Yankees.

– De onde vieram essas roupas? – pergunto.

– Oh! – O Ethan puxa a gola da *T-shirt* dos Yankees. – Encontrei-as numa das gavetas do quarto. Pendurei a minha camisa e as minhas calças e volto a vesti-las de manhã.

A *T-shirt* e as calças de ganga não pertenciam à doutora Adrienne Hale. São demasiado grandes até para o Ethan, por isso seriam também demasiado grandes para a pequena estatura da psiquiatra. Mas estavam na sua gaveta, portanto calculo que pertencessem ao namorado. Luke.

– Talvez também queiras mudar de roupa antes de ires para a cama – sugere ele. – Há montes de roupa de dormir nas outras gavetas.

O que é pior: usar a roupa de uma mulher morta ou a do homem que a assassinou?

– Deixa estar. Durmo de roupa interior.

– Tu é que sabes. Queres subir?

Olho para o meu relógio. Está a fazer-se tarde. Com a neve ainda a cair intensamente, não temos alternativa a não ser passar aqui a noite. A ideia repugna-me mais do que esperava. Mas tem de ser.

Eu consigo.

– Está bem – digo. – Vamos subir.

Agarro-me ao corrimão, enquanto sigo o Ethan até ao primeiro andar, como se me conduzisse à minha execução. Está tão escuro do lado de fora da janela, que, mesmo com as luzes acesas, a escadaria e os corredores continuam sombrios. Só teríamos boa luminosidade se alguém substituísse todas as lâmpadas. Mas não vamos tratar disso neste momento. Já temos sorte que haja pelo menos alguma luz.

Continuo a seguir o Ethan pelo corredor, mas paro bruscamente ao vê-lo guiar-me ao quarto principal.

– O que estás a fazer?

Ele vira-se e franze-me o sobrolho.

– O que foi? Qual é o problema?

– Não vou dormir nesse quarto.

– Porque não?

– Porque era onde a psiquiatra que morreu dormia!

Os seus ombros descaem.

– Tricia, para de ser tola. O quarto principal é de longe o maior. É lá que vamos dormir quando cá vivermos.

Só por cima do meu cadáver.

– Além disso, é a única cama que está feita – acrescenta ele. – Nem sei onde estão os lençóis e não me apetece ir procurá-los. Estou cansado e só quero dormir. Não estás cansada?

Uma vaga de exaustão abate-se sobre mim do nada. Tem vindo a acontecer-me cada vez mais nos últimos tempos. À noite, subitamente, sinto-me quase assoberbada de cansaço. Suponho que seja por o meu corpo estar a desenvolver toda uma pessoa.

Seja como for, acedo – não me apetece ir à procura do armário dos lençóis e fazer uma cama.

– Tudo bem – digo. – Podemos dormir no quarto principal.

Uma vez no interior, a primeira coisa que faço é tentar trancar a porta. Depois de ver aquela luz misteriosa no andar de cima, não creio que vá conseguir dormir sem trancar a porta. Infelizmente, não é assim tão simples.

– O que estás a fazer? – pergunta o Ethan, junto à cama. Despiu as calças de ganga, mas continua com a *T-shirt* dos Yankees.

– Quero trancar a porta.

– Acho que não tranca.

Viro a cabeça para lhe lançar um olhar fulminante.

– Que quarto não tem uma fechadura na porta?

– Não sei, Tricia. – Oiço alguma exasperação na sua voz. – Estamos no meio do nada, e ela vivia sozinha. Para que precisaria de uma fechadura na porta do quarto, quando já tinha uma na porta da frente?

Se calhar para o caso de precisar de impedir alguém que estivesse a tentar entrar em sua casa, enquanto pedia ajuda? E, por falar em pedir ajuda, não vi nenhum telefone fixo nesta casa. Hoje em dia, a maioria das pessoas utiliza telemóveis, mas, dado que a rede aqui é terrível, parece razoável que pudesse ter um fixo, só por razões de segurança. Mas não vi nenhum.

Afasto-me da porta do quarto, observando-a, demasiado nervosa para desviar os olhos.

– Como vamos sair daqui amanhã?

O Ethan ajeita-se na cama.

– Esperamos que tenhamos rede nos telemóveis, depois de a tempestade passar.

– E se não tivermos?

– Tenho a certeza de que alguém nos contactará em breve. – Gostaria de sentir a confiança que oigo transbordar na sua voz. – A Judy sabe que estamos aqui. Pode estar agora mesmo a tentar contactar-nos. E, claro, a tua mãe virá à nossa procura se não tiver notícias tuas por mais de vinte e quatro horas.

– Isso não é verdade.

– Oh, vá lá. Sabes que é, Tricia. – Dá uma palmadinha no lado vazio da cama.

– A tua família ama-te. Não há nada de errado nisso.

Felizmente, o Ethan não tem ciúmes da relação que tenho com os meus pais e a minha irmã. Somos bastante próximos, e é verdade que falo com a minha mãe quase todos os dias. Os pais do Ethan morreram ambos, bem antes de começarmos a namorar. Tiveram algum tipo de acidente, mas ele não gosta de falar nisso – fecha-se ante a menor referência ao assunto. O nosso casamento foi bastante pequeno. Dos trinta convidados que apareceram, só cinco eram do lado do Ethan – todos amigos, ninguém da família. Enquanto eu tive de me esforçar para restringir a minha lista de convidados, ele pareceu ter dificuldade em arranjar cinco pessoas.

Não que seja vergonhoso querer apenas cinco pessoas no casamento. Sinceramente, teria ficado mais feliz se a minha mãe não tivesse convidado a Debbie, a sua prima amargurada, nem o Bob, o cunhado bêbedo do meu pai.

Apago a luz e deixo-me cair do lado direito da cama. É o mesmo lado em que durmo na nossa cama em casa. É curioso como cada um de nós escolheu um lado da cama para dormir. Já não conseguiríamos dormir do lado oposto. Apesar de só estarmos juntos há pouco mais de um ano, estes hábitos já se tornaram enraizados.

Quando o Ethan enrosca o seu corpo em torno do meu, a sua respiração torna-se imediatamente mais profunda. Não sei como consegue estar tão relaxado nesta casa. Geralmente, sinto-me quente e segura nos seus braços, mas, neste momento, não consigo. Não me sinto de todo segura.

São três da manhã, e estou completamente acordada. A dada altura, adormeci. Depois de nos deitarmos, andei às voltas na cama sem conseguir adormecer, e o Ethan acabou por ir lá abaixo buscar-me um copo de água, insistindo que me faria sentir melhor. De alguma forma, ajudou, e acabei por adormecer, mas acordei passadas duas horas, com vontade de fazer chichi.

Desde que descobri que estou grávida, ando a correr para a casa de banho de hora a hora. Pensava que só acontecia no final da gravidez, mas parece que estou adiantada. O Ethan até fez um comentário sobre isso há alguns dias, mas não lhe pude dizer o porquê.

Esvaziei a bexiga há apenas vinte minutos, mas continuo sem conseguir adormecer. Rodo a cabeça para olhar para o Ethan, que ressona baixinho ao meu lado. Parece estar a ter uma excelente noite de sono nesta casa assombrada. Não sei o que se passa com ele.

Saio da cama, fazendo ranger ligeiramente as molas do colchão, mas não o suficiente para acordar o meu marido. Dirijo-me à janela fixa do outro lado do quarto e olho para o exterior.

O relvado em frente à casa está completamente coberto de neve – deve ter, no mínimo, sessenta centímetros. Todas as árvores estão cobertas de branco. Não vamos a lado nenhum no *BMW* do Ethan no futuro próximo. A melhor hipótese de conseguirmos partir é se a rede móvel regressar.

Apercebo-me de que tentar dormir é um caso perdido, portanto decido descer. Mas está demasiado frio para ir lá abaixo em roupa interior. Vasculho a pilha de roupa que despi ontem, mas não me apetece nada enfiar umas calças de ganga e uma blusa às três da manhã.

Vejo então o roupão pendurado na porta da casa de banho. Seguramente, pertencia à doutora Adrienne Hale. É vermelho-vivo, como o tom dos seus cabelos à luz do retrato. Aproximo-me para apalpar o tecido polar. Confortável e quente, perfeito para uma casa que fica enterrada em neve todos os invernos.

Sem pensar duas vezes, puxo o roupão do gancho e enfio os braços nas mangas. Serve-me perfeitamente. A doutora Hale devia ser mais ou menos do mesmo tamanho que eu. É tão quente e aconchegante como parecia e fica ainda melhor quando aperto o cinto sobre a minha cintura e o fecho. Nem pensar que vou despir o roupão agora que o vesti.

Não é como se estivesse a roubá-lo. Estou só a levá-lo *emprestado*. Por uma hora, no máximo.

Começo a sair do quarto, descalça, mas nesse momento vejo uns chinelos felpudos vermelhos encostados à cómoda. Bem, se vou levar o roupão emprestado, mais vale levar também os chinelos felpudos a condizer.

Fecho a porta do quarto atrás de mim e, lenta e cuidadosamente, desço a escadaria em espiral até ao rés-do-chão. Não sei muito bem o que fazer aqui em baixo. A melhor opção é procurar um livro para ler. Costuma dar-me o sono sempre que o faço.

Ignoro as estantes cheias de textos sobre os mecanismos da mente e vou direta à do fundo – a que está cheia de romances. É também a mesma estante que oculta o esconderijo secreto da doutora Hale. Perscruto, pela segunda vez, as filas de livros. Há muitos títulos intrigantes. Não faltam coisas para ler.

Mas os meus olhos são atraídos novamente para *A Luz*, apesar de saber que não é um livro verdadeiro. Ou talvez seja exatamente *por isso* que me atrai.

Não devia. Não devia mesmo.

Quase contra a minha vontade, os meus dedos dirigem-se à lombada do livro. Após uma fração de segundo de hesitação, puxo-o da mesma forma que antes. Mais uma vez, oiço aquele estalido. A estante move-se.

A sala secreta revela-se.

É mais fácil da segunda vez, sobretudo sabendo que o Ethan dorme profundamente no andar de cima e não me vai apanhar. Abro a porta e procuro imediatamente o cordão da luz com a mão. A lâmpada acende-se, revelando uma vez mais as filas e filas de cassetes.

Dada a forma como esta sala continua tão bem organizada, tenho a sensação de que a polícia nunca a encontrou. Se a tivessem encontrado, estaria uma confusão, provavelmente. Mas as cassetes estão ordenadas meticulosamente. Remontam a dez anos atrás, mas vejo que as mais recentes estão datadas de há cerca de três.

Mesmo antes do seu desaparecimento.

Ocorre-me que, se a polícia tivesse ouvido estas cassetes, podia ter encontrado pistas para ajudar a descobrir o que lhe aconteceu. De facto, parece que

continuou a gravar as sessões até ao seu desaparecimento. Talvez até ao dia exato em que desapareceu.

Ao examinar as cassetes, apercebo-me de que têm um sistema de catalogação para lá das iniciais, do número de sessão e da data. Há também um código de cores. A primeira sessão parece estar rotulada a tinta azul, as sessões subsequentes a tinta preta e a sessão final a vermelho. O padrão repete-se uma e outra vez. Exceto num caso.

Há uma longa fila de cassetes, com as iniciais EJ. Vejo uma cassette identificada a vermelho – a última sessão –, mas as cassetes são retomadas uma semana depois. Parece que a doutora Hale teve a sua última sessão com EJ, mas recomeçou-as quase a seguir. E reparo que não há mais nenhuma sessão final. A última cassette com essas iniciais está rotulada a tinta preta.

O que significa que ainda estava a seguir esse paciente quando desapareceu.

Tiro a cassette rotulada a vermelho da prateleira. Ouvi-la poderá ser uma violação de privacidade, mas não é como se fossem nomes verdadeiros. E não me parece que eu consiga dormir alguma coisa esta noite.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E**sta é a sessão n.º 137 com EJ, um homem de vinte e nove anos com perturbação de personalidade narcisista. Será a nossa última sessão.

EJ: Ora viva, doutora. Como está?

DH: Tudo bem. E consigo?

EJ: Trouxe-lhe um presente.

DH: Ah, sim?

EJ: É uma garrafa de *cabernet sauvignon Rustenberg*. É da África do Sul, e tem umas notas de eucalipto.

DH: Bem, obrigada.

EJ: Não sei quanto sabe sobre combinação de vinhos, mas quererá beber este vinho com um bife ou algum prato com um molho pesado, amanteigado e cremoso. Torna o vinho mais terroso, porque neutraliza os taninos.

DH: Agradeço o conselho. Sente-se, por favor.

EJ: Sim, claro, com certeza. Adoro esta parte, sabe? Em que me sento no seu sofá.

DH: Sim. Escute...

EJ: E é dos bons. Cabedal verdadeiro. Deve ganhar bem, doutora. Provavelmente, nem precisa que eu lhe compre garrafas de vinho! Nem sequer aceita seguros de saúde.

DH: Sim. Na verdade, era sobre isso que queria falar consigo.

EJ: Sobre o quê? Seguros? Não usei nenhum. Tem sido a minha mãe a pagar todas as sessões.

DH: É essa a questão. A sua mãe deixou de me pagar a terapia. Já lhe expliquei várias vezes que ela sente que não fez progressos suficientes durante estas sessões, por isso não quer continuar a pagá-las. E, como sabe, não aceito seguros de saúde.

EJ: Mas eu não concordo. Sinto que *fizemos* progressos. Isto ajuda-me mesmo, sabe? Gosto de cá vir.

DH: Tenha ou não potencial para progredir durante estas sessões, a sua mãe considera que não foram feitos progressos nestes dois anos de terapia e deixou de pagar as consultas.

EJ: Olhe, isso é uma estupidez.

DH: Seja como for, a decisão é da sua mãe. Tal como lhe expliquei várias vezes nas nossas últimas sessões, há já dois meses que não recebo qualquer pagamento.

EJ: Oh! Compreendo. É uma questão de dinheiro.

DH: Pois, mas este é o meu meio de subsistência. Tenho contas para pagar. Tenho de ser paga pelos meus serviços...

EJ: Mas eu não tenho dinheiro, doutora. As consultas são caras, sabe? Quem pode pagar os seus valores? Não sou rico como os meus pais. Tudo o que recebo é uma mesada minúscula que mal dá para pagar a minha renda e o meu carro.

DH: Falámos várias vezes sobre como seria benéfico se procurasse um emprego.

EJ: Estou a *tentar*, doutora. Não consigo arranjar emprego. Não é assim tão fácil. Não tenho um monte de cursos importantes como a doutora.

DH: É licenciado.

EJ: Sim, e então? Toda a gente é licenciada. Olhe, acabarei por lhe pagar. Tem a minha palavra. Não pode abrir-me uma conta?

DH: Temo que isso não seria justo.

EJ: Justo? Justo para quem?

DH: Para as pessoas que pagam por estas sessões.

EJ: Isso é treta, doutora! Não é como se precisasse do dinheiro. Até escreveu aquele livro *bestseller*. Aposto que fez uma fortuna. Olhe para a casa que tem. Devia ser a *doutora* a pagar-me para ouvir as *minhas* histórias de vida tão interessantes.

DH: Isso é irrelevante.

EJ: Sim, pois. Aposto que podia escrever um livro inteiro sobre a minha vida. Provavelmente, ganharia um milhão de dólares. Assim poderia pagar as minhas sessões, não é verdade?

DH: Não é assim que funciona.

EJ: Então vai simplesmente abandonar-me porque não posso pagar as suas sessões? Adeus e boa sorte?

DH: Lamento. Falei com um colega meu que aceita o seu seguro de saúde e teria todo o gosto em recebê-lo como paciente. Vou dar-lhe o seu contacto.

EJ: Então, é assim. Vai deixar-me.

DH: Não o vou «deixar». Vou encaminhá-lo para um colega. Se puder pagar as minhas sessões no futuro...

EJ: Pois, claro. O meu dinheiro é bom o suficiente para si, mas eu não.

DH: Isso não é de todo verdade. Simplesmente, não posso...

EJ: Devia ir aos jornais com isto. Já consigo ver a notícia. «Psiquiatra fina formada em Harvard abandona paciente necessitado por não ter dinheiro que chegue.»

DH: Não creio que os jornais estejam interessados numa história dessas. Mas faça o que quiser.

EJ: É tudo uma desculpa, não é? Não se importa verdadeiramente comigo.

DH: Está a falar de quê?

EJ: Deve estar encantada com isto. Só estava à espera de uma oportunidade para me largar como paciente.

DH: Isso não é verdade.

EJ: Tretas. Passou este tempo todo a fingir que queria saber de mim. Mas nunca se importou.

DH: Eu importo-me consigo. Mas não posso prestar os meus serviços de graça.

EJ: É realmente impressionante, doutora. Não posso acreditar. Faz-me isto depois de eu lhe ter trazido um *presente*.

DH: Pode levar o vinho de volta, se quiser.

EJ: Não quero. Fique com ele.

DH: Como disse, lamento.

EJ: Lamenta? Não sabe o que é lamentar. Vai arrepender-se *muito* de me ter expulsado daqui.

[*pausa*]

EJ: Ouviu, doutora?

DH: Vou ter de lhe pedir que saia imediatamente.

EJ: Está bem. Eu saio. Agora que sei como é realmente, não continuaria a vir aqui nem que me implorasse. E aposto tudo em como um dia me *vai* implorar.

## PRESENTE

Quando a cassete chega ao fim com um estalido, sinto uma vaga de náusea no estômago.

O homem na cassete, EJ, estava a ameaçar a doutora Hale. A médica manteve um tom calmo durante toda a situação, mas deve ter ficado um pouco abalada. Devia ser apenas boa a escondê-lo.

Terá a polícia procurado o paciente EJ depois de a doutora Hale desaparecer? Talvez não. Não tenho a certeza se ela mantinha uma lista dos seus pacientes. E os jornais não referiram outros suspeitos, além do namorado.

Além disso, havia algo sinistro na voz do homem. Não consigo identificar o quê. Algo sinistro e também *familiar*.

Apercebo-me agora de que ele referiu no início da cassete que lhe tinha levado uma garrafa de vinho. Uma garrafa de *cabernet sauvignon* da África do Sul. Quando o Ethan apareceu com o vinho, referiu que era da África do Sul. Seria a mesma garrafa? Parece demasiada coincidência que a doutora Hale tivesse *duas* garrafas de *cabernet sauvignon* da África do Sul.

Devia ser a mesma. Nunca a deve ter aberto e deve tê-la guardado algures. Pergunto-me onde terá o Ethan encontrado a garrafa. Nunca me disse.

Seja como for, a doutora Hale tencionava pôr termo às sessões com o EJ. Mas há várias outras cassetes com as suas iniciais datadas posteriormente a esta gravação. Terá ele conseguido, de algum modo, arranjar dinheiro para lhe pagar? Mesmo que assim fosse, ficaria chocada se ela o aceitasse de volta depois da forma como ele a ameaçou.

E, ainda assim, aceitou. É óbvio que sim. Mas porquê?

A única forma de saber seria ao ouvir a próxima cassete.

Levanto-me da secretária da doutora Hale com a intenção de regressar à sala secreta e procurar a cassete seguinte na série do paciente EJ. Mas, antes de sair da divisão, oiço um estrondo vindo de algures por perto.

Paraliso e tapo a boca com a mão. O que terá sido *aquilo*? Será que o Ethan veio cá abaixo? Só pode ter sido essa a origem do som.

Mas, no meu íntimo, sei que não foi.

Vimos uma luz no andar de cima quando nos estávamos a aproximar da casa. A comida no frigorífico tinha sido acabada de comprar, e estava um copo de água meio bebido em cima da bancada da cozinha. Sim, verificámos todos os quartos, mas ainda não estou convencida. Esta casa tem muitas divisões e corredores secretos em que alguém se pode esconder.

Claro que há uma outra possibilidade. Talvez esta casa esteja assombrada pelo fantasma da doutora Adrienne Hale. Talvez a sua alma não possa descansar porque o seu assassino ainda anda à solta. Talvez esteja zangada por eu ter vestido o seu roupão vermelho.

Oh, meu Deus, a gravidez está a deixar-me paranoica.

Tal como a porta do quarto no andar de cima, a do escritório também não tem fechadura. O que significa que nem posso passar a noite escondida aqui. Não tenho forma de contactar o Ethan nem de o tentar acordar. A única coisa que me conforta é que parece que quem quer que esteja nesta casa não quer ser encontrado.

Por outro lado, talvez não queira ser encontrado pelo *Ethan*, mas não se importe muito se for descoberto por alguém mais pequeno e menos musculado.

Seja como for, não vou passar a noite neste escritório. Vasculho as outras gavetas da secretária, em busca de algo que possa utilizar como arma. A primeira gaveta está maioritariamente cheia de papéis e tem a cassete que eu enfiei lá dentro há pouco. A segunda tem mais papéis e um rolo de fita-cola. O meu pai diz sempre que há um milhão de usos possíveis para a fita-cola, mas não creio que possa ser utilizada como arma – não consigo imaginar como se faria uma faca a partir de fita-cola. A terceira gaveta contém mais material de escritório, incluindo uma tesoura que parece bastante afiada. Terá de servir.

Armada com a tesoura, agarro no puxador e rodo-o. Mantenho a tesoura na minha mão direita ao abrir a porta. Estou pronta para enfrentar quem quer que esteja lá fora.

Mas, ao sair, a sala de estar permanece em silêncio absoluto.

– Quem está aí? – pergunto.

Não obtenho resposta.

A mão em que trago a tesoura treme. Dou alguns passos em frente, semicerrando os olhos, entrando na sala de estar quase às escuras. Avisto um interruptor e acendo a luz, reforçando a firmeza do aperto na tesoura.

Nada. Continuo sem ver ninguém.

A minha respiração abranda. Não vejo ninguém. Nem sinal de movimento em lado nenhum. A sala de estar está silenciosa e vazia. Não sei o que terá sido aquele som, mas pode ter vindo do andar de cima. Afinal, *está* outra pessoa nesta casa – o Ethan.

Mas nesse momento o meu coração cai-me aos pés.

O retrato da doutora Adrienne Hale. O retrato que o Ethan tirou da parede e pousou virado de costas para nós. Está pendurado novamente. E os olhos verdes da doutora Hale trespassam-me.

**P**reciso de me controlar para não gritar. Podia aceitar que imaginámos a luz na janela ou que foi algum tipo de ilusão de ótica. Podia até aceitar, com relutância, que a Judy tivesse comprado algum pão branco e mortadela para deixar no frigorífico. Mas o retrato...

O Ethan tirou-o da parede. Vi-o a tirá-lo. Não estava pendurado quando fomos para a cama. E agora está.

Ainda a apertar a tesoura, subo a correr a escadaria em espiral, tão depressa que quase tropeço e caio. Felizmente, recupero o equilíbrio e consigo chegar ao quarto. Abro a porta do quarto principal, onde o Ethan continua a dormir profundamente.

Fecho a porta atrás de mim, olhando à volta, em busca de algo para prender o puxador. Ao canto do quarto, está um baú que parece bastante pesado. Posso arrastá-lo de modo a bloquear a porta. Não impedirá ninguém de entrar aqui, mas poderá, no mínimo, abrandá-lo.

Ao ouvir todo o barulho que estou a fazer, o Ethan começa a agitar-se na cama. Esfrega os olhos.

– Trícia?

– Está alguém lá em baixo. – Não consigo impedir que o pânico se apodere da minha voz. – Está alguém na sala de estar.

O Ethan senta-se na cama, de olhos subitamente arregalados.

– Viste alguém lá em baixo?

– Bem, não. Mas ouvi um barulho.

Oiço-o gemer.

– Credo, Trícia. Tudo isto por causa de um barulho? Deve ter sido os canos ou qualquer coisa do género.

– Não foi o raio dos canos! Foi um *estrondo*.

Ainda não parece perturbado.

– Então deve ter sido neve a deslizar do telhado. Consigo pensar num milhão

de coisas capazes de fazer um ruído desses. – Inspira bruscamente, ao ver a tesoura na minha mão. – Que raio estás tu a fazer com isso?

– Está um intruso nesta casa!

– Sim, mas... – Esfrega novamente os olhos. – Estás a pensar em quê? Que está alguém a assaltar-nos durante uma tempestade de neve no meio do nada?

– Talvez estivesse alguém nesta casa antes de chegarmos. Talvez ainda esteja algures por aqui.

– Talvez...

Claro que isso não explica o que vi no andar de baixo. Alguém moveu o retrato. O que levaria um ocupante ilegal a fazer tal coisa?

– Alguém moveu o retrato – digo, por fim. – É por isso que sei que estava alguém lá em baixo.

– É isso que te preocupa? – Forma-se uma ruga entre as sobrancelhas do Ethan. – Fui *eu* que movi o quadro.

– Foste?

Nem me passou pela cabeça que pudesse ter sido ele a pôr o quadro no sítio. Suponho que combinámos que arrumaríamos tudo aquilo em que mexêssemos antes de deixarmos a casa. Imagino que o deva ter feito quando desceu para me ir buscar água.

– Trícia, estás a assustar-me. – Estende o braço para mim, pondo-me a mão no ombro. – Estás bem?

A gravidez deve estar a deixar-me paranoica. Mas não lhe posso dizer isso.

– Estou ótima. É só que... por um momento, fiquei assustada.

– Podes largar a tesoura, por favor?

Passivamente, deixo o Ethan tirar-me a tesoura da mão e pousá-la em cima da cómoda. Uma vez pousada a tesoura, em segurança e fora do caminho, ele envolve-me nos seus braços. Deito a cabeça no seu ombro direito e sinto-me melhor de imediato. É uma sorte ele ser tão calmo. Tendo a enervar-me facilmente com as coisas, por isso ele equilibra-me. Tenho realmente muita sorte em tê-lo.

– Não está mais ninguém nesta casa além de nós. – Entrelaça uma mão na minha. – E, mesmo que estivesse, eu protegia-te.

– Prometes?

– Prometo. – Aperta o meu corpo contra o seu. – Somos uma equipa, tu e eu. Estaremos sempre presentes um para o outro, aconteça o que acontecer. Estou aqui para ti, Trícia, para o resto das nossas vidas. Prometo-te isso. Nunca deixarei que nada te aconteça.

O meu ritmo cardíaco começa gradualmente a abrandar. O Ethan deve ter razão acerca do estrondo. Há tantas coisas que podem ter produzido um ruído forte. Até podem ter sido os pratos que deixámos tão mal empilhados na cozinha. Pode ter sido qualquer coisa. Procurámos em toda a parte e não vimos vivalma nesta casa.

– Amo-te – diz ele.

– Eu também te amo.

Voltamos a deitar-nos na cama, e os braços do Ethan continuam em meu redor. Ocorre-me que este seria o momento ideal para lhe dizer do bebé. É um momento tão maravilhoso entre nós. Mas, ao afundar-me mais nos seus braços, sinto-me exausta subitamente. Não tenho energia para ter essa conversa com ele neste momento. Só quero dormir.

Quando dou por mim, já estou a adormecer.

## ANTES

**E**stou atrasada. Tamborilo impacientemente com os dedos no volante. Isto não é nada típico de mim. Orgulho-me de ser sempre pontual. Mas estava a acabar de ler o último capítulo das provas de *Anatomia do Medo* e não consegui parar. Estou incrivelmente orgulhosa do livro. É uma conglomeração dos relatos pessoais de vários pacientes que sobreviveram a incidentes intensos que lhes causaram medo, acompanhados da minha análise especializada dos relatos e conselhos aos leitores que possam ter vivido algo semelhante.

Este livro vai ajudar realmente as pessoas. É o meu maior feito.

O semáforo à minha frente passa de amarelo a vermelho – santo Deus, vou passar uma eternidade à espera que passe novamente a verde neste cruzamento. Segundos após a mudança do sinal, ponho, sem pensar, o pé a fundo no acelerador para avançar rapidamente. Por um segundo, sustenho a respiração, preparando-me para ouvir o som das sirenes da polícia.

Mas não surge.

Tecnicamente, passei um sinal vermelho. Embora não aprove que se viole a lei, fazê-lo tem vários benefícios para a saúde mental. Um estudo psicológico demonstrou que fazer batota ou quebrar as regras resulta numa boa disposição inesperada, assim como numa sensação fugaz de liberdade de todas as normas. Talvez todos devêssemos quebrar as regras de vez em quando.

Chego ao parque de estacionamento do centro comercial um minuto antes do início das minhas consultas. Não divulgo este facto, mas, uma vez por semana, trabalho como voluntária numa clínica para pessoas de baixos rendimentos, no Bronx. Faço a gestão da medicação de pacientes com problemas psiquiátricos graves. Sou a única psiquiatra nessa clínica, por isso os pacientes estão

desesperados pela minha ajuda. Muitos esperam anos para serem vistos por um psiquiatra certificado.

As sessões que faço em casa pagam-me as contas. Embora tenha alguns pacientes difíceis, que passaram por verdadeiros traumas, como algumas das pessoas que incluí no meu último livro, a maioria da minha clientela consiste ou nas esposas aborrecidas de banqueiros ou advogados ricos ou nos seus filhos, como o EJ, que vão às minhas sessões à custa dos pais – numa tentativa desesperada de os fazer sair do ninho.

Os pacientes da clínica *precisam* de mim. Aqui sinto que faço realmente a diferença. Até doei uma parte considerável dos lucros do meu livro à clínica, quando soube que estavam com dificuldades financeiras e corriam o risco de fechar.

É hora de almoço, e está um dia lindo, pelo que o parque de estacionamento exterior do centro comercial está repleto de carros. Já estou atrasada, e a minha tensão arterial dispara ao descer três filas seguidas sem encontrar nenhum lugar para estacionar. Há um parque complementar, mas são dez minutos a pé até à clínica a partir de lá. A clínica marcou os pacientes todos seguidos, e muitas das consultas costumam estender-se para lá do parco tempo atribuído, pelo que não me posso dar ao luxo de chegar tarde.

Finalmente, avisto um lugar ao fundo da quarta fila. Graças a Deus. Só vou chegar cerca de um minuto atrasada.

Desço a fila, indo direta ao lugar, com o pisca ligado. Uma fração de segundo antes de conseguir estacionar, porém, um *Jetta* vermelho entra na fila com um chiar de pneus. Antes de poder sequer pestanejar, o carro lança-se ao espaço vazio.

Fico sentada no meu *Lexus*, com o pisca ainda ligado. Geralmente, não deixo que as coisas me incomodem. Mas tenho de chegar a tempo às minhas consultas. O meu primeiro paciente é um homem com esquizofrenia que está convencido de que é o Super-Homem, e preciso de ver se a nova dose de *Geodon* será suficiente para o impedir de se atirar do telhado de um prédio, achando que conseguirá voar. Não tenho tempo para passar os próximos dez minutos à procura de um lugar para estacionar.

Por isso, faço algo que não devia. Pressiono a palma da mão na buzina e deixo-a soar.

Assim que o som se faz ouvir, percebo que é um tremendo erro. Se sáísse do carro e explicasse o meu dilema, talvez o condutor me desse ouvidos. Mas, por outro lado, a pessoa sabia que eu me dirigia àquele lugar. Sabia exatamente o

que estava a fazer.

Vejo um homem na casa dos trinta, com cabelo curto e uns *Ray-Ban* plantados na ponte do nariz, sair do veículo. Volto a buzinar. Ele sorri-me, com a boca cheia de dentes brancos, e mostra-me o dedo do meio. Em seguida, afasta-se.

Tem muita lata. Ao vê-lo passar mesmo diante do meu carro, penso que bastaria mudar o pé do travão para o acelerador para alterar todo o seu mundo. De certeza que isso lhe apagava o sorriso afetado do rosto.

Mas sou uma pessoa civilizada. Não vou atropelar um peão no meio de um parque de estacionamento cheio.

O que vou fazer é procurar outro lugar calmamente.

Quando chego à clínica, estou ofegante e sinceramente arrependida de ter optado por calçar uns sapatos de salto alto. Terei de certeza bolhas nos pés esta noite e estou, de facto, atrasada quinze minutos. Que vergonha. Para não falar no meu rosto corado, no cabelo a soltar-se do coque francês em que cuidadosamente o apanhei e nas gotas de suor na minha testa.

– Doutora Hale! – A Gloria, a rececionista roliça de meia-idade, sorri ao ver-me entrar. – Como está?

Essas duas palavras inúteis. Como acha ela que estou? Estou a suar em bica.

– O senhor Harris está na sala?

– Na verdade, remarcou a consulta. – Sorri, revelando uma obturação em ouro mesmo no dente da frente. – Portanto, tem cinco minutos até ao seu primeiro paciente.

Sinto uma vaga de alívio, acompanhada por um lampejo de irritação por a Gloria não ter sido capaz de me ligar nem enviar uma mensagem a informar-me da consulta cancelada. Consegue descobrir o número de telefone de todos os homens solteiros dos seus conhecimentos entre os trinta e os cinquenta anos de idade, mas não me consegue avisar de um cancelamento.

– Olá, Adrienne. Como vai isso?

Viro a cabeça para o computador atrás da receção, olhando para o homem que navega pelo ecrã com um rato ergonómico. Parte do dinheiro que doei à clínica destinou-se a passar todos os relatórios médicos em papel para ficheiros eletrónicos. Achava o sistema em papel desesperante, além de fazer com que certas coisas caíssem no esquecimento, prejudicando os meus pacientes. Este homem, o Luke Strauss, foi recrutado para ajudar na transição da clínica. Tecnicamente, trabalha para a empresa de RME, mas, nos últimos tempos, parece ter-se tornado um funcionário a tempo inteiro da clínica, uma vez que os

médicos, com poucos conhecimentos de tecnologia, têm dificuldades em lidar com o novo sistema. Devo admitir que também não percebo muito do assunto, ainda que, em última instância, vá compensar. Os registos médicos eletrónicos são o presente – esta clínica estava a viver no passado.

– Foi uma manhã difícil – admito, porque acredito que o Luke quer realmente saber a resposta.

– Pois. – Inclina a cabeça para o lado. – Bem vejo. Que tal um café?

Não é de toda tarefa do Luke tirar-me café, mas sei por experiência própria que vai insistir em fazê-lo, apesar dos meus protestos. Por isso, em vez de o contrariar, anuo.

– Obrigada.

– Com natas, sem açúcar – diz ele, piscando-me o olho.

Acertou em cheio. Não me surpreende.

A Gloria segue o Luke com o olhar enquanto ele corre para a sala de descanso para me servir uma chávena de café barato. Quando desaparece de vista, ela sorri-me.

– É giro, não é?

Encolho os ombros, pois não quero encorajá-la. Se o Luke Strauss é giro? Suponho que algumas mulheres achariam que sim – mulheres que gostam de homens que andam por aí com as camisas a precisarem desesperadamente de ser engomadas, as gravatas mal atadas, cabelos castanho-escuros despenteados como se tivesse saído da cama há cinco minutos, óculos manchados e barba por fazer. Seria assim tão difícil enfiar a camisa dentro das calças? Raramente vou a encontros, mas, quando o faço, não saio com homens descuidados. Posso apenas elogiar-lhe o perfume a sabonete fresco. É um homem descuidado *limpo*, mas um descuidado, ainda assim.

– E gosta de si – acrescenta a Gloria.

Finjo que não a ouvi. Não quero reconhecer que estou ciente de que o Luke gosta de mim. No entanto, não quero que esta relação vá além de ele me trazer café e de me ensinar a enviar uma receita de *Seroquel* para a farmácia de ambulatório.

O Luke regressa com a minha chávena de café. A bebida está escura, e ele trouxe-me uma tacinha de natas à parte, bem como um pauzinho para mexer dentro da própria chávena. Nem tive de lhe dizer que o queria assim exatamente. De alguma forma, ele percebeu que queria ser eu a juntar as natas.

– Obrigada – digo.

Um dos cantos dos seus lábios arqueia-se para cima.

– Espero que ajude.

Verto a taça de natas no meu café. Mexo-o lentamente, até o negro se converter em castanho-claro. Bebo um longo gole e solto um suspiro.

– Estava a precisar disto.

– Deve estar exausta, doutora – observa a Gloria. – Faz uma longa viagem nos dois sentidos. Quanto tempo leva? Uma hora?

Cravo os dedos na chávena de café.

– Por aí.

O Luke arqueia uma sobrancelha.

– Vive em Manhattan?

– Não, não vive. – A Gloria não me deixa dizer nem uma palavra. – Vive em Westchester. Num casarão todo chique. Sozinha.

Em silêncio, amaldiçoo o facto de a Gloria saber a minha morada. Mas aprecio o facto de o Luke não saber. Pode ter uma paixoneta despropositada e irritante por mim, mas não é um perseguidor – fico satisfeita por isso.

– Não é seguro viver lá – continua a Gloria. – Sozinha no meio de nenhures. Nem deve ter alarme.

É um eco do que a Paige me disse quando foi deixar as provas do meu livro. Porque está toda a gente tão convencida de que não sei tomar conta de mim mesma?

– Não há problema. A sério.

– Sabe... – diz o Luke, erguendo os olhos do computador para me fitar. Tem umas pestanas longas para um homem. – Um sistema de segurança não é má ideia. Acabo de instalar um em casa da minha mãe. Foi fácil, e agora sinto que está muito mais segura.

A Gloria lança-me um olhar, como que a dizer: *Vê? Eu disse-lhe que precisava de um alarme. E, além disso, o Luke é um filho tão maravilhoso para a mãe. Não quer sair com ele?*

Esboço um sorriso ténue.

– Vou pensar nisso.

Não vou nada. Estou perfeitamente bem como estou.

## PRESENTE

**C**onsigo dormir o resto da noite, e, segundo o meu relógio, são quase nove horas quando acordo na manhã seguinte.

O Ethan já não está no quarto, mas deixou um papel do seu lado da cama, um bilhete para mim: *Vou lá abaixo fazer o pequeno-almoço*, escreveu a tinta preta. *Não te quis acordar.*

É tão atencioso.

Pego na minha mala, que deixei em cima da mesa de cabeceira. A primeira coisa que faço é agarrar no meu telemóvel. Continuo sem rede. Pergunto-me se o Ethan terá tido mais sorte. Duvido.

Faço alguns alongamentos na cama e obrigo-me a levantar-me. Dirijo-me à gigantesca janela junto à cama e olho em redor. Oh, meu Deus, há *tanta* neve. Está tudo coberto por um manto branco espesso. Cada árvore, cada arbusto – a estrada que tomámos para cá chegar foi dizimada pela neve. De certeza que o *BMW* não passa de um grande alto branco por esta altura.

Não vamos sair daqui tão cedo. Isso é certo.

Tenho de tirar o máximo partido deste tempo. Não me consigo convencer a tomar duche, mas escovo os dentes com o dedo, usando o que presumo ser pasta de dentes de há três anos. Sinto-me um pouco melhor.

O meu cabelo louro-mel está um verdadeiro ninho de ratos depois da noite de ontem. Passo um pouco de água nos dedos e faço os possíveis por o pentear. Há uma escova numa das prateleiras da casa de banho, ainda com alguns fios baços de cabelo ruivo. Não lhe vou tocar. Os meus dedos terão de servir.

Visto as calças de ganga e a blusa de ontem à noite, bem como as minhas meias, que estão secas, mas ligeiramente rígidas. Parece uma pena vestir as

minhas roupas velhas quando há todo um quarto de vestir cheio de roupa de marca aproximadamente do meu tamanho, mas não vou tocar em nada. É demasiado arrepiante.

Ao descer as escadas, oiço o Ethan a cantar para consigo na cozinha. Ao passar pela sala de estar, vejo que voltou a tirar o retrato da parede. Sinto-me profundamente grata por o ter feito, pois assim não terei os olhos da doutora Hale cravados em mim. Temos só de nos lembrar de o pôr no sítio antes de partirmos.

Quando chego à cozinha, o Ethan está outra vez com a camisola dos *Yankees* e as calças de ganga azuis demasiado compridas. Agora que estou mais perto, consigo distinguir o que está a cantar. *I'm Walking on Sunshine*. Gosta sempre de cantar no duche ou enquanto cozinha – tem uma bela voz, na verdade –, mas raramente o faz a plenos pulmões. Está *realmente* bem-disposto.

– Bom dia, Trícia. – Pisca-me o olho enquanto mexe algo na frigideira. – Dormiste bem?

Assinto.

– O que estás a fazer?

– Encontrei uns ovos.

No momento em que ele diz as palavras, o cheiro a ovos atinge-me. Subitamente, o meu estômago revolve-se. Tento reprimi-lo, mas não consigo. Corro para o lava-loiça da cozinha e vomito os resquícios da sanduíche de mortadela que comi ontem à noite, enquanto o Ethan assiste, horrorizado. Vomito por vários minutos, a que se segue mais um bom minuto de engasgos.

Então são assim os enjoos matinais.

– Credo – exclama ele, desligando o fogão. – Estás bem?

– Ahã. – Abro a torneira e recolho um pouco de água na mão para enxaguar a boca. Odeio vomitar. Não que alguém *goste* de vomitar, mas eu acho particularmente repugnante. – Estou ótima.

– Terá sido alguma coisa que comeste?

– Não. Eu só...

– Só o quê?

O Ethan olha-me fixamente, com a testa franzida. Está verdadeiramente preocupado comigo. Podia mentir e pôr as culpas na sanduíche de mortadela, mas terei de lhe dizer, mais cedo ou mais tarde. Mais vale acabar com isto.

– Preciso de te dizer algo, Ethan.

Os seus olhos ensombram-se.

– Está bem...

*Diz-lhe. Diz-lhe só, sua medricas. O que poderá ele fazer – ter um ataque de fúria, assassinar-te e enterrar o teu corpo na neve?*

– Estou grávida – desembucho.

Ele fica de boca aberta. O garfo que tinha na mão tilinta contra a mesa da cozinha.

– Estás...

– Lamento imenso. Não foi intencional, obviamente. Simplesmente aconteceu, sabes? Foi uma daquelas coisas. – Estou a divagar, mas não consigo evitar. – Tomei sempre a pílula, mas... Sabias que os antibióticos anulam o efeito da pílula? Eu não sabia. E, enfim, acabei de descobrir. Bem, há cerca de uma semana. Sei que dissemos que íamos esperar uns anos, mas...

– Espera – diz ele, erguendo a mão. – É verdade? Estás definitivamente grávida?

Baixo a cabeça.

– Sim, eu... Desculpa.

– Isso é tão... – Por um segundo, o Ethan fica em silêncio, procurando as palavras certas. Preparo-me. – É tão... incrível! É *fantástico!*

Dou um passo atrás, tentando perceber se o ouvi bem.

– O quê? Pensava que querias esperar.

– Bem... – Coça a parte de trás do pescoço. – Eu pensava que *tu* querias esperar. Sinceramente, queria começar uma família de imediato, mas não te queria assustar. Já viajei e fiz todas essas coisas. Mas o que quero realmente neste momento é um bebé. – Estende os braços para me tomar as mãos nas suas.

– Contigo.

É como se um enorme pedregulho me tivesse sido tirado dos ombros.

– Estás a falar a sério? Não estás a dizer isso só para me fazer sentir melhor?

– Não! Porque achas que queria comprar uma casa? Quero enchê-la de filhos!

– Oh, meu Deus. – Aperto-lhe as mãos nas minhas. – Que alívio tão grande. Pensava que ias ficar tão zangado quando soubesses.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Quando é que eu me zango contigo?

Tem razão. Nunca se zanga comigo. Às vezes, fica irritado, mas está sempre calmo perto de mim. Ainda assim, lembro-me daquele telefonema com o funcionário, quando o ouvi gritar com o pobre homem. Mas não posso falar nisso.

– Não admira que andasses a agir de forma tão louca – observa ele, rindo. –

Tudo faz sentido agora.

Eriço-me um pouco. Não acho que andasse a agir de forma *assim tão* louca – além de barricar a porta do quarto às três da manhã.

– Vou deitar fora estes ovos – diz o Ethan, tirando a frigideira do fogão. – É óbvio que não estás para aí virada. Faça-te umas torradas.

– Não tens de fazer isso.

Inclinando-se para mim, beija-me na ponta do nariz.

– Queres fazer o favor de me deixar cuidar da minha mulher grávida?

– Muito bem, então. – Sinto-me sorrir. – Obrigada por teres voltado a tirar o retrato da parede. Estava a assustar-me imenso.

– Voltado?

– Sim. – Vejo-o raspar os ovos parcialmente cozinhados da frigideira. – Presumo que o tenhas voltado a tirar esta manhã.

O Ethan olha-me como se eu tivesse ensandecido.

– Não, tirei-o ontem à noite. Lembras-te? Estávamos os dois sentados no sofá e estava a assustar-te, por isso tirei-o.

– *Não*. – A minha boa disposição começa a evaporar-se. – Disseste que o voltaste a pendurar ontem à noite. Quando vieste buscar água.

– Não voltei a pendurá-lo. Porque haveria de fazer isso?

– Porque foi o que disseste! – Sinto gotas de suor brotar-me nas palmas. – Às três da manhã, perguntei-te se tinhas voltado a pendurar o retrato e tu disseste que sim!

– Não. Perguntaste-me se o tinha *movido* ontem à noite, e eu disse-te que sim. Movi-o quando estávamos sentados no sofá. Tirei-o da parede. Tu *viste-me* tirá-lo.

Oh, meu Deus! *Não* era isto que eu precisava de ouvir.

– Ethan, ontem à noite, quando descí, o quadro estava outra vez pendurado. Por isso, se não foste tu a fazê-lo, foi outra pessoa.

Ele larga a frigideira no lava-loiça com um tinido e vira-se para olhar para mim.

– Não compreendo o que estás a dizer, Trícia. Achas que alguém veio à sala de estar e voltou a pendurar o quadro? E que depois, durante a noite, tirou-o outra vez? É isso que achas que aconteceu?

Bem, dito dessa forma...

– Sei que parece absurdo.

– Um pouco.

– Mas sei o que vi.

– Sabes?

Fulmino-o com o olhar. Está a perder seriamente todos os pontos de bom marido que conquistou há poucos minutos.

– *Sim.*

– Estou só a dizer... – Cruza os braços musculados sobre o peito. – Eram três da manhã. A casa é muito escura. Estavas sonolenta e cansada. Não será possível que estejas enganada?

– Não. Não é possível.

– Tens a certeza?

Quero gritar-lhe que sei o que vi. Jamais poderia *imaginar* aqueles olhos verdes a fitar-me. Não é algo em que me pudesse enganar.

Mas, quanto mais me pergunta, mais me questiono. Estávamos, *de facto*, a meio da noite. E a casa é *mesmo* muito escura. Será possível que eu possa ter *pensado* que o vi, como uma miragem?

– Suponho que é possível – murmuro.

O Ethan parece satisfeito. Mas eu não estou. Algo se passa nesta casa. Tenho a certeza, ainda que ele não acredite em mim.

**D**epois do pequeno-almoço, sentamo-nos à mesa da cozinha para engendrar um plano para sairmos daqui.

Nenhum de nós tem rede no telemóvel e não há nenhum telefone fixo na casa. Além disso, com a tempestade de ontem à noite, a área em redor da casa está coberta do que parecem ser uns três metros de neve. Mal conseguimos ver o *BMW* do Ethan pela janela, parecendo apenas um grande monte de neve. Temos uma pá na bagageira, mas não será suficiente. Não para sair daqui, de qualquer forma.

– Espero que, entretanto, apareça um limpa-neves – diz o Ethan. – Presumo que a Judy os tenha contactado.

– Sim. – Parece mais otimista do que eu me sinto. – Talvez.

– Olha, o pior que pode acontecer é passarmos o dia aqui presos. Temos comida, água e eletricidade. Não é assim tão mau.

– Pois...

Assenta as mãos na mesa da cozinha e põe-se de pé.

– Vou ao carro buscar o meu portátil para poder trabalhar um pouco. Queres que te traga alguma coisa?

Cai-me o coração aos pés.

– Vais deixar-me aqui?

– Só por quinze minutos ou assim.

Não serão quinze minutos. Quinze minutos demorámos nós a chegar do carro à casa ontem à noite, com toda aquela neve.

– Quero ir contigo.

– Está fora de questão. Estás grávida, Trícia. E o teu calçado não é minimamente apropriado.

Suponho que tem razão. Não posso obrigá-lo a transportar-me às cavalitas até ao carro e de volta. Se calhar, podia levar umas botas emprestadas da doutora Hale. Parecemos usar o mesmo tamanho...

Não. Não vou fazer isso.

- Está bem – resmungo. – Mas prometes que voltas depressa?
  - Volto antes de teres tempo de dizer «a casa dos nossos sonhos».
- Não* vou dizer «a casa dos nossos sonhos».

Arrumo os nossos pratos, enquanto o Ethan se dirige à porta da frente, onde deixou o casaco e as botas. Ao vê-lo enfiar os pés nas botas pretas, tenho de conter o impulso de me agarrar à sua perna e implorar que não me deixe aqui. Por outro lado, à luz do dia, a casa é bem menos assustadora. Quando vejo que o retrato está no chão, de costas para mim, parece-me impossível que o tivesse visto pendurado na parede ontem à noite. Parece mais uma espécie de sonho bizarro.

O Ethan sopra-me um beijo da porta da frente, enfia o gorro, tapando os cabelos louros, e sai. Fico sozinha.

Lentamente, respiro fundo algumas vezes, tentando não entrar em pânico. Oxalá houvesse uma televisão nesta casa para eu poder desligar a mente diante de um ecrã, mas infelizmente não encontrei nenhuma em nenhuma das divisões em que entrei. Suponho que a doutora Hale não via televisão. Que espécie de psicopata não tem televisão nos dias de hoje?

Só me faz querer saber mais sobre ela. Obviamente, os meus pensamentos regressam de imediato às cassetes.

O Ethan só deve voltar do carro daqui a, no mínimo, meia hora. O que me dará tempo para ouvir pelo menos parte de mais algumas cassetes. Estou morta por saber o que aconteceu na sessão seguinte à que ouvi. Porque aceitou ela voltar a receber aquele homem? Não me parece que a doutora Adrienne Hale fosse do tipo de se deixar intimidar.

Antes que possa pensar duas vezes, corro para a estante ao fundo. Nem sequer hesito antes de localizar *A Luz* e puxar a lombada. Oiço o familiar estalido e esgueiro-me para dentro da sala, puxando o cordão para acender a luz.

Desta vez, decido levar várias cassetes. Posso escondê-las numa das gavetas do escritório. Levo todas as do paciente EJ que foram gravadas depois da cassette rotulada a vermelho. Em seguida, tiro uma seleção de outras cassetes mais ou menos da mesma data. Devem ter sido gravadas mesmo antes de a doutora Hale desaparecer, pois não vejo mais nenhuma cassette datada depois disso.

Terei acesso à informação que escapou à polícia. Vou ouvir tudo o que aconteceu à doutora Hale nos meses anteriores ao seu desaparecimento. O mistério que correu o país durante quase um ano.

Perscruto as estantes uma última vez. A minha atenção prende-se novamente com a única cassette identificada de forma diferente das restantes. LUKE. O

namorado. O homem que a polícia julgava tê-la matado. Porque teria uma gravação do namorado? Seria seu paciente? Mas, se fosse, porque está esta cassete rotulada de forma diferente de todas as outras?

A minha mãe sempre me disse que sou demasiado curiosa para o meu próprio bem.

Agarro na cassete com o nome LUKE e junto-a à pilha. Terei tempo para ouvir pelo menos uma antes de o Ethan voltar.

Fecho a porta da sala secreta e levo a minha pilha de cassetes para o escritório da doutora Hale. Guardo-as na gaveta do fundo da secretária, na qual encontrei a tesoura ontem à noite. Escolho uma ao acaso e introduzo-a no gravador de cassetes.

O meu dedo hesita sobre o botão de reprodução. Quero ouvir estas cassetes desesperadamente, mas preciso de fazer algo primeiro.

Levanto-me e fecho a porta do escritório.

Agora, sim, posso ouvir.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E**sta é a sessão n.º 89 com GW, uma viúva de sessenta e oito anos com um quadro de delírios paranoicos.

GW: Olá, doutora Hale.

DH: Por favor, sente-se, Gail.

GW: Oh. Sim. Claro. Desculpe.

DH: Não peça desculpa. Quero que esteja confortável enquanto falamos.

GW: Sim. Eu sei. É só que... sinto que...

DH: Está bem? Parece especialmente ansiosa hoje. Tem as mãos a tremer.

GW: Eu só...

DH: Tem tomado a medicação que lhe receitei?

GW: Não. Infelizmente, não.

DH: Porquê?

GW: Bem, eu... Sei que vai dizer que estou a ser paranoica se lhe disser isto.

DH: Diga-me.

GW: Eu... acho que o meu farmacêutico está a tentar matar-me.

DH: Gail...

GW: Eu sei. Acha que estou louca. Acha que sou paranoica. Mas desta vez é verdade. Quer dizer, é um farmacêutico. Seria tão fácil fazê-lo. Podia simplesmente trocar-me os comprimidos por outra coisa qualquer.

DH: Por que motivo acha que ele a quer matar?

GW: É a forma como olha para mim. Não consigo descrever. Além disso, quando me estendeu o saco com os meus comprimidos, piscou-me o olho.

DH: E então...?

GW: Não percebe, doutora Hale? Piscou-me o olho porque pôs algo perigoso nos frascos dos comprimidos.

DH: Talvez estivesse só a ser simpático... Ou se calhar a meter-se consigo?

GW: Não. Tenho a certeza que não.

DH: Porque haveria ele de a querer matar?

GW: Sabe-se lá. Porque é um psicopata. Sabe que há pessoas por aí que são loucas, simplesmente. Não precisam de nenhuma razão para nos matar. Fazem-no só porque são malucas!

DH: Gail, precisa de tomar a medicação.

GW: Mas não posso fazer isso! Não compreende o que lhe estou a dizer? Se tomar esses comprimidos, vou morrer!

DH: Lembra-se de quando achava que o carteiro estava a tentar matá-la?

GW: Hum...

DH: Gail. Estava, de facto, a tentar matá-la?

GW: Ainda não tenho a certeza. Quer dizer, é *possível*. Estava sempre à porta de minha casa à mesma hora. Mesmo à minha porta. A espreitar para dentro.

DH: Estava a entregar-lhe o correio, Gail.

GW: Fazia-o de forma muito suspeita.

DH: O carteiro não estava a tentar matá-la. E o seu farmacêutico também não está. Precisa realmente de tomar a medicação que lhe receitei.

GW: Também é isso que o meu filho diz.

DH: Aí tem, então. Devia dar-lhe ouvidos.

GW: Mas pense bem, doutora Hale. Se eu morresse, o meu filho receberia uma grande quantia do seguro. Por isso, não se importa se o farmacêutico me matar.

DH: Gail, escute. Tem de tentar reconhecer que este... este... [*pausa*]

GW: Sim?

DH: Dê-me um segundo. É só que... O meu telemóvel vibrou. Tenho de confirmar que não é uma emergência com nenhum dos meus pacientes. É...

GW: Doutora Hale?

DH: Um segundo.

GW: Doutora Hale? Está tudo bem? O que diz a mensagem?

DH: Peço desculpa, Gail. Temo que vamos ter de reagendar a nossa consulta. Surgiu uma emergência.

## ANTES

**O**lho para o ecrã do meu telemóvel. Foi uma falta de profissionalismo terrível da minha parte mandar a Gail embora a meio de uma sessão. Mas não tive alternativa. Pela quinta vez, leio as palavras no ecrã:

Olá, doutora.

Gravei um pequeno vídeo de si num parque de estacionamento no Bronx.

Achei que talvez pudesse gostar de o ver!

A mensagem veio do EJ. Não apaguei o número do meu telemóvel depois de ter deixado de ser meu paciente. Oxalá o tivesse feito, mas não tem importância. Tenho um pressentimento de que ele teria arranjado maneira de me fazer chegar esta mensagem.

Numa nova mensagem, está uma ligação para um vídeo. Ainda não o vi. A imagem no ecrã mostra-me parada no tempo, com a blusa branca e o fato cinzento que levei à clínica no outro dia. O meu cabelo está apanhado atrás da minha cabeça, apesar de algumas madeixas se terem soltado, enquanto andava do estacionamento até à clínica.

Lembro-me desse instante no tempo. E lembro-me do que acontece a seguir.

Não me consigo obrigar a vê-lo. Mas tenho de o fazer.

Respiro fundo e toco com o dedo no vídeo para o reproduzir. Imediatamente, a imagem descongela. A câmara segue-me por um par de segundos, aproximando-se depois no momento em que paro diante de um *Jetta* vermelho.

O carro daquele imbecil que me roubou o lugar de estacionamento.

A qualidade do vídeo é excelente. Naturalmente, o EJ tem o telemóvel mais caro que o dinheiro pode comprar. A matrícula do carro vê-se com todo o pormenor. Vejo-me a vasculhar a minha mala em busca de algo. Depois, baixo-

me junto ao pneu de trás do *Jetta* e olho para os dois lados, para garantir que não está ninguém a observar-me. Por uma fração de segundo, a câmara capta o brilho de uma faca à luz do sol, mesmo antes de a cravar no pneu.

É verdade. Cortei-lhe o pneu de trás do carro.

Parece pior do que é. Estava atrasada para as consultas na clínica. As vidas dos meus pacientes dependem de mim. O lugar de estacionamento era *meu*. Tinha o pisca ligado para estacionar.

E ele roubou-mo, pelo que foi ele o primeiro a cometer um crime. Eu limitei-me a retaliar.

E sim, trago uma faca na minha mala. Às vezes, as consultas prolongam-se até tarde, e a clínica não fica no melhor dos bairros. Suponho que podia andar com uma lata de gás-pimenta. Mas optei por uma faca.

Cortar o pneu foi um erro. Não devia ter deixado que a raiva pelo comportamento mal-educado e egoísta daquele homem me transtornasse. Devia ter-me controlado.

Não fazia ideia de que estava alguém a observar-me.

Dou um salto na cadeira, quando outra mensagem surge no meu telemóvel. Vem do mesmo número:

Até já vejo a manchete. Psiquiatra famosa corta pneus em parque de estacionamento.

Engulo em seco. É verdade que isto dará uma manchete apelativa. Com potencial para me destruir. E está tudo gravado.

Tremem-me as mãos, enquanto escrevo uma mensagem. Preciso de três tentativas para o conseguir fazer:

O que quer?

A resposta surge quase de imediato:

Estou à porta da sua casa.

Um arrepio gélido desce-me pela espinha. Sempre achei ridículo quando pessoas como a Paige e a Gloria sugeriam que instalasse um sistema de segurança em casa. Sempre me senti segura. Mas, ao olhar para as palavras no meu telemóvel, já não me sinto segura. Não sei se alguma vez me voltarei a sentir.

*Estou à porta da sua casa.*

Olho para a janela atrás de mim – durante a última hora, o sol pôs-se no céu e está escuro lá fora. Bruscamente, levanto-me da cadeira de cabedal, tão depressa que a faço deslizar pela sala, batendo contra a parede atrás de mim. Não posso

ignorar estas mensagens. Há muito tempo que conheço o EJ e sei que não vai esquecer este assunto.

Levo o telemóvel até à porta da frente, apertando-o na mão esquerda como a Paige fez quando me veio visitar. Pondero ligar para o 112, mas descarto a ideia rapidamente. O EJ não fez nada de errado. Sim, está na minha propriedade, mas não tenho provas de que o dispensei como paciente. Não arrombou a porta. Se ele mostrar o vídeo que fez de mim à polícia, a minha carreira está acabada.

É ele quem dita as regras.

A porta da frente é feita da mesma madeira castanho-escura da secretária do meu escritório – mogno, creio eu – com duas vidraças opacas. Apesar de ter uma trava e uma fechadura, a porta fica a metros de uma janela que facilmente se poderia partir com uma pedra. Passo pela janela a caminho da porta e consigo ver a sombra do EJ. Por um momento, fico parada, hesitante, até que o meu telemóvel vibra na minha mão.

Porque está aí parada, doutora? Abra-me a porta.

Cerro os dentes. Abro a trava e rodo a fechadura. Rapidamente, inspiro fundo para me acalmar, lembrando a mim mesma que conheço melhor o EJ do que ele me conhece a mim. Conheço todas as suas forças e fraquezas. Sei que é inteligente e manipulador, mas também é impulsivo. Pode ter-me apanhado num momento de fraqueza, mas posso sair por cima.

Abro a porta. Ali está ele, com um casaco *Michael Kors*, comprado, de certeza, com o dinheiro dos pais ricos. O cabelo louro, raiado pelo sol, está um pouco despenteado, e tem um sorriso presunçoso nos lábios. É atraente – isso é inegável, ainda que seja um pouco baixo, o que lhe dá um certo complexo de Napoleão. Durante o tempo em que foi meu paciente, teve relações de duração diferente – de uma noite a seis meses – com inúmeras mulheres. As mulheres com quem teve os encontros de uma noite tiveram sorte. Compadeço-me de qualquer mulher cujo caminho se tenha cruzado com este homem.

– Não me vai convidar a entrar, doutora? – pergunta ele.

Não o quero em minha casa, mas, mais uma vez, não tenho grande escolha. Por isso, chego-me para trás e deixo-o entrar.

– Tem uma casa tão bonita, doutora – comenta o EJ, como se a estivesse a ver pela primeira vez. – E uns belos móveis também. Tem um gosto excelente. É cabedal?

– O que quer? – pergunto, entre dentes.

Ele dá um passo atrás, pestanejando.

– Oh, vá lá, doutora. Não fique zangada comigo.

– Não fico zangada consigo? – A minha mão direita cerra-se num punho, a esquerda ainda a apertar o meu telemóvel. – Andou a seguir-me. Filmou-me sem o meu consentimento.

– Não andei a segui-la. Foi uma coincidência.

Como tantas pessoas, o EJ tem um tique revelador. Sei quando está a mentir. Sempre que diz uma mentira, contrai um pequeno músculo por baixo do olho direito. Está a fazê-lo agora, mas nem era preciso isso para saber que está a mentir. Como poderia encontrar-me simplesmente por *acaso* num centro comercial a uma hora daqui?

Mas não importa. Quer andasse ou não a seguir-me, tem o vídeo.

Ponho os braços em meu redor.

– O que quer?

– Olhe. – O EJ foca os olhos cinzentos em mim. – Não lhe quero arranjar problemas, doutora. Juro. Mas sentia que estava a ajudar-me realmente e fiquei triste quando desistiu de mim. Tudo o que quero é recomeçar as nossas sessões.

Fico de queixo caído.

– Quer retomar as sessões? *Comigo?*

– Isso mesmo.

A ideia de ficar a sós com o EJ na sala de terapia causa-me calafrios.

– Não creio que isso seja apropriado. Deixe-me encaminhá-lo para um dos meus colegas. Posso... posso pagar as suas sessões.

Não me importava nada de redirecionar este tipo a um dos psiquiatras com quem me formei. Seria um prazer.

Mas o EJ abana a cabeça.

– Não, já me sugeriu essa opção, mas não é isso que quero. Estávamos a fazer progressos excelentes. A doutora é a melhor. Quero-a a *si*.

– Sinto realmente que já fui o mais longe que podia consigo.

– Não concordo.

Mordo o interior da bochecha. O gosto metálico a sangue enche-me a boca.

– Tudo bem. Duas sessões por mês.

– Dantes fazíamos uma por semana.

– Não tenho assim tantas vagas na minha agenda.

Ele faz estalar a língua.

– Não sei, doutora. Talvez devesse *arranjar* uma vaga, então.

Posso fazer isto. Posso sentar-me com este homem durante uma hora por semana e fingir que oiço os seus problemas. Já fiz pior.

– Tudo bem – aquiesço. – Mas nada mais, está bem?

O EJ ergue as mãos.

– É só isso que quero. Apenas uma hora do seu tempo, uma vez por semana, para poder ficar melhor. Não lhe pedirei mais nada. Prometo.

Ao dizer as palavras, o músculo sob o seu olho direito contrai-se novamente.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E**sta é a sessão n.º 138 com EJ, um homem de vinte e nove anos com perturbação de personalidade narcisista.

EJ: É bom estar de volta ao seu sofá, doutora.

DH: Ahã.

EJ: Fico grato por me ter aceitado de volta.

DH: Bem, não é como se eu tivesse tido escolha, não é?

EJ: Não seja assim, doutora. Olhe, devia sentir-se lisonjeada. Estava realmente a ajudar-me. Era só isso que eu queria. É tão boa naquilo que faz.

DH: Sim, bem... o que queria discutir hoje?

EJ: Não sei. Ultimamente, sinto-me aborrecido com tudo. Como se não acontecesse nada de empolgante na minha vida.

DH: Talvez seja um sinal de que deve procurar trabalho.

EJ: Suponho que sim. Mas parece inútil. Mais cedo ou mais tarde, os meus pais vão morrer e deixar-me todo o dinheiro. Por isso, para quê dar-me ao trabalho de procurar emprego quando vou ser rico de qualquer forma?

DH: Não quer ganhar o seu próprio dinheiro e contribuir para a sociedade?

EJ: Nem por isso.

DH: Disse-me que estava a pensar em tornar-se escanção, não foi? Adora vinhos.

EJ: Sim, pensei nisso. Mas comecei a pesquisar sobre a formação, e é muito trabalho, sabe? São precisos *anos* para tirar o curso.

DH: Alguma outra coisa, então. Não quer ter dinheiro próprio? Quer depender dos seus pais para tudo até eles partirem?

EJ: Bem, são bastante velhos. [*pausa*] E a minha mãe é péssima condutora. Um dia destes, quando for a conduzir com o meu pai no carro, vai provavelmente chocar contra algum camião e morrem os dois.

DH: Acha que a sua mãe poderia ir contra um camião? É assim tão má condutora?

EJ: Bem, talvez não. Mas, quem sabe, se lhe falhassem os travões.

DH: Compreendo.

EJ: O que se passa, doutora? Parece pálida.

DH: Está a dizer-me que seria capaz de mexer nos travões do carro da sua mãe...

EJ: Não! Oh, vá lá. Eu não faria isso, doutora. Amo os meus pais, ainda que sejam uns chatos. Estou só a dizer. Pode acontecer. Os travões falham.

DH: Eu... não sei bem o que dizer.

EJ: De qualquer modo, tenho um plano para ganhar algum dinheiro este fim de semana.

DH: E qual é?

EJ: Vou dar um salto ao Casino Foxwoods e passar o fim de semana por lá.

DH: Não sei se se pode considerar isso um plano fiável para ganhar dinheiro.

EJ: Ganho sempre dinheiro nas mesas de póquer. Tenho muito jeito. Acredite em mim. No sábado à tarde faço uns trocos e depois à noite vou-me divertir.

DH: Divertir?

EJ: Sabe como é. Vou procurar uma miúda.

DH: Compreendo.

EJ: A menos que queira ir comigo, doutora? Adoraria levá-la. É uma mulher linda.

DH: Não me parece.

EJ: Talvez noutra altura.

DH: Não me parece.

EJ: Olhe, quer ouvir a minha fantasia?

DH: Já ouvi as suas fantasias. Não me parece que isto seja produtivo. É suposto falarmos sobre como pôr a sua vida em ordem.

EJ: Pois, mas esta é a *minha* sessão de terapia. *Fiz por merecê-la*. E é disto que quero falar.

DH: Disse que queria estas sessões para que eu o ajudasse.

EJ: Certo, mas já estou a ser seguido por si há muito tempo, e concordamos ambos que não me ajudou assim tanto. Talvez seja melhor fazermos as coisas à minha maneira. Falar sobre o que eu quero, para variar.

DH: Olhe...

EJ: E é disto que *eu* quero falar. Compreende, doutora?

DH: ...

EJ: Doutora?

DH: Tudo bem. Diga lá. Conte-me a sua «fantasia».

EJ: Não fique tão preocupada. Não é nada de muito louco. Tenho uma fantasia em que estou sentado à mesa de dados do Foxwoods e uma mulher absurdamente atraente se senta ao meu lado.

DH: Certo...

EJ: Não diz nada, nem sequer me diz como se chama, limita-se a empurrar uma bebida na minha direção. E é assim que sei que me quer. Depois, sobe ao meu quarto e passamos a noite inteira a dar-lhe como animais. Quando acabamos, ela vai-se embora e nunca mais a volto a ver.

DH: Que bonito.

EJ: Não lhe fica bem o sarcasmo, doutora. Estou a abrir-lhe o meu coração. Podia mostrar um pouco de empatia, sabe? Não ensinam isso no curso de psiquiatria?

DH: Simplesmente, não acho que estas sessões sejam produtivas. Como disse, teria todo o gosto em encaminhá-lo para um dos meus excelentes colegas, e até cobriria o custo das sessões.

EJ: Não. Não vamos fazer isso.

DH: Porque não?

EJ: Porque eu quero-a a *Sí*.

## PRESENTE

A gravação chega ao fim, e o gravador emite um estalido, desligando-se de forma automática. Com base nesta gravação, parece que o EJ estava a obrigar a doutora Hale a fazer-lhe sessões de terapia. Talvez estivesse até a chantageá-la.

Mas o que estaria a usar contra ela?

Não sei se consigo ouvir mais sessões do EJ. O som da sua voz dá-me arrepios. Dá para perceber só de o ouvir que não é boa pessoa.

É maléfico.

– Tricia?

Quase dou um salto ao ouvir batidas à porta do escritório. Mal tenho tempo para enfiar o gravador na gaveta de cima da secretária antes de a porta se abrir. Está a dar comigo em doida que esta casa não tenha fechaduras.

– Tricia? – O Ethan está à porta. Tem o fundo das calças de ganga ligeiramente húmido da neve, apesar de ter usado botas. – O que fazes aqui?

Pego numa caneta que estava em cima da secretária e bato com determinação com ela na superfície reluzente de madeira.

– Decidi que, já que não há muito para fazer, ia trabalhar um pouco no meu currículo.

É uma mentira plausível o suficiente. De momento, estou desempregada. Costumava trabalhar numa revista *online*. Conhecem o género, daquelas que escrevem artigos como «Doze dicas para deixar o seu namorado a ferver», «Cinco receitas para reavivar a chama na cama», «Como perder sete quilos sem sequer tentar». Costumava ser um génio a criar títulos sensacionalistas. Mas a revista foi à falência inesperadamente mesmo antes do meu casamento. Não ia estar a procurar emprego na minha lua de mel, por isso tive uma desculpa para

procrastinar. Agora, não sei bem como, mas já lá vão quase seis meses desde que estou desempregada.

Não é que não queira trabalhar. Quero. Adoraria ser um membro produtivo da sociedade. Mas depois lembro-me de quanto tempo demorei a conseguir um contrato permanente na revista, e isso não me deixa entusiasmada para começar outra vez a explorar as minhas opções. A rejeição dói, embora faça parte do processo de candidatura a um emprego.

Além disso, procurar casa tornou-se uma desculpa ainda melhor para o evitar. Afinal, a mudança e a possível remodelação de uma casa serão um trabalho a tempo inteiro. E, claro, agora também estou grávida.

O Ethan parece estar a pensar no mesmo, pois franze o nariz.

– Vais procurar emprego *agora*? Mas vamos ter um bebé em breve.

– Não assim tão em breve – saliento, apesar de concordar secretamente com ele. – Não sei se vou arranjar alguma coisa, mas não faz mal procurar, certo?

– Certo. Quer dizer, podes procurar, se quiseres. Mas não me importo se quiseres ficar em casa durante a gravidez. – Sorri-me. – Não me importo nada.

Uma sensação de calor e contentamento inunda-me o corpo. Saiu-me a sorte grande com o meu marido. Não sei como é que as minhas amigas não gostam dele. Quando falamos sobre ele, dizem sempre que *isto é um sinal de alerta* ou *aquilo é um sinal de alerta*. Mas o Ethan é um homem verdadeiramente bom. Que importa que não tenha tido muitas namoradas antes de mim? E porque haveria o facto de ter perdido os pais e não ter família ser motivo para eu o evitar?

A minha mãe diria que têm inveja. Afinal, tenho um marido lindo e rico que me quer toda só para ele.

Pigarreio.

– Conseguiste trazer o portátil?

Triunfantemente, ele ergue o seu *MacBook*.

– Quase me afundei nuns dois metros de neve, mas consegui.

Olho para a divisão. Da primeira vez que aqui entrámos, os olhos do Ethan iluminaram-se, e ele falou em como queria fazer deste espaço o seu escritório.

– Queres trabalhar aqui?

– Na verdade, nem por isso – responde ele. – É uma sala grande e a mobília é boa, mas não há luz natural. Só tem aquela janela minúscula.

Espreito por cima do ombro para a janela em questão. Tem razão. A maioria das divisões tem janelas enormes, mas esta não. Talvez tenha sido por isso que a doutora Hale a escolheu para ser a sala dos pacientes. Por ser tão isolada.

– Por isso, vou trabalhar lá para cima – diz o Ethan. – Podes ficar aqui em

baixo, se quiseres.

– Talvez fique.

– É ótimo que estejas a trabalhar no teu currículo – acrescenta ele. – Mas, para que conste, sustentar-te-ei de bom grado para o resto da vida, se for isso que queres.

Não é isso que quero, mas as minhas faces coram de prazer com a oferta. Di-lo a sério – sei disso. Quer passar a vida a tomar conta de mim.

Claro que as minhas amigas diriam provavelmente que é mais um sinal de alerta. *Está a tentar controlar-te com o dinheiro.* Tretas. É apenas um homem bom.

– Enfim – diz o Ethan. – Ficas bem aqui em baixo? Precisas de alguma coisa?

– Não, estou bem.

– De certeza?

– De certeza. A sério.

Sinto as faces a arder, porque me sinto mal por querer que ele se vá embora. Quero que vá para poder continuar a ouvir as cassetes. Ouvi-las tornou-se rapidamente um vício.

Será que o conteúdo das cassetes acabará por revelar o segredo do que aconteceu realmente à doutora Adrienne Hale?

Não posso sair desta casa sem descobrir.

Abro a gaveta do fundo da secretária. Ao percorrer as cassetes no interior, chama-me a atenção a única que é diferente. LUKE. O namorado. Porque tem ela uma gravação do namorado?

Tiro a cassette da gaveta e extraio-a da caixa. Ejeta a do EJ e introduzo a nova cassette no gravador. Em seguida, primo o botão de reprodução.

## ANTES

O Luke está cá hoje?

Os olhos da Gloria iluminam-se com a minha pergunta. Não faz ideia de porque é que quero falar com o Luke, e também não tenho intenção de lhe dizer.

– Sim, está cá. Está a ajudar o doutor Griffith na sala de documentação nas traseiras.

O meu primeiro paciente na clínica está marcado para daqui a quinze minutos. Vim mais cedo para poder falar com o Luke. Não tinha a certeza de que estivesse cá, mas reparei que arranja uma desculpa para aparecer sempre que tenho consultas marcadas. Coincidência? Talvez. Veremos.

– Já agora – acrescenta a Gloria –, recebeu outro postal. E uns chocolates.

Passa-me uma pequena caixa com um sortido de chocolates baratos de supermercado com um pequeno envelope retangular cor-de-rosa por cima. O envelope tem rabiscado o nome «Dra. Hale» a esferográfica. Apesar de estar desesperada por ver o Luke, abro o envelope. Extraio um pequeno postal com uma ave solitária a voar por um céu azul sem nuvens. Abro o postal e leio a caligrafia trémula:

Cara Dra. Hale,

Não tenho palavras para lhe dizer o quanto a sua ajuda significou para mim.

Quando a procurei, estava a passar por um período muito sombrio na minha vida. Se não fosse por si, não sei se ainda cá estaria. Salvou-me a vida. Deus a abençoe.

Lola Hernandez

Devolvo o postal ao envelope e meto-o no bolso do casaco. Este é dos que vou

guardar. Tenho uma coleção deles e, às vezes, leio-os nos meus dias mais sombrios. Mas hoje não tenho tempo para ficar a pensar nisso e elogiar-me. Tenho de salvar a minha carreira.

– Não se esqueça dos chocolates, doutora Hale – diz a Gloria.

O postal era atencioso, mas os chocolates são claramente de má qualidade. Abano a cabeça.

– Pode ficar com eles, Gloria. Dê-os aos seus netos.

– Devia comê-los. Pôr alguma carne nesses ossos. Os homens gostam disso.

Retraio-me. A Gloria não é a primeira pessoa a dizer-me que me acha demasiado magra. *Como um esqueleto*. Não sei como pode alguém achar que o meu físico é da sua conta. Nem me digno a responder ao comentário. Em vez disso, rodo nos calcanhares e desço o corredor em direção à sala de documentação, deixando a caixa de chocolates para trás.

Quando estou a uns três metros da sala, oiço o Luke a conversar com o velho doutor Griffith, que parece ter os nervos em franja, algo que não é invulgar.

– Quero apenas ver a nota, mas, de cada vez que clico nela, isto abre a nota para edição ou tenta adicionar uma adenda.

– Isso é porque está a clicar duas vezes. Para a ver, tem de clicar só uma vez.

– Eu *estou* a clicar só uma vez. Veja. Olhe o que isto fez.

– Certo. Porque clicou duas vezes.

– Não cliquei, não.

Entro na sala de documentação mesmo a tempo de ouvir o Luke explicar pacientemente ao doutor Griffith a diferença entre clicar uma e duas vezes, pelo que desconfio que seja a terceira ou quarta vez. Pela forma como as sobrancelhas brancas e espessas do médico se franzem, consigo ver que não percebe. *Nunca* irá perceber.

Bato suavemente com o punho na porta. Os olhos castanhos do Luke iluminam-se ao ver-me. Hoje, estou a usar um vestido vermelho que encontrei no fundo do meu roupeiro. Vários estudos psicológicos demonstraram que os homens têm mais sentimentos amorosos pelas mulheres que usam vermelho do que pelas que usam qualquer outra cor. É mais provável que expressem o desejo de sair com uma mulher se estiver vestida de vermelho. Além disso, também estão dispostos a gastar mais dinheiro com ela. Os homens nesses estudos não conseguiam identificar a origem dos sentimentos. Gostavam simplesmente da rapariga de vermelho.

– Adrienne! – exclama alegremente o Luke. – O que se passa?

– Tem um minuto, Luke?

Ele olha de mim para o doutor Griffith, obviamente dividido entre a promessa de ajudar o médico idoso a compreender como se clica numa nota e querer ajudar-me. Felizmente, o doutor Griffith compadece-se e levanta-se com dificuldade.

– Não se preocupe, Luke – diz o médico. – Podemos tentar resolver isto mais tarde.

O Luke ergue-se da cadeira para me encarar, enquanto o doutor Griffith sai da sala. Está diferente hoje. A camisa azul-celeste está engomada e traz uma gravata castanha – ainda que o nó pudesse estar um pouco mais apertado. E barbeou-se esta manhã. Geralmente, cheira a sabonete, o que não é de todo desagradável, mas hoje noto um cheiro diferente, almiscarado – água-de-colónia ou *aftershave*.

– O que se passa? – pergunta ele.

Torço as mãos.

– Preciso da sua ajuda com uma coisa.

Os seus lábios curvam-se.

– Aviso-a já. Se precisar que lhe ensine a diferença entre clicar uma ou duas vezes, vou perder a cabeça.

O meu riso soa forçado aos meus próprios ouvidos. Fiz todos os possíveis para parecer composta esta manhã, apesar de ter sido difícil, pois não tenho dormido nada desde que recebi aquele vídeo no meu telemóvel. Foram precisas três camadas de maquilhagem para esconder as olheiras.

– Não, é outra coisa. Eu... esperava que me pudesse ajudar a instalar um sistema de segurança em minha casa.

Os seus olhos castanhos pestanejam atrás dos óculos.

– O quê?

– Disse que instalou um alarme na casa da sua mãe. – Pigarreio. – Por isso, pensei que podia ajudar-me.

Passa o polegar pelo queixo barbeado.

– Certo, mas...

– Posso pagar-lhe, claro.

Disse a coisa errada. O seu rosto esmorece.

– Não é isso. Não preciso que me pague. Acho só que... Como tem um casarão, provavelmente seria melhor se contratasse uma empresa para o fazer. Quer dizer, arranjei qualquer coisa rápida para a minha mãe, mas a casa dela é pequena.

Estremeço com o pensamento de ter um bando de estranhos na minha

propriedade, a instalar câmaras e equipamento para me poderem espiar. Não quero instalar um sistema de segurança para ser observada. Quero ser *eu* a vigiar.

– Já comprei o equipamento – digo. – Só preciso de alguém que me ajude a instalá-lo. Não sei como o fazer sozinha.

– É só que o que quer que tenha comprado nunca será tão bom como o que um profissional instalaria.

– Não quero nenhum profissional. – Cravo as unhas na palma da mão. – Quero que seja o Luke a fazê-lo. Por favor.

– Adrienne...

– Pago-lhe um jantar. Onde quiser.

– Mas...

– *Por favor*, Luke.

Deixa descair os ombros.

– Está bem, pronto. Eu faço-o.

É como se me tivessem tirado um peso de cima. Ter um sistema de segurança não me protegerá do EJ, mas deixar-me-á mais descansada. Não me agrada a ideia de o ter a rondar junto à minha propriedade e a seguir-me. Quero saber o que se passa. Não estou habituada a esta sensação de falta de controlo. Não me agrada nada.

– Obrigada, Luke. – Antes que me possa impedir, estendo a mão e toco-lhe no braço. Não sou o tipo de pessoa que expressa abertamente as emoções, mas sinto uma vaga de gratidão para com este homem. – Fico realmente grata.

– Sem problemas – diz ele, sorrindo. Parece diferente com a camisa engomada, a gravata e o rosto barbeado. É atraente de uma forma inesperada. – E não tem de me pagar o jantar.

– Mas eu quero.

– Bem, porque não pensa melhor nisso?

Pondero voltar a protestar, mas oiço firmeza na voz do Luke. Aprecio o facto de ele não querer ir jantar comigo a menos que eu queira fazê-lo. Não me vai pressionar a nada.

– Muito bem, então.

– Então... – Esfrega as mãos. – Quando quer que instale o alarme?

– O mais cedo possível.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Estou livre esta noite.

De alguma forma, já desconfiava.

\*\*\*

O Luke estaciona o *Toyota* azul mesmo atrás do meu *Lexus*, em frente à casa. Tinha introduzido a minha morada no GPS, mas eu disse-lhe que era provável que ficasse sem rede depois de sairmos da estrada principal, por isso era melhor seguir-me. Geralmente, dou indicações específicas aos meus pacientes para chegarem a minha casa.

– Credo, Adrienne – diz o Luke, puxando a gravata para a afrouxar, enquanto sai do *Toyota*. – Está mesmo isolada aqui. É a única casa em quilómetros.

São três quilómetros, de facto, desde que passámos pela última casa, mas decido não salientar esse facto.

– Sim.

Olha para as árvores que rodeiam a estrada estreita por pavimentar que conduz à minha casa.

– O que faz quando cai muita neve? Deve ficar presa aqui.

– Tenho um acordo com uma empresa de limpa-neves. Limpam a estrada inteira quando lhes peço.

Preparo-me para mais perguntas, mas não vêm. Em vez disso, o Luke abre a bagageira e tira uma caixa de ferramentas, seguindo-me depois até à porta da frente. Quando abro a porta e ele chega ao umbral, solta um assobio baixo.

– Uau – comenta.

– Eu sei.

– Este sítio é *enorme*.

– Sim, eu *sei*.

O Luke abre-me um sorriso acanhado.

– Desculpe, é só que nunca tinha conhecido ninguém que vivesse num castelo.

Ignoro o comentário a comparar a minha casa a um castelo.

– O material que comprei para instalar o sistema de segurança está ali. – Aponto com a cabeça para a caixa de cartão encostada à parede. Ontem, quando chegou, passei vinte minutos a ver as instruções e a confirmar que não havia maneira de o conseguir montar sozinha.

– Tem a certeza de que quer que seja eu a fazer isto? – pergunta ele, mordendo o canto do lábio. – Um profissional seria...

– Luke.

Solta um longo suspiro.

– Está bem. Eu faço-o.

Agacha-se para vasculhar a caixa de cartão. Mudo o meu peso de um pé para o

outro, receosa de que possa ser demasiado trabalho para ele. Do meu ponto de vista, o Luke é um génio da eletrónica, mas os meus padrões não são propriamente elevados. A grande maioria dos funcionários da loja da *Apple* encaixa-se nessa categoria. Ainda assim, fico satisfeita que ele tenha uma caixa de ferramentas na bagageira.

– Acha que será capaz de o fazer? – pergunto.

– Não vejo porque não.

Os meus ombros relaxam ligeiramente.

– E pode instalar a câmara de modo a apanhar a porta da frente? Para eu poder ver quem lá está a partir do meu telemóvel?

– Claro.

– Fantástico. Perfeito.

Vejo-o tirar um pequeno saco de plástico com parafusos e semicerrar os olhos para os fitar com os óculos.

– Tem alguma objeção a que eu faça alguns pequenos furos na parede?

– Faça o que for preciso.

Ele ergue os olhos para mim.

– Não precisa de ficar aí a observar-me. Isto vai demorar. Pode ir trabalhar, e eu aviso-a quando tiver terminado.

A verdade é que não me teria importado de o observar. Acho este tipo de coisas fascinante. E, embora odeie admiti-lo, começo a achar o Luke mais atraente enquanto o vejo remexer na sua caixa de ferramentas. Regra geral, não saio com ninguém. Raramente encontro um homem que pareça valer o esforço. Sempre senti que era imune aos desejos que a maioria das mulheres tem.

Mas, ao observar o Luke, pergunto-me se isso será verdade.

Tusso, afastando os pensamentos indesejados.

– Estarei a trabalhar além, na sala onde recebo os meus pacientes. Diga-me se precisar de alguma coisa.

– Assim farei.

Passo os noventa minutos seguintes a responder a *e-mails* no meu escritório. Estou mortinha por ir lá fora ver como se está o Luke a dar com a instalação, mas não quero pressioná-lo. Por isso, espero pacientemente que ele venha ter comigo. Cada minuto que passa faz aumentar a minha culpa devido ao tempo que ele está a perder ao ajudar-me.

Finalmente, quando estou a pensar em levantar-me para ir ver como está, oiço uma batida à porta do meu escritório.

– Adrienne?

– Só um momento!

Termino rapidamente o *e-mail* que estou a escrever e levanto-me. Quando saio do meu escritório, vejo o Luke perto da porta, junto à minha estante, a segurar um dos meus livros. Demoro um segundo a perceber que é o meu livro mais recente. Em breve, chegará às livrarias de todo o país. *Anatomia do Medo*.

– Oh, olá. – As suas faces coram. – Desculpe, não queria bisbilhotar. Vi o livro com o seu nome e fiquei curioso.

– É só um exemplar de prova.

– Parece muito interessante. – Mais uma vez, mostra-me aquele sorriso acanhado. – Li o outro livro que publicou. É ótimo. Inteligente, mas terra a terra. O tipo de leitura que apelaria a qualquer pessoa.

– Obrigada.

– Mas deve estar sempre a ouvir isso, provavelmente.

– Nem por isso. – Olho para o exemplar que tem nas mãos. – Esse sai daqui a alguns meses. Estou muito orgulhosa dele.

– É sobre o... medo?

Assinto, desejosa de falar sobre o meu livro. Quando for publicado, irei em digressões e darei um monte de entrevistas; talvez até apareça na televisão a promovê-lo. Mas, por enquanto, não há nada, e eu estou mortinha por falar sobre ele.

– Basicamente, é sobre pessoas que sobreviveram a situações aterradoras e como lidaram com isso.

– Pesado.

– O caso mais impressionante é o de uma paciente, PL, que tenho vindo a ver há já alguns anos – digo. – Tinha ido passar o fim de semana a uma cabana com o noivo e duas amigas. Num sítio ermo, sem rede móvel e tudo o mais.

Ele abre-me um sorriso de esguelha.

– Oh. Como aqui, quer dizer?

– *Nada* como aqui. – Lanço-lhe um olhar. – Enfim, tinham estado a beber bastante e a fumar erva, por isso foram apanhados desprevenidos quando um homem armado com uma faca de talhante irrompeu na cabana. – Lambo os lábios, recordando a descrição que escrevi no livro. – Cortou-lhes os pneus dos carros para não poderem fugir, e a seguir esfaqueou-os aos quatro, deixando-os para morrer. A minha paciente sobreviveu apenas porque fingiu que estava inconsciente. Depois de o atacante deixar a cabana, correu aos tropeções pelos bosques até chegar à estrada principal e conseguir que um carro parasse para a ajudar.

– Credo – murmura o Luke. – Isso é... horrível.

Tiro-lhe o livro das mãos, folheando as páginas que escrevi a relatar a história que a minha paciente me contou sobre os horrores que sofreu.

– O pior é que nunca apanharam o responsável. Ainda anda por aí algures.

– Oh, não. – Ele abana a cabeça. – Nunca o encontraram? Sabem porque o fez?

– Saberá alguém porque haveria um indivíduo de tentar assassinar quatro pessoas ao acaso nos bosques?

O Luke não tem resposta para isso.

– Passou um ano a acordar todas as noites aos gritos. – Ainda consigo visualizar os olhos raiados de sangue da rapariga, cheia de olheiras. – Tinha pesadelos em que o homem estava à sua janela. Pensar que ele pudesse continuar algures por aí torturava-a. Precisou de muita terapia para ficar melhor. Terapia e tempo.

– De certeza que a sua ajuda teve um grande papel nisso.

– Gostaria de pensar que a ajudei. É difícil superar esse tipo de trauma.

– A propósito disso... – Aponta com a cabeça na direção da sala de estar. – Deixe-me mostrar-lhe o seu novo sistema de segurança.

O Luke passa a meia hora seguinte a explicar-me todo o trabalho que teve para proteger a minha casa. Montou sensores em todas as janelas do rés-do-chão. O painel de controlo ficou mesmo ao lado da porta da frente, e ele vira costas para me deixar introduzir o meu código de seis algarismos. É o aniversário da minha falecida mãe.

– Pode ligar ou desligar o sistema de segurança depois de introduzir o código – explica ele. – Com este painel de controlo poderá até definir um horário para o ligar, a certas horas do dia, por exemplo, se quiser.

– E quanto à câmara?

– Instalei-a do lado de fora da porta da frente. Só preciso de fazer a ligação ao seu telemóvel. – Estende a mão. – Se mo der, posso tratar de configurar tudo.

Deixei o meu telemóvel no escritório, por isso conduzo-o até lá. Quando tem o aparelho nas mãos, instala rapidamente a aplicação de que preciso e liga-a à câmara. Quando mo devolve, vejo no ecrã a imagem da área exterior junto à minha porta da frente.

– Isto é incrível – murmuro. – Muito obrigada.

Mas o Luke não me responde. Está a olhar diretamente em frente, para a estante do meu escritório. Os seus olhos estão fixos num intervalo entre dois livros.

– O que é *aquilo*?

Em todos os anos que passei a conversar com pacientes neste escritório, ele é a primeira pessoa a reparar no gravador de cassetes escondido entre dois livros de capa dura. Sinto uma vaga de irritação misturada com respeito.

– É um gravador de cassetes.

– Um gravador de cassetes?

– Gravo as sessões dos meus pacientes.

As sobrelhas do Luke sobem-lhe até à linha do cabelo.

– Todas?

– Sim. – Encolho os ombros, como se não fosse nada de especial. No estado de Nova Iorque, não é ilegal gravar uma conversa de que fazemos parte, mesmo que a outra pessoa não tenha conhecimento disso. – Só utilizo as gravações para me recordar da última visita, se for preciso. Uso-as em vez de notas. Não tenho nenhum sistema eletrónico de registos médicos em minha casa.

Observo a expressão do Luke. Preparo-me para o ouvir dizer que gravar as sessões é errado ou que vai informar os meus pacientes desta quebra de confidencialidade. Mas, quando finalmente fala, o que diz deixa-me chocada.

– Não devia usar cassetes. Devia gravá-las em formato digital.

– Digital?

– Sim. – Abana a cabeça. – Quer dizer, deve ter milhares de cassetes. Não seria melhor se guardasse tudo no seu computador?

– Gosto de cassetes.

– Cassetes? Vá lá. Terei entrado numa máquina do tempo que me transportou por magia para os anos oitenta?

O sorriso palerma no seu rosto faz-me sorrir também. Quando conheci o Luke na clínica, achei-o ligeiramente irritante, apesar de ser bom no que fazia. Começo a afeiçoar-me a ele.

– As cassetes são um excelente dispositivo de gravação – digo. – Teria todo o gosto em fazer-lhe uma demonstração.

– Uma demonstração?

– A experiência da doutora Adrienne Hale. – Pisco-lhe o olho. – Sente-se no sofá, e eu mostro-lhe o que faço.

O seu sorriso vacila ao lançar um olhar ao sofá de cabedal atrás de si.

– No sofá?

– Sim. Será divertido.

– *Divertido*?

– Claro. Porque não?

Passa uma mão pelo braço do sofá.

– A experiência da doutora Adrienne Hale, hã?

– Devo informar que há muitas pessoas a pagar bem por isto.

– Oh, aposto que sim. – Olha novamente para o sofá. Está relutante, mas também não quer recusar. Passou aqui a tarde toda. Embora seja simpático, de certeza que tem segundas intenções. – Muito bem. Vamos a isso. Mostre-me a experiência da doutora Adrienne Hale.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E** *sta é a minha primeira sessão com LS, um homem de trinta e...?*  
LS: Trinta e seis.

DH: Um homem de trinta e seis anos que parece normal, mas tem um talento estranho para a eletrônica e os computadores e, além disso, traz um martelo na bagageira do carro. Suspeito?

LS: Ei, devia estar agradecida por ter trazido o martelo.

DH: Então, Luke, porque não me fala um pouco sobre si?

LS: Tipo o quê?

DH: O que quer que lhe pareça importante.

LS: Bem. Tenho um mestrado em ciências da computação. Trabalho no ramo das tecnologias da informação desde... bem, desde que tirei o mestrado. Passei os últimos cinco anos a ajudar unidades de saúde a instalarem sistemas de RME.

DH: Gosta do trabalho?

LS: Sim. Quer dizer, é um emprego. Mas podia ser pior.

DH: É casado, Luke?

LS: Sabe que não sou.

DH: Sei?

LS: Bem, não uso aliança.

DH: Há muitos homens casados que não usam aliança.

LS: Certo. Mas não sou casado.

DH: Alguma vez foi casado?

LS: Hã...

DH: Luke?

LS: Sim. Fui.

DH: Compreendo. E como acabou?

LS: Ela morreu.

DH: Lamento muito.

LS: Está... está tudo bem. Foi há muito tempo.

DH: Quer falar sobre...

LS: Não, não quero falar sobre isso. Vamos avançar, está bem?

DH: É justo. Mas acho só que...

LS: Isto foi má ideia. Desligue o gravador.

DH: Não concordo. Temos muito para explorar aqui.

LS: A sério?

DH: Sim. É uma pessoa muito complexa e interessante, Luke Strauss.

LS: Sou?

DH: Não se ria. Acaba de abdicar da sua tarde para fazer um favor a uma mulher que mal conhece. Sem esperar nada em troca.

LS: Tinha de o fazer. Vive no meio de nenhures. Não queria que lhe acontecesse alguma coisa.

DH: Isso é atencioso.

LS: Sou um tipo simpático, suponho. Ou um otário.

DH: Só seria um otário se o tivesse feito à espera de algo que ela não tivesse intenções de lhe dar.

LS: Eu não... quer dizer, não estou à espera de nada. Tenho esperança, suponho.

DH: Esperança de quê?

LS: Nada. Esqueça.

DH: Não, diga-me.

LS: Esta mulher que ajudei... Disse-me que sou complexo e interessante, e não sei se tem razão, mas essa mulher é todas essas coisas. E mais. É muito inteligente... tanto que nem dá para acreditar. Além disso, dedica o tempo livre a trabalhar numa clínica para pessoas com baixos rendimentos e importa-se realmente com os pacientes. Age como se isso não fosse nada de especial, mas o que ela faz por eles é incrível. Adoram-na.

DH: Quis ajudá-la porque ela ajuda os outros, é isso?

LS: Sim... Quer dizer, em parte, é isso, mas...

DH: Mas?

LS: É interessante e complexa e dedicada e inteligente. Mas também é...

DH: O quê?

LS: É linda.

DH: Acha que sim?

LS: Acho. Acho mesmo.

DH: Compreendo. Então, o que me está a dizer é que tem intenções românticas relativamente a essa mulher?

LS: Hã...

DH: Tem consciência de que a sua cara está completamente vermelha neste momento?

LS: Ahah, que engraçado. Está bem, eu... Olhe, o que quer que lhe diga? Sim. Sim, gosto dela.

DH: E o que sente ela em relação a si?

LS: Até hoje, teria dito que não gosta lá muito de mim. Mas agora já não tenho assim tanta certeza. É uma mulher muito difícil de interpretar.

DH: Ah, sim?

LS: Sim. Quer dizer, estou em casa dela há duas horas, e depois ela faz-me sentar no seu sofá e obriga-me a responder a um monte de perguntas, como uma espécie de entrevista a fingir. Enquanto eu passo o tempo todo a pensar: e se me levantasse simplesmente do sofá e a beijasse? Como reagiria?

DH: Porque não o faz, nesse caso?

LS: E se ela não quiser que o faça? E se me der uma bofetada?

DH: Não creio que dê.

LS: Não?

DH: Nunca saberá se não tentar.

## ANTES

**N**unca imaginei que fosse acabar na cama com o Luke Strauss. Um jantar? Talvez. Uns copos? Possivelmente. Mas não isto. Foi uma surpresa absoluta.

Não que tenha sido desagradável – muito pelo contrário. Julgava ser o tipo de pessoa que podia passar indefinidamente sem afeto e proximidade física, mas, assim que o Luke me beijou, depois de eu o ter incitado a isso, dei-me conta de que estava a mentir a mim mesma. Queria isto. Queria-o tanto, que, mesmo quando ele tentou abrandar respeitosamente, eu não deixei.

*Tudo o que quiseres, Adrienne.*

Obtive exatamente o que queria: uma noite de paixão com um homem que me surpreendeu ao saber exatamente o que fazer. Fez um excelente trabalho a instalar o meu sistema de segurança. Fez um trabalho ainda melhor na cama.

Sinto-me absolutamente satisfeita.

Mas agora acabou. O Luke tem o braço a envolver-me os ombros, e o meu corpo nu está encostado ao seu. A única coisa em que consigo pensar é: *Como vou fazer com que se vá embora?* Já passa da meia-noite. Deve estar à espera de passar cá a noite. Gosto dele, mas não quero que continue na minha cama. Não o quero às voltas e a ressonar e a tentar aninhar-se em mim enquanto durmo. Preciso de dormir.

Mas sei que seria foleiro virar-me para ele e dizer: *Olha, isto foi divertido. Que tal se agora fosses para casa?* Possivelmente, terei de o tolerar. A noite inteira.

– Sabes que mais? – murmura o Luke para os meus cabelos. – Estou esfomeado.

Com as suas palavras, o meu estômago ronca alto o suficiente para ele ouvir.

– Presumo que signifique que concordas – diz ele, rindo.

– Queres ir lá abaixo comer qualquer coisa? Podemos ver o que tenho no frigorífico.

– Parece-me bem.

Poderá não dizer o mesmo quando descobrir que o meu frigorífico está praticamente vazio. Mas, por outro lado, pressinto que não ficará muito incomodado. O Luke é muito afável. Ainda não decidi se gosto ou não dessa característica.

Desce da cama e apanha as roupas que ficaram espalhadas pelo quarto num acesso de paixão. Enquanto aperta o fecho das calças, vê que estou a observá-lo e fita-me com um sorriso. Pela primeira vez desde que recebi aquele vídeo no meu telemóvel, sinto um laivo de felicidade.

O vídeo. O EJ. Que imbecil.

*Não. Não penses nisso. Não agora.*

O Luke enfia a camisa parcialmente abotoada pela cabeça, mas não aperta o resto dos botões. Em seguida, apanha a gravata do chão e pendura-a ao pescoço sem a apertar. Pondero vestir as roupas que usei durante o dia, como ele fez, mas decido que não quero saber. Agarro no meu roupão polar vermelho e enrolo-o à volta do meu corpo.

Ele sorri em aprovação. Comprei o roupão por ser quente, mas tem a vantagem adicional de ser vermelho. Juro que não pensei nisso quando o comprei, mas talvez o tenha feito inconscientemente.

O conteúdo do frigorífico é ainda mais abismal do que eu temia. Tenho um pão, mas, quando o Luke lhe pega, vemos bolor verde a crescer no fundo. Há um frasco de *ketchup*. Tenho massa num dos armários, mas nenhum molho para acompanhar – apenas *ketchup*.

– Como fora muitas vezes – explico, desculpando-me.

– Espero que sim.

Ao abrir outro armário, encontra uma embalagem apenas ligeiramente fora do prazo de bolachas de água e sal e um resto de manteiga de amendoim. Não é propriamente o melhor jantar de sempre, mas terá de servir. Tiro uma garrafa de água do fundo do frigorífico para mim e outra para o Luke, que está ocupado a barrar bolachas de água e sal com manteiga de amendoim.

– Desculpa – digo.

– Não peças desculpa. – Interrompe-se para lamber manteiga de amendoim da faca. – Era a minha refeição favorita entre os sete e os dez anos.

Sorrio para comigo, imaginando o Luke como um miúdo sardento no segundo

ano.

– Aposto que eras um miúdo giro.

– Era mesmo – garante-me ele. Empurra uma das bolachas de água e sal com manteiga de amendoim na minha direção. Dou uma dentada. Sabe basicamente ao que seria de esperar. – Só em adolescente é que me tornei problemático.

Arqueio uma sobrancelha.

– Causavas dificuldades aos teus pais? Custa-me a imaginar.

Ele lambe um pouco de manteiga de amendoim do lábio superior.

– Não propriamente, mas confesso que me meti em sarilhos. Sarilhos relacionados com a lei.

– Com a lei? A sério?

Hesita, como se ponderasse mentir, apesar de ter acabado de me dizer que era verdade. Tenho a certeza de que o Luke Strauss tem um tique revelador, mas ainda não o descobri.

– Sim.

– Tipo o quê?

– Pirataria informática. – Encolhe-se. – Pensava que era muito esperto... até que me apanharam. Tive uma carrada de problemas. Felizmente, era menor, e os meus pais arranjam-me um bom advogado. Cumpri apenas serviço comunitário. Certificaram-se de que não ficava nada no meu cadastro.

– Uau. Estou impressionada.

– Impressionada por eu ter sido pirata informático? Ou impressionada por não ter ido parar à prisão?

– Pelas duas coisas, mas principalmente a primeira. – Esmigalho um pedaço de bolacha sob as pontas dos dedos. – Ainda consegues fazê-lo?

– Fazer o quê?

– Piratear um computador.

Ele ri-se.

– Talvez, mas não vamos descobrir. Ninguém nos contrata para trabalhos informáticos legítimos se formos apanhados a piratear. Já tenho idade que chegue para saber que não posso voltar a correr riscos estúpidos como esse.

Já sabia que o Luke era hábil com os computadores, mas esta é uma informação interessante. Arquivo-a no meu cérebro para mais tarde.

– Aposto que eras perfeita em pequena – comenta ele. – Aposto que eras o tipo de miúda por quem todos os adultos se apaixonavam. A queridinha dos professores. Acertei?

– Não propriamente.

Ele arqueia a sobrancelha esquerda.

– Ah, não?

– Muitos professores não gostam – digo eu – quando somos mais inteligentes do que eles.

O Luke fita-me por um segundo e depois ri-se.

– Pois, aposto que eras.

Fico satisfeita por ele achar a minha afirmação divertida e não arrogante. É, afinal, meramente um facto. Desde muito cedo que o meu intelecto suplantara o de todos os que tinham sido incumbidos de me ensinar. Muitos adultos não toleram que uma criança seja mais inteligente do que eles.

Tal como muitos pais.

Preparo-me para mais perguntas sobre a minha infância e a minha família, mas nunca surgem. Em vez disso, ficamos sentados em silêncio na minha cozinha, a mastigar as nossas bolachas de água e sal com manteiga de amendoim.

Mesmo que quisesse fazer conversa, seria difícil, com tanta manteiga de amendoim colada ao céu da boca. Talvez tenha sido por isso que o Luke parou de fazer perguntas e não por respeito pela minha privacidade. Enquanto comemos, olha em redor, observando a minha casa, com uma expressão ligeiramente espantada no rosto.

– Tens aqui um belo casarão – comenta ele, por fim.

– Sim, vivo sozinha.

Passa a língua pelos dentes.

– Não perguntei nada.

– Nem era preciso. – Tamborilo com os dedos na mesa da cozinha. – As pessoas olham para esta casa e partem do princípio de que devo viver aqui com um marido e filhos. Quando desafio essa expectativa, isso perturba-as. As pessoas não gostam que as coisas não correspondam às suas expectativas.

– Bem... – diz ele. – Quero que saibas que *superas* as minhas expectativas.

Permito-me um sorriso.

– Ah, sim?

– Sim. E, além disso, fico muito feliz por não teres marido. Obviamente.

Mudo de posição na cadeira de madeira da cozinha.

– Então e tu? Disseste-me que já foste casado.

É espantosa a forma como o Luke se fecha por completo quando falo no seu casamento. Foi exatamente o que aconteceu quando estava a tentar fazer-lhe perguntas há pouco. Os seus olhos velam-se, e os lábios fixam-se numa linha

reta.

– Não quero falar sobre isso.

– Percebo.

Não está a ser justo. Tem trinta e seis anos e é viúvo. Deve compreender que uma revelação dessas é suficiente para fazer com que as pessoas se interroguem. Como se perde a mulher quando se é assim tão novo?

Vendo a minha expressão, ele suspira.

– Sofreu um acidente. Foi... horrível. Espero que não soe frio, mas, sinceramente, é a última coisa em que quero pensar quando estou aqui contigo.

– Compreendo. – E compreendo mesmo. Não seria bom se o Luke não parasse de falar sobre a mulher morta. Diz tê-lo ultrapassado, por isso eu acredito. Mas não posso deixar de me interrogar. Que tipo de acidente terá sido? Será que esteve envolvido?

Seja como for, não vou encontrar respostas para as minhas perguntas neste momento.

Entre os dois, eu e o Luke despachamos o resto das bolachas de água e sal. Lanço um olhar ao relógio do micro-ondas – é quase uma da manhã. Apesar de ter voltado a vestir-se, o Luke continua com a camisa maioritariamente desabotoada. Sei que vive no Bronx e duvido que queira fazer a viagem de regresso ao apartamento assim tão tarde. Deve querer passar cá a noite.

Deve querer passar a noite inteira abraçado a mim. Sinto um suor frio na parte de trás do pescoço.

– Então. – Pigarreio. – Isto foi agradável.

– Sim. – Brinca-lhe um sorriso nos lábios. – Foi mesmo.

– Não me importava de repetir um dia destes – digo. É verdade, mas em casa do Luke, da próxima vez, para eu poder sair quando acabar.

– Eu alinho.

– Em qualquer outra altura. Enfim... basta mandares-me uma mensagem.

– Assim farei.

– Sim. Portanto...

Um longo silêncio paira entre nós, até que, finalmente, o Luke o quebra, desatando a rir.

Olho para ele, ofendida.

– Qual é a graça?

Limpa os olhos. Ri-se tanto, que lhe caem lágrimas.

– Queres que me vá embora, mas és demasiado simpática para o dizer.

– Bem... – Cruzo os braços sobre o peito. – É só que estou habituada a

dormir sozinha. Não preferes também dormir na tua própria cama?

– Sem dúvida. – Inclina-se para a frente para roçar os lábios contra os meus. – Sinceramente, tenho de estar noutra hospital na cidade amanhã de manhã. Não estava nada ansioso por ter de ir a correr para casa de madrugada para tomar duche e mudar de roupa. Teria ficado, se quisesses, mas não me importo de ir para casa.

Sinto o corpo mais leve de alívio.

– Obrigada.

– Mas... – Ergue um dedo. – Tens de me deixar levar-te a jantar.

– Sou *eu* quem te deve um jantar, lembras-te?

– Está fora de questão. Quero ser eu a levar-te a *ti* a jantar fora.

Do ponto de vista evolutivo, no que diz respeito à reprodução, as fêmeas são mais valiosas do que os machos. Afinal, as mulheres só podem ter uma gravidez de cada vez, ao passo que os homens podem espalhar a sua semente mais livremente. Em resultado, os mamíferos do sexo masculino têm de «conquistar» o acesso reprodutivo às fêmeas, oferecendo-lhes presentes. Não é de todo algo exclusivo dos seres humanos, embora não me pareça que as ovelhas e as vacas tenham de enfrentar este dilema específico muitas vezes.

Da perspetiva sociopsicológica, os papéis tradicionais de género são, muitas vezes, interiorizados pelos homens. Sentem-se obrigados a tomar decisões e a assumir o controlo, enquanto as mulheres os seguem. Ao estabelecer um precedente, tal como pagar uma refeição no primeiro encontro, o homem define-se como o líder dominante na relação e relega a mulher para um papel passivo.

Pondero explicar tudo isto ao Luke, mas nesse momento ele reclina-se na cadeira da cozinha, que range sob o seu peso.

– Fico aqui *a noite inteira* se for preciso, Adrienne.

Tudo bem. Se quer assim tanto fazê-lo, não vou discutir. Apesar da minha aversão face à perspetiva de cair nos papéis tradicionais de género, sinto-me um pouco lisonjeada.

– Está bem, então. Podes levar-me a jantar fora.

Acompanho o Luke à porta da frente. Mesmo antes de partir, agarra-me uma última vez e beija-me. É um beijo maravilhoso que me deixa a formigar até aos dedos dos pés. Mal posso esperar para o voltar a ver.

Quando sai porta fora, passa-me pela cabeça o pensamento de que talvez o Luke me possa ajudar com o problema do EJ.

## PRESENTE

O Luke gostava dela. Gostava realmente dela.

Consigo ouvir-lho na voz. Esta gravação foi obviamente feita antes de namorarem, quando ele ainda tinha apenas um fraquinho por ela. É tão querido que quase dá vontade de vomitar. Parece que ela o deixou beijá-la. Talvez mais.

O Luke não aparenta ser um assassino. Parece um tipo decente, ainda que seja um pouco cromo. A sua voz não carrega maldade, como a do EJ.

Mas, claro, isso era no início da relação. Muito pode ter mudado. Ter-lhe-á ela feito algo que o levou a odiá-la? Deve ter feito.

Tremo na cadeira de cabedal da doutora Hale. A blusa que tenho vestida é demasiado fina e não me aquece o suficiente, mesmo com o aquecimento ligado. Talvez possa pedir ao Ethan para o aumentar um pouco. Nunca me mostrou como descobriu como o ligar sequer. Nem sei onde está o sistema de aquecimento. Pode estar praticamente em qualquer lugar desta casa gigantesca. Impressiona-me que ele o tenha descoberto, nunca tendo estado aqui antes.

Ejeto a cassette que diz LUKE do gravador e enfio-a novamente na gaveta do fundo. Em seguida, saio do escritório e subo para ir procurar o Ethan.

É incrível como as coisas parecem diferentes no corredor do andar de cima quando está sol. Ontem à noite, era nada menos que aterrador, mas agora não parece assim tão mau. Continuo relutante em viver aqui, mas não seria a pior coisa do mundo. As janelas tornam o espaço luminoso e alegre, embora iluminem cada racha e imperfeição na parede.

E iluminam uma outra coisa:

Um cordão pendurado do teto.

Não sei como me escapou ontem à noite. Suponho que faz sentido, visto que o

corredor estava escuro e que o cordão não é propriamente fácil de ver. Vejo que está ligado a um retângulo no teto.

É uma passagem para o sótão.

Mas claro! Lembro-me agora de que a descrição da casa no *site* da Judy referia «um sótão perfeito para arrumos». De alguma forma, isso nem me passou pela cabeça ontem à noite. Quando verificámos os quartos do primeiro andar, parti do princípio de que tínhamos examinado todas as divisões em que alguém se poderia esconder.

Mas havia uma divisão que não tínhamos verificado: o sótão.

Estendo o braço e puxo o cordão. Nada acontece. Puxo com mais força, e desta vez oiço um estalido, e o retângulo abre-se. Vejo uma escada dobrada no interior, e, quando a puxo, desce, vindo parar aos meus pés.

Olho para o quarto ao meu lado, cuja porta está fechada. O Ethan deve estar a trabalhar lá dentro. Gostaria de lhe pedir para verificar o sótão, mas tenho um pressentimento de que não ficaria muito entusiasmado. Já parecia exasperado comigo quando o obriguei a verificar todos os quartos deste andar, e só piorei a situação quando me passei a meio da noite. Até me chamou «louca» e pôs as culpas nas hormonas da gravidez.

Semicerrando os olhos, espreito para a abertura do sótão. Não parece estar muito escuro lá em cima. Há tantas janelas que é impossível poder estar alguém lá escondido que me salte para cima. Podia verificar, ainda assim. Se vir algo perturbador, grito pelo Ethan. Ouvir-me-á facilmente, pois as paredes desta casa são finas.

Agarro um dos degraus da escada, apoiando o meu peso para testar a estabilidade. Parece estável, e também não sou muito pesada. Ponho um dos pés no degrau do fundo, e a seguir o outro. Antes que me possa dissuadir de o fazer, começo a subir a escada cuidadosamente. Tenho de ver o que está no sótão.

Passados alguns segundos, chego ao cimo da escada. Por um momento, hesito. Em seguida, enfio a cabeça pela abertura e olho em volta. Parece...

Um sótão.

Um sótão perfeitamente normal, sem nada de notável. A um canto, está um monte de caixas de cartão poeirentas, e, do outro lado, está uma árvore de Natal de plástico que parece estar bastante usada. Quando imagino a mulher dos olhos verdes intensos a debater-se para descer com a volumosa árvore de Natal do sótão para a sala de estar, quase me rio. Torna o retrato um pouco menos assustador.

Subo o resto do caminho até ao sótão, convencida de que não está ninguém cá

dentro à espera para me saltar para cima. O teto é muito mais baixo aqui – um forte contraste com os tetos altos do rés-do-chão. Se me esticar, devo conseguir tocar-lhe.

A maior parte do sótão está cheia de caixas – caixas poeirentas. Surpreende-me que ninguém o tenha esvaziado, a determinada altura. Pergunto-me se a polícia vasculhou as caixas na tentativa de a encontrar. Ao contrário da sala secreta com as cassetes, isto está à vista de todos.

Deambulo pelo pequeno espaço, perguntando-me se haverá também alguma divisão secreta aqui em cima. Em todo o caso, não há nenhuma estante. Dirijo-me a uma pilha de caixas e sopro o pó da caixa de cima. Vejo «enfeites» escrito a marcador permanente preto na caligrafia familiar da doutora Adrienne Hale.

Ergo a caixa e abano-a. De facto, oiço enfeites chocalhar no interior.

Pergunto-me o que aconteceria a tudo o que está no sótão se comprássemos a casa. Não que esteja a contemplar seriamente tal coisa... Mas será que tudo isto ficaria para trás? Teríamos de ser nós a tratar dos pertences da doutora Hale? Não terá família que possa fazer isso?

Talvez não tenha. Ninguém teve pressa de reclamar a sua mobília. O vendedor da casa está identificado como um banco, por isso presumo que tenham executado a hipoteca da propriedade depois de ela ter desaparecido.

Quando vou a devolver a caixa de enfeites à pilha, vejo algo enfiado atrás das caixas. Algo feito de tecido. Puxo e inspiro bruscamente ao perceber o que encontrei.

É um saco-cama.

Não parece haver nada de perturbador em encontrar um saco-cama num sótão. Pelo contrário, é o que seria de esperar. A parte perturbadora é que tudo neste sótão está coberto por uma camada de pó, e o saco-cama não. Está limpo, parece até que foi lavado recentemente.

Vejo ainda uma almofada enfiada lá atrás que também parece estar limpa. Tem uma fronha completamente imaculada. Não está coberta de sujidade nem pó, como tudo o resto no sótão. Só consigo chegar a uma conclusão.

Alguém utilizou este saco-cama há muito pouco tempo.

**L**argo o saco-cama e a almofada no sítio onde os encontrei, com o coração a palpitar. Tenho de sair deste sótão. Já não tenho a certeza se estou sozinha aqui.

A passo apressado, dirijo-me ao alçapão. Tremem-me tanto as mãos, que tenho medo de escorregar e cair pela escada. Tenho de respirar fundo algumas vezes para me acalmar. Ninguém me vai atacar neste sótão – não quando o Ethan me consegue ouvir.

Por algum milagre, desço as escadas para o primeiro andar sem cair. Mal os meus pés tocam no chão, viro-me para a porta do quarto que está fechado e começo a bater. Passado um segundo, lembro-me de que não tem fechadura, por isso tento o puxador, que roda sob a minha mão.

– Trícia?

O Ethan está sentado à secretária do quarto, com as mãos posicionadas sobre o teclado do portátil. Parece chocado ao ver-me.

– Está alguém no sótão! – arquejo.

Ele levanta-se de um salto.

– *O quê?*

– Eu... – Começo a hiperventilar. A minha respiração está demasiado acelerada. O Ethan contorna a secretária e rodeia-me com o braço. – Está um...

Aperta-me o corpo contra o seu de forma protetora.

– Um homem?

Abano a cabeça.

– Um saco-cama.

– Um... – O seu aperto protetor nos meus ombros afrouxa ligeiramente. – Um saco-cama?

– Sim! E está limpo!

– Eu... não percebo, Trícia.

Liberto-me do seu abraço, perturbada por ele não parecer preocupado.

– Anda alguém a dormir no sótão!

Esfrega os pelos da barba em crescimento no queixo. Em casa, costuma barbear-se todas as manhãs.

– Só porque está um saco-cama no sótão, não quer dizer que ande alguém a dormir lá. As pessoas costumam guardar sacos-cama nos sótãos.

– Mas está limpo! – Estou desesperada para que ele compreenda. – Tudo nesta casa está cheio de pó, mas o saco-cama foi utilizado recentemente. Não tem pó.

– Talvez estivesse debaixo de alguma coisa que o impediu de acumular pó.

Lanço-lhe um olhar fulminante.

– Desculpa, Trícia – diz ele, com um suspiro. – Simplesmente, não acho que um saco-cama no sótão seja prova de que está um estranho na casa. Não vimos ninguém aqui. Não vi nenhum sinal de que estivesse cá outra pessoa.

– Estás a gozar? Houve um monte de sinais de que está aqui alguém! Estava uma luz acesa no andar de cima que se apagou de forma misteriosa. Toda a comida que estava no frigorífico. As pegadas no chão. O estrondo que ouvi quando estava lá em baixo. E o retrato que mudou de sítio...

Paro de falar, porque é óbvio pela expressão no rosto do Ethan que nada do que estou a dizer o convence sequer um bocadinho.

– Tudo bem – resmoneio. – Não acredites em mim.

– Não é que eu não acredite em ti...

– Hum. Não é exatamente isso?

– Acho só que... – Estende novamente o braço para mim. Relutantemente, deixo-o passar-mo à volta dos ombros. – Estás sob muita pressão neste momento. Estamos aqui presos, sem rede móvel, e o teu corpo está a gerar um bebé. Não te culpo por te sentires tensa. Além disso... – Esfrega a mão para cima e para baixo sobre o meu braço, que me apercebo agora estar com pele de galinha. – Estás gelada.

Com a agitação ao encontrar o saco-cama no sótão, esqueci-me por completo da razão por que vim cá acima.

– Está muito frio nesta casa.

Ele assente.

– Eu sei. Infelizmente, não sei quanto mais vai aquecer. O isolamento é terrível. Vamos ter de investir bastante para o arranjar.

Fantástico. Tenho os dentes quase a bater.

– O que fazemos, então? Vestimos os nossos casacos?

– Bem... – Lança um olhar ao corredor. – Há um quarto de vestir cheio de roupa. Deve haver lá qualquer coisa quente que seja mais confortável do que usares o teu casaco dentro de casa.

Cerro os meus dentes trémulos.

– *Não* vou usar a roupa de uma mulher morta.

– Tudo bem, mas tens duas opções: ou usas a roupa dela ou vestes o teu casaco. Ou passas frio, suponho.

Odeio a ideia de vasculhar o roupeiro da doutora Adrienne Hale à procura de roupa. Mas não é nada confortável estar dentro de casa de casaco. Talvez esteja a ser tola. Posso tirar qualquer coisa do fundo do roupeiro, algo que ela raramente usasse. Que raio, aposto que uma mulher assim deve ter de certeza algumas peças ainda com as etiquetas.

– Está bem – resmungo. – Vou ver o roupeiro.

O Ethan beija-me o alto da cabeça.

– Ótimo. Depois de encontrares algo quente para vestir, podemos descer para almoçar.

– Mortadela outra vez não. Por favor.

Ele abre um sorriso de esguelha.

– Também vi fatias de peru.

Nunca mais como carnes frias quando sairmos daqui.

O Ethan regressa ao trabalho no portátil enquanto eu desço o corredor até ao quarto principal. Vou tirar *uma* camisola do roupeiro e mais nada. Vou só levá-la emprestada e depois devolvo-a ao lugar antes de sairmos daqui, no mesmo estado em que a encontrei.

Quando volto ao quarto de vestir da doutora Hale, parece-me estar ainda mais atulhado de roupas do que me lembrava. Tenho muita roupa – não vou mentir –, mas as roupas da doutora Hale têm *classe*. Usa apenas coisas que estejam na moda, e, além disso, não tem nada casual. Vasculhei algumas das gavetas ontem à noite e pareceu-me que nem sequer tinha calças de ganga.

Aposto que não há uma única peça neste roupeiro que custe menos de duzentos dólares.

Tencionava procurar algo no fundo do roupeiro que ela raramente usasse, mas a minha atenção volta-se novamente para aquela camisola branca de caxemira por que me estive a babar ontem à noite. Adoro caxemira – quer dizer, toda a gente adora. Que espécie de monstro não gosta de caxemira?

A camisola é tão branca, como neve imaculada.

Agarro-a e puxo-a do cabide. Enfio-a pela cabeça, quase gemendo de êxtase com a sensação agradável do tecido contra a minha pele.

É verdade que não fiz exatamente o que disse que ia fazer, mas parece-me um crime deixar uma camisola destas arrumada num roupeiro, sem nunca ser usada.

*Implora* que a vistam. *Clama* por ser vestida.

Também, não é como se a doutora Adrienne Hale fosse voltar aqui e usar a camisola, por amor de Deus.

## ANTES

O Luke está a cortar habilmente vegetais na minha bancada da cozinha. Posso ser um caso perdido a cozinhar, mas ele é um excelente cozinheiro. Não deixamos de mandar vir muita comida de fora, mas ele gosta de cozinhar para mim nas noites em que cá está. Noites que se estão a tornar cada vez mais frequentes.

Há quatro meses que eu e o Luke namoramos. É um recorde para mim. Ao fim de um mês de namoro, a minha ansiedade diminuiu ao ponto de o deixar finalmente passar cá a noite. Agora, passa cá três ou quatro noites por semana.

Há regras básicas, claro. Tem de ficar do seu lado da cama – nada de se aninhar em mim a meio da noite. E, se eu não estiver com disposição para companhia, tem de sair sem discussão. No primeiro mês, acontecia com bastante frequência, mas há várias semanas que não lhe peço para se ir embora.

A verdade é que começo a gostar de partilhar a cama com ele. Nas noites em que fica no seu apartamento, olho para o espaço vazio do lado esquerdo, no que se tornou o seu lado da cama, e sinto uma dor no peito.

– Cheira deliciosamente – comento.

O Luke pega numa colher de pau e mexe o molho que ferve lentamente no fogão há vinte minutos. É sensual quando cozinha, talvez por ser tão hábil a fazê-lo.

– É uma receita nova. Vais adorar.

– De certeza que sim. Gosto de tudo o que cozinhas.

E *amo-te*.

O pensamento surge-me na cabeça contra a minha vontade. Essa palavra não para de aparecer para me atormentar. Não lhe posso dizer isso. Em primeiro

lugar, ele ainda não me disse a mim. E, mesmo que o fizesse, não creio que pudesse dizê-lo. Nem tenho a certeza se é verdade.

Nunca disse a um homem que o amava. Parece estranho, estou certa, dada a minha idade. Já houve homens a dizerem que me amavam e a quem eu não o disse de volta. Comparativamente às mulheres, estatisticamente, os homens são muito mais rápidos a expressar sentimentos de amor, apesar dos estereótipos em contrário. Já aconselhei pacientes sobre isto e recomendo-lhes sempre que nunca digam «amo-te» a alguém a menos que o sintam verdadeiramente.

Nunca disse a um homem que o amava, porque nunca senti que amasse nenhum dos meus companheiros anteriores.

Se falasse com um psicólogo sobre isto, de certeza que teria muito a dizer sobre a falta de intimidade na minha vida. Nunca fui próxima dos meus pais. O meu pai era carteiro e a minha mãe trabalhava como rececionista. Nenhum deles frequentou a universidade, muito menos o doutoramento. Nunca souberam muito bem o que fazer comigo.

Quando era mais nova, estava convencida de que tinha sido trocada por outro bebé à nascença. Ou talvez tivesse sido adotada, uma vez que o médico disse à minha mãe, quando tinha os seus vinte anos, que nunca teria filhos. Fui concebida como um bebé milagre. Sonhava um dia reencontrar-me com os meus pais biológicos, que me compreenderiam finalmente.

Mas, claro, tudo isso era uma fantasia infantil. Ao invés, a minha mãe desenvolveu cancro nos ovários quando eu andava na universidade. O meu pai, que nunca entendera o propósito dos estudos, pressionou-me a desistir para o ajudar a cuidar dela durante um ciclo brutal de quimioterapia. Recusei, e ela morreu quase exatamente um ano depois do diagnóstico. Seis meses após ter perdido o amor da sua vida, o meu pai morreu de ataque cardíaco.

O Luke também sofreu perdas. Apesar de não gostar de falar sobre o assunto, consegui extrair-lhe alguns pormenores sobre a mulher falecida. Eram namorados desde a universidade. Teve morte imediata num acidente de viação.

Ao contar-me a história do acidente, o Luke falou em tom monocórdico, como se tivesse de bloquear as emoções. Perguntei-lhe se tinha consultado um psicólogo após o acidente, e ele disse-me que sim, mas não quis falar mais sobre o assunto.

Em certos sentidos, porém, é um alívio que ele se recuse a falar do casamento anterior. Se se abrisse comigo sobre isso, poderia esperar que eu fizesse o mesmo sobre a perda dos meus pais, mas eu não tenho o menor desejo de o fazer. Preferia não admitir que os meus pais nunca quiseram saber de mim e que o

sentimento era mútuo.

– Podes ficar a ver o fogão por alguns minutos? – pergunta-me o Luke.

Eriço-me. É bem possível que dê cabo desta refeição em alguns minutos.

– Porquê?

– Quero ir buscar uma muda de roupa ao carro. Não me vai apetecer ir lá mais tarde.

– Ah!

– Sabes... – Lança-me um olhar penetrante. – Não *tenho* de viver o tempo todo como um nómada.

Dou um passo atrás, com o coração a palpitar. Estará a sugerir vir viver comigo? Tem passado cá tanto tempo ultimamente... Mas não posso contemplar tal coisa. Ainda que há já muito tempo não lhe peça para se ir embora, tenho sempre essa opção. Cada um de nós tem o seu próprio espaço. Se ele viesse viver comigo, estaria aqui sempre. Sim, é uma casa grande, mas subitamente parece muito pequena.

– Relaxa, Adrienne – diz ele, rapidamente. – Não quero mudar-me para cá. Estou só a dizer que talvez pudesses esvaziar uma gaveta para mim. Percebes?

– Oh! – A minha respiração abranda. – Sim. Posso fazer isso. Eu... Desculpa. Não queria...

– Não faz mal. – Pousa a colher que tem na mão e puxa-me para si, para me poder beijar, num daqueles beijos demorados que fazem todo o meu corpo formigar. Continua a deixar-me afetada, mesmo ao fim de quatro meses. – Sei que és louca. É uma das coisas que amo em ti.

Também está a fazê-lo, a dançar em torno da palavra «amor». *Adoro o teu molho. Amo que sejas louca.* Vai dizer-mo – consigo ver-lho no rosto. É apenas uma questão de tempo.

Enquanto me beija, oiço um tinido vindo da porta da frente. A campainha. Às oito e meia da noite.

– Quem raios será? – pergunta o Luke.

Recolho o meu telemóvel da bancada da cozinha. Abro a aplicação da câmara de vigilância, para ver quem está à porta da frente. Sinto o coração falhar-me. É o EJ.

A campainha volta a tocar.

O Luke vira-se para ir abrir a porta, mas eu agarro-lhe no braço.

– Não abras.

– Quem é? – pergunta ele, franzindo o sobrolho.

– Um paciente. Ignora-o. Acabará por se ir embora.

O Luke franze a testa.

– Porque está um dos teus pacientes a tocar à campainha às oito da noite?

– Está tudo bem. – Engulo em seco. – Tem alguns problemas de limites. É melhor ignorá-lo.

A campainha volta a tocar, e o rosto do Luke ensombra-se.

– Não está nada bem. Vou dizer-lhe que isto não é apropriado e que devia deixar-te em paz.

– Não. *Não*. – Antes que o Luke possa sair da cozinha, agarro-lhe no braço, ainda a apertar o telemóvel na minha outra mão. As minhas unhas cravam-se na sua pele. – Confia em mim quanto a isto. Ignora-o, e ele acaba por se ir embora. Prometo.

Não lhe largo o braço até ele relaxar. Solta um suspiro.

– Tudo bem. Tu é que és a psiquiatra. Sabes o que é melhor.

A campainha não volta a tocar, mas sei que o EJ não se foi embora. Olho para o ecrã do meu telemóvel, enquanto o Luke trata do nosso jantar. Ao fim de alguns segundos, aparece uma mensagem no ecrã:

Sei que está em casa.

Olho para o Luke e digito a minha resposta:

Estou ocupada.

Ocupada com o seu namorado?

Claro que o EJ sabe do Luke. Jamais poderia esconder-lhe qualquer relação minha. Geralmente, porém, quando aparece a altas horas da noite, escolhe noites em que o Luke não esteja cá. Está a tornar-se mais arrojado.

Preciso de uma sessão consigo, doutora Hale.

Estou ocupada agora. Posso vê-lo amanhã à tarde.

Não. Amanhã de manhã.

Mordo o lábio inferior. Faz sempre isto; força os limites para ver o que me pode obrigar a fazer. Será que divulgará aquele vídeo só por eu me recusar a ter uma consulta de manhã em vez de à tarde? Presumo que não. Mas não tenho a certeza. É tão impulsivo que pode fazê-lo num momento de raiva. Por isso, tenho de entrar no jogo.

Estou à sua mercê. Prometi-lhe uma sessão semanal, mas passaram a ser duas ou três por semana. Nem sequer são sessões produtivas. Muitas vezes, obrigame a ouvi-lo descrever as aventuras sexuais em pormenor, deixando-me repugnada. O pior é que faz sempre questão de sugerir que talvez me queira juntar às suas conquistas. Mas não forçou a questão.

Ainda.

Tudo bem. Amanhã às dez da manhã. Seja pontual, por favor.

Sou sempre.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E**sta é a sessão n.º 179 com EJ, um homem de vinte e nove anos com perturbação de personalidade narcisista.

EJ: Obrigado por aceitar ver-me com tão pouca antecedência, doutora.

DH: Não tive grande escolha, pois não?

EJ: Não diga isso assim. Gosta tanto das nossas sessões quanto eu.

DH: Em que o posso ajudar hoje?

EJ: Eis a situação. Ontem, saí para ir dar uma corrida. Foi a doutora que me aconselhou a ser mais ativo. Por isso, estava a tentar fazer o que sugeri.

DH: Isso é ótimo.

EJ: Pois, só que, enquanto corria, torci o joelho.

DH: Que inconveniente.

EJ: Dói muito. Numa escala de um a dez, a dor é para aí um doze.

DH: Não parece estar a mancar.

EJ: Não é esse tipo de dor. Mas acredite, dói muito. Por dentro.

DH: Lamento saber.

EJ: Por isso, talvez me possa ajudar. Sobretudo, porque a culpa é sua. Quer dizer, foi a doutora que me disse para ir correr.

DH: Temo não saber muito sobre dores nos joelhos. Talvez devesse marcar uma consulta com o seu médico de família.

EJ: Não tenho médico de família.

DH: Devia ir às Urgências, então.

EJ: Bem, não acho que seja nada de grave. Preciso só de algo para a dor. Esperava que me pudesse receitar oxicodona.

DH: Oxi...

EJ: Trinta comprimidos devem chegar. Estava a pensar na dose de dez miligramas.

DH: Se tem uma lesão no joelho, devia ver um especialista. Sou psiquiatra. Não sou ortopedista.

EJ: Bem, mas tirou o curso de medicina, não tirou?

DH: Sim, mas isso foi há muito tempo.

EJ: Não importa. O meu joelho está ótimo. Só preciso de um pouco de oxicodona para me aguentar. Como disse, trinta comprimidos seria perfeito.

DH: Não posso passar-lhe uma receita para um narcótico assim sem mais nem menos. Esses medicamentos são controlados.

EJ: Não me venha com essas tretas. Receita coisas bem mais fortes do que a oxicodona.

DH: Receita medicação psiquiátrica, não narcóticos. Não lhe posso passar trinta comprimidos de oxicodona. Podia ter problemas.

EJ: Mais ou menos problemas do que se aparecesse um vídeo da doutora a cortar os pneus do carro de alguém?

DH: Eu...

EJ: Como disse, trinta comprimidos devem bastar. Não os vou vender nem nada. Só quero ultrapassar esta dor no joelho. Tenha piedade de mim, doutora.

DH: Dou-lhe vinte comprimidos. De cinco miligramas.

EJ: Não me tinha apercebido de que isto era uma negociação.

DH: Posso perder a licença.

EJ: Trinta comprimidos. Podem ser os de cinco miligramas, se isso a faz sentir melhor.

DH: Tudo bem. Mas é a única vez.

EJ: Certo. Claro, doutora. Não lhe vou voltar a pedir oxicodona. Quer dizer, a não ser que me volte a magoar no joelho.

## PRESENTE

O Ethan está a preparar o almoço. Ofereci-me para o fazer, pois foi ele a tratar das duas últimas refeições, mas ele insistiu.

– Estás grávida. Tenho de cuidar de ti.

Faz-me sentir culpada por ter esperado tanto tempo para lhe dizer do bebé.

Tira a embalagem de peru do frigorífico, mas, em vez de pôr as fatias no pão, coloca-as num prato e enfia-o no micro-ondas. Aquece-as durante trinta segundos.

– O que estás a fazer? – pergunto, desconcertada.

– Não é suposto as grávidas comerem carnes frias – explica ele. – Têm de ser aquecidas, para matar as bactérias.

– A sério?

O Ethan assente solenemente.

– Li que é muito importante. Podias ficar muito doente.

– Oh... – Penso na sanduíche de mortadela que comi no dia anterior. É possível que tenha comido uma sanduíche de rosbife no início da semana. Meu Deus, tenho de ter mais cuidado. Isto da gravidez é tão complicado. – Ainda bem que sabes isso. Mas como verificaste? Não temos Internet.

Por um instante, ele hesita.

– Não o li hoje, obviamente. Li-o antes. Há muito tempo. Mas lembrei-me.

– Oh!

Não sei porque andou o meu marido a ler sobre o que as mulheres grávidas devem ou não fazer há anos, mas não vou questionar. Talvez tenha lido num artigo e lhe tenha ficado na cabeça. É algo que me acontece, às vezes. Foi assim que aprendi que há tremores de terra na Lua, e que se chamam tremores de lua.

– Será que vais ter uma menina ou um menino? – observa ele, tirando o peru aquecido do micro-ondas.

– Tenho um pressentimento de que é uma menina.

– Com base em quê?

Encolho os ombros.

– Não sei, é só um pressentimento.

O Ethan sorri com complacência. Pode ser um bom homem, mas não é espiritual. Acredita na ciência e nos factos. Seria, sem dúvida, o tipo de pessoa que reviraria os olhos ao ouvir que tenho um *pressentimento* sobre termos uma menina.

– Se for uma menina – digo eu –, podíamos dar-lhe o nome da tua mãe. Se for um menino, o nome do teu pai.

É como se uma cortina tivesse descido sobre o rosto do Ethan. Deita maionese numa das sanduíches, sem sequer se dar ao trabalho de a espalhar.

– Eu e os meus pais não éramos chegados.

Franzo o sobrolho ao detetar a tensão que se lhe infiltrou na voz.

– Porque não?

– Simplesmente não éramos.

– Discutiam?

Tirando uma faca do bloco, ele começa a cortar as sanduíches.

– Às vezes. Não sei.

– Discutiam sobre o quê?

– Não me lembro.

– Deves lembrar-te de *algo* sobre isso...

O Ethan pousa a faca na bancada com tanta força, que me faz dar um salto.

– Já *disse* que não me lembro, Trícia.

Afasto-me da bancada.

– Desculpa. Não era minha intenção perturbar-te.

Ele olha para mim, e vejo os seus cristalinos olhos azuis a faiscar.

– Porque tens de ser sempre tão *curiosa* em relação a tudo, raios? Porque tens de saber tudo sobre todos?

– Eu só... – Torço as mãos. – Não tenho de saber tudo sobre todos. Só quero saber sobre *ti*. Porque és o meu marido, e eu amo-te.

Não sei porque é tão difícil para ele entender isto. O Ethan conheceu todos os membros da minha família – até a minha tia-avó Bertha, que tem noventa e nove anos, esteve no nosso casamento. Eu não conheci *ninguém* da sua família. Nem uma pessoa.

É assim tão estranho ter curiosidade sobre as suas origens? Afinal, vai ser o pai do meu filho.

– Não quero falar sobre os meus pais. – O seu tom é baixo, mas firme. – Traz... traz-me más memórias, está bem? Quero seguir em frente... contigo. Não quero olhar para trás.

– Está bem – digo. – Compreendo.

O Ethan leva os pratos com as nossas sanduíches de peru para a mesa da cozinha. Junto-me a ele, mas continuo a sentir-me reticente, depois da sua explosão. Comemos as sanduíches, mas estamos mais calados do que é habitual durante as refeições. Obviamente, há alguns temas que o Ethan sente que não pode discutir comigo, mas está errado. Preciso que perceba que podemos falar de tudo. *Tudo*.

Ainda que talvez não queira que o faça neste preciso momento, uma vez que estamos presos numa casa isolada e não temos forma de sair daqui no futuro próximo.

– Como vamos sair daqui? – pergunto, de repente.

– Boa pergunta. – O Ethan olha por uma das janelas. O manto branco mantém-se intacto. – Seria de esperar que, por esta altura, a Judy já tivesse tentado enviar alguém para nos vir buscar.

– E se ela não sabe que estamos aqui? – Mastigo um bocado da sanduíche de peru. O micro-ondas deixou-o seco, e a maionese não está a ajudar. – Talvez nos tenha enviado uma mensagem a dizer que não vinha e parta simplesmente do princípio de que também não aparecemos.

Ele passa uma mão pelos cabelos dourados.

– Sim, é uma possibilidade. Mas, na segunda-feira, as pessoas vão começar a dar pela nossa falta. A tua família, os meus colegas... Vão perceber que desaparecemos.

– Segunda-feira! – exclamo. – Queres dizer que temos de passar aqui mais uma noite?

– É assim tão mau?

Considerando que tive dos sonos menos repousantes em muito tempo ontem à noite, não, não me entusiasma passar outra noite aqui.

Nesse momento, o Ethan agrava ainda mais as coisas.

– Afinal, vamos viver aqui em breve – acrescenta.

Tusso para a mão.

– Hã, quanto a isso...

Ele arqueia bruscamente as sobrancelhas.

– O que foi?

Como posso dizer-lhe? Como posso rejeitar a sua casa de sonho? Mas não posso *viver* aqui, pois não? Teria pesadelos todas as noites, até acabar por ser assassinada durante o sono – estrangulada até à morte por uma camisola branca de caxemira.

– Há tantas outras casas por aí – digo. – Só não quero que nos precipitemos com esta e percamos algo melhor.

– Melhor? Trícia, há meses que andamos a ver casas. Não há *nada* melhor. Tudo o que há por aí é uma porcaria.

Tem razão. Esta é a melhor casa que vimos até agora, e o preço é muito razoável. Mas não posso viver aqui. Simplesmente *não posso*.

– Vou pensar nisso – murmuro.

– É só que me parece tão perfeita. – Mostra-me uma fila dos seus dentes brancos perfeitos. Anos de aparelho, de certeza, mas não lhe posso perguntar, pois isso seria fazer perguntas sobre o seu passado. Ao que parece, isso não me é permitido. – Consigo imaginar-nos a envelhecer e a criar aqui os nossos filhos. Tu não?

– Sim – minto. – Consigo.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

***E**sta é a sessão n.º 183 com PL, uma mulher de vinte e sete anos com um quadro de stresse pós-traumático, na sequência de um incidente extremamente traumatizante a que sobreviveu. Está praticamente recuperada.*

PL: Doutora Hale, espero que não seja inapropriado, mas trouxe-lhe um pequeno presente. Bem, um grande presente, na verdade.

DH: Oh! Oh, céus!

PL: Foi ideia da minha mãe. Diz sempre que a felicidade não resulta do que recebemos, mas sim do que damos.

DH: Oh! Sim.

PL: Portanto, contratou um artista e usámos a fotografia da contracapa do seu livro. Espero que não seja demasiado grande! Ela achou que ficaria fantástico por cima da sua lareira.

DH: Hum. Não, é... muito bonito.

PL: De certeza que gosta? Não tem de o pendurar. Pode guardá-lo na sua cave ou assim.

DH: Não, gosto. Vou pendurá-lo.

PL: Queríamos fazer algo por si. Era uma desgraçada quando comecei as consultas consigo. Não conseguia dormir. Não conseguia pensar em condições. Ajudou-me tanto.

DH: Aquilo por que passou foi traumático. Viu três das pessoas que lhe eram mais próximas serem assassinadas mesmo à sua frente. Só prova o quanto é forte.

PL: Sinto-me forte agora, mas nem sempre senti. Obrigada por isso.

DH: Claro. Não tem de quê.

PL: Fico feliz por me ter incluído no seu novo livro. Sinto-me honrada. Espero que a minha história inspire outras pessoas.

DH: Sim...

PL: Depois de todo este tempo, posso finalmente seguir em frente. Voltei a namorar. Durmo bem. Ainda sinto um pouco de culpa por poder continuar a viver a minha vida enquanto os outros não podem. É normal? Alguma vez irá desaparecer?

DH: Hum.

PL: Doutora Hale?

DH: Oh! Hã, sim. Acho que... Sim, é boa ideia. Ahã. Enfim... tem dormido bem, então?

PL: Doutora Hale?

DH: Sim?

PL: Sei que parece estranho perguntar-lhe isto, mas sente-se bem?

DH: Eu? Sim, estou ótima.

PL: Parece... Desculpe que lhe diga, mas parece um pouco pálida. E houve aí um minuto em que desligou. Não costuma ser assim. Ouve sempre tudo o que eu digo.

DH: Estou bem. A sério. Só um pouco... Estou bem. Juro. Adoro o quadro. Na verdade, vou pendurá-lo por cima da minha lareira assim que sair.

## ANTES

**E**nquanto estou deitada nos braços do Luke, não consigo parar de pensar na receita que passei ao EJ.

Pensava que passar a noite com o Luke me desviaria o pensamento disso. Por algum tempo, fê-lo. O Luke é bom a fazer-me rir, mesmo quando estou com um humor terrível. Mas hoje é um caso perdido. O EJ alegou que seria a única receita que me pediria, mas estava a mentir. Soube-o mesmo sem ver a contração do músculo do seu olho direito.

Continuará a pedir mais e mais. A pressionar-me cada vez mais.

Tenho de o deter.

O Luke aperta-me os ombros, puxando-me mais para o seu corpo quente. Tento expulsar os pensamentos do EJ da minha cabeça e desfrutar de estar deitada ao lado do Luke. Arranjei-lhe espaço numa gaveta há alguns dias. Enquanto ele a enchia com as suas roupas, ocorreu-me o pensamento de que talvez não fosse assim tão mau se ele vivesse comigo. Seria bom tê-lo sempre por perto.

Não agora. Mas talvez um dia.

– Aquele teu retrato é incrível – comenta ele. – Está igualzinho a ti.

Foi engraçado ver o Luke boquiaberto devido ao meu retrato quase comicamente grande que pendurei por cima da lareira. Pendurei-o lá em parte para o fazer rir, mas fi-lo também pela minha paciente. A sua experiência traumática constituiu o cerne do meu livro mais recente. Fez muitos progressos comigo, e suspeito que iremos pôr termo às nossas sessões em breve.

– Não achas que é demasiado grande? – pergunto.

– Nem pensar! – Abraça-me outra vez. – É grandioso. Como tu.

– Ainda bem que gostas.

– Adoro. – Encosta os lábios à minha testa, enquanto me abraça contra o seu corpo. – E, além disso... amo-te.

Aqui está ela. A palavra que ambos passámos as últimas semanas a evitar. Finalmente, ele quebrou e disse-a, como eu sabia que faria. Já ouvi esta palavra por várias vezes, mas, agora, faço algo completamente inesperado, inapropriado e atípico de mim.

Desato a chorar.

O Luke fica abalado com a minha reação. Afasta-se de mim, sentando-se com dificuldade na minha cama *king size*.

– Ei – diz ele. – Ei. Não chores.

– Não estou a chorar – protesto inutilmente, passando uma mão pelos olhos lacrimejantes. – Estou bem.

– Não o disse para... – Pega-me na mão. – Olha, Adrienne, não o disse para te perturbar. Não tens de mo dizer de volta. Era apenas o que estava a sentir, por isso disse-o. Não me arrependo de o ter feito, mas não muda nada. Eu só... queria que soubesses. Mas não fico magoado se não o disseres de volta. Prometo.

É tão bom. É tão querido. Oxalá pudesse ser feliz com ele. Oxalá a minha vida não fosse tão complicada.

– Não estou a chorar por causa... disso. – Limpo o nariz às costas da mão, desejando ter um lenço de papel. Como por magia, o Luke estende-me um, que aceito com gratidão. – É outra coisa. Tenho um problema. Não tem nada que ver contigo.

– A questão da intimidade?

Ergo bruscamente o olhar.

– *Não*. Não é esse tipo de problema.

Esfrega o maxilar. Passou a barbear-se todas as manhãs, pois sabe que prefiro assim. Como são quase horas de dormir, tem uns pelos ásperos a crescer-lhe no queixo.

– Está bem, desculpa. Eu só... Que tipo de problema?

– Eu... estou a ser chantageada. Por um paciente.

O Luke fica de queixo caído. Parece ainda mais estupefacto do que com o enorme retrato sobre a lareira.

– *Chantageada?*

Assinto.

– Credo. – Abana a cabeça. – É aquele tipo que aparece a meio da noite e que passa a vida a enviar-te mensagens?

Volto a anuir.

Vejo-o passar uma mão trémula pelo cabelo curto.

– Credo – repete. – Não posso acreditar que... Com que te está ele a chantagear?

– Tem um vídeo meu que pode arruinar a minha carreira.

– Um vídeo? – pergunta ele, arregalando os olhos.

– Não é sexual – digo, antes que ele dê rédea solta à sua imaginação. – Mas não é algo de que me orgulhe.

– É mesmo assim tão mau?

Engulo em seco.

– Sim, é, e ele está a usá-lo contra mim. Não há nada que possa fazer em relação a isso. A menos que...

– A menos que o quê?

– Bem... – Sinto as palmas das mãos suadas. Limpo-as ao cobertor ao meu lado. – Disseste que, quando andavas no secundário, costumavas ser bastante bom a piratear computadores, certo?

Por um momento, o Luke fica em silêncio, fitando-me de olhos semicerrados.

– Sim...

– Talvez pudesses encontrar o vídeo e... apagá-lo.

Ele afasta-se de mim, com o olhar cauteloso.

– Não posso fazer isso.

– Porque não? Disseste que sabias como se faz.

– Não é assim tão simples. Não posso simplesmente entrar no computador de um tipo qualquer e apagar um vídeo. Talvez se estivesse em casa dele...

– E se eu te conseguisse fazer entrar em casa dele?

Ele inspira bruscamente.

– Adrienne, o que está nesse vídeo?

– É mau, está bem? – Uma nova vaga de lágrimas sobe à superfície. – Não podes simplesmente confiar em mim e ajudar-me? *Preciso* de ti, Luke. És o único que me pode ajudar com isto.

Inclinando-se para a frente na cama, esfrega as têmporas com as pontas dos dedos. Não gosta do que lhe estou a pedir, mas sei que vai aceitar. Nunca recusou nada que lhe tivesse pedido. Posso estar a apaixonar-me por ele, mas ele apaixonou-se muito mais por mim.

– O que queres então ao certo que eu faça? – pergunta, finalmente.

Sento-me mais direita na cama.

– Vou arranjar-te as chaves do apartamento dele. Vais lá a casa, entras no

computador e apagas quaisquer vestígios do vídeo.

– E como vais conseguir as chaves dele?

– Deixa-me ser eu a preocupar-me com isso.

– Sabes... – Ergue o olhar. – Mesmo que apaguemos o vídeo do computador dele e que, de alguma forma, eu consiga entrar no telemóvel, o encontre lá e apague o rasto, ele pode ter outra cópia noutra sítio qualquer.

– Não creio que tenha. – Conheço o EJ e sei que não é organizado o suficiente para fazer algo assim.

O Luke deixa cair a cabeça na almofada.

– Não sei se isto é boa ideia, Adrienne. Podemos ter grandes problemas.

– Por favor, ajuda-me, Luke. – Pego-lhe na mão, entrelaçando os dedos nos seus. A sua mão é maior e mais quente do que a minha. – És o único que me pode ajudar. Preciso de ti. Eu... eu amo-te.

É um truque barato. Disse-me que me amava, e eu só lho estou a dizer de volta porque preciso de algo seu. Amo-o realmente, a sério que sim, mas o momento que escolhi para fazer a minha declaração é bastante suspeito.

Mas, espantosamente, a minha tática descarada resulta. O seu rosto suaviza-se, e a expressão reservada desvanece-se. Aperta a minha mão na sua.

– Está bem – aquiesce. – Eu faço-o.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

**E**sta é a sessão n.º 181 com EJ, um homem de vinte e nove anos com perturbação de personalidade narcisista.

DH: Peço imensa desculpa por ter tido de o fazer esperar hoje.

EJ: Não faz mal, doutora. Agradeço ter deixado a garrafa de *Cheval Blanc* na mesa de centro. Sabe que é o meu favorito, certo? É a melhor sala de espera em toda a cidade.

DH: Sabia que ia gostar.

EJ: O que posso dizer? Gosto de uma boa garrafa de vinho. De que ano era?

DH: De 1948.

EJ: Uau. Não se poupa a despesas.

DH: Paga o suficiente para cá estar. Bem, não *pessoalmente*, já não. Mas pagam os outros.

EJ: Pois. É uma pena...

DH: Perdão?

EJ: Desculpe, eu... tive uma tontura estranha. Como se a sala estivesse a andar à roda ou assim.

DH: Quantos copos de vinho bebeu?

EJ: Não sei. Bebi simplesmente da garrafa.

DH: Todo?

EJ: Sim.

DH: Ótimo.

EJ: O quê?

DH: Nada. Esqueça. Sente-se bem?

EJ: Eu, há... Doutora, sinto-me...

DH: Sente-se bem?

## ANTES

O EJ está inconsciente.

Aconteceu depressa; tão depressa, que temo que tenha ingerido demasiado do *Ativan* que moí e misturei no *Cheval Blanc*. Não sabia exatamente quanto pôr, porque não sabia quanto ia ele beber, por isso juntei suficiente para que um copo o deixasse sem sentidos. Acontece que ele bebeu a garrafa inteira.

Levanto-me da secretária e ergo-me sobre ele. As suas feições quase demasiado bonitas estão apagadas, e tem um pouco de baba ao canto da boca. O cabelo raiado pelo sol está afogado em gel. Lembro-me da tesoura que tenho na gaveta da minha secretária e, por um momento, apodera-se de mim o desejo quase irrefreável de a ir buscar e de lha cravar no peito. Isso poria termo à chantagem de uma vez por todas.

Claro que também seria inacreditavelmente estúpido. De certeza que a polícia descobriria que ele veio cá para uma consulta e nunca saiu. Preferia não ir para a prisão por homicídio. Não importa que a vítima o merecesse totalmente nem que o mundo fosse um lugar melhor sem ele.

Em vez disso, pego no meu telemóvel e envio uma mensagem:

Desce.

Contorno a secretária. O telemóvel do EJ espreita do seu bolso. Tiro-o com delicadeza, apesar de ele estar a dormir tão profundamente, que duvido que o conseguisse acordar mesmo que quisesse. Tem um *iPhone* de um modelo ligeiramente mais recente do que o meu. Pego-lhe na mão direita e encosto o seu polegar ao botão principal. O aparelho lê a impressão digital, e o ecrã desbloqueia-se de imediato. Solto-lhe a mão, e o seu braço volta a cair debilmente no sofá.

Entro na galeria de fotos. Não tem muitas. Dá-me a sensação de que o EJ é um pouco solitário – raras vezes refere os amigos. Tem apenas algumas fotos suas diante de um espelho em tronco nu, e mais algumas em que está a fletir os músculos, seguidas de mais umas quantas completamente nu. Passo-as rapidamente.

Depois das suas fotos, estão algumas minhas. Foram tiradas sem a minha autorização. Há uma em que estou a sair de casa, outra a entrar no meu carro, e depois há uma desfocada do que parece ser a janela do meu quarto. Graças a Deus, os estores estão quase totalmente fechados e não dá para ver grande coisa.

Assim que me livrar do raio do vídeo, este homem nunca mais volta a entrar na minha propriedade. Peço uma providência cautelar, se for necessário.

Finalmente, encontro o que procurava – o vídeo do parque de estacionamento. Vejo-o uma última vez, sentindo a náusea a subir-me à garganta. Esperava que não fosse tão mau como pensava, mas é. É mesmo assim tão mau. Pareço demasiado suspeita, enquanto os meus olhos perscrutam ansiosamente em redor, para garantir que não está ninguém a observar-me. Depois, vejo-me a cortar o pneu. A expressão no meu rosto é praticamente diabólica.

Quase dou um salto ao ouvir bater à porta do meu escritório. Abro-a suavemente e vejo o Luke. Tem uma ruga profunda entre as sobrancelhas.

– Muito bem – diz ele. – Estou aqui.

Estendo-lhe o telemóvel.

– É este o vídeo. Quero que elimines quaisquer vestígios dele deste aparelho.

Ele tira-me o telemóvel das mãos, sem conseguir apagar a expressão de desaprovação dos olhos. O seu indicador paira sobre o ecrã, e eu agarro-lhe no braço.

– Não vejas o vídeo – digo.

– Não ia ver.

Franzo os lábios.

– Parecia que ias carregar no ícone de reprodução.

– Não posso apagar o vídeo do telemóvel – responde ele, com um resfôlego – se não me deixares tocar no ecrã, Adrienne.

Tudo bem. Respeitosamente, dou um passo atrás e deixo-o fazer a sua magia no telemóvel. Enquanto trabalha, volto a entrar no escritório, vendo o EJ prostrado no meu sofá de cabedal. Franzo--lhe o sobrolho, tentando reparar no subir e descer do seu peito. Está muito, muito quieto.

Credo. Não o matei, pois não?

Com muita delicadeza, pouse os dedos no seu pulso esquerdo, sobre a artéria

radial. Sustenho a respiração, procurando-lhe a pulsação.

Não sinto nada. Oh, não.

Mesmo antes de poder começar a entrar em pânico, ele estremece e muda de posição no sofá, soltando o braço do meu aperto. Está vivo, graças a Deus. Parece que vou ter de o ajudar a voltar para casa.

Delicadamente, levo a mão ao seu bolso e tiro as chaves. No porta-chaves, tem o comando do seu *Porsche*, além de mais algumas chaves. Não sei qual delas abre a sua porta da frente, mas não são assim tantas. O Luke pode descobrir quando lá chegar.

Quando saio do escritório, o Luke está parado à porta, com os braços caídos ao longo do corpo e o telemóvel do EJ na mão direita.

– Está feito – diz ele.

– E não viste o vídeo?

– Não.

– Juras?

– Juro.

Estende-me o telemóvel, e eu deposito as chaves do EJ na sua palma. Ele inspira bruscamente ao vê-las.

– Adrienne – diz baixinho. – Não quero fazer isto.

Outra vez não. Parti do princípio de que, quando alinhou nisto, tinha acabado com os protestos.

– Não é nada assim tão grave.

– É grave, sim. – Tem os olhos arregalados atrás dos óculos. – Drogámo-lo e agora vamos invadir-lhe a casa e piratear-lhe o computador. É muito grave.

Lembro-me de uma experiência célebre – ou talvez devesse dizer *infame* – que foi realizada por um psicólogo de Yale chamado Stanley Milgram. Media a disponibilidade dos participantes no estudo para realizarem atos terríveis, quando instruídos a tal por uma figura de autoridade. Os participantes acreditavam que estavam a participar numa experiência em que eram um «professor» a administrar choques elétricos a um outro participante – o «aprendiz» –, sempre que este errava uma pergunta.

Na realidade, o «aprendiz» era um ator, e os choques elétricos eram falsos.

Durante a experiência, o aprendiz implorava por misericórdia. Apelava a que a experiência parasse. Queixava-se de um problema cardíaco. Mas o investigador que supervisionava o estudo dizia ao participante para continuar a administrar os choques de intensidade crescente. Os participantes iam ficando cada vez mais desconfortáveis à medida que a experiência avançava. Eis a parte espantosa:

Todos os participantes administraram choques de, pelo menos, 300 vóltios. Mais de metade administrou um choque de 450 vóltios – um choque fatal, se fosse real.

O objetivo da experiência era explicar a psicologia do genocídio, que os nazis fizeram coisas terríveis simplesmente porque lhes foi dito para as fazerem. Mas eu tenho uma interpretação diferente.

Acredito que qualquer ser humano é capaz de coisas terríveis se o pressionarmos o suficiente.

O Luke não é exceção.

– Por favor, faz isto por mim, Luke. – Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Não sei se são verdadeiras ou não. – És o único que me pode ajudar. É uma pessoa horrível. Vai destruir-me se não lhe tirar esse vídeo do computador.

– Seja o que for que está nesse vídeo... – diz ele, abanando a cabeça. – Talvez devesses simplesmente lidar com isso.

– *Não posso.*

– Desculpa, mas não creio que possa fazer isto.

Dou um passo atrás.

– Então é assim? Vais deixar que este homem destrua a minha vida quando tens uma hipótese de o impedir.

– Adrienne...

As lágrimas escorrem-me pelas faces.

– Não confias em mim. Mesmo depois de todo este tempo.

– Eu confio em ti.

– Então, porque não me ajudas?

O Luke olha para as chaves que tem na mão e expira lentamente.

– Está bem. Darei o meu melhor. Mas não prometo nada.

– Obrigada, Luke.

Num gesto atípico de afeição, envolvo-o nos meus braços. Geralmente, é ele o afetuoso. Mas, desta vez, fica apenas parado e rígido nos meus braços.

O Luke introduz a morada que lhe dei para a casa do EJ no seu GPS e parte, com a promessa de me enviar uma mensagem quando estiver a regressar. Não sei o que vou fazer se ele disser que não consegue entrar no computador. Neste momento, não tenho nenhum plano B. Mas acredito no Luke. Ele consegue fazer isto.

\*\*\*

Já lá vai bem mais de uma hora desde que o Luke saiu.

Passei este tempo todo a servir de ama ao EJ enquanto ele dorme no meu sofá.

Quando fica demasiado quieto, aproximo-me para confirmar que continua a respirar. Ele está bem. Preocupava-me que pudesse acordar demasiado cedo, mas já não tenho esse receio. Está realmente apagado. A minha maior preocupação neste momento é como o vou levar para casa. O Luke não vai gostar nada se tiver de me ajudar, mas não creio que o possa fazer sozinha.

O Luke. Porque está a demorar tanto?

Roo a unha do polegar, enquanto contemplo as coisas que podem ter corrido mal. Talvez o Luke não tenha conseguido entrar no computador, que estará de certeza protegido por palavra-passe. Talvez um vizinho o tenha visto a entrar na casa e tenha chamado a polícia. Ou, o que é mais provável, talvez tenha decidido não ir avante com o plano, e eu nunca mais o vá voltar a ver.

Nesse momento, o meu telemóvel vibra, e o nome do Luke surge no ecrã.

Pego no aparelho e prima o botão verde.

– Estou? Luke?

– Está feito.

Toda a ansiedade se esvai do meu corpo, e sinto-me à beira de desmaiar.

– A sério? Apagaste o vídeo do computador dele?

– Sim.

– Oh, meu Deus – murmuro. – Obrigada. Muito obrigada. Foi... foi difícil?

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Não quero falar sobre isso.

– Está bem. – Pigarreio. – Vais voltar para minha casa?

A sua voz é monocórdica.

– Sim.

– Está bem. – Aperto o telemóvel até sentir os dedos a formigar. – Obrigada por fazeres isto, Luke.

– Sim.

– Eu... Eu amo-te.

– Vemo-nos mais logo – diz ele. E desliga-me o telefone na cara.

Baixo o telemóvel e fico a olhar para o ecrã apagado, com uma sensação de náusea no estômago. O Luke está irritado comigo. Perdeu o respeito por mim. Não sei se viu o vídeo ou não, mas também não sei se tem importância. Está zangado por eu o ter obrigado a fazer isto.

Fi-lo para tirar o EJ da minha vida, mas, inadvertidamente, posso ter também eliminado o Luke.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, desta vez reais. Não quero perder o Luke. Não me arrependo de lhe ter pedido para fazer isto, pois não tinha

alternativa. Mas não quero que saia da minha vida. Não quero que esvazie a gaveta que lhe dei no meu quarto. Quero dar-lhe *mais* gavetas.

Quero que venha viver comigo. Nunca me senti assim antes, mas agora compreendo. Quero-o aqui todas as noites, para o resto da minha vida.

Não o posso perder por causa disto. *Não posso.*

## PRESENTE

A última cassette do EJ chega ao fim. Pouco depois do almoço, fui buscar o resto das cassetes à sala secreta e terminei de as ouvir. Esta última está rotulada a preto, não a vermelho, como todas as outras sessões finais, mas não há mais cassetes depois desta. Só dura cerca de vinte minutos.

O mais estranho é a forma como a voz do EJ soa no final da cassette. Parece quase arrastada, mas a doutora Hale não parece minimamente preocupada. É médica, por amor de Deus. Não devia preocupá-la que o seu paciente esteja a arrastar as palavras?

É certo que o EJ referiu ter bebido algum vinho. Mas, se for como o Ethan, nem uma garrafa inteira seria suficiente para lhe distorcer o discurso.

É estranho.

Agora que terminei de ouvir a pilha de cassetes do EJ, decido fazer uma pausa. Passei a tarde inteira aqui fechada de volta das cassetes, e o sol está agora baixo no céu. Parece que vamos realmente ter de passar aqui outra noite.

Não sei o que dizer ao Ethan. Quer comprar esta casa, mas eu simplesmente não consigo imaginar-me a fazê-lo. Amo-o, mas não o suficiente para viver *aqui*.

Tiro a minha aliança de ouro, lembrando a primeira vez que o Ethan me pôs no dedo. Antes de o conhecer, há anos, estive noiva de outro homem e tínhamos planeado um casamento gigantesco, mas acabou por não resultar. Desta vez, quis apenas uma cerimónia pequena e perfeita. Foi tão intimista. Por um momento, quando os nossos olhares se cruzaram no altar, foi como se fôssemos as únicas pessoas no mundo.

O Ethan e eu fomos feitos um para o outro. Sei que sim. Quero dar-lhe tudo o que ele quer, mas não sei se lhe posso dar isto. Esta *casa*.

Inclino um pouco a aliança para ler a frase que gravámos: «Ethan + Tricia Para Sempre». Adoro a inscrição... De vez em quando, leio-a para me reconfortar. Acredito nela com todo o meu coração. Eu e o Ethan fomos feitos um para o outro e ficaremos juntos para sempre. Até que a morte nos separe.

Um barulho vindo do exterior do escritório sobressalta-me, e a aliança foge-me dos dedos. Infelizmente, cai de lado e começa a rolar. Atravessa toda a secretária, cai ao chão e, antes que eu a possa travar, rola para baixo do sofá de cabedal.

Fantástico. Que sorte a minha.

Ajoelho-me no chão. A base do sofá é baixa, com menos de três centímetros de espaço entre o chão. Além disso, o sofá está encostado à parede. Espreito por baixo, mas está muito escuro. Nem consigo perceber para onde poderá a minha aliança ter ido ali debaixo.

A minha mala está em cima da secretária, por isso tiro o meu telemóvel de dentro e ligo a lanterna. Consigo ver um pouco melhor, mas vejo maioritariamente algodão. Não há qualquer sinal de uma aliança a refletir a luz do meu telemóvel.

Raios.

Tento enfiar o braço por baixo do sofá, mas não há espaço suficiente. Consigo introduzir a mão apenas até ao pulso e depois não vai mais longe.

Endireito-me, apercebendo-me demasiado tarde de que devia ter tirado a camisola branca de caxemira antes de me baixar sobre os cotovelos. Faço os possíveis para sacudir o pó e contemplo as minhas opções.

É impossível conseguir chegar àquela aliança sem mover o sofá. Podia tentar fazê-lo sozinha, mas não sei se é boa ideia estando grávida. Ouvi dizer que não é suposto levantarmos muitos pesos.

O que me deixa uma opção: tenho de ir pedir ao Ethan para me ajudar a movê-lo.

Ainda deve estar no andar de cima a trabalhar, ou então o som que me sobressaltou foi ele a descer para jantar. Seja como for, terá todo o gosto em ajudar-me com o sofá. Adora fazer esse tipo de coisas – salvar a donzela em apuros e tal.

Quando saio do escritório da doutora Hale, o rés-do-chão está em silêncio. O Ethan não está aqui em baixo. Não oiço nada. Ainda deve estar a trabalhar lá em cima.

Nesse momento, oiço um rangido vindo do primeiro andar, seguido do que parece ser uma porta a fechar-se.

Deve ter sido o Ethan. Sei que está a trabalhar lá em cima. Deve ter ido à casa de banho. Não há motivos para preocupação.

Subo a escadaria em espiral, irritada por a luz do corredor estar apagada no piso de cima. Há demasiados interruptores nesta casa. Claro que o Ethan argumentaria que isso é fácil de resolver. Podíamos pôr um interruptor no andar de baixo para controlar a luz do corredor de cima, ou um sensor que a acendesse automaticamente ao subirmos as escadas.

Quando chego ao cimo dos degraus, a primeira coisa que faço é acender o interruptor. Solto um suspiro de alívio quando o corredor se enche de luz, ainda que ténue. Odeio esta casa quando está às escuras. Sinto-me muito melhor com as luzes acesas.

Pelo menos, até reparar que o cordão do sótão, suspenso do teto, está a balançar. Como se o alçapão do sótão tivesse sido aberto recentemente.

Pode ser uma corrente de ar. Mas não está assim tanto vento no interior da casa. Além disso, mesmo que estivesse uma brisa ligeira, está a balançar demasiado.

Não posso pensar nisto agora. Vou dizer ao Ethan da aliança, vamos recuperá-la e depois peço-lhe para verificar o sótão. Não é negociável. Não me vou mudar para esta casa a não ser que ele vá verificar o que está lá em cima.

Bato à porta do quarto que o Ethan está a utilizar, a minha mão a parecer-me estranhamente nua sem a minha aliança. Só a uso há seis meses, mas tornou-se parte de mim. Já lhe sinto a falta.

– Entra! – diz ele.

Entreabro a porta e encontro o Ethan outra vez à secretária, sentado ao computador na mesma posição de antes. É como se não se tivesse movido um centímetro.

– Tens fome? – pergunta ele.

– Na verdade, preciso da tua ajuda – digo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Então?

Ergo a mão esquerda.

– A minha aliança rolou para baixo do sofá. Preciso que o desvies para a poder encontrar.

Inclina a cabeça para o lado.

– Porque a tiraste? Estavas a fingir que és solteira?

Resfolego.

– Não. Estava só a olhar para a inscrição.

Um sorriso alastra-lhe pelos lábios.

– Ethan e Tricia para sempre.

– Certo.

O Ethan espreguiça-se ao levantar-se da cadeira, dando-me um vislumbre dos pelos dourados na sua barriga. Fecha a tampa do portátil, mas deixa-o onde está. É óbvio que planeia trabalhar mais depois. Dedicou-se de alma e coração à nova empresa. O negócio anterior não correu bem, mas esta empresa tem sido um êxito crescente.

– A propósito – digo. – Mesmo antes de eu cá vir, estiveste por acaso noutra divisão? Talvez na casa de banho?

*Por favor, diz que sim. Por favor.*

Ele franze o sobrolho.

– Não. Estou aqui sentado a trabalhar há pelo menos uma hora.

Pois claro. Não me surpreende nem um bocadinho.

Segue-me pelas escadas até ao escritório da doutora Hale. Por um momento, prende-se-me a respiração, enquanto tento lembrar-me se guardei as cassetes na gaveta antes de sair do escritório. Fico aliviada ao entrarmos e ver que me lembrei de as esconder. Nem consigo imaginar a reação do Ethan se descobrisse o que tenho estado a fazer.

Olha para o sofá e cruza os braços.

– Foi aqui que a perdeste?

Assinto.

– Quase de certeza. Vi-a rolar aí para baixo.

– Muito bem, então.

Inclina-se para a frente e agarra a beira do sofá. Suponho que não é tão pesado como pensava, pois consegue desviá-lo facilmente. Quase de imediato, avisto o pequeno círculo de ouro no chão.

– Ali está ela! – exclamo.

Baixo-me para apanhar a aliança, mas, quando estou perto do chão, apercebo-me de que está algo mais lá em baixo. É uma espécie de puxador. Porque haveria de estar um puxador no chão?

Instintivamente, bato com o calcanhar descalço contra as tábuas de madeira. É então que me apercebo.

O chão é oco.

– O que se passa? – pergunta o Ethan.

Apanho a minha aliança do chão e enfio-a rapidamente no dedo. Ao endireitar-me, volto a bater com o pé no chão.

– Deve haver um compartimento aqui em baixo. É oco.

– A sério?

O Ethan junta-se a mim e bate com o pé no chão. O som é inconfundível.

– Há algo aqui em baixo – digo, olhando para as tábuas de madeira.

– Acho que tens razão.

Voltando a agarrar no sofá, o Ethan arrasta-o para o outro lado da sala. Agora que está fora do caminho, consigo ver o contorno retangular no chão. É uma espécie de grande compartimento.

O que poderá estar ali em baixo? Mais cassetes? Suponho que é uma possibilidade, mas tenho um pressentimento de que não é isso. Tenho também o pressentimento de que somos as primeiras pessoas a descobrir este compartimento secreto desde que a doutora Hale cá viveu.

– O que achas? – pergunta o Ethan, sorrindo-me. – Tesouros escondidos?

– Não sei...

– Bem – diz ele. – Vamos abri-lo e ver.

Baixa-se para agarrar no puxador, mas, antes que possa fazê-lo, agarro-lhe no braço.

– Talvez não devêssemos. Talvez devêssemos dizer à polícia e deixar que sejam eles a verificar.

– Estás a brincar comigo? Não queres mesmo ver? Quem és *tu* e o que fizeste à minha mulher?

Faço um esgar.

– Desculpa. É só que... não sei... pode ser o local de um crime. Não podemos correr o risco de o contaminar. Sei lá, e se houver impressões digitais que tenhamos de preservar?

– Não é nenhum local de crime. Deve apenas ser onde a doutora guardava as joias ou assim. – Pisca-me o olho. – Podias escolher as que quisesses.

Achará sinceramente que alguma vez tocara nas joias da doutora Hale? Nunca. Arrependo-me de ter vestido a camisola, apesar de estar com frio. Sinto-a queimar-me.

– Não é nada de especial – diz ele, com um encolher de ombros. – Vamos abri-lo.

– Não, por favor...

Mas o Ethan não me dá ouvidos. Estende o braço, agarra no puxador e abre o alçapão do compartimento secreto.

Ao ver o que está lá dentro, cai-me o coração aos pés.

## ANTES

Quando o Luke regressa com as chaves, já eu estou à espera à porta da frente. Abro-a antes de ele ter sequer hipótese de bater. Pestaneja, surpreendido, com a mão suspensa no ar.

– Olá – digo.

Pela primeira vez, apercebo-me de que não se barbeou hoje. Tem aquela barba no queixo que costumava ter sempre quando trabalhava na clínica. Quando começámos a namorar, começou a fazer a barba todos os dias, pois sabe que prefiro assim.

– Olá. – Leva a mão ao bolso e tira as chaves. Larga-as na minha mão como se se quisesse afastar o máximo possível delas. – Toma.

– Mais uma vez, obrigada.

– Ahã.

– Tu, hã... – Coço o pescoço. – Apagaste tudo do computador?

– Já disse que sim, não já? – Há uma tensão na sua voz que não me é familiar. É sempre tão afável e equilibrado, que é difícil ouvi-lo falar-me desta maneira. – Mas, como te disse, não posso ter a certeza de que não haja outras cópias algures em casa dele.

– Deste uma vista de olhos?

– *Não*. – Fulmina-me com o olhar. – Não dei.

– Oh! – Tusso. – E, hã, não... viste o vídeo, pois não?

– Sim, vi.

Sinto o rosto a arder.

– Luke, prometeste que não vias!

– Bem, é demasiado tarde. Eu vi. – Franze o sobrolho. – Tinha de saber o que

era assim tão mau ao ponto de estares disposta a ter tanto trabalho para te livrares dele.

Baixo a cabeça.

– Não queria que visses.

– Que raio estavas tu a fazer? – Os seus olhos castanhos, geralmente suaves, fulguram. – Cortaste os pneus de um carro? Porque haverias de fazer isso?

– Estava a ter um dia mau. – Desvio os olhos, incapaz de o fitar. Já não importa o que diga, perdi-o. – Nunca te aconteceu? Teres um dia mau e fazeres algo estúpido?

– Nunca cortei os pneus do carro de ninguém.

– Bem, talvez sejas melhor do que eu, então.

Por um momento, ele fica calado, a olhar para as sapatilhas. Finalmente, fala.

– O que te fez o tipo do *Jetta*, afinal?

– Roubou-me o lugar de estacionamento, quando eu estava com pressa para chegar à clínica.

Está boquiaberto. Por um segundo, fica apenas a olhar-me fixamente.

– Estás a *gozar*?

Lentamente, abano a cabeça.

– Tinha um paciente marcado. Não queria chegar atrasada.

Soa ridiculamente desproporcionado ao dizê-lo em voz alta.

– Jesus – exclama ele, fazendo estalar os nós dos dedos. – És realmente qualquer coisa. Tudo isso por um lugar de estacionamento. És inacreditável.

Temo dizer mais alguma coisa. Geralmente, sei sempre o que dizer para fazer alguém sentir-se melhor. Afinal, é esse o meu trabalho. Saber o que dizer nunca foi assim tão importante. Tento manter a boca fechada, mas não me consigo conter.

– Odeias-me? – pergunto, por fim.

– Odiar-te? – repete ele, com um súbito arquear de sobrancelhas.

– Bem... – Aperto as mãos suadas. – Pareces estar zangado comigo e mal olhas para mim.

– Pois. – Solta um suspiro. – Não vou mentir. Não estou radiante contigo neste momento. Mas compreendo porque te querias livrar daquele vídeo. E... fico feliz por ter podido ajudar. – Um sorriso de esguelha aflora-lhe ao rosto. – Além disso, é bom saber que também não és assim tão perfeita.

Devolvo-lhe um sorriso igualmente torto.

– Nunca afirmei que era.

– Muito bem, agora que resolvemos isto... – Os olhos do Luke tremulam na

direção do meu escritório. – Vamos levar aquele sacana de volta para o carro.

\*\*\*

Estou incrivelmente bem-disposta ao fazer a viagem de regresso da casa do EJ no meu *Lexus*, com o Luke ao meu lado. Há cerca de uma hora, ajudou-me a carregá-lo para o banco da frente do *Porsche* do EJ. Insistiu em ser ele a conduzir o carro que levava o EJ, pois não me queria lá dentro se ele acordasse durante a viagem de meia hora – ainda que parte de mim sinta que ele só queria uma desculpa para conduzir um *Porsche*.

Ao chegarmos à casa do EJ (paga pelos pais), o Luke estaciona o *Porsche* no caminho de acesso. Deixa o meu paciente inconsciente no banco da frente, entra no meu carro e seguimos a caminho de casa.

Durante o percurso, ponho música a tocar – uma ópera a que fui recentemente na cidade. A janela está aberta, e o vento a bater-me no rosto sabe tão bem. O EJ ameaçou-me durante quatro meses com aquele vídeo horrível, utilizando-o para me manipular. Agora, o problema está resolvido, e tudo graças ao Luke.

Se a ópera fosse em inglês e eu soubesse as palavras, cantaria também.

O Luke vai no banco do passageiro, com o cinto de segurança, a olhar distraidamente pela janela. Fez exatamente tudo o que lhe pedi e conseguiu resolver o meu problema, apesar de não ter ficado muito entusiasmado. Ao estudar o seu perfil num sinal vermelho, sinto uma vaga de afeto.

– Amo-te – volto a dizer.

Ele desvia o olhar da janela. Estendo a mão, e ele pega-lhe. Aperta-ma de forma hesitante, mas não o posso culpar, depois do dia que tivemos.

– Eu também te amo.

– E talvez – digo eu – possamos pensar em ires viver comigo? Em breve.

– A sério? – pergunta ele, esbugalhando os olhos.

Danças-me borboletas no estômago.

– A sério.

Pela primeira vez desde que o convenci a apagar o vídeo, consigo extrair-lhe um sorriso genuíno.

– Está bem – diz ele.

Viro para a pequena estrada que conduz a minha casa. Está pavimentada, mas não totalmente. Sempre adorei a solidão do meu reino isolado, mas estou pronta para o partilhar. Afinal, de que adianta ter seis quartos se só utilizar um deles?

Quando estou a estacionar o carro, o meu telemóvel vibra dentro do bolso. Uma mensagem. Desde que o EJ me começou a chantagear, a vibração do telemóvel passou a encher-me de pavor, mas, neste momento, sinto-me

estranhamente calma ao tirar o aparelho do bolso e olhar para o ecrã.

Sua cabra. Invadiu a minha casa.

Tecnicamente, esta afirmação está errada em dois pontos. Em primeiro lugar, foi o Luke quem lhe entrou em casa. Não eu. Em segundo lugar, não a invadimos, pois tínhamos as suas chaves. Mas o EJ não apreciaria que lhe salientasse estes detalhes, apesar de me sentir tentada a fazê-lo.

Uma segunda mensagem aparece no ecrã:

Vou matá-la.

– O que se passa? – pergunta o Luke. Já saiu do carro, mas eu ainda estou no lugar do condutor. Fita-me pela janela aberta.

O EJ não tenciona, de facto, matar-me. Está zangado, porque, para variar, lhe levei a melhor. Se quisesse realmente matar-me, manteria a boca fechada. Não se envia uma mensagem a alguém a expressar a intenção de cometer um crime, se se tencionar realmente cometê-lo.

Sei que se mostrar esta mensagem ao Luke, ele não o entenderá dessa forma. Ficará muito preocupado e achará que cometemos um erro terrível. Não compreende os homens como o EJ, mas eu sim.

– Nada – digo. – Não se passa nada.

Clico no número do EJ e bloqueio-o. Em seguida, saio do carro e sigo o Luke para dentro de casa.

## PRESENTE

**V**ou vomitar.  
Aperto uma mão contra a boca, mas não consigo evitar. Empurro o Ethan para o lado e lanço-me numa corrida louca em direção à cozinha, mesmo a tempo de vomitar no lava-loiça. Tenho de me agarrar às orlas da bancada da cozinha, pois a minha visão fica desfocada.

– Tricia?

A mão do Ethan toca-me nas costas e faz-me estremecer sob o seu toque, mas não de forma agradável. Fecho os olhos, tentando bloquear o que acabo de ver no compartimento sob as tábuas do soalho. Não consigo. Vou ver aquela imagem até ao dia da minha morte.

Arrependo-me de termos vindo aqui. Arrependo-me de termos começado tudo isto.

– Suponho que agora já sabemos o que aconteceu à doutora Hale – comenta o Ethan, em voz rouca.

– Suponho que sim – concordo, com a voz sufocada.

Não sabia o que esperar quando o Ethan abriu o compartimento. Nunca tinha visto nada assim. Um cadáver em decomposição, enfiado sob as tábuas do soalho. Não sei quanto tempo demora um corpo a transformar-se em apenas ossos depois da morte, mas o cadáver que encontramos não tinha atingido esse ponto. Ainda tinha pele escurecida e ressequida agarrada aos ossos.

Também tinha restos de roupas. O que possivelmente costumava ser uma camisola azul. Calças de ganga. Provas de que, em tempos, aquele corpo em decomposição foi uma pessoa viva. Vestiu umas calças e uma camisola numa manhã, sem nunca suspeitar de como ia acabar o seu dia.

– Preciso de ar – digo, arquejando.

Antes que o Ethan possa protestar, passo por ele e cambaleio em direção à porta da frente. Por um segundo, atrapalho-me com as fechaduras, mas quase choro de alívio quando as consigo abrir finalmente. Saio para o alpendre da frente, e as minhas meias afundam-se na neve que se acumulou ontem à noite.

Agora que o sol se pôs, a temperatura está seguramente abaixo de zero. Tudo o que tenho vestido são umas calças de ganga, uma blusa fina, a camisola branca de caxemira e as minhas meias. Estou a congelar, mas sabe bem. Ajuda a distrair-me da imagem horrível que jamais conseguirei tirar da cabeça.

– Credo, Trícia, está um gelo aqui fora!

Naturalmente, o Ethan seguiu-me até ao alpendre da frente. Ao contrário de mim, foi inteligente o suficiente para calçar os sapatos e vestir um casaco. Segura o meu casaco.

– Veste isto – ordena.

Deixo-o enfiar-me os braços no casaco, apesar de provavelmente lhe parecer que está a vestir uma boneca de trapos. Passa um braço pelos meus ombros, mas afasto-o. Não quero que me toque neste momento.

– Devias calçar uns sapatos – diz ele, baixinho. – Vais ficar com queimaduras de gelo.

Olho para a distância. Neve até onde a vista alcança. Como vamos conseguir sair daqui? Estamos aqui presos *com um cadáver*.

– Trícia? Estás bem?

– Não.

O Ethan faz um esgar.

– Lamento imenso que tenhas visto aquilo. Nunca devia ter aberto o compartimento.

– Nunca tinha visto um cadáver. – Lanço-lhe um olhar. – Tu já?

Ele hesita por um segundo.

– Não.

– Já *tinhas* visto algum?

– Bem... – Enfia as mãos nos bolsos do casaco. – Em funerais, obviamente. Às vezes, o caixão está aberto. Por isso...

Engulo em seco.

– Temos mesmo de passar mais uma noite aqui?

O Ethan olha para o horizonte.

– Suponho que podia ir a pé até à estrada. Tentar que algum carro parasse e pedir para chamar um reboque para nos tirar daqui.

– E deixavas-me aqui sozinha com o cadáver?

Ele suspira.

– Não temos muitas opções. Continuo a achar que devíamos esperar até de manhã. Ao menos, não estará tanto frio.

Ao ouvir as suas palavras, apercebo-me de que os meus pés ficaram completamente dormentes. Vou mesmo ficar com queimaduras de gelo se ficar aqui muito mais tempo.

– Vamos voltar para dentro.

– Boa ideia.

Pondo a mão no fundo das minhas costas, o Ethan conduz-me suavemente de volta ao interior da casa. Uma vaga de náuseas invade-me mal entro na sala de estar. As minhas meias estão completamente encharcadas da neve, e continuo a não conseguir sentir os pés. O Ethan guia-me até ao sofá e senta-me com delicadeza.

– Precisas de aquecer – diz, firmemente.

– Sim – murmuro.

Não consigo parar de tremer. Estremeço violentamente, quando ele me tira as meias geladas. Os meus pés estão gravemente vermelhos. O Ethan faz estalar a língua.

– Vou buscar uma bacia de água quente.

Está tão calmo com toda a situação. Como pode estar tão calmo? O que vimos naquele compartimento foi uma das coisas mais horríveis que já vi na vida, como algo saído de um filme de terror. Mas o Ethan não parece minimamente perturbado. Não deveria estar mais perturbado?

Ao mesmo tempo, sinto-me grata por estar tão calmo. É tão bom marido e vai ser um excelente pai. Todos precisamos de alguém assim – alguém capaz de manter o equilíbrio nos momentos de crise. O Ethan é essa pessoa.

Fecho os olhos, ouvindo o som da água a correr na cozinha. Respiro fundo, tentando controlar os tremores. Oiço passos e, ao voltar a abrir os olhos, vejo o Ethan diante de mim com uma grande taça de vidro cheia de água.

– Pousa aqui os pés – ordena-me ele.

Obedeço. Lentamente, volto a ter sensibilidade nos dedos dos pés, mas quase parece que os sinto a arder quando os mergulho na água tépida. De alguma forma, ajuda-me a acalmar, e os tremores atenuam-se um pouco.

– Melhor? – pergunta.

Aceno sem dizer uma palavra.

Deixa-se cair ao meu lado no sofá. Desta vez, quando me passa o braço pelos ombros, deixo que o faça. Encosto a cabeça no seu ombro, enquanto os tremores

no meu corpo se vão gradualmente apaziguando. Antes que me consiga acalmar por completo, um estrondo faz-me erguer bruscamente a cabeça.

Um estrondo vindo do escritório da doutora Hale.

O Ethan também o ouve. Endireita-se, e o seu corpo retesa-se. Desde que estamos aqui, o Ethan negou constantemente as minhas suspeitas, sempre a dizer que eu estava a imaginar coisas. Agora, sabe que tinha razão. Está mais alguém nesta casa. Está alguém no escritório da doutora Hale.

Ou isso ou o seu cadáver voltou à vida.

## ANTES

**O**Luke e eu viemos fazer compras juntos. Os supermercados são um exercício de manipulação psicológica. É praticamente impossível entrar num supermercado com a intenção de comprar um pacote de leite e sair apenas com o leite. Primeiro, veja-se a entrada. Quando entramos num supermercado, temos de atravessar a loja inteira para chegar à fila das caixas.

E o que encontramos geralmente à entrada dos supermercados? A zona dos frescos. Somos rodeados por aromas, texturas e cores vivas que resultam num pico de endorfinas. Aumentam a iluminação da loja, de modo a fazer com que a fruta e os vegetais pareçam melhores e mais brilhantes. E, claro, a secção dos laticínios – dos corredores mais populares e visitados – está sempre escondida ao fundo da loja, de modo a termos de passar por uma abundância de produtos tentadores antes de lá chegarmos.

Até a forma como as prateleiras estão organizadas é uma armadilha psicológica. Os artigos mais caros estão sempre convenientemente colocados ao nível dos olhos de um adulto, com as marcas genéricas colocadas à altura dos joelhos. Os cereais açucarados e outros artigos que apelam às crianças são postos ao nível do seu olhar.

O tamanho dos carrinhos de compras também se destina a promover mais compras.

– Até a música serve para nos manipular – explico eu ao Luke. – Um estudo com clientes de supermercados constatou que as pessoas passam mais tempo a fazer compras quando as lojas têm música. Não há janelas, relógios nem claraboias que deem qualquer pista temporal do exterior.

– Isso é fascinante – comenta o Luke, atirando uma caixa de flocos de milho

para o nosso carrinho. – Nunca me tinha apercebido de como os supermercados são perversos.

– Portanto, a chave é não nos deixarmos enganar pelas táticas subtis. – Agarro na pega do carrinho e guio-nos para longe das caixas coloridas do corredor dos cereais. – Temos uma lista de compras. Precisamos de nos cingir exatamente ao que lá está. Nada de compras por impulso.

Ele sorri-me.

– És tão sábia.

– Estou a falar a sério. Quanto mais tempo demorarmos no supermercado, mais artigos desnecessários compramos.

Ele assente pensativamente.

– Então... quer dizer que não posso fazer isto?

Com estas palavras, agarra-me, e os seus lábios procuram os meus – mesmo no meio do supermercado. Apesar da minha determinação em não nos demorarmos, não me importo nem um bocadinho que o faça.

Desde que apagámos o vídeo do telemóvel e do computador de casa do EJ, o Luke e eu tornámo-nos mais próximos do que nunca. Preocupava-o a possibilidade de o EJ retaliar, pelo que insistiu em passar as noites seguintes em minha casa. Mas o meu paciente não me voltou a contactar – bloqueei o seu número no meu telemóvel – e nunca me apareceu à porta, como temia que pudesse fazer. Mesmo após esses primeiros dias, porém, o Luke não voltou para sua casa. Na verdade, foi lá só uma vez para ir buscar mais roupa, mas regressou de imediato.

Enquanto deixo o Luke beijar-me, em pleno corredor seis do supermercado, dou-me conta de que estou mais feliz do que nunca. Tenho um homem maravilhoso na minha vida, o meu livro vai sair em breve e consegui livrar-me da situação do EJ. Tenho o pressentimento de que mais coisas boas virão em breve.

– Doutora Hale!

Afasto-me do Luke, sentindo-me culpada pela minha demonstração de afeto num local público. Não foi de todo profissional. O Luke não parece minimamente arrependido, a julgar pelo sorriso palerma que tem no rosto.

Ao virar-me, reconheço uma das minhas pacientes. GW. A mulher que estava convencida de que o carteiro a estava a tentar matar, depois o farmacêutico e mais recentemente o filho. Às vezes, quando estou sozinha com os meus pacientes no escritório e oiço os seus pensamentos mais sombrios, pergunto-me como conseguem viver as suas vidas. Mas aqui está a Gail, à minha frente, bem

arranjada, com uma encantadora camisola rosa e umas calças caqui, a maquilhagem mais perfeita do que a minha – visto que o Luke me esborratou o batom com o beijo. Pergunto-me se tem tomado a sua medicação.

– Olá, Gail. – Limpo os lábios, envergonhada, ignorando o rubor no meu rosto. – É bom vê-la.

– Oh, céus – murmura ela. – Não era minha intenção interrompê-la e ao seu amigo. Fiquei só entusiasmada por a ver.

– Não há problema. – Puxo o colarinho da minha blusa e lanço um olhar ao Luke, que me fita com um ar expectante. – Luke, esta é a Gail, uma paciente minha. Gail, este é o Luke. O meu, hã, amigo.

O Luke sorri ao ouvir-me descrevê-lo como «amigo», e também a Gail parece divertida. Ao adentrar na casa dos trinta, o termo «namorado» começou a soar-me estranho. Afinal, não somos propriamente *adolescentes*.

– Há já algum tempo que não a via, Gail – digo, tentando atenuar a vergonha. – Está tudo bem?

– Tudo ótimo! – Abre-me um enorme sorriso. – Segui os seus conselhos e sentei-me a conversar com o meu filho. Tivemos uma conversa maravilhosa. Fez-me perceber o quanto a doutora estava certa sobre os pensamentos estúpidos e paranoicos que tinha sobre toda a gente. Deu completamente a volta à situação. – Sorri-me. – Ajudou-me muito.

*Parece* muito melhor. Às vezes, costumava aparecer para as nossas consultas ligeiramente agitada, com cheiro a álcool – algo que tentei abordar delicadamente algumas vezes, mas ela ria-se sempre e mudava de assunto. Hoje, porém, cheira apenas a perfume. Lírio, creio eu.

– Fico tão feliz por estar bem. – O meu telemóvel vibra dentro da minha mala, quando recebo uma mensagem. – Foi um prazer ajudá-la.

A Gail volta a sua atenção para o Luke.

– Aqui a sua amiga é uma médica maravilhosa. Tem uma mente brilhante.

Ele sorri-me.

– Eu sei.

Enquanto a Gail continua a exaltar as minhas virtudes, remexo na mala em busca do telemóvel, para me assegurar de que não é alguma emergência relativa aos meus pacientes. Baixo os olhos para o ecrã e vejo uma mensagem de um número desconhecido.

É um vídeo.

Não preciso de o abrir para saber o que é. Reconheço a minha imagem junto ao *Jetta* vermelho. Vi este vídeo tantas vezes, que me passa na mente enquanto

durmo. Pensava que tinha desaparecido para sempre.

Pedi ao Luke para o apagar do computador do EJ, mas parece que ele tinha uma cópia escondida algures.

Olho para o Luke e para a Gail, que continuam a conversar. Com os dedos a tremer, digito uma mensagem no telemóvel:

O que quer?

Olho fixamente para o ecrã, à espera da resposta. Quando aparecem as pequenas bolhas, imagino o seu dedo a tocar nas letras do telemóvel. Finalmente, três palavras surgem no ecrã:

Falamos esta noite.

Acho que tornei a situação muito pior.

**D**epois de guardarmos as compras, peço ao Luke que volte ao seu apartamento, fingindo uma dor de cabeça. Não lhe digo do vídeo. Se o fizer, ficará furioso comigo. Ele não se queria envolver nisto sequer e tinha-me avisado de que podia haver outras cópias.

Além disso, não quero de todo que ele saiba que o EJ planeia encontrar-se comigo esta noite. Sei que quererá estar presente se lhe dissesse. Ainda que, por um lado, queira desesperadamente que esteja comigo, esta confusão é minha. Tenho de a resolver sozinha.

O meu plano é oferecer-lhe dinheiro – *muito* dinheiro. Cheguei a uma quantia que creio que será suficiente para o fazer deixar-me em paz e estou disposta a duplicar esse valor, se for necessário, ou a subi-lo ainda mais, se, dessa forma, conseguir garantir que ele desaparece da minha vida de vez.

O meu frigorífico está cheio de comida, mas não tenho apetite. Ironicamente, a única coisa que consigo comer ao jantar são umas bolachas de água e sal, que me lembram das que comi naquela primeira noite em que o Luke me veio ajudar a instalar o sistema de segurança. Até as bolachas me dão a volta à barriga.

Já passa das nove quando a campainha toca.

Os tinidos ecoam pela casa. Encontro-me sentada no sofá modular, a roer ansiosamente as unhas, e o som faz-me querer vomitar as bolachas de água e sal que comi. Subitamente, desejo ter pedido ao Luke para ficar. Não quero fazer isto sozinha.

Mas não tenho alternativa. O EJ não vai desaparecer, não até conseguir o que quer.

Abro a aplicação da câmara de vigilância no meu telemóvel e vejo-o parado à minha porta. O cabelo louro reluz às luzes do alpendre, e tem as mãos enfiadas

nos bolsos. Tento ler a sua expressão, mas o ângulo da câmara não mo permite. Inspiro fundo e obrigo-me a levantar-me. Dirijo-me à porta, limpando as mãos suadas às calças.

Destranco lentamente as fechaduras e entreabro a porta. Aqui está ele, no meu alpendre da frente, com um grande sorriso no rosto. Apodera-se de mim a necessidade súbita de lhe arrancar os olhos com as unhas, até nada restar a não ser duas órbitas vazias. Cerro a mão direita num punho.

– Não me vai convidar a entrar, doutora?

Chego-me para o lado, deixando a porta abrir-se por completo. Ao vê-lo entrar em minha casa, sinto um aperto no coração. Pensava que nunca mais teria de o voltar a ver. Contava com isso.

– Não parece muito bem, doutora – diz ele. – Está engripada?

– O que quer de mim? – silvo-lhe eu.

Atirando a cabeça para trás, ele ri-se.

– Está a agir como se não estivesse muito satisfeita comigo.

Como todos os narcisistas, o EJ consegue ser incrivelmente encantador quando quer. A maioria das pessoas gosta dele quando o conhece, mas acabam por ver para lá da sua fachada. Eu detestei-o de imediato. Só continuei com as nossas sessões porque a sua mãe me implorou. Agora, arrependo-me.

– Vamos acabar com isto. – Cruzo os braços sobre o peito, tentando não deixar transparecer o quanto estou a tremer. – Passo--lhe um cheque agora mesmo. Quanto quer?

– Oh, já não tenho preocupações com dinheiro. – Sacode uma mão. – Não sei se soube, mas os meus pais tiveram um acidente de viação terrível no mês passado. Não sobreviveram. – Faz uma expressão de tristeza exagerada. – E eu sou o único herdeiro, portanto... sabe como é.

Abraço-me ao peito. Foi exatamente o que descreveu ao imaginar a morte dos pais. *A minha mãe é uma péssima condutora. Um dia destes, quando for a conduzir com o meu pai no carro, vai provavelmente chocar contra algum camião e morrem os dois.* Foi precisamente isso que aconteceu.

Apesar de nunca ter gostado do EJ, sempre julguei que fosse inofensivo. Envergonha-me que, enquanto psiquiatra, tenha errado por completo no seu diagnóstico. Pode ter sido o erro mais caro que cometi na minha carreira, mas agora sei a verdade.

É um psicopata.

– O que quer? – crocito.

O sorriso que dança nos lábios do EJ dá-me vontade de lhe bater.

– Oh, tenho vindo a pensar bastante nisso, doutora Hale.

Engulo em seco.

– Posso passar-lhe outra receita de oxicodona, mas só mais uma.

Ele resfolega.

– Lamento, doutora, isso já não chega. Não depois das merdas com que se saiu.

– Diga-me só o que quer.

– O que quero? – Dá um passo na minha direção, e eu recuo, ainda abraçada ao peito. – Quero-a a *si*, Adrienne.

Sinto-me tonta.

– Refere-se a mais sessões?

– Chame-lhe o que quiser. – Dá mais um passo em direção a mim, o sorriso ainda a distender-lhe os lábios de forma grotesca. – Quero que se dispa e me deixe fazer-lhe tudo o que quiser. *Tudo*.

Tremem-me os joelhos.

– Não, está fora de questão.

– Não seja tão rápida a recusar. – Estende o braço para me tocar, e eu afasto-me. – Talvez goste. Eu vou gostar, de certeza. Deve estar a ficar cansada daquele seu namorado cromo. Aposto que é péssimo na cama.

– Saia da minha casa – rosno-lhe. – Saia, ou chamo a polícia.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Tem a certeza de que quer fazer isso?

– Sim. – Espeto o queixo. – Se quer mesmo destruir-me com o vídeo, então força. Não vou alinhar mais nisto. Não vou entrar nos seus jogos.

– Oh, Adrienne – suspira ele. – Infelizmente, isto já não se trata apenas de si.

Tira o telemóvel do bolso. Fito-o, enquanto ele mexe no ecrã. Passado um segundo, estende-mo. Abano a cabeça.

– Tome – diz ele, empurrando o telemóvel contra o meu peito. – Vai querer ver isto. Juro.

Oh, meu Deus! O que se passa?

As minhas mãos tremem de tal modo, que quase deixo cair o telemóvel. Olho para o ecrã, no qual vejo um vídeo. Não é o meu vídeo no parque de estacionamento. É diferente.

É uma imagem do exterior da casa do EJ. Passado um segundo, surge uma figura familiar. É o Luke. Leva a mão ao bolso, tira as chaves e abre a porta da frente. O vídeo passa então para o interior da casa, no qual se vê o Luke a vasculhar as divisões em busca do portátil, a usar um abre-cartas para arrombar

a fechadura de uma gaveta na secretária, de onde tira o aparelho. Depois, senta-se em frente ao portátil, para entrar no computador do EJ.

Está tudo gravado.

– Isto não seria nada bom para a carreira do seu namorado, pois não?

Vou vomitar. Inclinando-me para a frente, engasgo-me, sentindo uma onda de náusea, mas não tenho nada no estômago. O EJ observa-me, divertido, e desata a rir.

– Caramba, não está mesmo nada entusiasmada por se enrolar comigo, pois não?

– Por favor, não faça isto. – Arquejo.

– A culpa é sua. Foi a Adrienne que o arrastou para isto. – Abana a cabeça. – Foi sempre isto que eu realmente quis. Desde o momento em que entrei no seu escritório e a vi a usar aquele fato sensual, toda severa com o cabelo apanhado, a agir como se soubesse tudo, mais do que todos os outros. Mais do que eu, de qualquer forma. Sempre tive um fraquinho por ruivas. – Lança um olhar firme ao telemóvel ainda na minha mão. – Mas aquele primeiro vídeo não bastava. Sabia que não cederia, a menos que eu tivesse algo maior. Portanto... obrigado por isso.

– Por favor – sussurro. – Dou-lhe tudo o que quiser. Com-primidos, dinheiro...

– Conheço um tipo que me arranja os comprimidos. – Tira-me o telemóvel da mão. – Só a quero a si.

Limito-me a abanar a cabeça.

– Fazemos assim. – Volta a enfiar o telemóvel no bolso. – Porque não pensa nisto por alguns dias? Pense se vale a pena destruir as vidas de ambos apenas para evitar uma noite de prazer comigo.

– Não vou mudar de ideias – sussurro.

Ele inclina a cabeça.

– Não tenho assim tanta certeza disso.

Dito isto, roda nos calcanhares e sai da minha casa. A porta bate ao fechar-se nas suas costas, e só então me deixo cair no sofá, sentindo todo o meu corpo a tremer.

O que vou fazer?

## PRESENTE

**N**ão te mexas – diz o Ethan.  
Corre para a cozinha, e estico o pescoço mesmo a tempo de o ver puxar uma faca do bloco. Retira a maior que consegue encontrar – uma espécie de faca de trinchar, que parece ter uns vinte centímetros de comprimento. Brilha à luz do teto da cozinha e parece bastante assustadora, vista daqui. Por outro lado, não sabemos o que traz o intruso consigo. Se tiver uma arma, a faca não nos servirá de muito.

Disse-me para não me mexer, mas nem pensar que vou ficar sentada no sofá, enquanto o meu marido corre risco de vida. Tiro os pés da taça de água quente e corro atrás dele, deixando um rasto de água atrás de mim.

O Ethan chega à porta do escritório um segundo antes de mim. Arregala os olhos a seja o que for que vê na divisão, e os seus dedos ficam brancos no cabo da faca.

– Quietos – oiço-o dizer. – Mãos ao alto!

Por cima do seu ombro, olho para dentro do escritório. Apesar de, por um lado, já estar à espera, fico chocada ao ver um homem de pé no meio da sala, com as mãos trémulas no ar. Tem o cabelo escuro desgrenhado, a precisar desesperadamente de um corte, e a barba parece ter várias semanas. Veste umas calças de ganga azuis desgastadas e uma camisola com um buraco na manga. Tem o aspeto de um sem-abrigo, mas os óculos que usa parecem estranhamente desadequados.

– Quem é o senhor? – silva o Ethan.

– Eu... – A voz do homem falha-lhe, como se há muito tempo não falasse. – Eu...

– *Quem é?*

– Precisava de um lugar para passar a noite – diz ele, em voz rouca. – Não tenho onde viver e não... não sabia que ia estar aqui alguém.

O Ethan e o estranho fitam-se com expressões desconfiadas nos rostos. Sinto-me melhor. É, como suspeitava, apenas um sem-abrigo a ocupar a casa por julgar que estava vazia. Não parece estar armado, bêbedo nem ser louco. Embora seja mais alto do que o Ethan, não parece particularmente musculado ou assustador – está pele e osso, como se não comesse uma refeição decente há anos.

Mas há algo na sua voz... algo estranhamente familiar.

– Desculpem – diz o homem, pigarreando, a expetoração a produzir um som desagradável na sua garganta. – Estava muito frio lá fora, por isso... Enfim, desculpem ter entrado aqui. Vou... vou-me embora.

Por um momento, sinto uma vaga de compaixão. Não deve ser fácil ser sem-abrigo em pleno inverno. Parte de mim quer insistir que fique, em vez de o expulsar para o frio da rua, mas outra parte de mim sente que há algo duvidoso na sua história.

O Ethan parece pensar o mesmo, pois o aperto na faca de trinchar não afrouxou de todo.

– O que faz neste escritório, então?

É uma excelente pergunta. Se tem estado a ocupar esta casa, porque não se manteve escondido? Porque andava a rondar um espaço onde podia ser descoberto tão facilmente? Nesse momento, noto que está perto da abertura do compartimento no chão – que, felizmente, está fechada. Então percebo o que foi o estrondo que ouvimos.

Foi o som do alçapão a fechar-se.

– Eu... queria ver o porquê de tanto alvoroço – gagueja o homem.

Talvez isso pudesse explicar o porquê de ele estar no escritório, mas não explica como é que o retrato da doutora Adrienne Hale foi pendurado de novo na parede, a meio da noite de ontem. Só uma coisa pode explicar isso.

– É o Luke – digo. – É o namorado da Adrienne Hale.

## ANTES

O Luke fez-nos o jantar esta noite. É frango marsala – fatias de peito de frango estufadas em molho de vinho marsala, manteiga e alho. Tem um cheiro incrível, mas não comi nem um bocado. Passei os últimos quinze minutos a empurrar a comida de um lado para o outro no prato, fingindo comer, apesar de não ter apetite.

– O frango está demasiado cozinhado? – pergunta o Luke, esticando o pescoço para olhar para o pedacinho que cortei. – O meu está ótimo, mas o teu bife era um pouco mais fino. Está seco?

– Não. – Forço um sorriso. – Está delicioso, a sério.

– Então porque não comeste quase nada? – Franze o sobrolho. – Estás doente? Continuas com enxaquecas?

Passaram dois dias desde que o EJ me ameaçou. Ontem à noite, voltei a não deixar o Luke vir cá, queixando-me de que a minha cabeça continuava a incomodar-me, mas não podia evitá-lo para sempre, pelo que aqui está ele.

Tento tirar o EJ da cabeça, mas não consigo. Não consigo deixar de pensar que o meu paciente me destruirá a mim e ao Luke se eu não fizer o que ele quer. Mas como posso fazê-lo? A ideia de deixar que aquele homem me toque faz-me sentir doente; para não falar que nem sequer consigo contemplar estar com mais ninguém além do Luke. Há poucos dias, pensava que podia ser a pessoa com quem ia passar o resto da minha vida...

Nos últimos dois dias, não pensei em mais nada a não ser no meu dilema e concluí que só há uma solução.

Pouso o garfo, afasto o meu prato e olho para o Luke, do outro lado da mesa de jantar. Ele empurra os óculos mais para cima na cana do nariz, com uma

expressão curiosa no rosto. Cruzo as mãos na mesa.

– Temos um problema – anuncio.

Ele assente pensativamente.

– Não queres que eu me mude para cá.

Meu Deus, é nisso que ele está a pensar?

– Luke...

– Não faz mal – apressa-se a dizer. – Sei que pode ser cedo demais. Compreendo. Não te queria pressionar. Quer dizer, adoraria viver contigo, mas não me importo se quiseres esperar.

Parte-me o coração, pois tudo o que eu quero é viver com este homem. Passar a minha vida com ele. Nunca me senti assim antes – nunca imaginei que alguma vez fosse sentir – e mata-me que um monstro vingativo esteja a arruinar a única relação na minha vida que alguma vez foi importante para mim.

– Luke...

Estendendo um braço sobre a mesa, agarra numa das minhas mãos, separando-as.

– Tenho de te dizer, Adrienne. Sinceramente, depois de a Darcy morrer, não imaginava que alguma vez me fosse voltar a apaixonar por alguém. Mas então conheci-te e... simplesmente soube, de imediato. – Aperta-me a mão. – Como disse, se quiseres ir mais devagar, não há problema. Espero o tempo que for preciso.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– Não é de todo isso. Também quero que te mudes para cá. Mas...

Franze o sobrolho.

– Mas o quê?

– Há uma cópia do vídeo – digo, de repente.

Por um segundo, faz-se um silêncio tão grande, que consigo ouvir o zunido do ar condicionado. O Luke cerra os maxilares enquanto interioriza a informação.

– O quê?

– O meu paciente devia ter uma cópia guardada algures. – Mordo o lábio inferior. – Enviou-ma. E... está bastante furioso.

O Luke puxa a mão da minha, e o afeto desaparece-lhe do rosto.

– Eu disse-te que era uma possibilidade. Só consegui livrar-me das cópias que estavam no computador e no telemóvel dele.

Mas agora sei que não foi só isso que o Luke fez. Disse-me que não tinha procurado mais cópias, mas fê-lo. Na gravação que o EJ me mostrou, vi o Luke a revistar as gavetas.

– Seja como for... – digo. – Ele está outra vez a fazer exigências e a chantagear-me. – Não consigo dizer ao Luke o que ele quer. É humilhante. Prefiro deixá-lo acreditar que é apenas dinheiro. – Nunca vai parar.

Ele suspira.

– Pois. Eu... não sei o que dizer. Acho que não devias ceder.

– Aquele vídeo pode destruir-me.

– *É ele* quem está a destruir-te. Está a controlar a tua vida. Não podes deixar que faça isso.

Inspiro fundo.

– Eu sei. Tens razão. Vai usar isto contra mim para sempre. Enquanto for vivo...

Deixo a última afirmação em suspenso. O rosto do Luke tolda-se de confusão.

– O que... o que queres dizer, Adrienne?

– Acho que sabes.

– Estás a dizer...? – Abana a cabeça. – Tens de o deixar publicar o vídeo, se quiser. Tens de aceitar as consequências.

– Devo deixá-lo arruinar a minha vida, é isso?

– Não... Quer dizer, não acho que esse vídeo vá arruinar a tua vida. – Remexe-se na cadeira. – Podes dar a volta.

– Não. Não posso.

Faz um esgar.

– Não sei o que dizer. Não tens escolha. Não há alternativa.

– Há outra coisa. – Endireito os ombros, sabendo que cheguei a um ponto do qual não há retorno. – Ele tem outro vídeo.

As suas pestanas longas tremulam.

– Outro...?

– Um vídeo de ti.

– De *mim*?

– Tem uma gravação tua a entrares em casa dele e a aceder ao portátil. – As palavras saem-me em torrente. Quero acabar com isto. – Também se vê que arrombaste a secretária dele com um abre-cartas.

A cor esvai-se lentamente do rosto do Luke.

– Merda...

– Lamento muito, Luke.

– *Lamentas?* – A cor que se lhe tinha esvaído do rosto surge agora em manchas nas suas faces. – Eu *disse-te* que não queria fazer isto. *Disse-te* que era um erro. *Disse-te* que podíamos arranjar grandes problemas. Não te disse?

– Sim – admito, em voz baixa.

Baixa a cabeça para as mãos e massaja as têmporas.

– Inacreditável. Isto é tão inacreditável.

– Eu sei. Peço imensa desculpa. – Arrasto a cadeira pelo lado da mesa, para estar ao seu lado. – Ele é uma pessoa horrível. Odeio que nos esteja a fazer isto.

O Luke resmoneia em resposta.

Baixo a voz.

– Se nos livrássemos dele...

Observo a expressão do Luke. Deixar-se-á levar? Durante a experiência de Milgram, mais de metade dos participantes administrou o choque elétrico de 450 vóltios – uma dose de eletricidade fatal se o choque fosse real. Não queriam, mas, mesmo assim, administraram o choque, apenas porque lhes foi dito que o fizessem.

Ergue o rosto das mãos.

– Não sei o que estás a sugerir.

– Acho que sabes. – Faço uma pausa eloquente. – É a nossa única opção, Luke.

– Não é. Não é mesmo.

– Enquanto for vivo, vai usar isto contra nós – digo. – Não queres isso, pois não? Só há uma maneira de assegurar que não nos pode fazer mal.

– Não. Nem pensar.

– Pensa bem. O que mais podemos fazer?

O Luke parece doente.

– Por favor, já chega.

– É a nossa única opção.

É tal a força com que bate com as mãos na mesa, que os pratos tremem.

– Não vou matar ninguém, Adrienne. Está bem?

Encolho-me na cadeira. Nunca tinha ouvido o Luke erguer a voz desta maneira, durante os quatro meses em que namorei com ele. Acho que nunca o tinha visto tão perturbado, mas não posso dizer que não tenha o direito a estar.

Empurra a cadeira para trás, e as pernas de madeira raspam contra o chão. Tem o rosto vermelho-vivo, e um vaso sanguíneo projeta-se da têmpora. Nem sequer olha para mim.

– Tenho de sair daqui.

– Luke...

Tento agarrá-lo, mas ele afasta-me com brusquidão. Vai direto à porta da frente, e, quando bate com ela, a casa parece tremer. Corro para a porta a tempo

de ouvir o motor do carro a acelerar. Ao entreabri-la, vejo as luzes traseiras a desaparecerem ao longe.

Acabou. Podia perdoar-me por lhe ter pedido para entrar no computador do EJ, mas nunca me perdoará pelo que lhe pedi desta vez. Vi-o no seu olhar – pressionei-o demasiado. Não sei se alguma vez o voltarei a ver, nem o posso culpar por isso.

Perdi-o. O Luke foi o primeiro homem que alguma vez amei, e consegui dar cabo de tudo.

Fecho a porta da frente e encosto-me a ela. Deixo as lágrimas correrem-me pelo rosto, amaldiçoando o momento em que conheci o EJ. Não devia ter cedido à pressão da sua mãe. Sabia que só me podia trazer problemas. Soube-o assim que o vi.

Arruinei a minha relação com o Luke, mas não vou deixar que seja uma vítima deste monstro. Vou resolver isto. E serei eu mesma a fazê-lo.

## PRESENTE

**S**e fosse um mentiroso mais competente talvez tivesse sido capaz de o negar. Mas este homem não sabe mentir. Percebo-o pela forma como as rugas no seu rosto se aprofundam e a pouca cor que tinha nas faces desaparece por completo. Acertei em cheio. Este é o mesmo homem que ouvi na cassete, o que queria beijar a doutora Adrienne Hale.

– É o namorado? – O Ethan sacode a faca no punho. – O homem que matou a psiquiatra?

O homem, Luke, abana a cabeça vigorosamente.

– Não, eu... Quer dizer, sim, a Adrienne era minha namorada. Mas não a matei. *Amava-a*. Eu nunca...

– Diga-me o que faz aqui, então – diz o Ethan, semicerrando os olhos.

Ele esfrega as mãos nas calças de ganga.

– É como disse. Não tenho para onde ir, e esta casa estava vazia, por isso vim para aqui.

– Porque não tem para onde ir?

– Porque a minha vida foi completamente destruída depois de os jornais me terem acusado de matar a Adrienne. – Ergue o olhar. Não me tinha apercebido dos seus olhos raiados de sangue. – Fui totalmente difamado. Por *nada*. Eu não a matei. Fui despedido, e não consegui arranjar mais nenhum emprego depois disso. A minha família também se recusou a ajudar-me. Até eles acharam que...

– Falha-lhe a voz. – Por isso, estou desempregado e falido. É essa a minha história.

O Ethan olha para o homem, os lábios torcidos num semblante severo.

– Não acredito em si.

– Não acredita? – repete o Luke, baixando os braços. – O que acha que...

– *Mãos no ar.*

O Luke paralisa a meio da frase. A voz do Ethan fá-lo voltar a erguer as mãos rapidamente.

– Está bem. Desculpe. Mas estou a dizer a verdade.

– Talvez esteja... – Pulsa uma veia na têmpora do Ethan. – Ou talvez tenha vindo cá ontem à noite com um propósito. Talvez, ao saber que a casa estava para venda, se tenha apercebido de que tinha de se livrar do cadáver da Adrienne Hale antes que alguém o descobrisse.

O Luke fica de queixo caído.

– O quê? Não. Eu não fazia ideia de que...

– Quando saímos de casa – prossegue o Ethan –, esperava conseguir livrar-se rapidamente do corpo antes que voltássemos a entrar.

O Luke parece doente.

– Não. Não foi isso que... Nem sabia que o corpo estava aqui!

– Sim, pois.

– A sério que não! – Começa a baixar as mãos, mas, ao ver a expressão no rosto do Ethan, ergue-as mais alto. – Não fazia ideia. Ao ouvir os gritos, pensei... Tinha de confirmar. A Adrienne simplesmente... desapareceu. Era suposto encontrarmo-nos nessa noite. Eu não... Ela não teria simplesmente partido. Sei que não o faria. – Olha para o chão, as feições torcidas de angústia. – Eu amava-a, mas nunca soube o que lhe aconteceu.

Sobem-me lágrimas aos olhos. Está a dizer a verdade – ou isso ou tornou-se significativamente melhor ator nos últimos dez minutos. O rosto do meu marido mantém-se impassível.

– Tretas. Não acredito numa palavra.

– Ethan – digo. – Eu acredito nele.

– A sério? – A sua voz escorre condescendência. Este é um lado do meu marido que só vi algumas vezes e que não me agrada particularmente. – Digamos então que engolimos as mentiras dele. E então? Deixamo-lo simplesmente vaguear pela casa e confiamos que é tão boa pessoa que não nos vai assassinar enquanto dormimos?

Tem alguma razão. Acredito que o Luke seja inofensivo, mas estarei disposta a apostar a minha vida nisso?

Não. Não estou.

– O que fazemos então? – pergunto.

Os olhos do Ethan percorrem o homem diante de nós.

– Amarramo-lo.

O Luke recua aos tropeções perante a palavra, com o pânico a encher-lhe o olhar. Pergunto-me se estará a pensar em tentar fugir. Não creio que conseguisse. Além de ter uma faca, o Ethan conseguia dominar o Luke numa luta. O meu marido faz exercício, e vejo os seus músculos espreitar pelas mangas daquela *T-shirt* dos Yankees.

– Há fita-cola na secretária – lembro-me. – Queres que a vá buscar? – Não quero que o Ethan vá vasculhar a secretária e encontre as cassetes.

– Sim. – Agita a faca na direção do Luke. – Deite-se no sofá. *Já.*

Desce-me um arrepio pela espinha ao ver o meu marido a assumir o controlo desta situação. Nunca tinha pensado em como iria o Ethan reagir numa situação tão intensa como esta. Estou impressionada.

O Luke percebe que o Ethan não está a brincar. Obediente-mente, deixa-se cair no sofá e deita-se de costas. Tiro a fita-cola da gaveta e começo por lhe amarrar as pernas. Enrolo-a à volta dos seus tornozelos, mesmo acima das sapatilhas *Nike* velhas, que aparentemente costumavam ser brancas, mas agora têm um tom turvo cinzento.

– Estenda os braços – ordena o Ethan.

Os olhos do Luke enchem-se de temor.

– Por favor, não façam isto.

– *Estenda os braços.* – O Ethan acena na minha direção. – Trícia, certifica-te de que está apertado o suficiente para que não possa fugir.

Agacho-me junto ao Luke, enquanto lhe prendo as mãos com a fita. Arrisco um olhar ao seu rosto, e, por uma fração de segundo, os nossos olhares cruzam-se. O seu abanar de cabeça é quase impercetível. *Por favor, não faça isto.*

Desvio o olhar. Não tenho escolha. O Ethan tem razão. Não podemos tê-lo a vaguear pela casa enquanto estamos presos aqui.

Sinto que consigo respirar melhor depois de o Luke estar amarrado no sofá. Não haverá mais estrondos misteriosos pela casa nem terei de me preocupar que alguém desça do sótão para nos assassinar.

– O que vão fazer agora? – pergunta o Luke. Apesar de estar deitado, parece incrivelmente desconfortável, como seria de esperar de alguém com os pulsos e os tornozelos atados com fita-cola. Retorce-se, tentando ajustar a posição, mas é-lhe difícil.

– Não tem nada a ver com isso – retorque o Ethan. – Anda, Trícia. Vamos.

Sigo o Ethan para fora do escritório, e ele fecha a porta atrás de nós. Só depois

de a porta estar fechada é que baixa o braço que segura a faca, pousando-a numa prateleira. A tensão parece esvair-se subitamente do seu corpo.

– Temos de sair daqui – diz ele. – Esta noite. Não quero esperar até de manhã. Não quero dormir sob o mesmo teto que aquele homem.

– Nem eu. – Pensar que está um homem amarrado contra a sua vontade na sala por baixo de nós é muito perturbador. Jamais conseguirei dormir. – Mas o que podemos fazer?

– Posso ir procurar ajuda.

Sinto um baque no coração.

– Ethan, não...

– Ouve. – Ergue um dedo. – É só para aí quilómetro e meio daqui até à estrada principal. Posso percorrer essa distância a pé e tentar que algum carro pare para pedir ajuda. Ou talvez tenha rede no telemóvel pelo caminho. Posso nem ter de chegar à estrada principal, se conseguir apanhar rede.

O meu olhar é cético, ao observar uma das janelas. Está *muita* neve lá fora. Além disso, escureceu bastante durante a última hora. Está escuro como breu. Não há candeeiros de rua nem luzes de casas vizinhas nem qualquer outro tipo de iluminação fora da propriedade. E se ele se perder?

E se morrer congelado?

Agarro no braço do Ethan, cravando-lhe as unhas na pele.

– Por favor, não vás.

– Vou ficar bem – garante-me, com uma confiança que não sinto. – Tenho um casaco quente e umas boas botas. Aposto que não demoro mais de meia hora a chegar à estrada principal.

– E deixas-me aqui? – Forma-se-me um nó na garganta. – Com *ele*?

– Está preso. Por agora.

Abano a cabeça, mas vejo a determinação nos seus olhos. Nem pensar que o consigo dissuadir.

– Volto numa hora. Duas no máximo – diz ele. – Prometo.

Levo a mão ao abdómen. Continua liso – ainda não há sinais da barriguinha de grávida. Nos próximos meses, irá crescer cada vez mais, com a vida que gerámos a desabrochar dentro de mim. Por mais empolgada que esteja com esta aventura, não quero fazê-la sozinha. Não consigo imaginar a minha vida sem o Ethan.

– Por favor, tem cuidado – murmuro.

– Não te preocupes – diz ele. – Volto daqui a uma hora.

Inclina-se para me beijar. Ao sentir o seu hálito quente, rezo silenciosamente.

Por favor, que não seja a última vez que o vejo. Culpar-me-ei para sempre, se lhe acontecer alguma coisa.

– Não entres naquele escritório, seja por que motivo for. – A voz do Ethan é severa. – Aconteça o que acontecer. Está bem, Trícia?

– Está bem – concordo.

– Ele está amarrado. A única forma de te poder fazer mal é se lhe tirares a fita dos pulsos e dos tornozelos.

– Eu sei.

Um lampejo de dúvida cruza o rosto do Ethan, mas depois abana a cabeça.

– Muito bem, vemo-nos em breve.

Começa a passar por mim, mas então para bruscamente. Algo lhe chamou a atenção. Algo junto à escadaria.

Viro a cabeça, seguindo-lhe o olhar. Sei exatamente o que viu. É a estante junto às escadas. A estante que escondia a sala secreta.

Está entreaberta.

Quero fazer qualquer coisa para tentar distrair o Ethan, mas os seus olhos estão completamente focados na estante entreaberta.

– O que é *aquilo*? – pergunta.

– Eu... não sei. Deve ser apenas um armário.

Mas ele não me está a ouvir. Dirige-se à estante, enquanto o meu coração dá saltos dentro do meu peito. Como pude ser estúpida a ponto de a deixar aberta? Tinha a certeza de a ter fechado da última vez que entrei para ir buscar algumas cassetes, mas já tinha reparado que o trinco nem sempre prende. Deve ter voltado a abrir-se depois de a fechar.

Num instante, o Ethan abre a porta. Pelo menos, apaguei a luz, o que o atrasa cerca de cinco segundos enquanto tateia em busca do cordão. Quando finalmente o encontra e a sala se ilumina, oiço-o inalar bruscamente.

– Que raio...?

Posto-me à entrada da sala, a torcer as mãos. Quero fingir que não sei nada sobre isto, mas tenho noção de que ele não se deixará enganar.

O Ethan escolhe uma cassette de uma das prateleiras, examinando as letras escritas na lombada.

– A doutora Hale gravava as sessões com os pacientes.

– Sim – digo.

– Deve haver milhares destas cassetes. – Os seus olhos varrem as prateleiras cheias. – Quando encontraste este sítio?

Sinto-me como se tivesse as faces em chamas.

– Hã...

– Tricia...

– Ontem. Encontrei-o ontem.

– E não me disseste?

É óbvio que não.

– Parecias ocupado com o trabalho. Não pensei que te fosse interessar.

– Isso é um monte de tretas e tu sabes disso, Tricia. – O tom vermelho-vivo

do pescoço sobe-lhe para a cara. – Tens andado a ouvir estas cassetes?

– Não – respondo rapidamente.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– E se me dissesses a verdade desta vez?

– Talvez tenha ouvido uma ou duas...

– *Não mintas.* – A sua voz está brusca. Penso que está prestes a gritar-me. O brilho nos seus olhos faz-me dar um passo atrás. – Tens andado a ouvir estas cassetes?

– Não ouvi muitas. Só cinco ou seis.

Continuo a mentir. Ouvi bem mais do que isso. Se o Ethan voltasse ao escritório e abrisse a gaveta da secretária, encontraria mais cassetes. Resta-me esperar que não o faça.

– Não oiças mais cassetes – diz ele, numa voz que não parece a do homem com quem casei. – Promete-me que não ouves.

– Prometo. – Arquejo.

Por um momento, ele fica parado, a perscrutar-me o rosto. Tento não me retorcer sob o seu olhar. É mais uma lembrança de que só conheço este homem há pouco mais de um ano. Há tanto que ainda não sei a seu respeito, apesar de me ter comprometido a passar a vida com ele e de ter um filho seu a crescer dentro de mim. Não quer partilhar o passado comigo. Sempre que puxo o assunto, ele fecha-se.

Somos casados. Devia sentir-se confortável a dizer-me tudo. É perturbador que sinta que há coisas que não me pode contar. Isto tem de mudar. Talvez não neste instante, mas temos de pôr as cartas na mesa. *Em breve.* Se vamos construir uma família juntos, não pode haver segredos.

Finalmente, o Ethan desvia os olhos do meu rosto. Vira-se e fecha a porta da sala secreta. Oiço o estalido ao fechar-se. Quando se vira novamente para olhar para mim, a cor do seu rosto voltou ao normal.

– Vou sair para procurar ajuda – diz ele. – Volto em breve, está bem?

Anuo, não querendo que vá, mas compreendendo que tem de ser assim.

Estende a mão e agarra-me no braço com força suficiente para me magoar, mas não para deixar marca.

– Não voltes a entrar naquela sala.

– Não volto...

– Estou a falar a sério. – O aperto intensifica-se. – São informações privadas dos pacientes. Podemos meter-nos em grandes problemas por as ouvirmos. Devíamos entregá-las à polícia.

– Sim, claro. – Algo nos seus olhos me diz que essa não é a razão por que não quer que eu oiça as cassetes. Não está a ser inteiramente sincero comigo.

Passa a língua pelos lábios.

– Como conseguiste abri-la?

– *A Luz*. Ia ler o livro, mas, quando tentei puxá-lo, a porta destrancou-se.

Por um momento, ele fica a pensar nisto. Em seguida, assente. Tira o gorro preto do bolso do casaco e enfia-o na cabeça, tapando os cabelos dourados. Tem as botas pretas calçadas e marcha pela sala de estar em direção à porta da frente. Lança-me um último olhar, antes de fechar a porta atrás de si.

O som da porta a bater ecoa pela gigantesca sala de estar. Depois de sair, fico um minuto inteiro parada, a tentar decidir o meu próximo passo.

O Ethan sabe da sala secreta com as cassetes. Não sei se vai cumprir a promessa de as entregar à polícia, mas, se houver qualquer hipótese de isso acontecer, tenho de repor todas as cassetes que tirei. Não quero ser acusada de adulteração de provas.

Só há um problema.

Se quero reaver as cassetes, tenho de voltar ao escritório da doutora Hale.

**N**ão é nada de especial. Só tenho de entrar no escritório, tirar as cassetes da secretária, enfiá-las no bolso do meu casaco e sair. Não tenho de falar com o Luke nem tenho de interagir com ele. Está amarrado – não me pode fazer mal.

Odeio fazer isto enquanto o Ethan não está. Não é como se ele estivesse no andar de cima ou assim. Não está sequer na casa nem está contactável. Se o Luke me tentar atacar, seremos só nós os dois nesta casa.

Mas ele não me vai atacar. Usei muita fita-cola. Deve estar tal qual o deixei – deitado no sofá, indefeso. Apostaria a minha vida nisso.

Não posso esperar que o Ethan volte. E se regressar com a polícia? Tenho um pressentimento de que não o fará, mas, se o fizer, estou lixada.

Aproximo-me da porta do escritório. Encosto o ouvido, à escuta de qualquer som sinistro. Não oiço nenhum. Mas isso não quer necessariamente dizer nada.

O Ethan deixou a faca numa das estantes. Pondero levá-la comigo, mas decido não o fazer. O Luke está amarrado. Devo ficar bem.

Pouso a mão no puxador, demasiado cobarde para o rodar. Conto até três, respiro fundo e rodo-o. Em seguida, abro a porta.

O espaço está basicamente como o deixámos. O compartimento no chão continua fechado. O sofá continua de lado, no outro extremo da divisão, e o Luke continua sentado nele, de pulsos e tornozelos atados com fita-cola. A única diferença é que conseguiu erguer-se para uma posição sentada.

Deixa-me inquieta. Se consegui passar de deitado a sentado, poderia tentar pôr-se de pé. O que aconteceria nesse caso? O Ethan tinha razão ao decidir ir pedir ajuda. Não me sinto confortável a passar a noite debaixo do mesmo teto que este homem.

O Luke ergue bruscamente a cabeça, ao ouvir-me entrar no escritório. Fita-me com os olhos raiados de sangue com olheiras profundas.

– Vim só buscar uma coisa – murmuro. Não sei bem porque senti a necessidade de lhe dar uma explicação.

– Não vou interferir – diz.

Solto um grunhido em resposta.

A disposição da sala é inconveniente. Por o Ethan ter desviado o sofá, tenho de passar pelo Luke para chegar à secretária. Os seus olhos estão fixos em mim, observando-me à medida que me aproximo.

– Chama-se Tricia, certo? – pergunta.

Não estabeleço contacto visual nem respondo à sua pergunta.

– Escute, Tricia. – Pigarreia, limpando a garganta seca. – Estou a ficar com os dedos dormentes. Não me pode afrouxar um pouco a fita?

Resfolego.

– Deve achar que sou a pessoa mais estúpida do planeta.

Apesar de tudo, o Luke deixa escapar uma risadinha.

– Valia a pena tentar.

Olho na sua direção, vendo um dos cantos dos seus lábios repuxado para cima num sorriso de esguelha. Não é tão bonito como o meu marido, mas consigo ver como seria giro se fizesse a barba e cortasse o cabelo – e se tomasse um bom duche. Por um segundo, capto um vislumbre do Luke da cassete que ouvi. O Luke por quem a doutora Adrienne Hale se apaixonou.

Se ao menos não o tivesse feito. Talvez tudo tivesse sido diferente.

Passo por ele para chegar à secretária. Abro a gaveta em que guardei as cassetes. Felizmente, continuam lá. Quero enfiá-las no bolso do casaco, mas o Luke está a olhar para mim, quase sem pestanejar. Não desvia os olhos.

– Quer dizer-me alguma coisa? – atiro eu.

– Na verdade, sim.

Cruzo os braços sobre o peito.

– Não lhe vou tirar a fita-cola. Não se dê ao trabalho de pedir. Vai ficar aí sentadinho até a polícia chegar e depois pode explicar-lhes como é que o cadáver da Adrienne Hale acabou debaixo do soalho do escritório dela.

– Pois, é essa a questão – diz o Luke, recostando-se no sofá. – Acho que... Quer dizer, tenho quase a certeza de que não é o corpo da Adrienne que está no compartimento.

Paraliso.

– O quê?

– Ouviu o que eu disse.

Não sabe o que diz. Está só a tentar assustar-me. Sabe que estamos sozinhos em casa, por isso está a tentar manipular-me. É disso que se trata. Nem devia interagir com ele.

– Pensei que fosse ela, inicialmente – diz ele. – Quer dizer, quem mais poderia ser? Nem queria olhar, porque... simplesmente não suportava. Não me interessa o que a imprensa disse sobre mim. Eu *amava* a Adrienne. Teria casado com ela, só que...

– Porque acha que não é ela, então?

Não sei como poderia alguém perceber quem é. O corpo está tão desfigurado, que nem dá para ver se era homem ou mulher, quanto mais a sua identidade específica.

– Ainda tinha roupas vestidas. – Faz um esgar. – Ou restos de roupas... Presumo que a maioria do tecido se tenha desintegrado. Dava para ver que usava umas calças de ganga azuis. Mas a Adrienne nunca usava calças de ganga. Odiava-as. Não as usaria nem... enfim, sabe o que quero dizer. Por isso, não vejo como poderia ser ela.

Engulo em seco.

– Talvez fosse dia de lavar a roupa e tivesse decidido vestir umas calças de ganga.

– Nem sequer *tinha* nenhuma – protesta ele, abanando a cabeça. – A camisola também não me é familiar. Não é ela que está no compartimento. Aposto seja o que for.

Viramo-nos os dois para olhar para o contorno retangular no chão. Tem razão em relação às calças de ganga. Vasculhei um monte das suas gavetas e não vi nenhuma.

– Sabe quem é, nesse caso?

O Luke hesita.

– Sim. Acho que sei.

Desce-me um arrepio pela espinha. Já não me interessa se o Luke vê ou não o que estou a fazer. Preciso de sair desta sala. Abro a gaveta e começo a enfiar as cassetes nos bolsos. Ele observa-me, mas não tece comentários.

– Eu não a matei, Tricia – diz baixinho. – Jamais faria uma coisa dessas.

Fecho a gaveta com força.

– Isso compete à polícia decidir, não a mim.

Passo por ele, com os bolsos cheios das cassetes que tirei da sala secreta. Ainda tenho muito tempo até o Ethan regressar, mas não quero correr riscos. Quando ele voltar, quero que a sala esteja exatamente como a encontrei.

Por esta altura, já estou habituada ao processo. Inclino para a frente o exemplar de *A Luz* e oiço o estalido da porta ao destrancar-se. Abro-a e puxo o cordão para acender a lâmpada.

Uma a uma, arrumo as cassetes nas prateleiras. Levei um monte de cassetes do EJ, por isso tenho cuidado ao repô-las pela ordem em que as encontrei. Trouxe mais algumas cassetes aleatórias que me certifico de pôr também no sítio. Quando chego ao fim, resta-me apenas uma.

Levo a mão ao bolso e sinto o objeto retangular no interior. Aperto-o com tanta força, que a caixa estala sob o meu toque.

Deixarei esta sala exatamente como a encontrei. Todas as cassetes estão no mesmo sítio em que estavam quando aqui entrei pela primeira vez.

Todas, exceto uma.

## TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO

***E**sta é a sessão n.º 185 com PL, uma mulher de vinte e sete anos com um quadro de stresse pós-traumático, na sequência de um incidente extremamente traumatizante a que sobreviveu.*

PL: Doutora Hale, queria só informá-la de que me vou mudar em breve.

DH: Oh? Vai mudar-se para onde?

PL: Arranjei emprego em Manhattan.

DH: Oh, uau! Nem me tinha apercebido de que estava à procura de emprego.

PL: Bem, é como a minha mãe diz sempre: se a oportunidade não bate à porta, temos de ser nós a criá-la.

DH: A sua mãe tem, sem dúvida, uns ditados excelentes.

PL: Sim, tem mesmo! Enfim, ando a ver alguns apartamentos, na esperança de encontrar um T1 decente.

DH: Isso é maravilhoso. Parabéns.

PL: Muito obrigada. Queria dizer-lhe porque isto significa que deixaremos de ter as nossas sessões.

DH: É claro. Compreendo. É uma grande mudança para si.

PL: É mesmo, e não teria conseguido sem si. Foi incrível, doutora Hale.

DH: Fico contente por a ter ajudado.

PL: Ajudou muito. Quando a conheci, mal conseguia sair de casa e agora vou mudar-me para Manhattan. Sinto que posso finalmente deixar tudo para trás.

DH: Sim, isso é muito bom.

PL: Talvez um dia apanhem o canalha que assassinou o meu noivo e as minhas amigas.

DH: Hum. Não me parece.

PL: Talvez tenha razão. Quer dizer, ao fim de todo este tempo, seria esperar demasiado...

DH: Não. Não é por isso que não o vão apanhar.

PL: Oh! Então é porquê?

DH: Porque ele não existe.

PL: O quê?

DH: É difícil prender um homem que é totalmente fictício, não é?

PL: *Desculpe?*

DH: Ouviu o que eu disse.

PL: Eu... O que está a dizer, doutora Hale?

DH: Acho que sabe o que estou a dizer.

PL: Temo que não.

DH: Estou a dizer que inventou tudo. Nunca estive nenhum assassino na cabana. Matou o seu noivo e as suas amigas e inventou um assassino fictício.

PL: Também fui *esfaqueada!*

DH: Sofreu feridas mínimas. Fê-lo a si mesma para parecer realista. Ninguém acreditaria que um assassino entrou na cabana e esfaqueou toda a gente menos a si, portanto não teve alternativa.

PL: Isso é... é absurdo. Como pode achar que inventei tudo?

DH: Porque foi o que fez. Consigo detetar um mentiroso à distância.

PL: Mas porque haveria de fazer algo assim?

DH: Ainda não consegui perceber totalmente. Desconfio que o Cody andava a traí-la com a Alexis, por isso decidi vingar-se de ambos. A Megan foi uma triste vítima de toda a situação. É essa a minha suspeita, com base no facto de ela ter morrido muito mais depressa do que os outros dois.

PL: Eu...

DH: Acertei, não foi?

PL: Isto é... Quer dizer, há *três anos* que cá venho. Incluíu-me no seu livro.

DH: É uma história muito boa. Incrivelmente convincente. Diria que não se consegue inventar algo assim, mas é óbvio que sim.

PL: Isto é de loucos.

DH: Não olhe assim para mim. Não fui a única a desconfiar de si. O detetive Gardner também achava que tinha sido a responsável, mas não tinha como o provar. Só que ele não tinha uma janela para os seus pensamentos como eu. O detetive não passou os últimos três anos a aperceber-se das pequenas inconsistências.

PL: Isto é ridículo. Vou-me embora.

DH: Sim, é melhor ir. Gostaria de ter um pouco de privacidade para ligar ao detetive.

PL: Espere. Espere lá.

DH: Pensava que se ia embora...

PL: Está bem. *Está bem.*

DH: Admite, então?

PL: O que quer, doutora Hale?

DH: Tenho um pequeno problema e vou precisar da sua ajuda.

PL: Que tipo de problema?

DH: Uma pessoa tem vindo a causar-me muitos transtornos. Gos-taria de tratar disso, mas não posso ser eu a fazê-lo.

PL: Bem, o que quer que *eu* faça?

DH: Oh, acho que sabe, Patricia.

## PRESENTE

**N**ão sou assassina. Bem, tecnicamente sou. Mas, quando imagino um assassino, penso em alguém diferente. Imagino uma pessoa perversa, que anda por aí a matar pessoas boas sem razão.

Matei o meu noivo, o Cody, mas ele não era boa pessoa.

Era suposto casarmos daí a dois meses. Dois meses! Os convites para o casamento já tinham sido enviados. Tinha publicado montes de fotos no Instagram a exhibir o meu incrível anel de diamante. Já tínhamos feito listas de presentes em meia dúzia de locais e alguns até já tinham chegado.

Então, descobri que o Cody andava a dormir com a minha melhor amiga, a Alexis.

Sabem o que se sente quando alguém nos trai dessa maneira? O amor da minha vida e a minha melhor amiga. Envolvidos. Mesmo debaixo do meu nariz, porque pensaram que eu era demasiado estúpida para descobrir. Talvez não tivesse descoberto, se não tivesse visto uma mensagem da Alexis no telemóvel do Cody, enquanto ele estava na casa de banho. Sim, foram assim tão descuidados.

Sabia o código do seu telemóvel, por isso, na noite seguinte, desbloqueei-o enquanto dormia. Descobri que a Alexis e o Cody andavam enrolados desde pouco depois do noivado. Que era algo *sério* e que ele tencionava romper o noivado para estar com ela, mas temia a minha reação.

*Não é a pessoa mais estável do mundo,* escreveu-lhe ele.

Uma injustiça. Eu era estável. Qualquer pessoa teria quebrado se descobrisse que o noivo estava a pensar em pôr termo ao noivado para ficar com a melhor

amiga a apenas dois meses do casamento. Não consigo imaginar nada mais humilhante. Teria tido de ligar a todos os convidados e explicar que o casamento tinha sido cancelado. Claro que muitos iriam perguntar o que aconteceu, e teria de mentir e de dizer que simplesmente não éramos feitos um para o outro. Mas é óbvio que os boatos iriam correr *online*.

Por isso, ninguém me pode culpar por ter feito o que fiz. Sinceramente, qualquer pessoa numa situação parecida *gostaria* de ter feito o que eu fiz.

A Alexis deve ter-se rido para si própria, quando lhe falei na cabana que eu e o Cody tínhamos arrendado e que tinha dois quartos a mais. *Porque não vêm connosco, tu e a Megan?*, sugeri.

Tive de convidar a Megan, apesar de tecnicamente não ter feito nada de errado. Seria suspeito se convidasse apenas a Alexis. Para ser sincera, nunca gostei muito da Megan. Era uma daquelas pessoas que nunca perdem uma oportunidade de deitar os outros abaixo. O mundo está melhor sem ela, acreditem em mim.

Levei uma garrafa de tequila, algumas limas e um saleiro. Levei também um saco com dez dólares de erva. Assegurei-me de que estávamos todos inebriados. Não teria hipóteses de os abater de outra forma. Afinal, era eu contra três.

Escolhi uma noite em que sabia que ia chover. Preocupava-me que ninguém acreditasse na minha história, se não vissem pegadas diferentes das nossas a rodear a cabana. Mas, estando a chover, o solo transformar-se-ia em lama.

Tive de os despachar um a um. Tratei primeiro da Megan, no alpendre, porque não queria prolongar essa morte. Disse-lhe que precisava de lhe falar de uma coisa no exterior e, mal saímos para o bosque, tirei a faca do casaco e degolei-a.

A seguir foi o Cody. Fi-lo na cama em que estávamos a dormir. Depois de o esfaquear três vezes, mesmo antes de ele perder os sentidos, sussurrei-lhe ao ouvido: «*É isto que mereces por andares enrolado com outra nas minhas costas.*» Queria que soubesse porque o fiz. Queria que fosse o seu último pensamento antes de morrer.

Seguiu-se a Alexis. Era com ela que estava mais zangada. Era a minha melhor amiga desde que tínhamos *cinco anos*. Como tinha sido capaz de me fazer aquilo? Deixei-a morrer lentamente, a esvaír-se em sangue no chão, enquanto implorava por socorro.

Eu fui a última. Ninguém acreditaria na minha história se estivesse completamente ilesa, por isso procurei sobre os sítios em que poderia espetar a faca, de modo a evitar lesões graves. Quando apareci na esquadra, encharcada e a

soluçar sobre o assassino na cabana, a maioria do sangue que me cobria não era meu.

Desempenhei tão bem o papel. Sinceramente, mereço um Óscar pela atuação. Os meus pais e a minha irmã não duvidaram nem por um instante de que tínhamos sido vítimas de um ataque desumano de um psicopata nos bosques. O detetive foi o único que suspeitou de que eu pudesse estar a mentir, mas não o conseguiu provar. No entender de todos, eu era a vítima.

Não, era uma *heroína*. Porque sobrevivi.

Foi a minha mãe que insistiu nas sessões com a doutora Hale. *A doutora Hale é a melhor*. Dizia-me sempre que nada é mais importante do que a saúde mental.

Por isso, aceitei ir. Foi divertido. Apesar de não ter sido vítima de um psicopata nos bosques, estava, de facto, traumatizada com toda a experiência. Quer dizer, matar o nosso noivo e a nossa melhor amiga mexe connosco. Mas eles não me deixaram grande alternativa. A doutora Hale, porém, sabia exatamente o que dizer, e eu até gostava do jogo, por essa altura. Do engano.

Não fazia ideia de que ela não se tinha deixado de todo enganar pela minha farsa.

Podem imaginar, portanto, como me senti quando me disse que sabia de tudo. No início da terapia, falou-me em gravar as nossas sessões, e acho que até assinei um formulário de consentimento. Não me pareceu que tivesse importância. Mas, assim que ela revelou o que sabia, pensei em todas as sessões, revisitando mentalmente todos os meus deslizes.

Tinha de fazer o que ela me pedia. Não tinha escolha.

## ANTES

**P**assa já muito da meia-noite quando o *Audi* para em frente a minha casa. É o mesmo carro que a minha antiga agente, a Paige, conduzia, mas pertence à Patricia. De certeza que foram os pais que lho compraram – mimaram-na terrivelmente desde que regressou, encharcada da chuva e coberta de sangue, das férias na cabana. Pela minha janela, vejo a Patricia descer do carro, com um vestido vermelho minúsculo e justo que mal lhe cobre a roupa interior. Fecha a porta com mais força do que o necessário. Desinstalei a câmara voltada para a porta da frente, para que não houvesse registo das entradas e saídas de minha casa esta noite.

Percebi que a Patricia me estava a mentir logo na primeira sessão, o que não quer dizer que não tenha sido uma mentirosa competente. Foi. Representou muito bem o papel. Mas eu sou ainda mais competente a captar mentiras. Como o EJ, a Patricia tem um tique: quando mente, cruza a perna direita sobre a esquerda.

Suspeito que o detetive envolvido no caso também sabia que ela estava a mentir. Mas uma coisa é saber por instinto e outra muito diferente é prová-lo. O detetive Gardner não conseguiu provar que a Patricia tinha matado o noivo e duas das amigas mais próximas; por isso, ela conseguiu safar-se, impune. Além disso, ainda foi enaltecida por ser a vítima que escapou.

Mas a Patricia Lawton não é uma vítima. Quando descobriu que a melhor amiga a andava a trair com o noivo, decidiu vingar-se. Ao longo dos últimos três anos, diagnostiquei-a informalmente com perturbação de personalidade antissocial, com base na empatia limitada pelos outros, no comportamento agressivo e criminoso e no historial de mentiras e enganar. Como tantas outras

pessoas com esta perturbação, a Patricia é encantadora e atraente, e tem uma inteligência acima da média. Se não tivesse isso a seu favor, talvez não tivesse saído impune.

Ao longo dos anos, houve várias pistas para o seu diagnóstico. Quando a avó morreu de ataque cardíaco, no ano passado, as suas lágrimas foram muito convincentes durante a nossa sessão. Mas não referiu que tinha sido responsável por ajudar a avozinha com os medicamentos para o coração. Só descobri quando liguei à Sra. Lawton para lhe dar as minhas condolências. Esqueceu-se também de referir a propriedade enorme que herdou. Quando a interroguei na sessão seguinte, a Patricia cruzou a perna direita sobre a esquerda, antes de me dizer que se sentia tão mal pela possibilidade de se ter enganado nos medicamentos da avó.

A Sra. Lawton sempre me foi dando algumas informações sobre o historial turbulento da filha, como os amigos que apareciam com ferimentos misteriosos ou os animais de estimação que morriam subitamente. *Coitada da Tricia, tem tido tanto azar.*

Tenho a certeza de que a Sra. Lawton deve desconfiar da filha – não é burra. Mas a negação é um mecanismo de defesa poderoso. Ouvei-lhe o alívio na voz, enquanto me contava as histórias – descarregando finalmente e passando o peso para mim.

Sabia exatamente o que fazer com a informação.

Quando abro a porta da frente para a receber, a Patricia não parece satisfeita. Puxa a bainha demasiado curta da sua saia para baixo e fulmina-me com o olhar sob as luzes do meu alpendre.

- Está no carro.
- Ainda inconsciente?
- Sim, mas está a acordar.
- Deu-lhe problemas?
- Não. Foi fácil.

Apesar de estar tão irritada comigo, acredito que, a um certo nível, a Patricia gostou do desafio que lhe fiz. Arranjou-se, foi até ao casino e sentou-se ao lado do EJ na mesa de póquer. Tal como na fantasia que o meu paciente me confessara, ela nem lhe disse como se chamava. Em seguida, atraiu-o ao seu carro, com a promessa de o levar para sua casa. Expliquei-lhe em pormenor o que lhe devia dizer.

Durante a viagem de carro, o EJ ficou cada vez mais sonolento, com o que a Patricia lhe pôs na bebida no casino, até acabar por perder os sentidos. Parece

que se torna mais fácil de cada vez que drogo o EJ. Seria de pensar que já estivesse à espera, por esta altura.

– Fez-lhe o registo de saída do hotel? – pergunto.

– Sim. Usei o telemóvel dele. – Olha para as unhas, pintadas de vermelho-sangue. – E mudei o *Porsche* para outro parque com estacionamento de longa duração. Está pago por um mês.

O EJ não tem amigos nem emprego, e os pais estão mortos. Ninguém dará pela sua falta durante semanas ou mesmo meses.

Sigo a Patricia até ao *Audi*. Vejo a sombra escura de um homem no banco de trás. É ele. Ela conseguiu. Fê-lo realmente. Fez aquilo de que o Luke não foi capaz – ou aquilo que não estava disposto a fazer.

– Atei-lhe as mãos com fita-cola – diz-me ela. – Fiz-lhe o mesmo às pernas, mas deixei um pouco mais de folga para ele poder andar. Colei-lhe um pedaço na boca, mas não dá para ver porque tem o saco enfiado na cabeça.

É corajosa, reconheço isso. Fez a viagem do Connecticut até aqui com um homem amarrado no banco de trás. É verdade que foi a meio da noite, mas, se a tivessem mandado parar, teria sido o fim.

– Só o amarrei há cerca de vinte minutos – diz ela, como se me tivesse lido os pensamentos. – Começou a mexer-se, por isso não quis correr riscos.

– O telemóvel dele?

A Patricia leva a mão à mala e tira-o. Deposita-o na minha mão expectante.

Semicerco os olhos ao ecrã desligado no escuro.

– Desligou-o?

– Sim, mas ouvi dizer que às vezes é possível localizar um telemóvel enquanto ainda tiver bateria. Portanto, tenha cuidado.

Terei muito cuidado. Tenho toda a intenção de destruir este telemóvel até ficar irreconhecível.

Ao chegarmos mais perto, vejo o saco de papel na cabeça do EJ.

O papel crepita ligeiramente, à medida que ele se remexe no banco. É difícil perceber se está acordado, visto que está imobilizado. Espero que acorde para esta próxima parte.

A Patrícia abre a porta de trás. Vejo a fita-cola com que prendeu as mãos do EJ. Com os saltos altos, ela dá-lhe um pontapé na barriga da perna, com força suficiente para deixar uma nódoa negra.

– Levanta-te! – ordena.

O EJ ergue bruscamente a cabeça, mas não consegue sair do carro sem ajuda. Quando lhe dá outro pontapé, ele geme, mas continua sem se mexer.

Acabo por lhe agarrar nas pernas e viro-as para fora do veículo. Não se consegue levantar sozinho, por isso temos de ser as duas a pô-lo de pé. Ouvimos sons abafados de dentro do saco de papel. A *T-shirt* cinza tem manchas de suor nas axilas.

Guiamo-lo para dentro de minha casa, até ao meu escritório. Por ter os tornozelos parcialmente amarrados, o seu equilíbrio é terrível e caminha em pequenos passos arrastados. Ao entrarmos no escritório, a Patricia para bruscamente. Olha em volta.

– Mudou alguma coisa aqui dentro?

– Não – digo.

Inclina a cabeça para o lado. Tem a certeza de que algo está diferente, mas não consegue identificar o quê. Sei perfeitamente o que é. Mudei o sofá de lugar. Mas ela não precisa de saber – é melhor que não saiba.

Uma vez dentro do escritório, tento fazer com que o EJ se sente no sofá, mas, devido à fita-cola nos pulsos e tornozelos e ao saco na cabeça, ele falha-o por completo. Cai ao chão, com força.

A Patricia franze o sobrolho.

– Quer que a ajude a levantá-lo? – pergunta.

Abano a cabeça. É mais fácil se ele ficar no chão.

– Está tudo bem. Já pode ir.

Ela semicerra os olhos.

– O que vai fazer?

– Nada que lhe diga respeito.

Bate com um dos tacões no chão de madeira. Se estivesse apenas sessenta centímetros mais à esquerda, teria ouvido a diferença no som produzido pelo soalho, descobrindo o meu segredo.

– Acho que me diz respeito, em parte. Afinal, fui eu que o trouxe para aqui.

– Não se preocupe – digo. – Vou tratar disto.

– Não me importo de ajudar. Como diz a minha mãe, se nos ajudássemos sempre uns aos outros, ninguém precisaria de sorte.

Claro que não se importa.

– Deixe estar. Tenho tudo sob controlo.

Um lampejo de curiosidade cruza as suas feições bonitas.

– O que lhe vai fazer?

– Ninguém o vai encontrar. Prometo.

Por um segundo, ela faz beicinho, mas depois ergue as mãos.

– Tudo bem. Faça o que quiser, doutora Hale.

Atira o cabelo louro-mel por cima do ombro e sai intempestivamente do escritório. A caminho da saída, olha para o retrato que me deu, pendurado acima da lareira, e lança-me um olhar de desdém.

– Não posso acreditar que pendurou um retrato gigantesco de si própria na sala de estar. – Abre-me um sorriso escarninho. – É tão arrogante como pensava.

– Eu gosto dele – respondo, simpaticamente. Posso dar-me ao luxo de ser simpática quando o culpado de todos os meus problemas está prostrado no chão do meu escritório.

Acompanho a Patricia à porta da frente e tranco-a, depois de ela partir. A Patricia esteve muitas vezes em minha casa nos últimos três anos, mas esta será a última vez. Não lhe vou pedir mais favores. Age como se fosse querida, mas eu sei a verdade. É perigosa.

Agora que partiu, posso acabar o que ela começou.

Quando volto a entrar no escritório, o EJ continua estendido no chão. Está acordado e retorce-se para se tentar soltar das amarras de fita-cola, mas a Patricia prendeu-o muito bem. Dirijo-me a ele, erguendo-me sobre o seu corpo agitado. Finalmente, estendo o braço e arranco-lhe o saco de papel da cabeça.

A adrenalina sobrepõe-se à medicação que a Patricia lhe deu. Tem os olhos arregalados e a *T-shirt* encharcada em suor, apesar de estar um pouco frio aqui dentro. Os seus lábios movem-se sob a fita-cola, mas não produzem qualquer som inteligível. Vejo uma mancha escura alastrar-se-lhe pelas pernas.

Agacho-me ao seu lado.

– Ora viva.

Ele solta um som abafado pela fita que lhe cobre os lábios.

Observo os seus olhos cinzentos, incapaz de conter um sorriso.

– Pensei na sua proposta e decidi que tinha razão. Gostaria *realmente* de passar algum tempo consigo. – Sorrio. – Acho que vai ser *muito* divertido.

Tem os olhos quase a saltar-lhe das órbitas. Pergunto-me se o Luke gostaria tanto disto como eu, se aqui estivesse. Se estivesse agora mesmo ao meu lado, qual seria a sua reação?

Por um momento, fecho os olhos, imaginando-o. Imagino o rosto do Luke a olhar para o EJ estendido no chão, indefeso. Mesmo na minha mente, o Luke não sorri. Não aprovaria isto. Não teria estômago para tal coisa.

– O meu namorado acabou tudo comigo por sua causa, sabe? – digo. O Luke não acabou oficialmente comigo, mas já se passou uma semana, e ele não atende o telefone quando lhe ligo nem responde a nenhuma das minhas mensagens. Não é preciso ser médica doutorada para perceber o que se passa.

Não quer ter mais nada a ver comigo. Aparentemente, pedir-lhe para cometer um homicídio foi inaceitável, mas suponho que não me devia surpreender. As pessoas como eu estão destinadas a acabar sozinhas.

– Era um homem excelente – digo-lhe eu, apesar de já nem ter a certeza de estar a falar para ele. – Era doce e inteligente e desvalorizava todos os meus defeitos. Não, não os desvalorizava. *Gostava* deles. Amava todas as coisas em mim que não eram perfeitas. – Inspiro bruscamente, repelindo as lágrimas que começam a acumular-se nos meus olhos. Não lhe darei essa satisfação. – Gostava mesmo dele. *Amava-o*. E, graças a si, perdi-o. Porque é um imbecil egoísta que decidiu lixar-me a vida.

O EJ está a tentar dizer algo; tanto pode ser «Desculpe» como «Vá para o inferno». É difícil perceber, com a fita-cola a tapar-lhe a boca.

Sinceramente, não me interessa o que diz. Não importa.

Endireito-me. Levo o pé direito atrás, e o EJ encolhe-se, apercebendo-se de que estou prestes a dar-lhe um pontapé na barriga. Mas, no último segundo, não o faço.

Em vez disso, dirijo-me ao canto da sala em que costumava estar o sofá de cabedal. Afastei-o esta manhã. O alçapão secreto nesta divisão foi das coisas que mais me encantaram quando comprei esta casa. A agente imobiliária falou-me nele com um sorriso orgulhoso. *Pode esconder as suas jóias ou qualquer outro valor aqui em baixo.*

Guardei lá coisas ao longo dos anos, mas tirei tudo esta manhã. Preciso de todo o espaço possível.

Há um pequeno puxador no soalho quase invisível a olho nu – funde-se com o resto do chão. Seguro-o e puxo-o, revelando o espaço interior. É grande o suficiente para caber um corpo humano lá dentro. A agente imobiliária também me disse isso, mas estava a brincar. Riu-se ao dizê-lo.

Saberia eu, quando comprei esta casa, que acabaria de facto por utilizar o espaço para esconder um corpo? Não sei. Devo tê-lo contemplado, a um certo nível.

O EJ esbugalha os olhos. Sabe o que está prestes a acontecer, e não há nada que possa fazer para o impedir. Sorrio-lhe.

– Na verdade – digo –, acho que não vamos passar assim tanto tempo juntos. Parece que vai passar muito tempo sozinho.

Enrolo o EJ sobre si mesmo três vezes, deixando-o cair para o espaço debaixo do soalho. Não para de se retorcer e de abanar as pernas, mas a Patricia atou-o demasiado bem. Não consegue libertar-se. Assim que cai no espaço, vejo o

pânico nos seus olhos aumentar exponencialmente. Não sei se acreditava, até este momento, que eu ia realmente fazê-lo.

Está aos gritos, apesar de o som ser abafado pela fita que lhe cobre os lábios. Observo-o por um momento e volto a baixar o alçapão, ocultando o esconderijo debaixo do soalho. Mais uma vez, nem dá para perceber que lá está, exceto pelos sons abafados que se fazem ouvir por entre as tábuas.

É inaceitável.

Tencionava deixá-lo lá e permitir que o tempo se encarregasse dele. Mas é um risco demasiado grande. Ele é demasiado barulhento. Por isso, pego no rolo de fita-cola que a Patricia me deu e começo a tapar as ranhuras do alçapão, cortando-lhe, de forma eficaz, a única fonte de oxigénio.

Sento-me no sofá, à escuta. Os sons abafados tornam-se mais suaves. Já não parecem gritos – queixumes, talvez; choros, possivelmente. Os sons vão-se tornando cada vez mais baixos, até que param por completo.

– Adeus, Edward – digo.

## PRESENTE

**N**ão tinha como saber que a doutora Hale ia matar o Edward Jamison. Quando alguém nos obriga a drogar uma pessoa, amarrar-lhe os pulsos e os tornozelos e enfiar-lhe um saco na cabeça, sabemos que não pode estar a planear nada de *bom*. Mas pensei... bem, pensei que talvez quisesse apenas pregar um susto ao homem.

Adquiri o hábito de procurar referências ao seu nome na Internet. O Edward Jamison tinha um perfil público no Facebook, por isso, todos os dias, procurava atualizações suas. Mas nunca vi nenhuma. Só encontrei um artigo sobre o seu desaparecimento mais de um mês depois do sucedido. E foi então que soube.

Ela tinha-o matado.

Não me surpreendeu por completo descobrir que a doutora Adrienne Hale era capaz de cometer um homicídio. Havia qualquer coisa nela, naqueles olhos verdes intensos. Parecia que, se se concentrasse o suficiente, seria capaz de matar uma pessoa só com a mente.

O mais irónico é que, quando recorri à doutora Hale, queixava-me de problemas de sono, mas, depois do que ela me obrigou a fazer, nunca tive tantas dificuldades em dormir. É claro que já tinha matado várias pessoas, mas tinha sido nos meus próprios termos. Não fazia ideia do que ela tinha feito ao Edward Jamison, e isso dava comigo em doida. Nem sabia onde estava o cadáver.

Já me tinha lixado uma vez. Não confiava nela. Passava noites em claro, obcecada com a doutora Adrienne Hale.

Finalmente, não consegui aguentar mais.

## ANTES

**N**ão tenho a menor dificuldade em encontrar lugar para estacionar na clínica hoje.

E ainda bem, pois tenho a agenda completamente cheia. Não é o dia habitual em que costumo cá estar, mas tenho consultas quase até às sete da noite. Estive fora durante mais de um mês, em digressão para promover *Anatomia do Medo*, que atingiu recentemente a oitava posição na lista de livros mais vendidos do *New York Times*. Ninguém sabe que a história da mulher que sobreviveu a um esfaqueamento numa cabana isolada é completamente falsa.

Passaram quase quatro meses desde que o EJ, também conhecido como Edward Jamison, deixou a minha vida – ou talvez devesse dizer que se tornou uma parte permanente dela. Nesse mesmo dia, arranquei a fita-cola do chão, destruí o telemóvel e voltei a pôr o sofá no sítio, mas, ao longo dos dias seguintes, o fedor que emanava do soalho tornou-se insuportável. Tive de fechar a sala e de cancelar todas as consultas. Não entrei no meu escritório durante dois meses.

Se me aproximasse sequer da porta do escritório, o cheiro era quanto bastava para me dar a volta ao estômago. Mas, ao regressar a casa depois da digressão literária, constatei com alívio que o cheiro tinha diminuído significativamente, apesar de continuar bem presente.

Finalmente, adquirei *online* um *spray* supostamente capaz de «neutralizar através de químicos o cheiro a cadáver». Abri todas as janelas e pulverizei agressivamente o químico neutralizante. Para minha grande surpresa e alívio, resultou. O odor desapareceu. Ninguém diria que estava um cadáver debaixo do meu soalho.

Partira do princípio de que, a determinada altura, a polícia ia começar a fazer perguntas sobre o desaparecimento do EJ. Até preparei uma história. Durante a minha digressão, enquanto estava a autografar livros, houve momentos em que tinha a certeza de que a polícia me ia abordar e levar-me dali de algemas. Mas nunca aconteceu. Ninguém me interrogou sequer sobre ele. Agora, passados quatro meses, começo a acreditar que talvez nunca venham a fazê-lo. Afinal, não havia rasto financeiro das sessões do EJ no meu consultório. A única pessoa que sabia das suas visitas era a mãe, que está morta.

Escapei impune. Matei um homem e deixei-o a apodrecer debaixo das tábuas do soalho de minha casa, e ninguém sabe a não ser eu. Bem, a Patricia deve desconfiar de que o matei, mas não sabe onde está o cadáver.

A Patricia. Até agora, não me deu problemas, mas preocupa-me que saiba o que fiz e que partilhemos este segredo. Poderá usá-lo contra mim um dia? Não sei. O segredo que sei a seu respeito é igualmente mau, ou possivelmente pior. Seja como for, não posso ficar obcecada com isto. Neste momento, tenho de me pôr em dia com as consultas que não pude dar durante a minha digressão. Além disso, ainda tenho sessões de autógrafos e idas à televisão por causa dos meus livros nas próximas semanas.

Quando chego à clínica, a Gloria está sentada na receção, a trautear para consigo como tantas vezes faz. Ao ver-me, o seu rosto ilumina-se.

– Tenho uma surpresa para si, doutora Hale.

– Ah, sim?

Deve ser comida. Os pacientes adoram trazer-me doces, mas raramente os como. São maioritariamente produtos caseiros ou chocolates baratos. Não me interessa quantos comentários faz a Gloria sobre eu precisar de ganhar uns quilinhos. Não vou comer produtos caseiros preparados por doentes psiquiátricos.

– Está no gabinete de documentação – diz ela. E pisca-me o olho. – Devia ir lá imediatamente.

Sigo as instruções misteriosas da Gloria e dirijo-me à sala de documentação. Imagino que sejam *donuts*. Os pacientes adoram trazer *donuts*. Não tomei o pequeno-almoço esta manhã, por isso suponho que não me importaria de comer qualquer coisa. Só por esta vez, vou viver no limite.

Mas, ao chegar à sala, descubro a razão do entusiasmo da Gloria.

Não são *donuts*.

É o Luke.

Por um momento, fico a olhar para ele, com o coração a palpitar. Há quase

cinco meses que não o via, desde aquele dia em que saiu de rompante de minha casa, depois de eu lhe ter pedido para... Bem, ambos sabemos o que lhe pedi para fazer. Tinha-me esquecido de como é bonito. Está barbeado, tem o cabelo castanho-escuro com um novo corte e usa uma camisa lavada acabada de engomar e uma gravata castanha. Consigo sentir-lhe o aroma daquele *aftershave* – o mesmo que usou na primeira noite que passámos juntos.

Ergue o olhar do computador, ao ouvir o som dos meus passos à entrada da sala. Inspira fundo quando me vê.

– Adrienne...

– Oh! – Enfio uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Eu... não esperava que estivesse aqui.

– Vim só fazer uma atualização de *software*. – Tosse para a mão. – Costumas vir às terças-feiras. Portanto, julguei que não estivesse cá hoje.

– Estou a trabalhar um dia extra. – Odeio o quanto parecemos formais ao falar um com o outro. Como se fôssemos desconhecidos. Como se não tivéssemos estado quase a viver juntos. Como se ele não fosse o primeiro homem por quem me apaixonei. – Estou a tentar recuperar o tempo perdido depois da minha digressão.

– Certo. – Acena com a cabeça. – Vi que o teu livro já saiu. Parabéns.

– Obrigada. Tu não... Leste-o?

Por um instante, ele hesita.

– Sim. Li. É muito bom. Melhor ainda do que o teu último livro.

– Achas que sim?

– Não te mentiria.

– Bem. – Plasmo um sorriso nos lábios. – Obrigada.

– Não tens de quê.

Por um momento, ficamos a olhar-nos fixamente, o ar entre nós carregado com tudo o que aconteceu da última vez que nos vimos, quando ele saiu de rompante de minha casa.

Finalmente, ele fala.

– Tenho saudades tuas – diz, de repente.

Forma-se-me um nó na garganta.

– Tens?

– Tenho. – Levanta-se e encosta-se à secretária. – Muitas. Nem fazes ideia...

Tento engolir o nó.

– Resolvi aquela... situação. Paguei-lhe.

É mentira, obviamente. Pergunto-me se o Luke sabe. Talvez tenha decidido

que não quer saber.

– Não devia ter fugido daquela maneira – diz ele, ajeitando os óculos no nariz. – Sei que não querias mesmo dizer que devíamos... Quer dizer, devia ter-te ajudado a resolver a situação, mas, em vez disso, passei-me. Desculpa.

– Eu perdoo-te. – Pigarreio. – E... também tenho saudades tuas. *Muitas*.

Os seus ombros descaem.

– Fico tão feliz por ouvir isso. Sinceramente, não consegui parar de pensar em ti nos últimos meses. Tentei, acredita que tentei, mas não adianta. Nem consigo dormir, porque não paro de dar voltas, de pensar em como estraguei tudo com a melhor pessoa que alguma vez conheci.

Arqueio uma sobancelha.

– Podia receitar-te um *Ambien*.

Ele estende os braços e agarra-me na mão com as suas. Tinha saudades desta sensação.

– Ou podias jantar comigo esta noite.

Os meus lábios abrem-se num sorriso.

– Tenho de ficar a trabalhar até tarde na clínica hoje.

– Posso esperar. – Inclina-se para mim. – Além disso, tenho uma confissão a fazer. Não fui totalmente honesto contigo.

O meu estômago revolve-se. Saberá o que fiz ao EJ?

– Não foste?

Ele sorri.

– A verdade é que eu sabia que vinhas trabalhar hoje. A Gloria disse-me, quando lhe perguntei em que dias vinhas esta semana antes de planear o meu calendário.

É essa a sua confissão – que estava a tentar ver-me. Fraquejam-me os joelhos de alívio. Agarro o colarinho da sua camisa e puxo-o para mim, encostando os lábios aos seus. A forma como me retribui o beijo diz-me que sente tanto a minha falta como eu tenho vindo a sentir a sua.

Nunca saberá o que fiz. Vou certificar-me disso.

\*\*\*

Eu e o Luke vamos encontrar-nos esta noite às nove horas. Tentei terminar tudo na clínica o mais rapidamente possível, deixando para trás uma pilha de papelada. Provavelmente, terei de voltar amanhã, mas a Gloria foi simpática em relação a isso. Sabia que tinha planos com o Luke e quase me enxotou porta fora.

O Luke vai buscar-me a minha casa para irmos a um restaurante. Por mais que gostasse de o ter em casa, nem pensar que o vou deixar entrar enquanto aquele cadáver estiver debaixo do soalho do meu escritório. Apesar de o cheiro ter diminuído, juro que ainda consigo detetar um ténue odor a morte, sobretudo no meu escritório. Não posso correr o risco de o ter em casa. Se souber o que fiz, nunca me perdoará.

Mais cedo ou mais tarde, terei de me livrar do corpo, mas temo esse momento. É como quando era criança e costumava esmagar insetos com livros. Sabia que acabaria por ter de levantar o livro e de limpar os restos. Mas sempre receei esse momento.

Posso não ser perfeita, mas não sou nenhuma psicopata. Não queria matar o EJ. Ele é que não me deu alternativa.

Desço o caminho escuro até à minha casa, mantendo os olhos no relógio. Tenho uma hora para tomar duche e mudar de roupa antes de o Luke chegar. Tenho de inventar uma desculpa para ele não entrar cá em casa. Talvez possa dizer que mandei pintar algumas paredes. De certeza que acreditará numa desculpa qualquer. Posso ser boa a detetar mentiras, mas ele não é.

Mais cedo ou mais tarde, terei de me livrar do cadáver de vez. Talvez daqui a mais alguns meses. Sei que ninguém andará à sua procura.

Ao chegar mais perto de minha casa, vejo um *Audi* estacionado. O carro da Paige, a minha agente. Pergunto-me se veio implorar que a aceite de volta. Está a perder o seu tempo, é demasiado tarde para isso.

Mas nesse momento vejo um vulto escuro encostado ao carro. É alguém que não via há quatro meses e que esperava nunca mais voltar a ver. Uma figura de pernas longas e esculpturais e cabelos louros sedosos a reluzir ao luar. É a Patricia Lawton. Tinha-me esquecido de que tinha um carro igual ao da minha antiga agente.

Estaciono o meu carro junto ao *Audi* e desligo o motor. Enfio as chaves na mala e saio. Não sei o que quer a Patricia, mas não tenho tempo para isto. Preciso de tempo para estar no meu melhor para o Luke.

– Olá, doutora Hale – diz ela. – Há quanto tempo, não é verdade?

– Sim.

Os seus dentes brilham ao luar quando sorri.

– Esperava que pudéssemos conversar.

Lanço um olhar evidente ao meu relógio.

– Estou com um pouco de pressa.

– Só vai demorar um momento.

Assinto.

– Podemos falar aqui fora. Tem um minuto.

– Eu só... – Morde a unha do polegar, que está roída até ao sabugo. – Estou nervosa com o que fizemos. E se alguém o liga a nós?

– Não vai acontecer. Passaram-se meses, e não anda ninguém à procura dele.

– Pode acontecer, se encontrarem o corpo.

– Não vão encontrar.

– Não tem a certeza disso. Estive a pensar... – Os seus lábios curvam-se para baixo. – O casino tem câmaras de vigilância. Se descobrirem quando ele desapareceu, podem ver as gravações e descobrir que estive com ele nessa noite. Podem ver-nos a sair juntos, ou talvez até tenham imagens do parque de estacionamento.

É possível que tenha razão, e é mais um motivo para a Patricia se ter tornado um risco. Terei de fazer algo a esse respeito. Mas não agora.

– Se fosse a si, não estaria preocupada.

– Só quero saber... – Os seus olhos cravam-se nos meus. – O que fez ao corpo?

– O quê? – Quase me engasgo. – Patricia, não vou ter esta discussão consigo. Confie em mim. Está tudo bem.

– Quero saber onde está o cadáver. Preciso de saber. Por favor, diga-me.

Solto um grunhido de repugnância.

– O minuto acabou. Tenho de ir.

– Está na sua casa?

Quando hesito por um instante, ela arregala os olhos.

– Escondeu o cadáver em casa? – arqueja. – Meu Deus. Onde está?

– Não posso discutir isto consigo.

– Mas, doutora Hale...

– Olhe. – Vou perder apenas mais um minuto com ela. É tudo o que terá. Não posso continuar a fazer de ama a esta mulher. – As únicas pessoas que sabem disto somos nós as duas. Tudo o que temos de fazer é guardar o segredo.

Os olhos da Patricia não pestanejam nem uma vez ao fitar os meus.

– A minha mãe sempre me disse que a única maneira de duas pessoas guardarem um segredo – diz ela – é se uma delas estiver morta.

Nesse momento, os seus dedos cravam-se no meu braço. Uma sensação de frio apodera-se de mim e apercebo-me de que cometi um erro terrível. Nunca devia ter envolvido a Patricia nisto. Sabia exatamente quão perigosa era.

Agora, vou pagar o preço.

Por favor, perdoa-me, Luke...

## PRESENTE

A doutora Adrienne Hale não é a primeira pessoa que matei. Nem de longe. A primeira foi uma rapariga chamada Whitney Young. Atormentou-me quando tinha dezasseis anos, como só as raparigas adolescentes conseguem fazer. Espalhou rumores sobre mim por toda a escola e roubou-me a melhor amiga. Até convenceu um rapaz que achava giro, o Victor (soube mais tarde que era o namorado da Whitney), a convidar-me para um encontro. O Victor acabou por me deixar pendurada no café em que nos íamos encontrar e trouxe toda a gente da escola para se rirem da minha humilhação. A parte mais engraçada é que foi o *Victor* a arcar com as culpas da morte da Whitney, quando o corpo foi encontrado na margem de um rio vizinho. Penso que podemos concordar, ainda assim, que ambos mereceram.

Seguiram-se o Cody e a Alexis. A Megan foi um azar, mas não havia como evitar. E depois a minha avozinha, claro. Era tão velha que não podemos realmente saber se os comprimidos para o coração iriam salvá-la, mesmo que lhos tivesse dado.

Apesar da sua atitude arrogante, a Adrienne foi fácil de matar. Não tão fácil como a minha avozinha, claro, mas, meu Deus, até a *Whitney* deu mais luta. A rapariga defendeu-se com unhas e dentes.

Enterrei o corpo da Adrienne à saída de uma estrada deserta de terra batida a cerca de duas horas, num sítio onde nunca ninguém a encontrará. Fui mais esperta do que ela nesse sentido. Nunca guardaria um cadáver *na minha própria casa*, por amor de Deus. Mesmo debaixo do soalho. Quão estúpida pode uma pessoa ser? Não é preciso ter um curso de medicina nem um doutoramento para se saber que não se corre esse tipo de risco.

Depois de ela morrer, sabia que tinha de encontrar e de me livrar do corpo do Edward Jamison. Só que continuava sem saber onde o tinha ela escondido. Tencionava revistar a casa depois de a ter despachado. Até fiquei com as chaves. Mas não tive tempo nessa noite, pois o seu namorado estava a caminho. Na manhã seguinte, a casa estava cheia de polícias.

Pensava que iam certamente deparar com o cadáver do Edward Jamison, mas nunca o encontraram.

Não tinha importância, apesar de tudo. O único aspeto importante foi ninguém ter ido à minha procura. Por essa altura, já estava a viver em Manhattan. A polícia nem sequer me interrogou.

Depois de lidar com o problema da doutora Hale, segui em frente com a minha vida. Gostava de viver na grande cidade e do meu novo emprego. Conheci o Ethan, que não sabia nada sobre o meu passado, e casámos. Era feliz.

Foi por mero acaso que vi que a antiga casa da doutora Hale estava à venda. Perguntei à Judy por ela, ao vê-la no seu *site*, e ela disse-me que ia mandar limpá-la, mas que só estaria pronta para visitas em breve. Desceu-me um arrepio pela espinha ao pensar na Judy com rédea solta naquela casa. Pensei então no número de pessoas que poderiam entrar e sair da casa até ser vendida. Calculei a probabilidade de alguém encontrar o cadáver do Edward Jamison, onde quer que a doutora Hale o tivesse escondido.

Não sei durante quanto tempo guardam as gravações das câmaras de vigilância nos casinos, mas estava convencida de que havia uma forma de me ligarem ao homem. Não ia correr o risco de dar à luz o meu bebé na prisão.

Sabia o que tinha de fazer. Tinha de vasculhar a casa e de me livrar do cadáver, antes que mais alguém o pudesse encontrar. Por isso, escolhi uma noite com um grande nevão para a visitar, na esperança de que a Judy se tivesse ausentado por causa do tempo, sabendo que teria um bom par de dias para revistar a casa.

Quando encontrei a sala secreta, pensei que tinha acertado em cheio. Não acertei, mas encontrei algo ainda mais importante. Se alguém ouvisse a cassette da doutora Hale a chantagear-me, estaria acabada. Responsabilizar-me-iam pelo seu homicídio e pelo do Edward Jamison. Ninguém pode ouvir a cassette a não ser eu.

Agora, já sei onde escondeu o cadáver. Infelizmente, não creio que o consiga mover. Uma coisa foi atirar a Adrienne Hale para a bagageira do meu carro, depois de a matar. É muito diferente ter de me aproximar de um cadáver em decomposição. Os vômitos não foram encenados. Foi, de facto, repugnante.

E depois tenho ainda de tratar do Luke Strauss, o namorado, que eu não sabia

que estava nesta casa. Sou a única pessoa que sabe, com certeza, que não foi ele quem matou a doutora Hale. Provavelmente, amava-a verdadeiramente.

Mas o Luke sabe do cadáver, e também sabe que não é o cadáver da Adrienne Hale. O Luke é inteligente.

Tenho de planear o meu próximo passo muito cuidadosamente.

**P**assou bem mais de uma hora, e o Ethan ainda não voltou. Começo a ficar preocupada. A temperatura desceu vertiginosamente durante a última hora, e a neve começa a transformar-se em gelo. E se escorregou e se magoou? E se está caído na neve, incapaz de procurar ajuda?

A culpa seria toda minha. Afinal, fui eu quem nos trouxe aqui, mas nem sequer consegui fazer aquilo que pretendia. O corpo do Edward Jamison continua no compartimento no escritório.

A pior parte é que não tenho rede móvel nem forma de procurar ajuda. Já sabia que a rede aqui era terrível. Na verdade, contava com isso. Se o Ethan pudesse fazer chamadas, teria ligado à Judy e descobria que nunca tivemos uma marcação para visitar a casa. Ou então teria chamado um limpa-neves, e eu não teria tido tempo suficiente para procurar o cadáver.

O que me parecia uma vantagem saiu-me pela culatra. Não sei o que aconteceu ao Ethan e não há nada que possa fazer. Sinto-me tão impotente. Planeei as coisas de forma tão perfeita naquela cabana e na noite em que matei a Adrienne. Como foi possível ter feito tanta asneira desta vez? Deve ser o meu cérebro de grávida.

Deambulo pela cozinha, repelindo vagas de náuseas. Não sei porque lhes chamam enjoos matinais quando os sinto a toda a hora. O que vou fazer em relação ao Ethan? E se ele nunca regressar?

Poderei precisar da ajuda do Luke, nesse caso, mas não confio nele. Não matou a doutora Hale, mas o facto de se importar tanto com ela torna-o perigoso. Além de que é esperto. Se perceber o que fiz...

Quando estou mesmo à beira de enlouquecer, oiço batidas na porta da frente. Não sei se é o Ethan ou a polícia para me informar de que houve um acidente, mas, seja como for, é alguém. É melhor do que estar aqui presa, sem saber o que se passa.

Quase desmaio de alívio ao ver o Ethan à porta, com o gorro preto ainda a cobrir-lhe os cabelos dourados. Quando o envolvo nos meus braços, ele ri-se e

retribui-me o abraço. Eu não me rio.

– Estava tão preocupada! – Enterro o rosto no seu blusão negro, que está ligeiramente húmido. – Demoraste tanto tempo.

– Desculpa, Trícia. – Os seus braços aquecem-me e reconfortam-me. – Levou mais tempo do que pensava. Não foi fácil andar na neve.

– O que aconteceu, então?

Tira o telemóvel do bolso.

– Consegui apanhar rede mesmo antes de chegar à estrada principal. Encontrei o número de um estabelecimento local que faz a limpeza das estradas. Vão passar logo de manhã.

– De manhã? – exclamo.

– Eu sei – diz ele, com um suspiro. – A tempestade caiu em força. A estrada principal estava uma desgraça. Provavelmente, nem deve ser seguro conduzir até de manhã.

Tem razão, mas odeio a ideia de dormirmos aqui com um homem amarrado no andar de baixo.

– Queres saber uma coisa estranha? – pergunta ele.

– O quê?

Puxa o gorro do cabelo, que está despenteado de forma muito sensual. Apesar de tudo, sinto uma agitação no meu interior.

– A empresa de limpa-neves estava completamente lotada quando lhes liguei, mas ouvi só: parece que já tinham uma reserva para vir cá amanhã de manhã.

– Que estranho...

Estou a mentir. Fui eu que liguei a marcar o limpa-neves para domingo de manhã. Fi-lo antes mesmo de partirmos na nossa viagem, sabendo que íamos ficar aqui presos. Tinha a certeza de que já teria encontrado o cadáver por essa altura. Pensei que, por agora, já me teria visto livre deste problema. Infelizmente, não correu conforme planeado.

O Ethan franze o sobrolho.

– Achas que foi a Judy que chamou o limpa-neves?

É pouco provável, tendo em conta que a Judy nem sabe que aqui estamos. As chaves extra que o Ethan «descobriu» debaixo da planta pertenciam à Adrienne.

– Provavelmente.

– Seja como for, já está pago.

Sim, pois está. Em dinheiro.

Começo a roer a unha do polegar, mas paro. A minha mãe sempre me disse que era um hábito nojento.

– Ligaste à polícia?

Ele abana a cabeça. Solto mais um suspiro de alívio.

– Pensei que podíamos fazê-lo amanhã de manhã.

O Ethan não faz ideia de que fui eu, a sua mulher, a responsável pelo cadáver no escritório.

Parece que não vamos sair daqui esta noite, mas poderemos ao menos fazê-lo amanhã, bem cedo. Felizmente, destruí a cassete mais incriminatória.

Quanto ao cadáver, ainda não sei bem o que fazer, mas tenho um pressentimento de que me ocorrerá uma solução. É o que costuma acontecer.

**A**o jantar, fazemos outra refeição de carnes frias, levemente aquecidas no micro-ondas. Não é a melhor coisa que já comi, mas, pelo menos, vamos sair daqui de manhã. Amanhã à noite, iremos a um sítio dos bons. Precisamos de celebrar o filho que vamos ter em breve.

Depois de acabarmos de comer, estamos prestes a subir quando ouvimos gritos vindos do escritório da doutora Hale. É o Luke, que ainda está preso. Nunca mais fomos verificar como estava.

– Ei! – chama a sua voz quebrada. – Está aí alguém?

Trocamos olhares. O Ethan baixa uma mão para as minhas costas e guia-me para longe do escritório.

– Ei! – grita novamente o Luke. – Tenho sede! Podem dar-me um pouco de água?

Paro bruscamente a poucos centímetros da porta.

– Podíamos dar-lhe um pouco de água.

O Ethan cerra os maxilares.

– Não vai morrer ali dentro, Tricia. Sairá de manhã. Pode aguentar-se até lá.

– Sim, mas... podíamos ao menos levar-lhe um copo de água. Deixá-lo beber.

– És demasiado simpática.

Quase me rio face à ironia da sua afirmação. Ainda bem que pensa isso de mim.

– Acho só que seria boa ideia dar-lhe alguns goles de água. Podíamos segurar-lhe o copo. Não temos de o desamarrar.

– Achas que é boa ideia? – Aponta com o polegar na direção da porta. – Não sabemos o que se passa lá dentro. E se tiver conseguido soltar os braços e estiver à espera para nos atacar assim que entrarmos?

Não creio que seja verdade. Em primeiro lugar, a porta não está trancada. Se se tivesse libertado da fita-cola, podia simplesmente ir embora. Não precisaria de nós para o deixarmos sair. Acho que ainda deve estar amarrado.

– Por favor, ajudem-me! – apela o Luke. – Só um gole de água! Por favor!

Torço as mãos. Isto está a deixar-me desconfortável. Posso ter matado algumas pessoas, mas não as torturei. Bem, talvez um pouco. Mas todas o mereceram. Não estou certa de que o Luke mereça.

– E tenho de urinar! – acrescenta ele.

Agora, o Ethan ri-se da minha expressão.

– Também o queres ajudar com isso?

Suponho que não.

O Ethan aproxima-se da porta do escritório.

– Não vai beber água nenhuma – grita, aproximando os lábios da abertura. – E pode urinar nas calças.

A resposta desencadeia uma torrente de obscenidades que me deixa grata por termos decidido não entrar no escritório. A pressão da mão do Ethan nas minhas costas aumenta. Deixo que me afaste da porta em direção à escadaria.

– Não deixes que ele te manipule – diz o Ethan. – Não é boa pessoa. Matou a namorada. Matou uma das pessoas que lhe eram mais próximas. Que tipo de pessoa faz isso?

O Ethan não faz ideia de que não foi o Luke que matou a Adrienne Hale. Também não sabe que o corpo sob as tábuas do soalho não pertence à psiquiatra.

– É maléfico – acrescenta ele, para enfatizar. – Não merece água.

– Pois – murmuro.

– És demasiado simpática – diz, novamente.

Subimos as escadas em direção ao quarto. Mais uma noite a dormir no quarto da doutora Adrienne Hale. Apesar de me ter chantageado e ameaçado, sinto-me culpada. Culpada por dormir na sua cama. Se há alguém capaz de voltar como um espírito zangado, esse alguém é a doutora Hale.

Ao chegarmos ao quarto principal, dispo a bonita camisola branca de caxemira. Praguejo em surdina ao ver a pequena mancha amarela numa manga, da mostarda que utilizámos nas nossas sanduíches. Levo a camisola para a casa de banho e passo a manga por água quente, esfregando para limpar a nódoa.

Não sai. Não sei como, mas a mancha já se entranhou. A imaculada camisola branca de caxemira está estragada.

– Trícia? – A cabeça do Ethan espreita para dentro da casa de banho. – O que estás a fazer?

– Sujei a camisola. Estou a tentar limpá-la.

– Para quê? Não é como se ela fosse voltar a vesti-la.

Bem, tem razão, mas continuo a esfregar a nódoa, na esperança de a fazer sair.

Passado um minuto, o Ethan entra na casa de banho para se juntar a mim. Põe-se atrás de mim, enroscando os braços sobre a minha cintura. Baixa a cabeça e beija-me o pescoço. Uma vez, duas... e então os seus lábios demoram-se.

– Ethan – murmuro.

– Vá lá, Trícia. Precisamos ambos de algo que nos desvie o pensamento de tudo o que tem acontecido.

Bem.

Isso é verdade.

**A**cordo às duas da manhã sozinha no quarto. Por um segundo, fico completamente desorientada. Tinha-me esquecido de onde estava. Esqueci-me de que estou em casa da Adrienne Hale e não na minha. Esqueci-me de que vim aqui para me livrar do cadáver do Edward Jamison. Não só não o consegui fazer como agora temos também um homem amarrado no escritório.

Que trapalhada. Preciso seriamente de ajuda.

Semicerro os olhos ao quarto, ajustando a vista à escuridão. O Ethan não está na cama nem o vejo em mais lado nenhum do quarto. Também não está na casa de banho. Para onde terá ido?

Talvez não conseguisse dormir. Talvez se tenha levantado durante a noite e decidido ir trabalhar um pouco no portátil. Faz sentido.

Só que não me parece que seja isso.

Agarro no roupão vermelho da doutora Hale e embrulho-me nele. Em seguida, enfio os pés nos seus chinelos felpudos. É espantoso como, subitamente, se tornou tão fácil usar as suas coisas. Ainda bem que as suas roupas são do mesmo tamanho que as minhas, ainda que ela fosse mais magra do que eu. A mulher era praticamente um esqueleto, mas tinha uma certa beleza austera.

Ao sair do quarto, o corredor está escuro, mas os meus olhos ajustaram-se, por isso deixo as luzes apagadas. Oíço movimento no andar de baixo, mas não me parece que esteja a acontecer alguma coisa. Não me parece que o Luke se tenha libertado e atacado o meu marido.

Desço a escadaria o mais silenciosamente possível. Ao chegar ao fundo, vejo o Ethan agachado em frente à lareira, sozinho, a mexer em qualquer coisa. Levo um momento a perceber que está a tentar acender um fósforo.

O retrato da Adrienne Hale continua encostado à parede junto à lareira, com os olhos verdes virados para a parede. O retrato foi ideia da minha mãe. Achei completamente ridículo – quem quereria um retrato gigantesco de si próprio?

Mas a doutora Hale adorou. Pendurou-o imediatamente por cima da lareira. Pois claro que sim. Era tão convencida.

Espero nunca mais ter de olhar para ele.

Surge um faiscar de fogo, e, passado um instante, a lareira ilumina-se na totalidade. O Ethan levanta-se e limpa as mãos às calças de ganga. Pela postura, consigo perceber que está satisfeito. Pergunto-me há quanto tempo estava a tentar acender a lareira.

Mantenho-me nas sombras, sem deixar transparecer que estou a observá-lo. Mas vejo tudo. Vejo-o recolher um objeto da mesa de centro e atirá-lo para a fogueira, seguido de outro, e outro.

Depois de terminar, fica diante da lareira, a ver, a garantir que tudo arde.

– Ethan – digo.

Ele afasta-se da lareira, pestanejando ansiosamente. Fica boquiaberto ao ver-me.

– Tricia – diz.

Contorno a lateral do sofá para me aproximar.

– O que estás a fazer?

– Eu...

Lança um olhar ansioso à lareira. Os objetos que atirou para a fogueira ainda não acabaram de arder, pelo que consigo ver o que são. Mas não preciso de olhar. Sei o que queimou na fogueira.

São cassetes, várias dúzias delas, todas identificadas com as iniciais GW.

A GW foi paciente da doutora Hale durante vários anos. Tinha delírios paranoicos de que andavam a tentar matá-la, incluindo o próprio filho.

GW. Gail Wiley.

A mãe do Ethan.

– Eu... – Gotas de suor brotam na testa do Ethan, enquanto tenta inventar uma mentira. – Acho que algumas das cassetes...

Não sabe que eu sei. Que sempre soube. Cruzei-me algumas vezes com a Gail na casa, quando estava a sair de uma consulta e ela estava a chegar para a sua. Não só era paranoica como tinha uma boca grande. Contou-me tudo sobre os seus receios de que várias pessoas na sua vida estivessem a tentar matá-la, incluindo o filho, o Ethan. *A doutora Hale diz que sou paranoica, mas ele tem problemas de dinheiro. Sei que lhe dava jeito o pagamento do seguro. Além disso, odeia-me. Sei que sim.*

Ri-me disso, sobretudo depois de captar um vislumbre do atraente Ethan a deixar a Gail numa das consultas. Ninguém *assim* tão giro podia ser má pessoa.

Que simpático da sua parte levar a mãe às sessões de terapia. Claro que ele não sabia do que ela falava com a doutora Hale nem devia saber, *certamente*, que as sessões eram gravadas.

Alguns meses após o desaparecimento da doutora Hale, a minha mãe, que frequentava os mesmos círculos sociais que a Gail, contou-me os rumores sobre a sua morte prematura. Caiu de um lanço de escadas e partiu o pescoço, depois de ter bebido uns copos a mais. Tinha deixado ao seu filho Ethan a avultada quantia do seguro, para lidar com as consequências da falência da primeira empresa e não só.

Tenho de admitir, fiquei um pouco obcecada pelo Ethan depois disso. Para começar, era lindo. Além disso, algo nele me fazia lembrar de mim mesma. Ia atrás do que queria, mesmo que tivesse de fazer algo que os outros diriam ser impensável.

Está bem, fiquei mais do que um pouco obcecada pelo Ethan. Digamos apenas que o nosso encontro fortuito não foi assim tão fortuito. Foi mais cuidadosamente arquitetado por mim.

Mas ele nunca se abriu da forma que eu queria. Depois de casarmos, pensei que me confessaria tudo. Pensei que me amaria e confiaria em mim o suficiente para me dizer a verdade. Mas isso não aconteceu.

Foi por isso que o trouxe comigo nesta viagem. Podia tê-la feito sozinha. Teria sido mais fácil, pois podia ter vasculhado tudo à vontade. Mas queria o Ethan aqui comigo. Tinha-se esquecido desta casa até ver o retrato da doutora Hale na parede, mas agora sabe que o seu segredo está algures por aqui.

– O que estás a fazer? – volto a perguntar. Ele abre a boca, mas, antes que quaisquer palavras possam sair, continuo. – Não mintas – acrescento.

– Eu jamais te mentiria, Tricia – gagueja.

Lanço-lhe um olhar.

Os seus ombros descaem.

– Ouviste as cassetes da minha mãe, não ouviste?

– Sim. Algumas.

– Oh, meu Deus! – Puxa as pontas dos cabelos dourados. – Sei o que ela disse naquelas cassetes, mas eu não...

– *Não mintas.*

Por um momento, fica parado. Os únicos sons na sala são o crepitar da fogueira e a sua respiração.

– Está bem – diz. – Matei-a.

**A**gora que a verdade lhe saiu dos lábios, parece mais calmo. Já não está a suar. Voltou a ser o meu marido confiante.

– Não sabes como ela era. – A amargura infiltra-se-lhe na voz. – Era louca. O meu pai morreu quando eu era pequeno. Na minha opinião, teve sorte. Sempre foi extremamente ansiosa, a acusar as pessoas em seu redor de lhe quererem fazer mal, incluindo eu.

Interrompe-se para lançar um olhar de desdém à fogueira.

– Além disso, era alcoólica. Quando bebia, achava sempre que andava a roubar-lhe as coisas e encurralava-me para me acusar. Dizia-me que eu era reles, um miúdo reles que nunca chegaria a lado nenhum.

– Lamento – murmuro.

– Para dizer a verdade, roubava-lhe *mesmo* algumas coisas, às vezes. Se me ia acusar de qualquer modo, mais valia fazê-lo.

Este é o outro lado do meu marido, o lado que ele nunca me deixa ver. Sinto uma ligeira vaga de adrenalina percorrer-me.

– O que aconteceu, então?

– Precisava de dinheiro. – Olha para as mãos. – Ela não me dava nada. Nunca me deu *nada*, porque não confiava em ninguém a não ser em si mesma. Mas fez aquele seguro. Sabes que mais? Nem a teria matado, mas ela estava tão bêbeda nessa noite, a gritar-me que era um filho terrível. Não me consegui conter. Empurrei-a das escadas. – Ergue lentamente o olhar. – Tinha estacionado nas traseiras. Pus-me a andar dali e só liguei à polícia no dia seguinte. Disse-lhes que não a conseguia contactar e que estava preocupado. Por essa altura, já tinha morrido há muito.

Agora que me contou a história toda, deixa-se cair no sofá e enterra o rosto nas mãos. Sento-me ao seu lado e baixo a mão para as suas costas. Tem os ombros a tremer.

– Odeias-me – murmura. – Não te posso culpar.

– Não – digo.

Ergue o rosto das mãos. Tem os olhos marejados.

– Amo-te tanto, Trícia. Não sabia que era capaz de tal coisa. Passei toda a minha infância a odiar aquela mulher e não sabia que tinha a capacidade de amar outra pessoa. Mas depois conheci-te, e foi como se fosses a minha alma gémea.

– Porque não me disseste a verdade, nesse caso?

– Não podia dizer-te! Ter-me-ias deixado se descobrisses.

– Isso não é verdade. – Estendo o braço e tomo-lhe a mão na minha. – A verdade é que...

– Trícia?

– Eu já sabia.

O seu rosto enche-se de confusão. Este é o momento para lhe contar tudo. Temo fazê-lo, mas não tenho escolha. Se alguma vez houve altura para lhe dizer, é agora.

Começo pelo início. Conto-lhe do Cody e da Alexis. Que me tornei paciente da doutora Hale. Que ela me chantageou e obrigou a fazer o que queria. Digo-lhe a identidade do corpo no compartimento no escritório. Finalmente, revelo-lhe o que se passou com a doutora Adrienne Hale e o meu objetivo ao vir aqui este fim de semana.

O Ethan ouve tudo, mantendo no rosto uma máscara impassível. A dada altura, solta a mão da minha e pousa-a no colo. Não me interrompe nem uma vez. Deixa-me contar-lhe tudo. Há um momento em que temo ter ido longe demais. É verdade que ele matou a mãe, mas eu matei seis pessoas e estive envolvida na morte de uma outra. Poder-se-ia argumentar que os meus pecados suplantam os seus – se alguém estivesse a contar.

Quando acabo de falar, o Ethan fica imóvel, a olhar fixamente para a fogueira por algum tempo. Deixo-o refletir no que acabo de lhe contar. Merece alguns minutos para pensar. Silenciosamente, faço físgas. Ele vai entender. Sei que vai.

Tem de entender.

– Uau – diz ele, por fim. Continua a olhar para a fogueira.

Em que estará a pensar? Vai entregar-me à polícia? Corri um risco enorme. Confio que ele me ama demasiado. Além disso, tenho o seu filho a crescer dentro de mim. Ele jamais me faria isso.

Não faria. Acho eu.

Mas não tenho a certeza.

– O que achas, então? – pergunto.

– Eu... – Os seus olhos refletem as chamas da fogueira. – Acho que...

Julguei-o mal. Cometi um erro terrível. Pensava que compreenderia, mas estava errada. Não compreende. Ninguém pode compreender.

– Ethan? – sussurro.

Desvia os olhos azuis da fogueira e olha diretamente para os meus.

– Acho que aquele homem, o Luke, vai ser um grande problema. Sabe demasiado.

O meu coração palpita.

– Sim. *Sim*. Estava a pensar o mesmo.

– E, além disso... – Desta vez, é ele a pegar na minha mão. – Fico feliz por estar aqui para te ajudar. Podemos resolver este problema. Juntos.

Aperto-lhe a mão grande e quente.

– Sabia que saberias exatamente o que fazer.

Levantamo-nos ao mesmo tempo. O Ethan dirige-se à estante e pega na faca que lá deixou, apertando o cabo na mão direita. O seu rosto adquire um brilho inquietante à luz crepitante da fogueira.

Sempre quis ter uma lareira, mas não é o tipo de coisa que se pudesse ter em Manhattan. Esta lareira é linda.

– Sabes – observo, pensativamente. – Começo a afeiçoar-me a esta casa. Talvez me consiga imaginar a viver aqui, afinal.

– Sim? – O seu rosto ilumina-se. – Tinha esperança de que disseses isso. Porque sinto o mesmo. – Arqueia as sobrancelhas. – Vens, Trícia?

– Sim. Só um momento.

Encontro o meu casaco de lã pendurado à beira do sofá. Ao vasculhar os bolsos, tateio a cassette que lá guardei. Tiro-a, olhando para as minhas iniciais na lombada. Sou uma pessoa diferente da rapariga que era na gravação. Noutros sentidos, ainda assim, não mudei nada.

Cerro os dedos sobre a cassette. Dirijo-me à lareira, sentindo as minhas faces a absorverem o calor que irradia do pequeno espaço. Atiro a cassette para junto das outras, para a pilha que se desintegra lentamente. Por um momento, fico ali parada, a vê-la arder.

Depois, junto-me ao meu marido.

# Epílogo

TRICIA

## DOIS ANOS DEPOIS

A minha filha, a Delilah, adora o jardim atrás da nossa casa. Fez um ano há poucos meses e está naquela fase adorável de criança rechonchuda, em que anda de um lado para o outro com os braços estendidos ao lado do corpo, prestes a cair a qualquer momento. Observo-a a fazer precisamente isso, da cadeira de baloiço em frente à casa. Cai de joelhos na relva macia e volta a levantar-se sem a menor hesitação.

É uma miúda determinada. Neste momento, a sua missão é trazer-me uma margarida que encontrou a crescer na relva. Percorre o resto do caminho até mim e pousa uma mãozinha no meu joelho.

– Mamã – diz ela. – *Itô*.

– Sim. – Aceito a margarida ligeiramente desmanchada. – É uma flor, querida.

– *For* – repete ela.

– Isso mesmo.

Sorri-me. Posso ser ligeiramente suspeita, mas acho que é a criança mais bonita que alguma vez existiu. É muito parecida com o pai. Tanto o Ethan como eu temos o cabelo louro, mas o meu é pintado e o dele é natural. Tem os caracóis louros – embora ele use o cabelo demasiado curto para encaracolar – e os límpidos olhos azuis do Ethan. É a imagem viva de como ele era nas fotografias de bebé que finalmente me mostrou pouco depois de comprarmos esta casa.

Sente tanta alegria com as pequenas coisas. Quando lhe comprei um boneco chorão no seu primeiro aniversário, o seu pequeno rosto iluminou-se com um sorriso radiante. Fez-me lembrar a coleção de bonecas que costumava ter em

pequena. Tinha pelo menos uma dúzia. Depois, tinha outra coleção, numa das gavetas do meu quarto, das cabeças cortadas das bonecas de que não gostava tanto.

– *For!* – exclama a Delilah, afastando-se novamente em direção ao jardim, ansiosa por arrancar mais das minhas flores para me entregar.

Estendo a mão para o chá gelado na mesa de vidro junto à cadeira de baloiço. Mantivemos alguma da mobília que a doutora Adrienne Hale deixou para trás na casa. Ficámos com a cama, mas comprámos um colchão novo. Mantivemos o sofá modular, depois de lhe fazermos uma limpeza a fundo. Ficámos com a mesa de centro antiga. Tirei o retrato da parede, mas guardei-o no sótão – não consegui destruí-lo.

Infelizmente, a doutora Hale não tinha mobiliário de jardim. Tivemos de comprar tudo novo, mas encontrámos algumas peças deslumbrantes. Todos os que vêm a nossa casa comentam com inveja como a decoração está linda.

Não fazem ideia da pechincha que foi.

Sinto uma mão pousar-me no ombro. O Ethan está ao meu lado. Sorrio-lhe, e os seus olhos franzem-se ao retribuir-me o sorriso. É o tipo de homem que vai ficar mais bonito à medida que for envelhecendo. Dá simplesmente para ver.

– Está a portar-se bem?

– Porta-se sempre – digo.

É verdade. Temos uma vida encantada. Temos uma filha angelical. O Ethan trabalha de casa a maior parte dos dias, evitando as viagens diárias até à cidade. Tivemos apenas de eliminar umas quantas pessoas para aqui chegarmos.

Logo após o nosso fim de semana na casa, liguei à Judy e disse-lhe que estávamos muito interessados na propriedade que ia pôr à venda. Pressionei-a para que nos mostrasse a casa antes de estar oficialmente pronta para as visitas dos clientes e fizemos uma oferta na hora. Não regateámos. Pagámos o valor pretendido e nem um cêntimo a menos.

Tínhamos boas razões para não querer gente a entrar e a sair da casa, assim como para impedir a Judy de descobrir todos os compartimentos secretos e dessa forma transformar novamente a casa no local de um crime. Mais especificamente, tínhamos muito boas razões para a manter longe do jardim.

Agora é nossa. A nossa casa de sonho. Não sei como pude alguma vez não querer viver aqui.

– Como está o feijãozinho? – pergunta-me o Ethan.

Instintivamente, levo a mão direita à barriga. Há algumas semanas, descobri que a Delilah vai ser irmã mais velha. Estamos ambos radiantes. Afinal, como o

Ethan costuma salientar, temos mais quatro quartos para encher. A doutora Hale desperdiçou esta casa ao viver aqui sozinha, mas nós dar-lhe-emos bom uso.

– O feijãozinho está bem – digo-lhe eu.

Ele sorri-me.

– Fico feliz por saber.

A Delilah encontrou outra flor para me trazer, mas, na sua determinação, dá uma queda maior desta vez e não recupera tão facilmente. Senta-se na relva, com as pernas rechonchudas esticadas à sua frente, a chorar até ficar com o rosto vermelho-vivo.

– Oh, não! – exclamo, o meu instinto maternal a disparar. – Deixa-me ir buscá-la.

– Não. – O Ethan aperta-me o ombro. – Descansa, mamã. Vou eu.

Sorrio e bebo outro gole do meu chá gelado, enquanto o meu marido corre para o jardim para reconfortar a nossa filha. É *tão* bom com ela. É doce e paciente e fá-la rir. Sinceramente, também não é muito difícil fazer rir uma criança de um ano. Basta deixar cair um *Cheerio* ao chão.

De facto, passado um minuto, a Delilah está novamente feliz e a rir por causa do Ethan. Levanta-a para os seus ombros e leva-a a dar uma volta pelo jardim, enquanto ela ri de prazer.

Vejo como os sapatos do Ethan pisam o troço de relva que recomeçou a crescer há apenas cerca de oito meses. Durante um ano, observámos ansiosamente o retalho. A relva restante estava tão luxuriante e verde, mas naquele sítio nada crescia.

Fui pesquisar. Disse ao Ethan que, depois de um cadáver ser enterrado, o crescimento vegetal é suprimido durante cerca de um ano, mas depois volta ainda melhor do que antes. Também não é como se alguém fosse olhar para o pedaço de solo onde nada cresce e desconfiasse de que foi onde enterrámos o corpo do Luke Strauss.

Cavar a sepultura foi mais difícil do que matá-lo. O Ethan tratou de ambas as coisas – nunca me pareceu tão sensual. O Luke resistiu, mas menos do que esperava. Vi a expressão resignada nos seus olhos segundos antes de o Ethan o degolar. Agora que partiu, juntou-se à sua preciosa Adrienne – se se acreditar nessas coisas.

Felizmente, dois anos depois, a relva voltou a crescer no local onde o enterrámos. O seu corpo servirá de fertilizante nos anos vindouros, tal como o de Edward Jamison, enterrado a poucos metros.

O Ethan acena-me do jardim. Amo-o tanto. Nunca pensei que fosse possível voltar a amar depois do que o Cody me fez, mas aqui estou eu, casada com um homem maravilhoso. Partilhamos um segredo que nos ligará para o resto da vida. Levaremos este segredo para o túmulo.

Ou, pelo menos, eu levarei.

Às vezes, interrogo-me sobre o Ethan. Fica nervoso quando as pessoas estão no nosso jardim. Estava tão ansioso com a relva, que, por algum tempo, quase pensei que fosse admitir tudo. Se alguém desconfiasse e começasse a fazer perguntas, não tenho a certeza de que ele se aguentasse.

Com sorte, isso nunca acontecerá. Mas, se acontecer, estou preparada para lidar com a situação.

Afinal, a minha mãe sempre disse que a única maneira de duas pessoas guardarem um segredo é se uma delas estiver morta.

## GUIA PARA GRUPOS DE LEITURA

1. No início da história, a Tricia e o Ethan veem-se encurralados numa propriedade enorme. O que assusta a Tricia na casa? Que pistas apontam para que haja outra pessoa a viver lá? Se estivesse preso em casa de um estranho durante uma tempestade de inverno, o que faria?
2. Que papel desempenha o medo ao longo da narrativa? De que forma afeta as decisões e motivações de cada personagem?
3. O que revelam as cassetes sobre a vida da Adrienne no período anterior ao seu desaparecimento? Se encontrasse as cassetes, tê-las-ia ouvido, como a Tricia?
4. Quem é o EJ? Discuta que tipo de pessoa é e que papel desempenha ao longo da narrativa.
5. Segundo a Adrienne, «qualquer ser humano é capaz de coisas terríveis se o pressionarmos o suficiente». Como se relaciona isto com a história? Acredita que é verdade? Porquê ou porque não?
6. O que encontram a Tricia e o Ethan dentro de casa da Adrienne? Como reagiu a esta revelação?
7. Tal como sugere o título do livro, *Nunca Mentas*, a mentira é um tema claro ao longo da narrativa. Discuta as formas de desonestidade de cada personagem. Na sua opinião, qual é o maior segredo?
8. Ao aproximar-se do final da história, torna-se evidente que a Tricia não é quem diz ser. Quem é a Tricia? O que fez no passado e quais eram os seus planos ao longo de toda a narrativa?
9. Discuta o fim. O que aconteceu à doutora Adrienne Hale? De que forma era a sua previsão diferente do que realmente aconteceu?

## AGRADECIMENTOS

Quando estava a terminar esta versão final, fui procurar, nalguns dos meus manuscritos anteriores, uns agradecimentos gerais que pudesse basicamente copiar, porque – sejamos sinceros – agradeço sempre às mesmas pessoas. Infelizmente, não consegui encontrar nada genérico. Num dos manuscritos, falava sobre a tentativa do meu marido de me convencer a escrever sobre vacas gémeas siamesas; noutro, dizia que o meu pai era um assassino em série (ou que não era – não sei bem); e noutro ainda, confessava-me a autora de vários homicídios por resolver, bem como revelava os locais onde enterrei os cadáveres.

(Oh, esperem. Acho que apaguei esses últimos. Esqueçam.)

Será que os outros autores também ficam assim tão obcecados com os agradecimentos? Não? Sou só eu? A parte estranha é que a secção de agradecimentos acaba por ser sempre só um parágrafo ou assim.

Por falar nisso...

Obrigada à minha mãe por ler e reler este livro. Obrigada à Jen pela crítica minuciosa de sempre e, de modo geral, obrigada a todo o meu Poderoso Grupo de Escritoras Arrasadoras (acabo de inventar este nome agora mesmo, mas acho que não se vão importar), incluindo a Beth e a Maura. Obrigada à Kate pelas sugestões excelentes. Obrigada à Nelle pela crítica ponderada. Obrigada à Avery pela crítica e pelos conselhos sobre a capa. Obrigada à Pam pelos conselhos sobre a capa e também pela mentoria fabulosa. Obrigada à Val pelos seus olhos de lince.

E obrigada ao meu pai, que, pela *primeira* vez, leu um dos livros que escrevi antes de ser publicado, para me poder dar conselhos da perspetiva de um psiquiatra em funções, como, por exemplo, «*Não* existem botas *Manolo!*». (Existem, sim. Cinge-te à psiquiatria, pai.)

## SOBRE A AUTORA

Freida McFadden é médica e especialista em lesões cerebrais. Autora de diversos *thrillers* psicológicos, todos eles *bestsellers*, já traduzidos para mais de 30 idiomas. As suas obras foram selecionadas para «O Melhor Livro do Ano» na Amazon e também para «Melhor *Thriller*» dos Goodreads Choice Awards, categoria em que venceu com *O Segredo da Criada*.

Em Portugal, estreou-se com *A Criada*, obra que alcançou o estatuto de

*bestseller* instantâneo, chegando rapidamente ao primeiro lugar das listas de livros mais vendidos do nosso país. As suas restantes obras têm sido publicadas pela Alma dos Livros e acolhidas pelos leitores portugueses com um entusiasmo sem precedentes, consolidando Freida McFadden como a autora do momento, e os seus livros o maior fenómeno editorial dos últimos anos.

Freida vive com a sua família e o gato preto numa casa de três andares com vista para o oceano, com escadas que rangem e gemem a cada passo, e ninguém conseguiria ouvi-la se gritasse. A menos que gritasse muito alto, talvez.

Saiba mais em [www.almadoslivros.pt](http://www.almadoslivros.pt)